

L E N N Y S I L V A

RENASCER
PARA
Amar

SÉRIE
IRMÃOS DE ANGELI
VOLUME I





RENASCER PARA AMAR

LENNY SILVA

RENASCER PARA AMAR

Série Irmãos De Angeli

Vol. I

LENNY SILVA

EDITORA PLANETA LITERÁRIO

Copyright © 2016 Editora Planeta Literário

Copyright © 2016 Lenny Silva

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610
de 19/02/1998.

Diretor editorial: Editora Planeta Literário

Capa: Denis Lenzi

Revisão e Copidesque: Carla Santos

Diagramação Digital: Carla Santos

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial da obra.

Nenhuma parte dessa obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meio eletrônico ou mecânico sem a permissão por escrito do autor e/ou editor.

*Ao meu cunhado, Weverson da Silva Aguiar (Popó), que
viveu e amou intensamente, encantando e alegrando
cada um que esteve ao seu lado em seus 33 anos de vida.*

*Filho e irmão amado, tio querido e amigo especial,
restou a saudade e a certeza de que nunca será
esquecido.*

Com amor eterno,

Lenny Silva.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, meu maior alicerce, que me concedeu inspiração e guiou meus passos até aqui para a realização de mais um lindo sonho.

Meu esposo Jefferson, meus filhos, Matheus e Emanuelle (minha pequena luz), meus pais, irmãos, sogros, cunhados e sobrinhos pelo amor, carinho e apoio sem medidas. A todos os meus familiares. Vocês são o meu bem mais precioso. Amo vocês!

Aos meus anjos neste mundo literário e em minha vida: Gisele Souza, Cindy Nascimento, Kyra Baptista, Vanessa Marques, Babi Barreto, Biia Rozante, Brooke J. Sullivan, Shirlei Ramos, B. F. Moreira, Pitty Bonadio, Juliana Parrini, Laizy Shayne, Fernanda Terra, Valentina Fernandes, Paula Mesquita, Li Ferreira e Jull Evans. Minhas amigas especiais, que sempre me incentivam, aconselham e me dão segurança e forças para prosseguir com muito carinho.

A Carla Fernanda, minha fada-madrinha. A quem entrego e confio as minhas palavras. Obrigada por estar comigo desde o início vivendo a história de amor e recomeço de Enrico e Sienna, sorrindo e chorando juntas. E, por fim, nos alegrando ao finalizar mais um lindo romance. Obrigada pela amizade, apoio, dedicação e amor ao revisar cada linha escrita em *Renascer para Amar*.

As minhas amigas, algumas novas e outras que já moram em meu coração há mais tempo, a quem considero mais que irmãs e que fazem parte de quatro grupos: *Preciosas da Lenny Silva, Delírios da Lenny Silva, Clube das Luluzinhas e Amigas de Fernanda Terra*. Obrigada pelo carinho.

As minhas *Preciosas*: Fernanda Ribeiro, Dani R. Xavier, Erica Pereira, Karine Linke, Ana Salamoni, Livia Moraes, Jessie Souza, Isabel Cristina, Deisi Riewe, Luciana Ferreira , Gisele Melo, Jacqueline Gonçalves, Joice Dias, Talia Souza, Camilla Guarany, Daiane Rosa, Juliana Lima, Flávia Matos, Letícia Oliveira, Luiza Rachell Braga, Karoliny Moraes, Anne Christine Nóbrega Santos, Daniele Corsini, Iza Corat, Ialli Santos Inacio, Priscilla Stela Poletti Pereira, Carolina Guimarães, Jooh Savage, Samara Lopes Azevedo, Gabriela Maria Da Silva, Lindgleice Mendes Da Cruz, Sabrina Tais Moisés Elias, Handyara Duane, Indira Annane e Mare Monteiro.

Obrigada pelas orações, companheirismo,

proteção, cumplicidade, amor, amizade e ternura, destinados a mim e aos meus sonhos. Vocês estiveram ao meu lado nos bons e maus momentos. Me sustentaram em fases difíceis com sua fé. Vocês são conhecedoras da dor e da perda que passei. Mas sempre tinham nos lábios as palavras certas e de conforto para que levasse não só essa história adiante, mas em especial, a vida. Obrigada.

E a parte mais essencial: aos meus leitores, que sempre deixam seu afeto e carinho por mim e pelos personagens, através de lindos comentários. Obrigada pelo apoio, surtos, lágrimas e risos que compartilhamos juntos. Deixo aqui minha gratidão, afeto e amor por cada um. Sem vocês nada disso teria acontecido. Obrigada por tornarem os meus sonhos uma realidade.

Meus sinceros agradecimentos do fundo de meu coração.

Beijos carinhosos.

Lenny Silva.

Sumário

Agradecimentos

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

[*Capítulo 26*](#)

[*Capítulo 27*](#)

[*Capítulo 28*](#)

[*Capítulo 29*](#)

[*Capítulo 30*](#)

[*Capítulo 31*](#)

[*Epílogo*](#)

[*Biografia*](#)

[*Contato*](#)

[*Outras obras*](#)

Prólogo

Sienna

Perdida. Esse era o sentimento que me definia.

Minha madraستا sempre dizia que eu a fazia se sentir completa, porque o único amor maternal que conheci foi o dela e da minha madrinha Helena. Perdi minha mãe no momento em que nasci e senti o peso desta perda até o último dia de vida do meu pai.

Eu nunca o questionei. Sabia que era difícil conviver diariamente com a cópia fiel da única pessoa que ele amou e escolheu morrer para me dar à luz. Ele não precisava me dizer isso em palavras. Bastava ver pelo seu olhar. Cada expressão já me dizia tudo. Ele preferia que ela estivesse no meu lugar.

Minha madrasta era a única a conhecer a minha dor. A dor do desprezo. A dor de não ser amada por quem te deu a vida. Quantas vezes ela enxugou minhas lágrimas e até mesmo adormeceu ao meu lado acariciando meus cabelos enquanto sussurrava o nome de minha amada mãe.

Por isso, devia o que sou hoje em dia a Fernanda. Ela nunca me deixou desistir de meus sonhos e me ajudou a atravessar novamente pela dor na minha adolescência. Até hoje eu sentia o toque, a voz arrastada, o cheiro horrível de bebida. E sempre acordava com o grito e a voz da minha primeira paixão: Giovanni. Meu amigo, meu refúgio e porto seguro.

Há dois meses enterrei meu pai e Fernanda e, mais uma vez, a dor marcava a minha vida. Porém, meu pai deixou algo de bom e, até então, desconhecido para mim. E era para lá que estava partindo.

Dei graças a Deus por ter ouvido os conselhos e as dicas de Fernanda. Ao menos estava seguindo para uma nova terra com duas formações que me seriam úteis: administração de empresa e gastronomia, que era onde eu me entregava e dedicava todo o meu amor.

E também não estaria só, pois Giovanni e Vincenzo me esperavam. Estava há sete anos sem ver os olhos lindos de meus amigos, longe de seus abraços apertados, de seus beijos em meus cabelos e de ouvir a voz suave de

Gio me dizendo que tudo ficaria bem.

Precisava recomeçar. Dar uma nova chance a mim mesma, renovar minhas esperanças na vida e o mais importante: acreditar que Deus tinha algo novo e especial reservado para mim.

E era na cidade que carregava o meu nome que eu esperava renascer. Não mais sozinha, mas com a nova vida que trazia dentro de mim.

Enrico

Centrado. Era como minha mãe sempre me definia. Mas hoje eu via que meu irmão Levi era o centrado da família. Sem o seu apoio, eu estaria ainda mais quebrado do que já estava.

Um ano se passou do pior dia de minha vida. E eu fugi, porque não conseguia viver na terra que me deu e me tirou Fabiana. Eu a amei tanto. Ela me daria os meus filhos naquele dia.

Todas as noites eu relembrava a minha aflição.

— Coloque uma música, Rico.

Eu olhava impressionado para a minha esposa. Ela era tão linda e delicada, seus olhos escuros brilhavam e sua barriga linda e redonda me encantava. Eu fiz aquilo. Meus filhos estariam chegando a qualquer momento.

Dirigi-me ao aparelho e assim que conectei meu iPod, eu selecionei uma música bem lenta.

Estendi minha mão e minha linda mulher veio para os meus braços. Dançamos por pouco tempo e pedi para que ela descansasse um pouco. Fabiana estava tensa desde que o dia amanheceu. Percebi alguns tremores e um suor excessivo por seu corpo. Cheguei a questionar, mas ela me disse que estava bem e que não era hora dos bebês nascerem ainda.

Nossa casa era um belíssimo chalé na beira da lagoa onde eu tinha um hotel e restaurante junto com meu irmão Levi. No meu tempo livre, eu me escondia no escritório e colocava meus sonhos, delírios e vontades no papel. Eu escrevia. E somente quem sabia desse meu lado eram meus irmãos mais novos: Felipe e Carla.

Eles liam meus textos e me diziam que estava sendo um burro e egoísta de guardar tudo aquilo somente

pra mim. E eu sempre respondia que quem sabe um dia eu me dedicaria somente aos livros. Mas sempre parava e pensava que tinham pessoas que dependiam de mim. E não podia viver de um sonho. E sim de algo concreto para nossas vidas.

Por isso, eu estava na cozinha preparando uma massa e olhando para eles. Fabiana estava com seus pés inchados em cima de duas almofadas e alisando a grande barriga arredondada. Distraí-me preparando o molho. E só houve tempo de desligar tudo no fogão e sair para socorrer minha esposa, que gritava de dores. E havia muito sangue.

Então, tudo se passou como um borrão. Coloquei minha mulher no carro e dirigi, me odiando por morar um pouco afastado da cidade. As dores aumentavam e ela gritava sem parar.

Vinte minutos depois, eu estacionava em frente ao hospital. Gritei por socorro e os enfermeiros saíram em nosso auxílio. Com cuidado, eles a retiraram do carro e a colocaram na maca.

Fabiana segurou minha mão e percebi que sua voz estava cansada e ofegante. Mas eu sabia que ela precisava falar. Então, me abaixei e a ouvi.

E ali, ela e as crianças morreram naquele dia.

Ela simplesmente matou meu coração. Matou um Enrico que viveu para amá-la.

E esse pesadelo me perseguiu por um ano.

Agora meus dias eram preenchidos por letras, pelos olhos azuis e o cheiro de pêssego de uma desconhecida que fez meu coração bater outra vez.

Capítulo 1

Enrico

Era para ser um dia de festa e alegria, porque estava completando 29 anos de vida. Lembrava-me dessa data com saudades do tempo em que a dor não habitava meu coração.

Meus pais nos criaram em um lar evangélico. E em cada aniversário íamos todos ao culto e escolhíamos o louvor que mais tocava em nossa alma. E junto de toda a congregação, cantávamos e agradecíamos a Deus por mais um ano de vida.

Hoje, só me restava no íntimo, tentar achar as palavras certas para falar com Deus, pois havia me

afastado do que mais preservava nos ensinamentos que meus pais me deram: a minha fé. E já estava na hora de corrigir isso.

Por isso, levantei da cama, naquele dia frio e chuvoso, e ali mesmo dobrei meus joelhos e falei com Deus. Abri meu coração e supliquei por uma oportunidade, por uma chance de recomeçar.

Após a minha oração, segui para o banheiro e tomei um banho quente. Logo depois, me arrumei rápido e segui para a cozinha a fim de ajudar a preparar o café, já que estávamos sem governanta.

A casa inteira estava em silêncio. Empurrei a porta da cozinha e os gritos de *feliz aniversário* ecoaram pelo ambiente.

Meus irmãos, junto dos meus primos e Gisele tinham preparado tudo. Havia várias comidas e bebidas na mesa. Em seguida, recebi abraços calorosos e muitas felicitações. Pelo visto, o dia havia começado bem. Então, acreditava que não estava tão enferrujado assim para falar com Deus.

Tomamos um delicioso café da manhã enviado por Pietro e depois cada um seguiu para seus afazeres.

Levi, Gisele e Felipe estavam terminando os últimos preparativos da festa de hoje à noite enquanto

Vincenzo e Giovanni foram para a fazenda da família buscar os vinhos que fabricavam.

Gio estava feliz porque sua paixão da adolescência chegaria hoje ou amanhã. Meu primo nunca foi de se apegar a mulher alguma, mas essa menina devia ser especial porque mexia com o seu coração. Porém, ela não chegaria sozinha. Tia Helena havia mandado alguém para nos ajudar com os afazeres da casa, o que facilitaria bastante as nossas vidas. Assim eu teria mais tempo para trabalhar no livro de Daniel e da pimentinha, Carla na revisão dele e Lipe no café e restaurante.

Meu irmão mais velho e minha amiga de infância estariam retornando ao Brasil em breve. Sentiria falta de Levi e Gisele, mas suas vidas não estavam aqui na Itália. Enquanto isso, eu nem sabia se a minha estava aqui, mas resolvi descansar e esperar por meu milagre.

Coloquei madeira para aumentar o fogo da lareira e encostei-me à janela, perdido em meus inúmeros pensamentos. Porém, logo fui despertado pelo som suave da voz de minha irmã.

— Rico.

Afastei-me da janela e meus olhos encontraram os de Carla. Ela estava triste.

— Ei, pequena.

Carla trazia um embrulho nas mãos e me entregou.

— Abra.

Rasguei o papel e me surpreendi.

— Já está pronto?

— Sim. E como você pediu. Será edição única.

— Obrigado.

Carla abaixou a cabeça e arrastava seu pé direito de um lado para outro. Eu conhecia perfeitamente esse gesto. Ela queria opinar.

— Fale, pequena. O que te aflige tanto?

Minha irmã se dirigiu para a poltrona próxima à lareira e se sentou. Eu a acompanhei.

— Rico, esse livro é a sua história. Sua vida. Está tão bem escrito. Conta cada detalhe de tudo que você passou. Por que guardar só pra você?

— Porque a minha história não está completa, Carla. Minha vida não vai terminar da maneira que finalizei neste livro.

— Você decidiu finalmente viver, Enrico?

— Sim. Eu escolhi recomeçar. Sei que Deus tem

algo novo preparado para mim.

— E a moça, Rico? A que ocupou seus pensamentos desde o início do ano. Você não se lembra de nada?

Fechei meus olhos. Como todas as vezes que a busquei em minha memória, nada aconteceu. Somente o seu cheiro invadia meu corpo e alma por completo.

— Eu estava bêbado, Carla. E estava tão escuro. Mas o cheiro de pêssegos dela está gravado em mim. E esse perfume era único. Eu poderia estar no meio de uma multidão, mas eu nunca me enganaria se tivesse a chance de senti-lo outra vez.

— E vai desistir de procurá-la?

— Não. Eu creio que vamos nos encontrar novamente.

— Você disse crer, Enrico. E eu fico muito feliz em ouvir isso. Há um ano, você havia fechado seu coração. E hoje, eu vi nos seus olhos o brilho do meu irmão. Do meu Rico. Agora eu tenho certeza de que você falou com Deus.

— Falei.

Vi as primeiras lágrimas rolarem no rosto delicado de Carla, saí de minha poltrona e me ajoelhei à sua frente.

— Não chore, pequena. Eu estou bem. Ou melhor, eu vou ficar bem. E se for da vontade de Deus, um dia nos encontraremos. E eu saberei que estávamos destinados. — Enxuguei suas lágrimas e a abracei. — Agora, guarde com você este livro. Um belo dia, novas palavras darão um final perfeito para ele.

Carla se levantou indo em direção ao seu quarto, mas logo retornou.

— Por que este título?

— Renascer?

— Sim.

— Eu te disse, pequena. Ele não está completo. Apenas guarde com você esse pedaço de mim. Em breve, ele estará inteiro.

Carla assentiu e beijou a minha face. Já na porta de seu quarto, ela me chamou:

— Rico?

— Diga.

— Eu também creio.

— Obrigado, pequena.

— Não agradeça, Rico. Irmãos não agradecem.

Eles estão juntos e unidos em todos os momentos. Apoiando-se, ajudando um ao outro, sorrindo e até mesmo chorando junto. Eu vivenciei sua dor e vou estar ao seu lado, contemplando e vibrando quando a sua felicidade chegar.

— Ok, pequena. Então, vamos trabalhar um pouco?

— Sim, senhor. Só vou guardar o livro e te encontro no escritório.

Caminhei para o meu escritório e liguei meu notebook para retomar a escrita do livro de Daniel e Emanuelly.

Eles confiaram a mim sua história. Assim como eu confiei a Carla o meu segredo e sabia que com ela, ele estaria bem guardado.

Abri o arquivo com o último capítulo escrito e fiquei sozinho na biblioteca, sorrindo. Estava tão distraído escrevendo que não percebi a porta ser aberta.

— Qual o motivo desse sorriso bonito, Rico?

— Você já parou para pensar que muitas vezes não somos capazes de entender o rumo que nossas vidas tomam? Há poucos meses, Levi e Nelly tinham uma amizade bem colorida e que mamãe até achava que poderia dar em casamento. E hoje a pimentinha está em um

relacionamento sério com o cara que sonhou desde criança e Levi está aqui tentando de todas as formas conquistar Gisele, a sua amiga de infância. Isso tudo é muito louco, Carlinha.

— Não é louco, Rico. As linhas traçadas por Deus são perfeitas. Levi e Nelly se divertiram bastante, isso é um fato. Mas não se amavam como homem e mulher. Se você fechar seus olhos agora, poderá visualizar a diferença no olhar de Dan e Levi para Nelly.

E foi o que eu fiz. Fechei meus olhos e lembrei.

— São diferentes. Levi é carinho e Dan é amor. Um profundo e grandioso amor.

— Eu disse, Rico.

— Eu já te falei que você é muito esperta?

— Hoje? Ainda não. Pode dizer, que estou esperando.

— Venha aqui, me deixe te abraçar.

Carlinha caminhou sorrindo em minha direção e sentou em meu colo. Abracei-a com carinho e beijei sua face.

— Você é muito esperta e convencida também. Agora sente a sua bunda nessa cadeira aí da frente e vamos

trabalhar, mulher.

— Ela me disse que está amando cada detalhe do que você já relatou da vida deles, Rico.

— Dan e Nelly. História de conto de fadas, não é?

— Amor real e com direito a felizes para sempre.

— Eles merecem, pequena.

Passamos a tarde adiantando os primeiros capítulos da história de Daniel e Emanuelly. E o título do livro já estava surgindo no meu coração.

Pela primeira vez, eu iniciava um livro sem ter a mínima noção de como se chamaria. Mas, no fim, acho que se encaixaria perfeitamente.

O dia já estava escurecendo e Carla se despediu, indo até o seu quarto se arrumar para a festa desta noite.

Não via sentido em comemorar o meu aniversário. Mas discutir com Pietro e seus irmãos era perder tempo. Era só falar as palavras macarronada e vinho que eles estavam dentro. Então, toda a organização ficou por conta deles, meus primos, Levi e Lipe.

Tomei um banho quente e vesti minha *boxer*. Ainda faltava um tempo para começar a festa. Deitei na minha cama, mas não houve tempo sequer para descansar um

pouco. O telefone tocava na sala.

Levantei e abri a porta do quarto, mas vi que Lipe já havia atendido. Ele murmurava baixinho até perceber a minha presença. Colocou a mão no telefone para abafar o som e falou:

— É a cobrar.

— Atenda, babaca!

— Rico, quem liga a cobrar para os outros?

— Você.

— Se eu estou aqui, quem ligaria a cobrar?

— Outro babaca.

— Justo. E eu até já sei quem seria. Agora fique quieto, que eu vou falar.

Lipe tirou a mão do telefone e atendeu.

— Olá, Nathan. Como eu sei que é você? O único outro idiota que ligaria a cobrar, sendo que eu estou aqui do outro lado da linha, seria você. Aguarde aí que vou passar a ligação para o Rico.

Peguei o telefone, mas antes fiz questão de dar um tapa na orelha de Lipe por ser tão sem noção.

— Oi, Nathan.

— Rico, antes de tudo, parabéns por seu aniversário. Vou passar a ligação para a pessoa especial que insistiu em falar com você. E já vou avisando, ligarei sempre a cobrar.

— Obrigado, Nate — respondi, sorrindo.

Em seguida, uma voz doce e suave começou a falar comigo:

— Tio Rico, parabéns. Que o papai do céu te abençoe um *tantão* assim, ó. Igual os meus *bacinhos* abertos. É bem *gandão*, tio.

— Eu sei, meu amor. Obrigado.

— Tio, é só um recadinho. Pequena luz não viu a pessoa no sonho, sabe. Mas ela pediu *pa* te falar que o *pesente* que você pediu a Deus chegará hoje.

Ai, caramba! Todas as vezes era sempre assim. Luísa falava de seus sonhos e eu estremecia.

— Você não conhece a pessoa, Luísa?

— Não, tio. Mas eu gostei da voz dela. Fez pequena luz se sentir segura, igual quando ouço a dinda falando. Então, tio, sua oração foi atendida. Que o seu *pesente* te faça feliz igual quando ganho as minhas

Barbies. Tchau, tio, tô de *fominha*. Vou *papá*. Beijos.

— Beijos, meu amor, e obrigado.

Nate pegou o telefone.

— Ela te assustou, não foi?

— Muito, Nate. Como você aguenta?

— Crendo e esperando acontecer. Simples. E te aconselho a fazer o mesmo.

— Certo.

— Não vou mais te atrapalhar, amigo. Divirta-se e depois me conte se minha filha estava certa.

— Tem alguma dúvida?

— Nenhuma. Mas adoro ouvir dos incrédulos que minha menina acertou mais uma.

— Idiota!

O infeliz gargalhou do outro lado da linha.

— Feliz aniversário, Rico.

— Valeu, Nate. Dê um abraço na minha pimentinha.

— Acho que Nelly terá novidades para te contar em breve. Vá aproveitar o seu dia agora. Desligando aqui.

Tchau.

— Até logo, Nathan.

Desliguei o telefone e voltei para o meu quarto com as palavras de Luísa pulsando em meu coração. Era hora de exercer a minha fé e esperar. Se fosse da vontade de Deus, iria acontecer.

Como sempre, Lipe entrou em meu quarto sem pedir licença, trazendo um pequeno presente nas mãos e me entregou em silêncio.

Assim que abri, encontrei algo que não via há muito tempo.

As folhas estavam amareladas e vi minha letra de criança nas primeiras e últimas páginas: era a minha primeira Bíblia.

— Mamãe pediu para te entregar, Rico. Ela disse que você sempre encontrará resposta para tudo nessas palavras.

— Como sempre, ela está certa. E não poderia ter me dado presente mais valioso.

— Agora é o meu presente.

Lipe enfiou a mão no bolso esquerdo de sua calça e retirou uma caixa pequena em formato de coração em

veludo vermelho. Entregou-me e pediu para abri-la.

Quando abri, eu encontrei o que vi brilhar por tantos anos no dedo da mão esquerda de minha *nonna*.

— Ela pediu para guardar e te entregar quando eu sentisse que a sua alegria estava perto de retornar. E eu senti isso hoje, quando eu acordei e agradei a Deus por ter te dado mais um ano de vida. Mesmo sabendo que neste último ano foram dias de muitas dores. Mas você lutou bravamente para passar por cada um deles. E eu sinto um puta orgulho de você, segundo irmão mais velho. E antes que eu fique muito meloso, venha aqui e me dê um abraço.

Puxei Lipe para perto, abraçando-o apertado.

— Isso era para estar com Levi. Ele é o filho mais velho.

— Não. Ele está nas mãos da pessoa certa. E em breve estará no dedo de quem for digno de seu coração, Enrico. — Levi falava encostado no batente da porta de meu quarto.

— Mas... e você, mano?

— Eu já tenho a minha lembrança da *nonna*. E essa era a vontade dela. Respeite e se alegre. Agora vamos adiantar tudo, que nossos amigos já estão chegando ao barracão para iniciar a festa.

— Obrigado. Vou guardar com muito zelo e carinho.

— Rico, esse era o presente da *nonna*. O meu e de Levi está aí na mesa ao lado de sua cama.

Meus irmãos saíram do meu quarto e eu abri meus outros presentes: um relógio novo e uma caneta dourada com meu nome gravado.

Guardei tudo na minha cômoda e troquei de roupa rapidamente. Fechei a porta do meu quarto e fui ao encontro de todos, que me esperavam na sala.

— Faltou o meu presente, Rico.

Carla levantou do sofá com uma bela jaqueta de couro nas mãos e me ajudou a vestir.

— Agora sim, perfeito. Meu irmão mais lindo.

— Oh, merda, e eu ainda sou obrigado a ouvir isso. Carla, aprende. Papai e mamãe foram aperfeiçoando com a prática. Ou seja, eu, Felipe Martins De Angeli, sou a perfeição. Lindo, gostoso e maravilhoso.

— Me recuso a te responder, Felipe.

— Me ama. Confesse.

— Isso eu não posso negar. Amo.

Lipe parou no meio da sala e analisou cada um de seus irmãos.

— Porra, isso é injusto! Ele parece aqueles modelos de cueca importada. Ele é bonito mesmo. Vou brigar com o papai.

Levi passou o braço no ombro de Lipe e deu tapinhas nele.

— Conforme-se. Nós perdemos nessa.

— Foda, Lê!

— Eu sei, irmão mais novo.

— Ainda acho injusto.

— Vinho?

— Até não sentir as pernas, irmão mais velho. Vamos.

E os dois babacas saíram abraçados e murmurando que ainda não entendiam onde papai e mamãe haviam errado neles.

Agradei minha irmã pelo presente e fui para a festa com duas lindas damas, uma em cada braço: Carla e Gisele.

No meio do caminho, Levi pegou Gisele no colo

por causa do salto alto que dificultava sua caminhada na estrada feita de pedras.

Odiava cada ida ao barracão. Eu era obrigado a passar em frente ao que seria a minha casa dos sonhos na qual idealizei cada detalhe. E como já suspeitávamos que viria mais chuva durante a noite, tinha duas luzes acesas na frente da casa, que ainda não estava pronta, para ajudar a iluminar a estrada.

Parei em frente à construção e a observei por alguns instantes até sentir um leve toque em meu ombro.

— Acha que um dia terminará essa construção, Rico?

— Não sei, Carlinha. Cada ambiente dessa casa foi pensado para uma família viver. E eu não tenho mais uma família. Ou melhor, eu nunca tive.

— Posso confessar uma coisa?

— Deve.

— Eu suportava a sua esposa, Enrico, porque era obrigada. Mas nunca vi em Fabiana o mesmo amor que você sempre demonstrou por ela. Ela exalava falsidade e era distante de todos nós. E você não merecia ser tratado com frieza. Pelo menos, ela teve a decência de se desmascarar e mostrar a sua verdadeira face antes de

morrer.

— Como eu pude me deixar enganar por tanto tempo?

— Paixão, Enrico. Desejo. Era isso que te prendia àquela mulher.

— Acha que eu não a amei?

— Quando tiver resposta para a pergunta que vou te fazer, saberá o que penso.

— Faça a pergunta.

— É com o toque e o cheiro de Fabiana ou da mulher misteriosa, que você passou poucos instantes na virada de ano, que você sonha todas as noites? Qual delas é o seu anjo? Essa é a palavra que ouço quando você murmura durante seus sonhos.

— Não perdeu a mania de velar meu sono durante as noites?

— Vai ter que me aguentar até achar uma mulher para lembrar todas as noites de retirar o livro de suas mãos quando adormece e te cobrir para não sentir frio.

— Eu amo você, pequena.

— Eu sei. Sou sua irmã favorita.

— Certo, pequena convencida. Vamos embora. Parar aqui nesse local só me faz sofrer. E lembrar da Fabiana ainda é doloroso.

— Maldita!

Passei o braço nos ombros de Carla e caminhamos mais um pouco. Ao chegar ao barracão, encontramos nossos amigos e vizinhos. Recebi muitas felicitações. E, como sempre, havia muita comida, bebida, música, risos e conversas altas.

Porém, ao mesmo tempo que eu estava rodeado por tantas pessoas, eu me sentia imensamente sozinho. Queria poder sentir a leveza, a alegria e a paz que eles me transmitiam. Mas meu consolo era o de poder virar um copo de vinho atrás do outro. Pelo menos teria uma boa noite de sono: bêbado e sem sonhos. Carla insistiu para que comesse algo, mas não descia. Eu só precisava esquecer todos os meus sonhos que Fabiana matou.

Em seguida, encostei-me a uma pilastra no canto do galpão, pois já estava meio tonto. Via a chuva forte cair do lado de fora. A noite estava fria até ela chegar para aquecer e alegrar o local onde por mais de um ano só existiu frio e dor: o meu coração.

Era tão linda, delicada e serena. Um verdadeiro anjo.

Capítulo 2

Sienna

Desembarcamos no aeroporto de Florença e seguimos de ônibus para Siena. Mais precisamente para Montepulciano. Nas minhas pesquisas, descobri que era uma comuna de Siena. Um lugar pitoresco, agradável e bem acolhedor.

Tomei um grande susto quando, logo após o enterro de meu pai e minha madrastra, eu soube por meio da minha madrinha Helena que papai tinha me deixado uma parte de um negócio na Itália.

Agora entendia as longas viagens que ele fazia. E o interessante era que sempre chegava como se tivesse

renovado suas forças. Mas isso era passageiro. Em dois ou três dias, ele se isolava no seu próprio mundo e passava a nos ignorar.

Ao menos, tratava Fernanda, minha madrastra, bem. Nunca deixou faltar nada para ela, sendo que o que ela mais almejava ele nunca lhe proporcionou: amor verdadeiro. Papai só amou uma vez na vida... e morreu para este sentimento no dia que minha mãe deu a sua vida para me salvar no parto. Mamãe foi seu amor maior.

Minha madrinha disse que um lugar novo me faria bem. E eu fiquei com isso martelando em minha mente por um mês. E era como se algo me puxasse, me fizesse cada vez mais ansiar por novos ares, novas paisagens, acho que minha esperança mesmo era de um novo começo.

Olhei para a minha amiga sentada ao meu lado e sorri.

Juliana se tornou um frescor para minha alma aflita.

Enquanto eu estava indo para ajudar a cuidar de um negócio que foi de meu pai, Juliana estava deixando a casa de tia Helena para ajudar na casa dos filhos dela.

Juliana era uma mulher linda, cheia de curvas. Ela dizia que era acima do peso. Não via isso, mas sim uma belíssima brasileira de seios fartos e bumbum grande e

arredondado. E o bom da minha amiga era que ela amava e tinha prazer em comer enquanto eu adorava cozinhar. Então, nos completávamos. Ela tinha leveza na alma, além de ser alegre, espontânea, sincera e possuir um sorriso encantador. Éramos graduadas em Administração, mas ela adorava o que fazia e não abria mão disso. Uma vez me atrevi a perguntar: *Por que ser uma empregada, uma governanta?* Ela me encarou, deu um sorriso safado e me disse para olhar o seu uniforme. Eu olhei e ela gargalhou. Porém, nunca esqueci a sua frase.

— *Sienna, não há nada mais sexy do que uma mulher segura de si num uniforme decotado e curto.*

Juju continuava a dormir do meu lado e eu apreciava a beleza das paisagens pela janela do ônibus.

Encostei minha cabeça no vidro frio e fiquei olhando a água da chuva escorrendo e me lembrando dos olhos azuis intensos que marcaram meu corpo e minha alma de forma tão grandiosa que meu coração acelerou. Sua voz era rouca e sexy. Queria ter tido mais tempo para gravar cada detalhe de seu rosto lindo. Lembro-me do toque suave e quente percorrendo todo o meu corpo. A escuridão do local não me deixou ver muito do homem que me fez mulher e, ao mesmo tempo, me fez voltar a falar com Deus. E eu estava sempre suplicando que Ele me concedesse a chance de encontrar os olhos azuis que me deram a minha razão de viver.

A noite foi chegando e minha ansiedade aumentando. O que me dava tranquilidade era a certeza de que não estaria no meio de pessoas estranhas, sozinha e desamparada. Sei que já fazia mais de cinco anos que não nos víamos. Porém, mais uma vez, Giovanni e Vincenzo seriam o meu refúgio.

O motorista nos avisou que em cinco minutos chegaríamos ao nosso ponto.

Sacudi Juliana, que logo foi soltando sua vasta cartilha de palavrões, à medida que foi acordando. Logo depois, descemos do ônibus embaixo de muita chuva e seguimos andando como tia Helena nos explicou. Após quase vinte minutos de caminhada chegamos ao nosso destino: *Piacere*. Um *bed and breakfast* e um café e restaurante ao lado.

Seguimos por um caminho de pedras e chegamos a uma porta enorme de madeira. Ali devia ser a sede. Ao lado podia se ver vários chalés. O lugar já me agradou porque cheirava a uvas. E olhando em volta podia se ver algumas belas e carregadas parreiras.

Juju e eu estávamos ensopadas. Minha amiga, como sempre, mais esperta do que eu, estava de jeans, tênis e uma jaqueta de couro por cima da camisa justa em seu corpo. E eu com um vestido totalmente encharcado me marcando inteira.

A casa estava escura. E eu já comecei a ficar nervosa. Na hora que ia ligar para Giovanni, Juliana encontrou um bilhete pendurado na maçaneta. Nele dizia que quem chegasse, não encontraria os irmãos deliciosos, mas orientava que desse a volta na casa grande e seguisse a estrada porque eles estavam no aniversário de um amigo.

Bem, não sabia se realmente eram deliciosos, mas foram inteligentes. O recado estava tanto em italiano como em português.

Sáímos arrastando as malas na direção que nos foi dada. E logo avistamos uma casa enorme com a fachada em pedras, com grandes janelas de madeira. A coisa mais linda que já vi na vida. Tinha dois andares. Oh, Deus! Devia ser linda por dentro.

Ouvimos uma música brasileira sendo tocada.

Ainda não deu para sentir saudades de casa. Eu não tinha mais nada que me prendesse no Brasil.

A música e o som das risadas foram aumentando e logo me peguei sorrindo também ao ouvir vozes altas. Tia Helena disse que logo me acostumaria com isso porque italianos eram calorosos, acolhedores e falavam alto.

Passamos por um portão de madeira e chegamos à frente da casa. Eu já estava tremendo de tanto frio. A porta da frente estava trancada. Então, resolvemos seguir o

barulho e avistamos um grande galpão.

Arrastamos novamente as malas, mas Juju percebeu o meu nervosismo.

— Acalme-se, Sienna. Você não estará só. Tem a mim e aos gostosos do Gio e do Vince. Se aquiete e viva esse momento, mulher. Você é linda, sexy e solteira. Coloque um sorriso nesse belo rosto que Papai do Céu caprichou tanto e arrase.

Com a água escorrendo por minha face e o vento me congelando, mais uma vez ela conseguiu me fazer sorrir. E foi logo no momento que chegamos dentro do galpão.

A música, os risos e as conversas que ouvíamos cessaram e, em seguida, todos os olhares estavam em mim e em Juliana.

Alguns nos olhavam assustados e outros curiosos. Procurei por algum rosto conhecido e logo ouvi a voz que sempre me acalmou em momentos de dores.

— Princesa, é você? — Giovanni saiu de trás de um moreno que não me era estranho.

Oh, Deus! Que saudades!

Senti a primeira lágrima escorrer no meu rosto molhado da chuva.

Olhei para os lados e Giovanni sabia quem eu procurava e fez sinal com a cabeça que ele não estava ali. E eu senti um alívio imediato.

Gio abriu os braços e eu não vi mais ninguém ao nosso redor. Joguei minhas malas no chão e corri. Lancei-me em cima dele e me senti segura.

— Minha linda princesa. Como você está bela. Está ainda mais bonita.

— Gio, eu senti tanto a sua falta.

Estava com minha cabeça no ombro de Giovanni e sentindo seu cheiro gostoso, quando senti um toque no meu braço e ouvi uma voz grave me chamar:

— E eu, Sissy, sentiu minha falta?

— Vince?

— Eu mesmo, princesa. Cadê meu abraço?

Giovanni me apertava mais em seus braços e não me deixava sair.

— Me solta, Gio.

— De jeito nenhum. Estou cinco anos longe de você, princesa.

Bati em seu peito e me sacudi em seus braços até

que ele me soltou, gargalhando. E eu pude olhar Vincenzo.

Enquanto Gio era moreno de olhos castanhos iguais aos do seu pai, Vincenzo era todinho tia Helena. Pele mais clara e olhos azuis. Não saberia dizer qual era o mais perfeito.

Vince me pegou no colo e me rodou no ar, como fazia quando éramos mais novos.

Ele me desceu e eu toquei seu rosto.

— Você está de barba, Vince. Está parecendo o padrinho.

— Só assim para conseguir ter um pouco do pai em mim.

— Isso é verdade.

Gio chamou Juliana e eles se abraçaram. Juliana era filha da governanta de Helena e morava em uma casinha no mesmo terreno da casa dos meninos. Praticamente foi criada junto com eles. E desde nova, ajudava sua mãe nos afazeres.

— Gio, você está gostoso. E Vince muito sexy. E eu estou no paraíso. Agora me digam onde que eu vou trabalhar e para quem?

— Na nossa casa, Juju. Moramos eu, Vince e

nossos primos, filhos de tio Lorenzo. Hoje é aniversário de um deles.

Giovanni pegou minha mão e me levou para o lado direito do galpão e lá eu encontrei quatro pares de olhos, que me encaravam praticamente boquiabertos, o que me fez grudar mais em Giovanni.

— Estes são Levi, Felipe, Carla e o aniversariante é o Enrico.

Segui até onde Giovanni apontava e senti um frio percorrer toda a minha coluna. Arrepiei-me inteira. O olhar dele em mim era avaliador. Eu não conseguia decifrar o que ele estava sentindo ao me encarar. Parecia um pouco de raiva, mas, ao mesmo tempo, saudade. Ele era o mesmo moço que encontrei na praia, na noite de réveillon, e que acabou abrindo seu sofrido coração para mim. Algo que ele parecia não se lembrar, devido ao seu estado de embriaguez naquele dia. E não seria eu a clarear a sua memória, não depois de tudo que ele me disse.

Giovanni olhava de seu primo para mim e de uma hora para outra avançou no homem chamado Enrico. Ele falava baixo, mas eu consegui escutá-lo.

— Não é ela, Rico. Essa é a minha princesa. Minha Sienna. Entenda isso. Não encoste um dedo nela. Eu esqueço na hora que somos primos e acabo com você.

Enrico parecia hipnotizado. Acho que não ouvia uma palavra sequer do que Giovanni disse. Ele afastou o dedo de Gio do seu peito e deu alguns passos em minha direção e eu acabei cambaleando para trás e quase caí. Fui salva pelos braços de Enrico e novamente senti frio e arrepios.

Eu não sabia o que falar para ele. Eu só queria correr dali. A mão dele em minha cintura, a sua respiração próxima ao meu ouvido. Tudo era demais para mim. Encostei minha mão em seu peito para afastá-lo e o ouvi sussurrar:

— Meu anjo.

Não conseguia falar nada. Só vi quando outro homem moreno tirou Enrico da minha frente e me pediu desculpas dizendo que ele já estava bêbado e delirando e, em seguida, o levou para fora do galpão.

Vince gritou para que a festa continuasse, pois tinham muitas bebidas e comidas e agora havia mais um motivo para festejar: a minha chegada e de Juliana.

Fui apresentada a tantas pessoas que não conseguiria gravar nunca o nome de todos, mas pude comprovar que o bilhete na casa grande era realmente verídico. Os irmãos eram deliciosos.

Pietro, que já estava enfeitiçado por Juliana, a

devorava com os olhos. Guillermo, Riccardo e Marcello, o mais novo, que estava com uma morena encantadora sentada em seu colo, que se chamava Erica e também era brasileira. Era *chef* no *bed and breakfast* e no café e restaurante. E só faltava dar pulos de alegria ao descobrir que teria, de agora em diante, ajuda na cozinha.

Sentia o olhar dos irmãos de Enrico em mim e estava cada vez mais constrangida. Por isso, sentei em um banco, encostei a cabeça na parede e fechei os olhos. Estava cansada da longa viagem.

Senti algo me cobrir e me assustei, mas logo vi que era o mesmo homem que levou Enrico.

— Ele me pediu para te agasalhar. Você está toda molhada. — Ele estendeu a mão, eu a apertei e, por fim, ele se apresentou. — Muito prazer. Eu me chamo Levi. Seja bem-vinda a Villa De Angeli.

—É... Hum... obrigada.

Eu queria perguntar se o moço estava bem, mas me faltava coragem. Como eu vim de tão longe para recomeçar, eu precisava dar sempre um passo à frente. E vencer a timidez era um deles.

— Ele está bem? Você o deixou sozinho?

— Enrico já é um homem grande. Sabe se virar. E

quanto a ele estar bem, eu sinto que ele vai ficar. Não me pergunte o porquê. Eu sinto. — Levi sorriu e se despediu, me deixando sem entender absolutamente nada.

Gio me trouxe comida e me ofereceu vinho. Disse que eram das próprias terras da família. Não queria que ele desconfiasse de meu estado e provei apenas um pouco e deixei disfarçadamente o copo em cima da mesa.

A moça a quem fui apresentada mais cedo, se aproximou.

— Eu me lembro de você. A afilhada de tia Helena. Conhecemos-nos na virada de ano. Lembro que estava bem abatida na época.

— Oh, sim. Dias complicados. Uma semana após o enterro de meu pai e da minha madrasta. Desculpe não ter sido uma boa companhia na época.

Falar disso ainda me doía. Era difícil até de relembrar, pois minha dor maior foi por perder Fernanda e não o meu próprio pai. Sentia um pouco de vergonha por isso, mas ela foi minha única referência para o amor.

— Não se desculpe. Você só estava precisando de seu tempo. Não imagina como eu entendo isso. Oh, Deus, desculpe a minha indelicadeza. Meu primo nos apresentou. Mas sei que já te mostrou tantas pessoas que deve estar confusa com tantos nomes. Eu sou Carla, mas meus irmãos

e amigos me chamam de Carlinha.

— Muito prazer, Carla. Eu sou Sienna.

A conversa foi fluindo entre nós e eu ia me sentindo mais à vontade com ela. Acho que encontrei uma nova amiga e precisei ir para o outro lado do mundo para isso.

O irmão mais novo deles era muito descontraído. Não sossegou enquanto não lhe concedi uma dança. Felipe era lindo e de fácil convivência.

Mesmo com a manta ao meu redor, eu dancei com ele, ao som da voz de Levi. Agradei a dança e sorri ao ouvir de Felipe que era ele quem devia agradecer por ter uma mulher tão gostosa nos braços. Em seguida, voltei para o banco e me sentei.

Gio chegou ao meu lado e me abraçou. O sono já estava me pegando. Bocejei e ele disse que me levaria para casa. Chamou Vince e pediu para que cuidasse de Juliana, que estava aproveitando bastante da festa e não queria se recolher ainda. Juju havia trocado de roupa e estava se divertindo com os irmãos delícias. Sua gargalhada era ouvida de longe.

Gio me levou para uma entrada individual pelos fundos da casa. O segundo andar era todo dele e Vince. Havia cinco quartos, mas ele me levou até o que seria

meu. Na porta havia uma plaquinha com meu nome gravado. Aposto que era coisa de minha madrinha. Na casa dela também tinha isso no quarto que me era reservado. Gio me deu um beijo na testa e me disse para descansar. E, em seguida, voltou para as festividades.

Percebi naquele momento que havia perdido a minha maleta com meus produtos de beleza. Perdi tudo. Perfume, xampu, condicionador. Me deu até vontade de chorar. O meu cheiro foi Helena que escolheu quando completei 15 anos. Mandou fazer especialmente para mim em uma loja de Rio Doce e nunca mais troquei.

Teria que pedir para me enviar tudo do Brasil, pois sem isso eu não ficaria.

Tomei um banho e usei os produtos que havia no banheiro. Eles cheiravam a flores. Era muito agradável, mas não era o meu.

Coloquei uma blusa grande e procurei a cozinha, que ficava no andar de baixo, para tomar um pouco de água. Me apaixonei pelo local. Iria cozinhar muitas coisas ali.

Subi as escadas e ao entrar no corredor que levava ao meu quarto, eu tomei um susto ao sentir meu corpo ser apertado na parede fria da casa. Eu já ia gritar, mas o toque das mãos daquele homem no meu rosto me fez

estremecer. Era Enrico.

Ele respirava o perfume de meu cabelo molhado e murmurava algo sobre eu não ter o cheiro dela, se afastou e desceu correndo as escadas.

E essa foi a primeira noite, desde o dia que aquele homem de olhos azuis tocou em meu corpo naquela praia, que eu não sonhei somente com seu olhar triste e sofrido. Hoje ele tinha um rosto, um cheiro e um toque quente. E para meu desespero, estava dormindo no andar de baixo. Ele era Enrico. Minha súplica a Deus foi atendida. Eu o reencontrei. E minha história estava prestes a mudar a partir deste dia.

Capítulo 3

Enrico

Eu sabia que meu primo Giovanni estava dizendo algo, mas não entendia uma palavra sequer. Meus olhos só a enxergavam, meu corpo queria estar próximo ao dela. Só existia ela naquele momento. Afastei o dedo de Giovanni de meu peito e caminhei em direção à linda mulher na minha frente.

Sabia que não estava em meu melhor estado. Tinha bebido muito, mas percebi que ela havia se desequilibrado e enlacei sua cintura antes que caísse no chão.

Nossos corpos estavam colados e, mesmo molhada da chuva, eu nunca senti tanto calor ao tocar alguém. Ela

era diferente. Vi que seu olhar era triste, que estava com medo e sentia-se insegura. E eu só queria protegê-la. Nunca quis tanto ver uma pessoa sorrir. Ah, eu contaria até a piada mais boba do mundo para poder contemplar o sorriso naquele rosto delicado.

Ela era tão pura que, quando percebi, eu já tinha colocado em palavras o que minha mente conturbada ainda tentava assimilar:

— Meu anjo.

Tentei sentir seu cheiro. Queria tanto que fosse a moça que invadia meus sonhos todas as noites, mas o imbecil do meu irmão mais velho nos afastou.

Ouvi-o pedindo desculpas ao anjo de olhos azuis enquanto me arrastava para a casa principal.

Quando já estávamos fora do galpão, eu tentei avançar em Levi.

— Babaca, por que me afastou dela?

Levi me puxou pela gola da jaqueta e nos colocou cara a cara.

— Fale qualquer palavra, Enrico.

— Eu não vou falar merda nenhuma com você.

— Já falou, imbecil. E esse foi o primeiro motivo

pelo qual te tirei de perto da menina. Você fede, cheira a bebida e não está no seu juízo perfeito. E tanto eu como nossos irmãos vimos o que nenhum dos outros presentes enxergou. A garota mexeu com você. E pode até ser ousadia minha, mas nem quando conheceu a Fabiana você reagiu assim. Parecia que, a qualquer momento, ia sequestrar a menina e carregar para a sua cama.

Encostei-me a uma árvore e olhei chocado para o meu irmão.

— Eu ia fazer merda, não é?

— Com toda a certeza do mundo, Rico.

— Minha cabeça dói, Lê.

— E eu ainda achava que, além de bonito, você era inteligente. Enganei-me feio. Lógico que dói, você bebeu a noite inteira. Vamos embora que eu vou te colocar na cama.

— Eu não quero dormir. Vou sonhar com ela.

— Fabiana?

— Sim.

— Pesadelo você quis dizer, Rico.

— Por que ela fez isso comigo, Levi?

Eu tinha prometido nunca mais chorar por essa dor, mas o dia ainda não tinha acabado. Então, hoje, eu tinha me permitido sofrer mais uma vez. E chorei por não entender a causa de tão grande maldade.

— Eu não sei te explicar. Mas uma coisa eu posso afirmar: ela não era merecedora de seu coração. Ande, Enrico, a chuva está ficando forte de novo.

Meu irmão me amparou e caminhamos juntos até a nossa casa.

Levi abriu a porta e me deixou no sofá da sala, saindo em direção ao seu quarto. E logo voltou com duas taças pequenas de vinho e me entregou uma.

— Esse é o vinho da *nonna*?

— O próprio.

— Você sabe que eu vou desmaiar com isso, Levi.

— Essa é a intenção, irmão. Vamos brindar aos seus 29 anos e a um novo tempo nascendo na sua vida.

— Não entendi.

— Só beba, Rico. E nunca duvide do que a nossa pequena luz diz.

— Felipe abriu a boca?

— Como sempre.

— E você vai voltar para o Brasil e me deixar aqui com ele?

— Evidentemente.

— Ok, me espere beber esse primeiro.

Bebi a primeira taça e senti logo o meu corpo queimando. Tinha certeza de que a *nonna* colocava alguma coisa a mais nesse vinho. Peguei a taça da mão de Levi e bebi de vez.

— Oh, merda! Pronto. Um pelo meu aniversário e o outro por mais um ano com Lipe roncando feito um motor V8, dormindo ao lado do meu quarto ou correndo feito um louco para que eu o defenda de cada homem traído nessa Villa.

— Mas você o ama.

— E tem outro jeito?

Sorrindo, Levi respondeu:

— Não.

— Você sabe que vou negar isso a vida inteira, não é? Bom, isso se eu lembrar de alguma coisa que fiz essa noite. Vinho e uísque não combinam muito bem. Mas, voltando a Lipe... eu não conseguiria me reerguer sem a

ajuda dele. Eu perdi coisas demais no dia em que Fabiana morreu. E sem Felipe ao meu lado para me impulsionar a viver um dia após o outro, eu não aguentaria.

— Seu segredo está guardado, mano. Agora deite um pouco. Você já está falando enrolado e seus olhos estão quase fechando.

Só me dei ao trabalho de tirar a jaqueta que ganhei de Carla e deitei no sofá.

— Eu vou voltar para a festa. Deixei Gisele e Carla sozinhas no meio de um bando de italianos galanteadores. Fique bem, Rico.

Minha festa... E a morena dos olhos azuis estava lá, molhada e com frio. Eu tinha que cuidar disso. Levi já estava quase fechando a porta quando pedi que voltasse.

Peguei uma manta no canto e entreguei nas mãos de meu irmão.

— Está frio. Cuide dela, Lê.

— Da moça que chegou hoje? Entendi. Vou levar para aquecê-la. Mas antes de perder os sentidos de vez, pois a bebida da *nonna* já está fazendo efeito em você, responda-me: Por que ela e não a outra moça que chegou junto?

— Pergunta difícil, Lê. Só sei que ela é um anjo.

Não sei nem se vi o meu irmão saindo pela porta da sala, pois peguei no sono rapidamente. Achei que sonharia com Fabiana, mas não. Os olhos azuis da moça que vi no galpão se misturaram com o cheiro de pêssego que senti na noite de réveillon. Porém, no fim de meu sonho, o cheiro mudava. Era de flores, igual as que Nelly vendia em sua floricultura.

Só restava saber o que foi sonho ou realidade, pois acordei na minha cama, vestido somente com minha *boxer* e com uma puta dor de cabeça.

Levantei-me com um pouco de dificuldade, segui direto para o banheiro. Necessitava urgente de um banho quente e do melhor remédio para dor de cabeça.

Meia hora depois já estava vestido e saindo de meu quarto em direção à sala. E chegando ao local, percebi que eu não era o único que tinha abusado do vinho na noite de ontem. Meus irmãos e primos estavam espalhados pela sala com uma expressão de dor em suas faces.

Sentei ao lado de minha irmã e a mesma logo encostou a cabeça em meu ombro e começou a bocejar.

— Sono, pequena?

— É uma mistura extraordinária de sono e muita preguiça, Rico, se é que você me entende.

— Entendo perfeitamente. Complete com bastante dor de cabeça.

Carla se afastou e sorriu, mas o sorriso não era para mim. Era para alguém que acabava de chegar ao ambiente.

— Desculpe incomodar. Eu só vim trazer o remédio e um pouco de café forte para todos. Acho que vai ajudar a aliviar a ressaca.

Felipe levantou e aproximou-se como um predador da moça linda que estava parada na entrada da sala.

— Olá, moça bonita. Você nunca incomodaria ninguém. Eu te conheço?

Lipe tomou a bandeja de suas mãos e a colocou na mesa de centro à nossa frente. Ela abaixou a cabeça, mas antes eu vi a sua face rosada. Ela sorria lindamente, mas estava envergonhada.

— Conheço você, moça bonita? — ele repetiu.

— Nós dançamos ontem à noite. Acho que não somos mais estranhos.

Ela estendeu sua mão e se apresentou, mas tenho certeza de que seu nome soaria doce e perfeito em meus lábios.

— Muito prazer, eu me chamo Sienna Martinelli.

— E eu sou...

— Felipe. Eu me lembro. Você me fez sorrir bastante ontem.

— Oh, merda. Eu não fiz nada pra me envergonhar, né?

— Não até o momento em que estive na festa, senhor.

— Senhor? Mulher, eu sou um bebê lindo de 24 anos. Use o senhor para o idoso de 30 que está quase desmaiado no colo da loira gostosa ali.

Os olhos dela foram de encontro ao meu irmão mais velho e da Gisele sentada no sofá ao lado do que eu estava. Mas logo sua atenção foi desviada, pois Lipe começou a apresentar um a um dos que estavam presentes no local.

— Vamos lá. Essa é Carla, a minha irmã mais linda. A loira deliciosa ali é Gisele, uma amiga querida. Os dois esquisitos ali são meus primos, Giovanni e Vincenzo.

Com a cabeça deitada para trás, Gio só levantou o dedo do meio para Felipe.

— Esses eu conheço. São para mim os irmãos que nunca tive.

— Sienna, eu já beijei a sua boca. Isso não é coisa que irmão faça. — Gio disse, sorrindo, de um modo muito safado para a morena de olhos azuis. Oh, merda, isso me incomodou. E eu não gostei de me sentir assim.

Vincenzo desceu um tapa na orelha de Giovanni.

— Idiota, não envergonhe a Sissi.

— É a verdade, Vince.

— Mas ninguém precisa saber disso, imbecil.

Gio levantou do sofá e foi em direção à Sienna e a abraçou. Eu tive que abaixar a minha cabeça, pois se um de meus irmãos me olhasse nesse instante, perceberia que essa moça tinha chegado para revirar completamente o meu mundo. Ciúme era um sentimento que eu não vivenciei com frequência em minha vida. E, mais uma vez, eu não gostei de me sentir assim.

— Me desculpe, Sissi.

— Não tem problema, Gio. Tome o seu remédio e um café forte. Eu posso usar a cozinha de vocês e preparar algo para o café da manhã?

— Você está morando aqui, Sienna. A casa também

é sua e eu tenho certeza de que todos irão agradecer, pois ninguém sabe cozinhar nesse lugar. E não é tão cedo que os meninos vão abrir o *Piacere* hoje. — Gio acariciava o rosto dela enquanto falava. Notei que ele a olhava com admiração. Definitivamente, o meu primo tinha sentimentos muito fortes por Sienna.

— Certo, obrigada.

Ela já ia se retirando quando Felipe correu e a segurou pelo braço.

— Ei, moça bonita. Ainda faltam dois para você conhecer. Aquele senhor ali com alguns fios brancos no cabelo é meu irmão mais velho, Levi.

— Fios brancos têm no meio da sua...

— Levi, não. Se você revidar, ele vai se empolgar e não parará com as gracinhas tão cedo.

Lipe sorria e apontava para Gisele.

— Escute a Gi, seu idoso. Ela é sábia.

— Cara, você só pode ter sido achado na lata do lixo.

— Sou a cara de papai. Conforme-se, irmão mais velho, temos o mesmo sangue.

— *Oh, Dio!*

— Você me ama.

— Não abuse, Lipe.

— Eu sei, irmão mais velho, eu sinto. Agora se aciete que cheguei ao galã da família.

Felipe pegou Sienna pela mão e nos aproximou.

— Moça bonita, esse é Enrico. Meu segundo irmão mais velho. E considerado extraoficialmente o mais lindo da família. Lógico que eu vou recorrer nessa porra, isso é muito injusto.

As palavras que Lipe continuava a dizer foram levadas pelo vento, pois naquele instante eu só enxergava a morena linda à minha frente e só ouvia o som de sua respiração pesada, que percebi no instante em que ela me estendeu a mão e me levantei para ir ao seu encontro.

— Muito prazer, Enrico.

Minha mão foi de encontro à dela, e eu sabia que se falasse o que senti a todos, iria soar clichê, mas foi o que realmente aconteceu: a sensação de reconhecimento, de ligação, o tremor por todo o corpo... Esse sentimento era errado. Ou, sei lá, talvez fosse o mais correto. Mas só sabia que a moça de olhos azuis estava abalando o muro que construí para proteger o meu coração.

— O prazer é meu, Sienna. Seja bem-vinda a Villa

De Angeli. A casa é sua.

— Obrigada. Eu... vou para a cozinha agora.

Ela tirou tão rapidamente a sua mão da minha. Foi muito difícil perder o pouco contato que tive dela, porém vê-la se afastando apressada em direção à cozinha foi ainda pior. Isso tudo chegava a ser meio insano. Eu praticamente acabei de conhecer a menina, mas foi tão intenso. Então, eu não podia e nem queria fugir disso.

Voltei para o lado da minha irmã no sofá, tomei um comprimido que o anjo de olhos azuis trouxe e me servi de uma xícara de café.

Levi sentou no sofá e passou a me encarar em silêncio. Impressionante como conhecia meus irmãos. Eu sabia que ele precisava me dizer algo.

— Fale logo, Levi.

— Rico, você percebeu a quem essa menina lembra?

Eu tinha certeza de que isso não ia passar despercebido por nenhum deles. Sim, ela lembrava Fabiana.

— Eu sei, Levi.

— Então, coloque desde já na sua cabeça oca que

ela não é a sua falecida mulher.

— Não é mesmo. Aquela peste da Fabiana emanava ruindade. Sienna é... — Gio se pronunciou.

Eu completei a sua frase, sem ao menos ter noção que falava em voz alta:

— Doce. Um anjo que transmite paz.

— Sim, primo, ela é isso. Por isso mantenha a porra da distância de Sissi. Ela já sofreu demais. E não merece que nada atrapalhe a nova chance que a vida está lhe dando de recomeçar a viver em outro lugar. Você já tem merdas suficientes para lidar sozinho. E eu a conheço. Mesmo que ela não esteja inteira, não há nada que a fascine mais do que alguém quebrado para cuidar. E ela viu isso em você. Os olhos dela brilharam ao te conhecer.

Ela sofreu muito. Ela quer cuidar de mim. Só isso que absorvi das palavras de Giovanni. Quais os mistérios que envolviam alguém tão pura? Por que quer cuidar e consolar alguém, sendo que tinha seus problemas? Essa menina era algo que eu não precisava nesse momento, mas também era um mistério que meu coração já havia afirmado: eu iria desvendar Sienna Martinelli.

Meu silêncio foi a resposta para Levi e Giovanni. E eles sabiam que me questionar era perder tempo. Encostei a cabeça no sofá e esperei. Logo mudaram de

assunto.

Minutos depois a voz doce de Sienna nos chamava para comer.

Tivemos uma refeição agradável e Felipe arrumou uma nova musa. Meu irmão estava encantado pela moça bonita.

Mesmo com um pouco de dor de cabeça, à tarde, eu segui para meu escritório e voltei para meu notebook. Tentei digitar um pouco do livro de Nelly, mas falhei por completo.

As vozes e gargalhadas vindas do lado de fora não me permitiam ter inspiração alguma. Logo fechei o notebook e saí do escritório.

Chegando à sala, encontrei Pietro e seus irmãos. Porém, vi que Guillermo estava próximo demais de Sienna e um sentimento que não sentia há mais de um ano, voltou a preencher meu coração com força total, muito maior do que um dia já senti na vida: ciúme.

Ela sorria. E o que me incomodava era querer que o motivo dela sorrir fosse eu. Eu necessitava ser a razão de sua alegria. E foi neste instante que as palavras de Luísa chegaram ao meu coração. Minhas pernas fraquejaram. Tenho certeza de que olhava assustado para Sienna. Luísa não poderia estar certa. Essa moça linda que

chegou ontem não era o meu presente de Deus. Eu precisava sair. E foi o que fiz. Corri para o lago e vi o anoitecer chegar junto com a chuva que inicialmente estava fina e fria. E os pensamentos estavam cada vez mais embaralhados em minha mente: a dor que Fabiana me causou, a mulher do cheiro de pêssegos no réveillon e agora esse anjo que acabou de chegar. Resolvi entregar meu destino nas mãos de Deus e deixar que guiasse meus passos.

A chuva aumentou e tive que retornar correndo para casa. Pelo visto, a temporada fria com dias chuvosos e com muitos raios estava começando.

Já era tarde e a casa estava bastante silenciosa. Tomei um banho, coloquei uma *boxer*, uma blusa e calça de moletom, calcei o chinelo e segui para a cozinha, onde preparei e comi um lanche. Em seguida, passei no escritório e separei um livro para minha leitura da noite.

Quando ia sentar no sofá, ouvi um som baixo vindo da sala de cinema. Mesmo com a chuva caindo forte e os raios, dava para ouvir o som de uma música suave. E, como a curiosidade falou mais alto, segui direto para lá. Abri devagar a porta e a cena à minha frente partiu ainda mais o meu coração.

Na tela parecia passar um filme de romance que acho que já fui obrigado a assistir com minha irmã. E

sentada no nosso sofá, que mais parecia uma cama de casal, com uma manta envolvendo o seu corpo trêmulo, estava Sienna com lágrimas descendo por seu rosto formoso. A cada relâmpago que despontava no céu, ela estremecia e agarrava a manta com mais força.

A música terminava e, com o controle remoto, ela voltava no mesmo ponto do filme. Presenciei em silêncio isso acontecer por três vezes. Porém, na quarta, eu fiz com que percebesse a minha presença.

— Medo de relâmpagos?

De imediato, ela me olhou assustada. Tentou disfarçar as lágrimas, mas não conseguiu. Elas não cessavam.

— Lembranças ruins.

Ela voltou novamente o DVD no mesmo ponto, onde uma moça bonita cantava uma canção suave para um rapaz.

— Bonita música. Qual o nome do filme?

— *Um amor para recordar*. A canção me acalma. Giovanni me presenteou com este DVD há alguns anos. E sempre que o sono não chega, é ouvindo essa melodia que meu coração acalenta e consigo descansar e dormir.

— Vocês dois têm uma história?

— Sim, mas não como ele mencionou hoje. Não houve amor entre um homem e uma mulher a não ser o de dois grandes amigos.

— Entendo. Posso me aproximar?

— Sim. Fique à vontade.

Fechei a porta da sala de cinema e caminhei em direção ao sofá, sentando-me ao lado de Sienna. Seus olhos estavam fixos na tela.

— Já está tarde. Não tem sono?

— Eu nunca dormi bem.

— Sonhos ruins, Sienna?

— Às vezes.

— Então, somos dois.

Encostei-me ao sofá e abri o livro no local que havia marcado na noite passada. Iniciei minha leitura, enquanto de relance podia ver o anjo de olhos azuis ao meu lado repetir o mesmo processo com o DVD inúmeras vezes.

Como o sofá era enorme, dava para esticar as pernas e se acomodar bem. Coloquei uma almofada nas costas e comecei a viajar no incrível mundo que Dan Brown criou em cada um de seus livros.

E aconteceu algo surpreendente na primeira noite após meu aniversário de 29 anos. Eu acordei durante a madrugada e meu livro estava guardado na mesa ao lado, eu estava aquecido não só por uma manta que me cobria, mas também por um corpo pequeno e quente que me envolvia.

Sorri e a abracei voltando a dormir.

E após um longo ano de noites de insônia, eu consegui descansar e ter uma boa noite de sono nos braços de um anjo: meu anjo de olhos azuis.

Capítulo 4

Sienna

Não era em meu quarto que acabara de acordar e também não era mais um dos meus costumeiros sonhos dos últimos dois meses. Era real. Ele estava perto, tinha me tocado novamente. Não da mesma forma do réveillon. Mas Enrico encontrava-se ali, no andar de baixo. E isso era desconcertante, porém, ao mesmo tempo, tão maravilhoso.

Procurei meu celular na mesa ao lado da cama e encontrei uma caixa vermelha de presente. Rapidamente me sentei e comecei a desembulhar.

Achei um cartão onde dizia que havia sido dado com muito carinho e assinado por Gio e Vince. Tive que

sorrir, pois realmente estava precisando, e esse tinha tela grande e, pelo visto, uma boa memória. Poderia instalar meu aplicativo e continuar a ler meus amados livros sem problema algum. Mas o que mais me emocionou foi a única lembrança boa de um dia tão cheio de memórias ruins: a causa de meus mais terríveis pesadelos. Mas ali eu sorria abraçada entre duas das poucas pessoas que me deram um pouco do sentimento que me foi negado desde que nasci. Meu papel de parede no novo celular era uma foto de meu aniversário de 15 anos, recebendo um beijo em cada face dos meus amigos amados.

Enxuguei uma lágrima teimosa que descia por meu rosto, coloquei o celular na mesinha novamente e segui para o banheiro, para uma ducha quente e assim dar início ao meu primeiro dia, vendo o sol na Villa De Angeli.

Acabei de me arrumar e peguei meu novo celular, saindo e fechando a porta do quarto. Desci as escadas e ao chegar à grande sala, encontrei Gio, Vince e dois de seus primos sentados nos sofás com uma expressão não muito agradável em seus rostos.

— Bom dia.

Ao ouvir o som de minha voz, Gio levantou sua cabeça, que estava debruçada no encosto do sofá, e sorriu lindamente para mim.

— Bom dia, Sissi. Dormiu bem?

— Bom dia, Gio. Tive uma boa noite de sono, sim. Acho que porque estava bastante cansada da viagem. Mas eu acho que quem não dormiu bem foram vocês. Estou errada?

Carla levantou o dedo e, ainda de olhos fechados, me respondeu:

— Certíssima. Nunca beba o vinho da *nonna*, Sienna. Nunca. Sua cabeça parecerá as escolas de samba do Rio de Janeiro no seu auge, em pleno Carnaval na Sapucaí, quando acordar no dia seguinte.

Minha vontade era de gargalhar, mas me contive, pois já lidei várias vezes com a maldita ressaca que acompanhou meu pai até seus últimos dias de vida, e sei o quanto ele reclamava de dor de cabeça.

— Eu vou fazer um café forte e procurar algum remédio para aliviar a dor de cabeça, que sei que devem estar sentindo.

Vincenzo, que estava quase desmaiado em uma poltrona, sentou-se e com as duas mãos segurando a cabeça, fazia uma careta como se estivesse com dores.

— Sissi, tem uma caixa de medicamentos no banheiro social no corredor que leva aos quartos de meus

primos.

— Obrigada, Vince. Já volto com tudo.

Saí devagar para evitar barulhos, pois ainda tinham pessoas dormindo pela casa.

Achei com facilidade o banheiro e a caixa de medicamentos. Separei os remédios que precisava e segui para a cozinha, onde preparei um café forte. Alguns minutos depois, eu já estava chegando novamente na sala, que, desta vez, já estava bem mais cheia de pessoas espalhadas, e entre elas, Enrico. Senti logo meu coração acelerar e, antes que minhas mãos tremessem muito, eu deposei a bandeja na mesa de centro e me afastei rapidamente para a entrada da sala.

— Desculpe incomodar, eu só vim trazer o remédio e um pouco de café forte para todos. Acho que vai ajudar a aliviar a ressaca.

Quando já ia me virar para sair do local, Felipe me chamou e logo começou a me apresentar todos os que estavam presentes.

Eu queria fugir antes de ser apresentada a ele, mas não consegui. Fiz o máximo que pude para que ninguém percebesse que aquele homem de olhos claros mexia muito comigo. Acho que falhei totalmente. Meus olhos sempre denunciaram todos os meus sentimentos. E minha vontade

era de cuidar dele, abraçá-lo e ser a razão de seus sorrisos. E Gio percebeu. Por isso, pedi licença e corri para a cozinha.

Preparei algo para que comessem e posso dizer que meu primeiro dia na *Villa De Angeli* foi bem agradável.

Descobri que meu pai me deixou 25 por cento do *Piacere* e que 25 por cento eram da família de Enrico e quem administrava aqui era Felipe, e os outros 50 por cento eram de Pietro e seus irmãos.

Passamos a tarde conversando sobre os negócios e decidimos que, a partir dessa semana, iríamos inovar um pouco. As refeições teriam um toque da culinária brasileira e eu seria responsável pela fabricação dos doces. Poderia colocar em prática tudo que aprendi na faculdade e que aperfeiçoei com a ajuda de minha madrastra.

Logo a noite chegou e com ela o frio, a chuva forte e muitos raios. E isso trazia à tona péssimas recordações. Como a casa estava em silêncio, eu peguei o meu DVD, uma manta e segui para a sala que Vince tinha me mostrado nessa tarde.

Acomodei-me no imenso sofá e, como já tinha colocado o DVD no aparelho, eu fui direto para a parte do

filme que sempre me acalmou. A cada raio que cruzava o céu, as recordações chegavam com força maior. Era doloroso lembrar.

Tomei um pequeno susto ao ouvir a voz forte e rouca vindo da porta da sala de cinema:

— Medo de relâmpagos?

Não tive tempo nem de pensar, as palavras logo fluíram por minha boca, e respondi a pergunta de Enrico:

— Lembranças ruins.

Ele perguntou algumas coisas sobre o filme que eu estava assistindo e pediu para se aproximar. Conversamos um pouco e vi que eu não era a única que sofria de insônia, mas o que ele não sabia era que eu era conhecedora do motivo de seus sonhos ruins.

Acho que nessa noite eu reprisei a música muito mais vezes do que estava acostumada para esperar o sono chegar e ele se recusava a vir. O que acalmou meu coração e me fez descansar, foi encontrar Enrico adormecido ao meu lado.

Retirei o livro de suas mãos, e como a manta era grande eu me aproximei um pouco e nos cobri. Enquanto observava cada mínimo detalhe de seu rosto e via seu peito subir e descer suavemente a cada respiração, eu

também caí num sono sem sonhos ruins.

Acordei com um braço forte envolvendo minha cintura. Pensei que nunca mais eu viveria isso. Mais uma vez, eu gravaria em meu coração a face de Enrico adormecido. Há dois meses, na noite de réveillon, o seu sono era atribulado, mas hoje ele me deu essa nova recordação: serenidade. Rico dormia tranquilo, sossegado e em paz.

Pelo visto, ainda era muito cedo. E eu não queria acordá-lo. Minha vontade era de acordá-lo com beijos, poder abraçá-lo e sentir seu corpo junto ao meu novamente, mas era algo impossível. Para ele, eu era a menina que conheceu no dia anterior e para mim, ele era o homem que trouxe luz aos meus dias de escuridão.

Afastei-me delicadamente e consegui me desvencilhar de seus braços sem acordá-lo. E o desejo de comer pão caseiro aflorou em mim. E como tinha praticamente certeza de que todos ainda dormiam, corri para o meu quarto, fiz minha higiene e fui atrás de minha mala, mas não a encontrei. A porta de meu armário estava entreaberta. Abri por completo e tudo estava organizado perfeitamente dentro dele. Com certeza, Juliana passou por aqui. Mas se ela pensou por algum instante que fugiria de meu interrogatório, estava completamente enganada. A safada sumiu desde a festa de aniversário de Enrico. E ficou um dia inteiro sem dar notícias. Só percebi que ela

estava bem, ao ver um sorriso sem-vergonha no rosto de Pietro quando perguntei a todos se tinham visto Juliana.

Como iria trabalhar na cozinha, sabia que o ambiente estaria bem quente. Coloquei um vestido tomara que caia rosa claro, acima dos joelhos, com pequenas flores na estampa. Prendi meus cabelos longos em um rabo de cavalo, passei um gloss nos lábios e segui para a cozinha repassando em minha mente o modo de preparo do pão caseiro que minha mãe havia deixado em seu caderno de receitas antes de falecer.

Cheguei à cozinha, limpei bem a bancada, separei os ingredientes e logo comecei a amassar o pão. E o trabalho foi rendendo. O que seria somente para ser um café da manhã com pão caseiro, foi acompanhado de pão recheado com goiabada, geleias, frutas e sucos.

Preparei a mesa enquanto assava os pães, para que quando chegassem, todos pudessem aproveitar o seu café e iniciar seu dia de trabalho.

Distraí-me lavando as louças na pia e cantarolando *Only Hope*. Até mesmo durante o dia, a canção tranquilizava-me, afinal era tudo novo para mim. País, trabalho e amigos novos, se assim eu já podia considerá-los, é claro. E, convenhamos, eu não tive muitas experiências com pessoas em minha vida. Até isso meu pai me privou. Saía de casa para a escola e depois ia para

igreja. Isso se resumiu a minha vida. Então, ter amigos era completamente fora do contexto.

Uma voz como a de um anjo se juntou à minha. Ele tinha um violão em suas mãos e sorria amavelmente. Levi cantava junto comigo em perfeita sintonia até dedilhar a última nota da canção.

— Lindo. Onde aprendeu a cantar, Sienna? Eu fiz aula de violão e voz durante muitos anos na minha infância e adolescência. Mas o canto em você parece fluir tão naturalmente.

Abaixei, mas logo levantei minha cabeça, mesmo tendo certeza de que estava corada de vergonha.

— Não ria, por favor. Mesmo que eu já esteja rindo aqui.

Levi deu um pequeno sorriso e me incentivou a continuar a contar sobre meu canto.

— Bom. Eu nunca tive muitas coisas para me entreter, sabe. Minhas únicas horas fora de casa eram na escola e na igreja. E foi nos cultos que aprendi a cantar.

— Dom de Deus. Desconfiei. Tem alguma canção que goste e queira cantar agora, enquanto o pão termina de assar? E só pra constar, o cheiro está divino. Fez-me lembrar da minha *nonna*.

— Posso pedir a que eu quiser?

— Sim. Espero saber tocá-la. Caso contrário, tentaremos achar uma que nós dois saibamos.

— *I Touch The Sky*, do Hillsong United.

Levi ergueu a cabeça rapidamente e me encarou, meio que chocado com o meu pedido.

— Não sabe tocar? Oh, eu posso escolher outra. Mas essa música é especial. Me faz refletir sempre que eu não sou nada sem Deus em minha vida. E que, por mais que o que tenha vivido até hoje não teve muito sentido, há sempre uma chance de recomeçar.

— Eu conheço perfeitamente a canção. Ela significa muito para uma pessoa especial em minha vida também. Vamos cantar juntos então.

Levi iniciou as primeiras notas e me deu a deixa para iniciar a estrofe.

Cantamos juntos o refrão, e essa era a parte que sempre tocou mais profundo a minha alma:

Meu coração batendo

Minha alma respirando

Eu encontrei minha vida quando a prostrei

Em queda para cima

Espírito se elevando

Eu toco o céu quando meus joelhos tocam o chão

Terminamos a canção e ouvimos aplausos vindos da entrada da cozinha.

— Bom dia, deliciosa. Além de linda, canta também e, pelo visto, cozinha pra porra. Já posso te pedir em casamento?

Não consegui segurar a gargalhada com o comentário de Felipe. E só parei quando percebi que havia me tornado o centro das atenções.

— Ainda não, nós não tivemos os três primeiros encontros e você tem que pedir a minha mão para o meu padrinho e já te adianto que ele é bravo.

— Tio Victor?

— Sim.

— Moleza. Pode marcar a data, moça bonita. Garanto que vai entrar de vez para essa família de homens gostosos.

Só vi o instante que Felipe levou um tapa na orelha esquerda e xingou o irmão que estava atrás dele, sendo que Enrico o olhava com a cara bem fechada, como se estivesse até irado com o que Felipe disse.

— Porra, Rico, seu imbecil. Já disse que isso dói, cacete!

— Então, não diga mais besteiras para a moça.

— Ei, não é besteira. Confesse que mamãe e papai iam ficar orgulhosos de ter um netinho meu e da moça bonita ali.

Felipe tomou outro tapa na orelha e gemeu de dor. Mas, dessa vez, o tapa foi dado por Levi, que havia deixado o violão encostado na mesa e levantado da cadeira para se aproximar do irmão.

— Olhe para ela, Felipe.

— Estou olhando, Lê. Ela é linda, né?

— Sim. Linda e preciosa demais. Ela é uma mulher para ser amada incondicionalmente, ter um lindo casamento, uma casa grande e vários filhos correndo pelo quintal.

Felipe ainda me avaliava.

— Verdade. Vamos ter os três encontros primeiro e

depois eu refaço o pedido.

Levi e Enrico soltaram um uníssonos e sonoro:

— DESISTO!

E todos os presentes gargalhavam de Felipe enquanto ele murmurava que ninguém o compreendia.

— Sentem e se sirvam. Eu só vou tirar os pães do forno para colocar quentinho na mesa. Tem manteiga e três tipos de geleia para acompanhar.

Enquanto eles se sentavam, eu notei a ausência de Giovanni e Vincenzo.

— Alguém sabe me informar se Gio e Vince ainda estão dormindo ou se já saíram? Fiz pão com goiabada, e eles amam comê-lo quente com a manteiga derretendo em cima.

Enrico, que já estava ao meu lado, com alguns panos de prato na mão, pronto para retirar as formas do forno, me respondeu:

— Houve um imprevisto na produção dessa safra de vinhos e precisaram que os dois estivessem presentes para resolver, e eles pediram para avisar que levaram Juliana para conhecer o local e colocar um pouco de ordem na casa grande da fazenda.

— Oh, obrigada pelo recado.

Eram duas formas grandes para retirar do forno. Enrico se abaixou para pegar um enquanto eu segui seu movimento para pegar a outra. Nossas mãos se tocaram no caminho e ele sussurrou para que só eu pudesse escutá-lo:

— Você teve uma boa noite de sono, Sienna?

— Sim.

— Teve sonhos ruins?

— Não. E você?

— Também não. Depois de mais de um ano, eu consegui dormir bem. Obrigado por isso.

— Está me agradecendo por qual motivo?

— Por ter me deixado estar ao seu lado e ter afastado os pensamentos ruins, meu anjo.

Eu não tinha palavras para lhe responder. Vários sentimentos estavam lutando dentro de mim. E não podia expressá-los ainda. Então, somente balancei a cabeça afirmativamente e peguei a forma depositando-a em cima da mesa.

Procurei um lugar vazio e acabei me sentando ao lado de Felipe, que se debruçou em cima da mesa e passou a me encarar, sorrindo.

Enrico logo chamou a sua atenção:

— Felipe.

— Hum...

— A oração.

— O quê?

— A oração. É o seu dia de agradecer. Pare de babar na Sienna, caramba, e faça logo.

— Empatador.

— Agora, Lipe.

— Ok. Vamos lá. Passa mal, passa...

— Se continuar com o passa mal, passa bem, em nome do Papai do Céu, amém, eu vou dar na sua cara.

— Empatador até na oração, Rico. Você é sem graça.

Eles me faziam sorrir, isso era notório. E era como se eu já os conhecesse há muito tempo. Eu só tinha motivos para agradecer. Então, eu me pronunciei:

— Posso fazer a oração?

Todos me olhavam meio que sem entender a minha reação.

— Pode sim, Sienna. Fique à vontade.

Acenei em agradecimento a Levi por sua resposta, fechei meus olhos e somente deixei que as palavras, que estavam gritando em meu coração para sair, escapassem por meus lábios. Eu agradeci a Deus por tantos alimentos, agradeci por me levar para tão longe do lugar que tinha como meu lar até poucos dias atrás e me colocar junto de pessoas boas, e agradeci pela chance de recomeçar. Eu não tinha nada para pedir naquele instante. Era uma manhã somente de gratidão.

Ao abrir meus olhos, vi que todos ainda me olhavam. Mas o olhar de Carla era diferente. Ela parecia enxergar dentro de minha alma.

— Você é uma moça especial, Sienna. Tenha em mente que sua vinda para esta casa não foi à toa. Guarde as minhas palavras em seu coração. Sua vida nunca mais será a mesma. Agora vamos comer que eu necessito com urgência desse pão. O cheiro está divino e a aparência maravilhosa.

— Obrigada, Carla. Por favor, se sirvam e espero que gostem de tudo que preparei.

Como uma típica família italiana, as conversas nunca cessavam, mesmo em meio à refeição. Logo chegaram Pietro e seus irmãos, que disseram que só

seguiram o cheiro do pão e foram parar ali também. Enfim, a cozinha ficou apertada para tantas pessoas, mas eu nunca me senti tão querida e à vontade como naquele instante.

Após praticamente uma hora, as pessoas foram se dispersando ficando somente os moradores da casa.

Levi empurrou a cadeira e se levantou.

— Pronto, todos satisfeitos. Parabéns, Sienna, tudo estava delicioso. E não precisa ficar vermelha de vergonha. É um elogio sincero. Mas temos que sair agora. Enrico tem um compromisso.

Agradei a delicadeza de Levi. Se ele soubesse que não sou acostumada a receber elogios, entenderia o porquê ficava corada a todo instante. Ele foi um dos poucos a elogiar algo que preparei em minha vida.

Levi se colocou atrás de Enrico e deu dois tapinhas em seu ombro.

— Está pronto, Rico?

— Sim, Levi.

— E já escolheu o que vai tatuar?

Meus olhos encontraram os de Enrico que, antes de responder para o irmão, me deu um pequeno sorriso tímido.

— Eu toco o céu quando meus joelhos tocam o chão.

— O trecho da sua canção, Rico?

— Sim.

Levi sorria largamente enquanto apontava o dedo em minha direção.

— Era dele que eu falava, Sienna. Essa canção também é especial para Enrico.

Enrico voltou a me olhar e recitou o mesmo trecho que mais amo nessa música.

— Pelo visto temos algo em comum, Sienna. Nós compartilhamos o mesmo gosto musical.

Se ele soubesse que não era somente uma música que nos unia.

— Sim, Enrico. Escuto sempre essa música quando estou angustiada ou até mesmo triste.

E também em meus momentos solitários, quando eu lembro de que, pelo menos, um dia em minha vida eu fui tocada, beijada e amada com muita intensidade. Mesmo que tenha sido por momentos breves para logo depois a solidão chegar novamente e trazer consigo palavras muito duras.

Felipe levantou da cadeira também e passou a analisar cada uma de suas mãos, e logo depois dirigiu seu olhar para Enrico, sorrindo para o mesmo sarcasticamente.

— Pelo visto, não é só a canção que vocês têm em comum. Até o motivo para ouvi-la é parecido. Mas mexa essa bunda dessa cadeira, Enrico. Eu já fiz uma sessão de massagens nas minhas mãozinhas lindas pra aguentar você apertando as coitadas enquanto a agulha marca esse seu corpo gordo.

— Lipe.

— Diga.

— Você é um babaca!

— Nunca neguei, Rico. Vamos logo, que eu tenho que fazer charme para aquela recepcionista gostosa da loja de tatuagens.

Carla e Gisele me ajudaram a arrumar rapidamente a cozinha e quando chegamos à sala, Enrico e seus irmãos já estavam prontos para sair.

Mas logo a porta foi aberta e Vince e Juju entraram gargalhando de algo que conversavam e Gio veio em minha direção. Mas ao receber o abraço de Giovanni, meu estômago revirou na hora e fiz força para empurrá-lo, não estava suportando o cheiro de seu perfume. Saí correndo

direto para o banheiro social da casa.

E só houve tempo de me ajoelhar e despejar todo o meu café da manhã no vaso sanitário.

Senti que alguém me amparava, puxando meu cabelo, que já estava preso, para trás. E só tomei conhecimento de quem era ao ouvir o som de sua voz:

— Você está grávida de quanto tempo?

Capítulo 5

Enrico

— Você está grávida de quanto tempo?

Enquanto segurava o cabelo de Sienna, eu senti não só o corpo dela, mas também o meu totalmente trêmulos diante da pergunta feita por Carla, que estava encostada no batente da porta do banheiro, lançando um olhar muito curioso em nossa direção.

Após alguns minutos, ajudei Sienna a se levantar e a levei próximo a pia. Peguei a toalha branca e limpa, molhando-a um pouco na água da torneira e limpei seu rosto de anjo, que neste momento estava muito abatido.

Como nunca se daria por satisfeita sem uma

resposta, minha irmã repetiu sua pergunta:

— Você está grávida de quanto tempo, Sienna?

Só houve tempo de amparar Sienna para que não caísse no chão do banheiro. Tinha certeza de que teve alguma tontura. No início da gestação de Fabiana, isso costumava acontecer com frequência. E eu sabia que neste momento ela só precisava descansar, ter um pouco de sossego.

— Carla, Sienna não precisa de perguntas agora. Ela tem que descansar. Meu quarto é o mais próximo daqui. Veja se minha cama não está desarrumada. Vou levá-la pra lá.

— Mas Rico...

— Pequena... Meu quarto. Agora.

— Ok.

Tinha certeza de que em menos de cinco minutos, ela iria repetir a pergunta. Mulher teimosa! Porém, voltei minha atenção para a morena linda à minha frente.

— Eu vou pegar você no colo, Sienna. Posso?

Ela estava com a cabeça baixa, parecia estar cansada. E ao erguer seu olhar em minha direção, eu nem esperei por sua resposta. Seu rosto de anjo estava tão

pálido que senti como se estivessem apertando fortemente meu coração. Eu só precisava cuidar dela. Vê-la sorrir novamente.

Ergui o anjo de olhos azuis em meus braços. E ela se aconchegou em meu peito. E era tão certo. Ela estava no lugar a qual pertencia.

Alguns meses atrás, eu estaria me culpando tanto por sequer pensar nisso. Mesmo depois de tudo que Fabiana me contou antes de falecer, eu ainda me sentia ligado a ela. Mas desde o réveillon, eu mudei. E até hoje não sabia o motivo, pois não conseguia lembrar de nada. Só podia afirmar que foi libertador. Meu coração agora estava inteiro e pronto para ser preenchido com o mais puro amor. E que Deus me abençoasse dessa vez. Que o que chegasse para preenchê-lo fosse sem medida e incondicional, porque eu não aguentaria outra decepção.

Assim que cheguei ao meu quarto com Sienna, Carla, que estava sentada na ponta de minha cama, olhava bastante curiosa em minha direção.

— A cama está pronta. Coloque-a aqui.

Oh Deus, como era difícil! Eu me sentia um bobo, mas não queria que ela saísse de perto do meu corpo.

— Vou te colocar na cama, Sienna.

Pelo visto, a relutância em se afastar não era só minha. Ela apertou a minha camisa entre seus dedos, e me abraçou fortemente, mas logo afirmou com a cabeça que eu poderia soltá-la.

Depositei Sienna com carinho em minha cama e me sentei ao seu lado. Logo sua voz suave preencheu o ambiente:

— Dois meses.

Ela estava realmente grávida. Mas por que veio parar do outro lado do mundo e sozinha? E por que minha irmã ainda estava calada e não estava dando continuidade ao seu interrogatório?

Olhei para Carla e me surpreendi ao vê-la olhar Sienna com carinho, com seus olhos rasos de lágrimas. Carla estava a ponto de chorar e isso era estranho.

— Pequena, você está bem?

Carlinha passou a mão no rosto como se estivesse tentando se recompor de algo e sorriu para mim.

— Melhor impossível, Rico. Bom, poderia ser melhor se um italiano delicioso declarasse amor eterno a minha pessoa.

Sienna riu baixinho, o que imediatamente me alegrou.

— E o pai, Sienna?

Sienna ergueu o olhar triste em direção a Carla para responder sua pergunta.

— Minha Bella só tem a mim. Espero que o meu amor seja o suficiente pra ela.

— Mas o pai tem o direito de saber da existência de seu filho, Sienna. E como assim, Bella?

— Um pai que esteja pronto para amar, sim. Minha filha não terá o mesmo destino que o meu. Ela nunca será rejeitada por um pai. Ela não vai derramar lágrimas a cada olhar de reprovação. Ela não se sentirá só a cada dia de comemoração na escola. Eu farei de tudo para ver os olhinhos da minha menina brilhar de alegria a cada instante. Ela receberá incondicionalmente o amor que nunca tive. E é Bella porque eu sonhei com este nome. Ainda é muito cedo para saber se é realmente uma menina, mas eu creio no que vi. Vi uma senhora de olhos azuis tão amáveis fazendo meu parto. Ela me entregava a minha menina e com a voz como a de um ser celestial, ela dizia um nome: Isabella. E é assim que minha filha se chamará. Isabella. Minha doce Bella.

Carla levantou e caminhou para o outro lado da cama, sentando ao lado de Sienna e tomando a mão dela na sua.

— Esse homem te feriu com palavras, não foi?

Além do olhar triste, agora o meu anjo chorava. E sem perceber, eu já tocava sua pele recolhendo suas lágrimas de dor. Eu só queria saber quem foi o desgraçado que a feriu.

Sienna me deu um sorriso tímido e voltou novamente a encarar Carla.

— Sim, logo após me amar. Porque ele me amou, Carla, como eu nunca havia sido amada e tocada daquela forma. Mas logo após destruiu tudo com palavras duras. Ele disse que nunca mais amaria alguém, que esse sentimento havia morrido dentro dele. E isso nunca foi esquecido por mim. Essas palavras fazem parte dos meus terríveis pesadelos. Mas eu ainda espero me curar. Eu preciso estar inteira para a minha filha.

— Você já se perguntou se este homem também estava ferido para poder te dizer coisas horríveis assim?

— Ele estava. Ele me contou sua história. O que fizeram com ele é algo que só gente de alma ruim faria. Mas quem sabe, um dia, ele esteja pronto. Eu não irei negar seu lugar de direito no coração de nossa filha. Mas um lugar em minha vida e em meu coração, aí já é outra história. Eu não aceito metade. Se vier que venha para me tirar o fôlego, que venha intenso e completo. De outra

forma, aqui também não há espaço.

Carla alisava com carinho a mão de Sienna. E mesmo diante de tanta dor e tristeza relatada, vi que minha irmã sorria.

— Eu posso cuidar de vocês até ele chegar? — Diante das palavras de Carla, o meu anjo começou a soluçar e eu a puxei novamente para meus braços.

— Não chore, anjo. Nós todos cuidaremos de vocês.

Ergui o seu rosto lindo e beijei sua testa. E timidamente ela me agradeceu por meu gesto e se afastou um pouco.

— Eu não sei se ele vai chegar, Carla. Mas eu aceito o seu cuidado. Obrigada.

Carlinha a puxou de encontro ao seu corpo e lhe deu um abraço apertado como aquele que só dava em Nelly e Gisele quando estava extremamente feliz.

Realmente, eu não compreendia as mulheres. Mesmo em meio a toda essa bagunça, elas estavam felizes.

— Eu vou buscar algo leve pra você comer, Sienna. Mas antes eu preciso dizer algo. Esse cara que te fez sofrer é um idiota! E eu espero, um dia, poder dizer isso na cara dele. — Apertava fortemente meus punhos,

tentando conter a raiva que sentia. Como que um homem podia deixar um ser tão lindo, entristecido e desamparado?

Carla agora gargalhava, enquanto eu e Sienna a olhávamos. Eu estava meio chocado com sua reação às minhas palavras e Sienna tentava segurar o riso também. Alguns instantes depois, minha irmã recuperou o fôlego.

— Rico, meu irmão lindo, eu terei o maior prazer em dizer isso para esse homem. E aposto que Lipe e Levi terão ainda mais. Vamos aguardar o idiota se dar conta da grande merda que fez. — Carla piscou para mim e voltou sua atenção novamente para Sienna.

Pelo visto, a loucura da família não ficou somente em Felipe, pois passou um pouco para a minha irmã também. Essa reação dela de querer cuidar e defender alguém que conhecia há tão pouco tempo era um pouco estranha.

Levantei-me e quando estava quase chegando à porta, lembrei-me do nome que Sienna havia dito.

— Isabella. Era assim que a minha *nonna* se chamava. E só pela escolha do nome de sua filha, já me fez querê-la muito bem.

Quando ia encostar a porta para que ninguém as incomodasse, eu ouvi minha irmã falar algo que me

incomodou:

— Não é coincidência, Sienna. É destino.

Meu medo era que esse homem se aproximasse da mulher que me fez pensar, pela primeira vez em mais de um ano, em dar uma nova chance para o amor. Eu só pedi a Deus que o destino dela estivesse ligado ao meu. Só isso.

Tranquei a porta e caminhei pensativo, porém, ao chegar à cozinha, vi que todos estavam reunidos ali. E, pelo visto, aflitos.

Giovanni arrastou sua cadeira e veio correndo em minha direção.

— Como ela está? O que ela tem, Rico?

— Ela está melhor. Só precisa descansar, agora. Vomitou muito. E quanto ao que Sienna tem é melhor que ela fale.

Juliana, que estava de costas lavando alguns copos, se pronunciou:

— Ela está grávida, Gio.

Giovanni abria e fechava a boca sem sair som algum até explodir totalmente irado.

— Mas que porra é essa?! Sienna é...

— Virgem? Não mais, Giovanni. E antes que me pergunte, eu não sei quem é o pai. — Agora, Juliana o encarava seriamente.

— Não pode ser verdade. Sienna sempre teve pânico de relacionamentos. Eu vou falar com ela agora.

Foi a vez de Lipe arrastar e jogar longe a cadeira que estava sentado e agarrar Giovanni pelo braço.

— Você não vai dar um passo sequer em direção à moça bonita, primo. Você precisa é de um banho.

— Porra! O perfume que ganhei de Liv...

— Primo, eu já te disse que o perfume escolhe a pele que ele vai ficar lindo, cheiroso e gostoso. E esse que você ganhou literalmente te odeia. Você fede! Suma daqui!

— Imbecil!

— Suma, Giovanni.

Gio ergueu o dedo do meio para Felipe e saiu em direção ao seu quarto, resmungando.

Vince caminhou até onde Juliana se encontrava e tocou seu ombro, chamando sua atenção.

— Juju, prepare algo para a Sissi comer. Ela deve estar com fome agora. Eu vou dar uma olhada nela e procurar entender por que eu não sabia dessa gravidez até

agora. Onde ela está, Rico?

— No meu quarto, Vincenzo. Não a deixe nervosa. Carla está cuidando dela.

Era notável para qualquer um a preocupação de Vince por Sienna. Ele passou por mim, deu um sorriso fraco e me agradeceu. E seu agradecimento não era por uma simples resposta à sua pergunta, mas, sim, porque significava muito mais. Ele me agradecia por cuidar de alguém especial para ele.

— Obrigado, Rico.

Vince, Lipe e Gisele saíram em direção ao meu quarto enquanto eu puxei uma cadeira e me sentei, sentindo o olhar atento de Levi em mim.

Juliana preparou uma pequena bandeja de alimentos, leite e suco e logo saiu da cozinha também.

— Ela disse de quantos meses está grávida, Enrico?

— Dois meses, Levi. Foi o que ela disse. Por que o interesse?

— Hum... nada. Interessante isso.

— Você e Carla estão estranhos hoje. Mas vou deixar isso para depois. Ligue e cancele meu horário para

a tatuagem. Peça pra remarcar, Lê. Vou entrar em contato com a clínica para levar Sienna em uma consulta.

— Ok. Eu vou ligar. Mas você não acha que está muito preocupado com essa moça, Enrico?

— Não. Ela é...

— Diferente, Rico?

— Semelhante, acho que se encaixa melhor. Ela é tão quebrada ou mais do que eu. E, por incrível que pareça, cuidar dela me fez tão bem. Eu só sei que ela me puxa, sabe. É como se algo me ligasse a ela. Ela me faz esquecer... esquecer Fabiana e até a moça do cheiro de pêssegos. Sienna mexeu comigo, irmão. E eu não sei te falar se isso é bom ou ruim.

— Quando está perto de Sienna, te falta o ar, você sorri como um bobo e quer estar tão perto dela que poderia ser um só?

— Exatamente. Ei, essa é a definição de papai para o que sente por mamãe, não é?

— Viu? Aí está a sua resposta. É algo bom o que está sentindo, Rico. Descanse e deixe Deus guiar sua vida. Agora vá e ligue para a clínica que eu vou adiar a sua tatuagem.

— Obrigado, irmão.

Saí da cozinha em direção à sala para usar o telefone fixo. Procurei o número na agenda e logo já estava em contato, aguardando para falar com a doutora.

— Alô, doutora Chiara falando.

— Bom dia, doutora. Eu me chamo Enrico. A senhora que assumiu o lugar do doutor Gianni?

— Bom dia, Enrico. Não. Quem assumirá o lugar dele será meu irmão, que ainda se encontra no Brasil. Mas se for um caso urgente, eu posso atender a paciente até meu pai chegar.

— Obrigado, doutora. Ela teve um pequeno mal-estar, vômitos e tontura.

— Pode trazer a paciente. Estamos esperando.

— Obrigado. Logo estaremos aí.

Desliguei o telefone e, chegando ao corredor, encontrei Giovanni e entramos juntos em meu quarto.

Giovanni fez o que eu queria ter feito. Sentou-se ao lado dela e a pegou nos braços, colocando-a em seu colo e passou a alisar seus cabelos longos, que agora estavam soltos e chegavam quase na sua cintura fina, onde quem não soubesse nunca notaria que ela estava gerando uma vida em seu ventre. Era como se os dois estivessem em um mundo sódeles e eu fosse um intruso naquele instante. Eu

só os observava em silêncio.

— Por que não me contou, Sissi?

— Eu só soube um dia antes de embarcar para a Itália. Só tia Helena estava ciente de meu estado. Eu estou tão assustada. Será que vou ser capaz de cuidar e de amar essa criança? Eu não conheço esse sentimento, Gio. Eu não conheço o amor de uma mãe e de um pai.

— Juju me contou de sua gestação, Sissi. E quanto a amar... você é uma inesgotável fonte de amor, Sienna. Só não tem consciência disso.

— Ela descobriu ontem quando arrumou minha mala. Meu teste de gravidez estava lá. E assim como você, ela ainda está chateada comigo por não ter contado antes. Mas você sabe a sensação de estar só e perdida, Gio? Mas ao mesmo tempo você encontra forças para seguir em frente e só não sabe de onde ela vem. É assim que me sinto. Apavorada e confusa, mas com uma única certeza: a de que daria a minha vida pela de minha filha, seja qual for a situação.

— É uma menina?

— Não dá para ver ainda, Gio. Eu só estou de dois meses de gestação. Mas se o meu sonho se tornar realidade, ela será uma linda mocinha de olhos azuis. E se chamará Isabella. Minha Bella.

— É o nome da minha *nonna*. Você sabia?

— Não. Enrico me disse agora há pouco.

Giovanni a abraçou e beijou seus cabelos, e eu sabia que não tinha direito algum sobre ela. Mas minha vontade era de arrancá-la dos braços dele e que eu pudesse ter essa intimidade que via entre os dois.

— Ela será uma linda menina como a mãe. E se o pai não teve a decência de assumir você e o bebê, eu farei.

— Oh não! Mas não fará mesmo. Primeiro, porque ele não sabe da existência de um filho; e segundo, porque eu sempre te enxerguei como um amigo, como um irmão e não como o homem que sonhei passar a minha vida inteira ao seu lado.

— Ei, isso dói. Você sabe que a amo.

— Mentira, seu cretino! Eu sei da existência de uma moça linda, que está conseguindo aos poucos entrar nesse coração duro.

— É. Ela está conseguindo. Só não acertou na escolha do perfume.

Sienna e Carla, que tinha entrado no quarto e estava abraçada a mim, gargalhavam de Giovanni sem parar. E eu aproveitei a situação para afastá-los. Meu limite em vê-los juntos já estava quase ultrapassando.

— Sienna, a médica está nos esperando na clínica. Precisamos ir.

Sienna se soltou de Giovanni. Aleluia! Isso era para o bem de minha sanidade. Mas seus olhos demonstravam medo. E eu não gostei de ver isso. Eu só queria lhe transmitir segurança. E para que se sentisse à vontade, eu disse que Carla nos acompanharia. E a vi relaxar imediatamente.

— Ok. Eu só preciso de um banho, e logo encontro vocês na sala.

Sienna passou por Giovanni e parou em minha frente, se colocou na ponta dos pés e deu um beijo leve em minha face.

— Obrigada por cuidar de mim, Enrico.

Ela nem esperou a minha resposta, o que agradeci, pois não tinha condições alguma de falar uma palavra sequer.

Ela deu um abraço em Carla e saíram juntas do quarto, enquanto eu ainda estava parado e sem reação, até Giovanni se colocar na minha frente e erguer o meu queixo com um dedo.

— Feche a boca, babaca. E enxugue a baba.

Giovanni saiu e fechou a porta e nesse momento eu

realmente me sentia um bobo apaixonado, encantado com um simples beijo no rosto e sedento por mais desse anjo de olhos azuis.

Meia hora depois já estávamos prontos. Peguei a chave do carro e chamei Sienna e Carla. Quando já tinha acomodado as duas no banco de trás e já ia colocar a chave na ignição, a porta do carona se abriu repentinamente.

— Como que você ia saindo sem a minha ilustre presença? Isso não se faz, Rico.

— Felipe, desce.

— De jeito nenhum. Quem vai se passar pelo pai do filho da moça bonita? Eu, lógico. E a médica vai pensar assim quando eu disser que sou o pai: "Mulher especial essa. Foi bem usada por esse homem delicioso e ainda vai parir um filho lindo. Essa é sortuda!".

Bati a cabeça umas três vezes no volante do carro. Eu sabia que não adiantaria falar nada. Lipe era Lipe. E se colocou algo na cabeça, não era qualquer um que tiraria. Mesmo já sabendo a resposta, eu tinha que perguntar:

— Adianta pedir para sair do carro?

— Não. E Enrico, coloque o cinto de segurança. Prometi a mamãe que cuidaria da sua cara feia e de seu

traseiro gordo. Ah... e deixe que eu escolho a música. Seu gosto musical é péssimo.

— Me recuso a responder sua provocação.

— Me ama?

— Sempre, Felipe.

— Então dirija, que vou tirar um cochilo. Tive uma noite bem produtiva com a filha do seu Roberto. Estou exausto!

Felipe selecionou uma música. E eu não daria dois minutos para o infeliz começar a roncar, mas Carla foi mais rápida e impediu que isso acontecesse.

— Lipe, você se lembra do Matteo? Aquele homem alto, loiro e que tem o braço quase do tamanho do Superman?

— Lembro. Foi o cara nerd que consertou o notebook de Rico. Ele é grande pra porra!

— Pois é. Ele é o noivo da Karine.

Ainda bem que não tinha ligado o carro ainda, pois pude virar e ter um vislumbre de uma Sienna, que se divertia muito com o olhar assustado de meu irmão.

— Noivo?

— Sim, mano.

Os olhos de Lipe pareciam que iam saltar de seu rosto a qualquer momento, de tão arregalados que estavam.

— Rico.

— Vai sobrar pra mim de novo?

— Tem dúvida?

— Não. Eu sempre te salvo das suas merdas.

— Aleluia! Você me ama. Agora dirija. Eu quero chegar à clínica logo. Preciso ver gente diferente. Já estou entediado.

Vinte minutos depois, eu já estacionava em frente à clínica da comuna.

Abri a porta do carro para Sienna, ajudei-a sair e Felipe fez o mesmo com Carla.

Em pouco tempo, já tínhamos sido direcionados para o consultório da doutora.

A porta se abriu e uma mulher de cabelos longos e ondulados entrou. Ela parecia ser simpática. Tinha um sorriso agradável e sincero.

— Boa tarde. Meu nome é Chiara. Na realidade, sou pediatra. Meu irmão que é o ginecologista. Dentro de

um mês, ele estará retornando para a Itália. No momento ele se encontra no Brasil, cuidando da mãe de um amigo, que já se encontra em estado avançado de câncer. Além de ser um excelente ginecologista e obstetra, meu irmão também trabalha na área de oncologia da mulher. Qual das duas será a sua futura paciente?

Sienna levantou e se apresentou a doutora.

— Muito prazer, doutora Chiara. Eu me chamo Sienna Martinelli. E sou a futura mamãe de um paciente seu.

— Nada de doutora, Sienna. Chame-me de Chiara mesmo. Eu me sinto mais à vontade. Bom, como não posso me aprofundar no seu caso, pois minha área é a pediatria e a de doutora Laizy, a outra médica da clínica e minha prima, é a ortopedia, eu pedi para que meu pai viesse te atender. Ele já está aposentado, mas quando disse que tinha uma paciente precisando de atendimento com urgência, ele já passou a mão em sua maleta e está à sua espera na sala de ultrassonografia. Assim mesmo, eu a acompanharei. Agora qual dos dois é o futuro papai?

Eu gostaria tanto de poder responder que era eu, mas não podia. Mesmo que esse fosse meu maior anseio neste momento, isso não era real. Foi outro homem que teve o prazer de tê-la nos braços e pôde ouvir seus doces gemidos. Como sempre dizia o meu irmão: “Isso é

injusto!”.

— Doutora, hoje será somente eu na consulta. Quem sabe na próxima, o pai possa participar.

— Certo. Vai querer que alguém te acompanhe? Posso adiantar que um dos maiores prazeres de uma mãe é o de poder ouvir o coração de seu filho batendo forte dentro de seu ventre. É algo indescritível.

— Sim, Carla vai entrar comigo.

Passei os próximos quarenta minutos andando de um lado para o outro naquele consultório cheio de bichinhos de pelúcia para os pequenos pacientes da doutora Chiara, totalmente ansioso e angustiado, até a porta se abrir e Sienna e Carla entrarem. Felizes, as duas estavam radiantes e não paravam de olhar para uma pequena foto nas mãos de meu anjo.

— Rico, onde está Felipe?

— Na recepção, Carlinha. Ou no armário de limpeza com a recepcionista. Vai lá saber onde o safado se encontra. Só pediu que enviasse uma mensagem quando estivéssemos indo pra casa. Mas, me respondam: Está tudo bem?

Sienna se aproximou e estava visivelmente emocionada quando me mostrou o pequeno sinal na

imagem.

— Está tudo bem, tanto comigo quanto com o bebê. É aqui, Enrico. Olhe esse pontinho pequeno. Essa é a Bella ou o Valentin. A única certeza que tenho é de que será amado incondicionalmente.

Peguei em minhas mãos trêmulas aquele pequeno pedaço de papel onde mostrava que em breve uma nova vida chegaria, e eu não me cansava de admirá-lo. Sentia meus olhos marejados e meu coração ardia com novos sentimentos. Paixão, zelo, amor e carinho. E se Sienna tinha a certeza de que ela ou ele seriam amados, eu tinha certeza de que faria de tudo para participar de sua vida. Ou melhor, da vida de ambos.

Capítulo 6

Sienna

— Não é coincidência, Sienna. É destino.

Carla estava certa ao dizer que era destino. Eu não precisava analisar, muito menos tentar entender nada. Eu pedi para ser guiada por Deus e ali estava eu, frente a frente com o pai de minha filha.

Enrico saiu e fechou a porta, creio que para que eu pudesse descansar um pouco, mas não houve tempo sequer de pensar nisso. Carla apertou minha mão esquerda, chamando assim a atenção para si.

— É dele, não é? Só confirme para mim, Sienna, o que meu coração já me disse desde o momento em que

você chegou à Villa De Angeli. Você é a moça que veio curar as feridas de Enrico. É o presente que ele estava esperando. E não veio só, porque trouxe um milagre dentro de si para restaurar por completo a vida de meu irmão.

Eu precisava responder. Eram tantos sentimentos guardados dentro de mim. E se essa moça loira e de olhos tão amáveis estava disposta a me ouvir, então era a hora de abrir meu coração.

— Sim. Minha Bella é filha de Enrico.

— Oh, meu Deus! — Carla levou sua mão livre à boca, e me olhava com seus olhos idênticos aos de seu irmão, um pouco chocada. Com sua outra mão acariciava a minha até a primeira lágrima rolar por sua face.

— Só espero que seja um choro de alegria, Carla.

— Fé, Sienna. São lágrimas de esperança. De continuar a acreditar que a hora do recomeço chegou para Enrico. Aliás, para vocês dois, minha querida, pois você também carrega feridas profundas. E eu sei que ele te feriu ainda mais.

— Sim, sem ter noção do que fazia. Ele tocou no meu ponto mais fraco: falta de amor e rejeição.

Carla se aproximou ainda mais e tocou minha face delicadamente.

— Oh, menina, você não imagina o quanto mexeu com Enrico. São dois meses que a moça do cheiro de pêssegos habita seus pensamentos, seus sonhos.

— Como assim?

— Ele bebeu muito no réveillon, Sienna. Até o momento em que ele saiu para caminhar, ele ainda tinha noção do que fazia. Mas nós encontramos na mão dele uma garrafa do vinho da *nonna*, completamente vazia. Rico quase entrou em coma alcoólico naquele dia. E a única memória que lhe restou foi o seu cheiro.

Tudo fazia sentido agora. O dia que cheguei à Itália. O momento em que ele me cheirou.

— Agora eu entendo, Carla. No dia do aniversário dele, eu estava muito cansada e Giovanni me trouxe para o meu novo quarto. Foi ali que me dei conta de que perdi todos os meus produtos de beleza. Desde o xampu até o perfume. E no banho eu usei o que encontrei no banheiro. Logo após me arrumar, eu descii para tomar uma água, Enrico me parou e mesmo embriagado me disse que eu não tinha o cheiro dela. E...

— E no fim das contas, ela é você.

Foi a minha vez de colocar as mãos na boca e olhar apavorada para Carla.

Ouvimos duas batidas na porta e, antes que eles entrassem, Carla me disse que depois continuaríamos a conversar, pois, com certeza, Enrico iria querer que um médico me examinasse. E não haveria tempo para continuarmos agora.

Vincenzo, Felipe e Gisele entraram meio receosos de como iniciar uma conversa comigo.

— Eu não estou doente, só estou grávida. Podem se aproximar.

Vince foi o primeiro a se aproximar, sentando ao meu lado e me puxando para um abraço apertado. Logo me soltou e tocou carinhosamente meu ventre.

— Então é verdade, Sissi?

— Sim, Vince.

— Quantos meses, Sienna?

— Dois meses. E eu só soube há poucos dias, devido aos enjoos que aumentaram na última semana. Eu procurei minha médica e ela pediu o exame. E descobri que nunca mais estarei só neste mundo, Vince.

— Você nunca esteve só, Sissi. Sei que Gio e eu falhamos ao ficarmos tantos anos sem te ver. Mas nunca deixamos de te amar e cuidar, mesmo de longe. Eu só não sabia que existia alguém na sua vida em Rio Doce. Você

engravidou logo após a morte de seu pai e madrasta. E pela data, já estava morando com mamãe. Foi perto ou durante o réveillon. O pai da criança é alguém que conheço, Sissi?

Essa pergunta eu não poderia responder. Não era hora de ninguém mais saber sobre a paternidade de meu bebê, sendo que o próprio pai não sabia. Mas, pelo visto, Carla não era a única que ligou a data com as pessoas e descobriu tudo. Lipe olhava sua irmã com os olhos rasos de lágrimas, enquanto ela somente afirmava discretamente com a cabeça que o que ele imaginava era real. E foi ela mesma que conseguiu me tirar dessa enrascada.

— Primo, ela não quer falar desse assunto agora. Vá com Gisele e veja se Enrico conseguiu horário na clínica para Sienna ser atendida.

— Certo, eu vou. E só espero que em breve você me conte tudo, Sissi.

Vince beijou minha testa e logo saiu acompanhado de Gisele. Foi o tempo de fechar a porta e Felipe se ajoelhar na beirada da cama e tocar a minha barriga, que ainda não tinha nenhuma saliência.

— Eu sabia que te conhecia, Sienna. Fiquei lutando com minha mente pra lembrar quando e onde já tinha te visto. E Levi me fez recordar. Você voltou chorando e

correndo da praia, após a virada de ano. E pelo ano de merda que Enrico teve, eu suponho que o idiota te maltratou.

— Enrico já deve estar voltando, Felipe. Eu vou ser breve aqui. Ele disse coisas que me magoaram. Mas não pensem por um segundo sequer que Enrico me forçou a nada. Eu estava em meio ao meu luto e ele às suas dores. Nós apenas nos encontramos e passamos a conversar. Eu percebia que ele não estava completamente lúcido. Ele me contou toda a sua história e eu somente o ouvi. E isso fez com que ele se aproximasse. Ele disse que eu não tentei entender os seus problemas, eu somente o escutei. E era o que ele precisava. Foi neste momento que ele me tocou. E eu me deixei ser amada...

— Ok, moça bonita. Sem detalhes. Eu já entendi que meu irmão brincou de papai e mamãe com você. Aleluia por isso. O idiota voltou à ativa depois de um ano na seca. E ainda não se lembra de nada. Depois, o lento da família sou eu.

Carla girou seu corpo, ficando de frente para Felipe, e colocando a mão em seu queixo fez com que ele a olhasse.

— Enrico não é lento. Ele só não estava bem. Culpa do maldito vinho da *nonna*, que, por sinal, foi você que deu para que ele tomasse.

— Ei. Eu sou inocente, mana. Ele só disse que queria parar de sentir. E funcionou, não foi? Você o ouviu falar da peste da Fabiana desde o réveillon?

Carla não demorou muito a responder:

— Certo, funcionou. Mas em compensação, a moça do cheiro de pêssegos não o deixou em paz.

— Bendito vinho da *nonna*. Rico perdeu a virgindade pela segunda vez. Filho da mãe sortudo. Pegou de jeito a moça bonita.

Felipe me olhava com a cara mais safada e descarada possível.

— Só para te informar, a virgem da história era eu.

O sorriso lindo sumiu por completo do rosto de Felipe. Ele se colocou em pé e começou a esbravejar:

— Eu vou dar na cara desse infeliz. Ah, eu vou bater muito nesse otário. Ele vai ficar por um bom tempo sem ser o rostinho mais bonito da família.

Carla também se levantou e fez com que Felipe parasse de andar de um lado ao outro.

— Chega. Ninguém vai bater em ninguém. Você já se perguntou o que Sienna quer?

Lipe voltou a olhar para mim e sua raiva logo se

dissipou.

Essa família realmente gostava de tocar os outros. Felipe sentou ao meu lado e tocou novamente o meu ventre.

— Ele te machucou?

— Não. Ele somente me amou.

— Você vai contar do bebê pra ele?

— Não. Eu o quero inteiro, Felipe. Não o quero só como o pai de minha filha. Quero aquele homem ferido pra mim.

— Você o ama.

Felipe não perguntava, ele afirmava o que eu ainda não queria admitir.

— Eu não sei, Felipe. Eu não sei se é amor.

— Eu vou guardar seu segredo, moça bonita. Só não me peça pra disfarçar o amor que já estou sentindo por este bebê. Seria algo impossível de fazer.

— Obrigada.

Felipe deu um beijo carinhoso em minha barriga e saiu acompanhado de Carla, para logo após entrar Giovanni e Enrico.

Tive que explicar algumas coisas para Gio, mas consegui manter em segredo a paternidade de minha criança.

Logo após, Enrico me informou que estavam me esperando para uma consulta na clínica. Por mim, não haveria necessidade de um médico me avaliar. Mas meu coração bobo achou linda a atitude de Enrico em cuidar de mim. Por alguns instantes, eu pude sentir o gostinho de ser mimada pelo pai de meu bebê.

Antes de sair do quarto dele para me arrumar no meu, me coloquei na ponta dos pés e beijei a face de Rico. Um beijo cheio de sentimentos. E um deles foi o de poder reconhecer nesse ato tão simples de marcar uma consulta, o homem que me entreguei por completo de corpo e alma.

Algun tempo depois já estávamos no consultório da doutora Chiara. E foi como se meu coração a escolhesse. Ela não seria só a mulher que cuidaria de meu bebê, seria também uma amiga, alguém em quem eu podia confiar.

Fui avaliada por seu pai, o doutor Antônio, que me tratou com tanto carinho a ponto de me emocionar. Pois era assim que sempre imaginei que um pai devia tratar um filho. Com amor, zelo e muito carinho.

Tudo estava bem com meu bebê. Recebi duas

imagens da ultrassonografia. Ali, naquele pontinho, tinha um pouco de mim e de Rico, que juntos se tornava algo completo, formando assim o fruto de um amor. Era a nossa herança crescendo dentro de mim.

Assim como eu, Carla não conseguiu conter o choro ao ouvir o coração do bebê bater tão forte.

No término do exame, o doutor Antônio nos deixou sozinhas, para que pudéssemos nos recuperar da emoção naquele momento.

Levantei-me e logo já estava vestida para sairmos da sala e encontrar Enrico e Felipe, mas Carla pediu para que esperasse um instante.

— Sienna, se ele te contou toda a sua história, você sabe o que Enrico perdeu no dia da morte de Fabiana?

— Eu sei.

— Então, não prive Enrico desse momento. Em breve, nós estaremos viajando. Rico vai estar novamente na nossa terra natal. E voltar para Rio Doce não faz bem para Enrico. Mas ele está voltando porque uma grande amiga precisa de todos nós ao seu lado. Então, tire esse tempo longe dele para pensar e achar a melhor forma de lhe contar que em breve será pai.

— Eu vou fazer isso, Carla. Obrigada por me

entender também.

— Eu disse que cuidaria de vocês até ele chegar. Mas, como nos conhecemos há tão pouco tempo, tem algo que precisa saber sobre a família De Angeli. Somos um só, o alicerce um do outro. E você, minha querida, quer queira quer não, já entrou para a família. Então, se acostume em ser muito amada e mimada. E antes que nós duas voltemos a chorar, vamos encontrar os meninos e assim retornarmos para casa.

Sáímos da sala de exames e entramos no consultório do doutor Antônio, que deixou a recomendação para que voltasse daqui um mês para nova consulta. Ele acompanharia meu pré-natal, até que seu filho pudesse assumir. Despedimo-nos e saímos do consultório, mas ao chegar no corredor eu parei, olhando encantada as duas imagens de ultrassonografia em minhas mãos.

— Será que se eu der uma dessas imagens para Enrico, seria muito estranho?

Carla, que estava ao meu lado, sorria amavelmente.

— Não, minha querida, ele vai se emocionar e guardar com muito carinho. Eu conheço meu irmão. Mesmo sem saber a verdade, ele já ama a Bella.

— Ou o Valentin.

— Bella, Sienna. Confie em seus sonhos e acredite em sua intuição materna. Um dia, eu vou te apresentar uma menina ruiva linda. Ela tem um dom especial, sabe? Foi com ela que aprendi que Deus tem várias formas de falar sobre as nossas vidas. Os sonhos da pequena luz são tão reais que te arrepiam por inteiro quando ela os menciona. E ela só tem cinco aninhos. Então, não duvide se sentiu Deus falar com você. Acredite que, em breve, a Bella estará chegando. E não brigue comigo por voltar do Brasil com o enxoval dela completo nas malas.

— Oh, Deus! Você é louca.

— Ainda não viu nada, querida, eu sou irmã de Felipe.

Sáimos gargalhando até entrarmos no consultório onde Enrico nos esperava. Mostrei-lhe a ultrassonografia e era visível a emoção que sentia. Ele tentou me entregar a imagem, mas eu lhe disse para guardá-la. Era dele. Só faltava ele saber que não era só aquele papel que era dele, mas sim o que continha nele.

Encontramos Felipe na recepção e logo já estávamos estacionando em frente à casa grande na Villa de Angeli.

Agradei a atenção de todos e subi para descansar em meu quarto. Tinha decidido que esse era meu último

dia de folga. Amanhã já estaria assumindo minhas tarefas no *Piacere*.

Acordei somente ao entardecer. Tomei um banho e optei por um vestido longo e um chinelo nos pés. Fiz somente questão de secar meus cabelos longos que caíam escuros e lisos até minha cintura.

Desci até a cozinha e Juju ainda estava atarefada, tentando colocar ordem na casa e como ela e a cozinha se odiavam, eu resolvi fazer o jantar. Algo rápido e prático, tipicamente italiano: macarrão a bolonhesa. Só foi o cheiro do molho começar a se espalhar pela casa e a cozinha começou a encher.

Enrico trouxe dois tipos de vinho da adega e colocou em cima da mesa. Felipe não me deixou segurar nenhum tipo de peso. Ele e Levi levaram as travessas onde havia colocado o macarrão e o molho para a mesa.

A sobremesa foi algo simples e rápido: um frapê de uvas.

No final da refeição, e depois que todos estavam satisfeitos, Vince pediu que o esperasse, pois tinha uma surpresa para mim. Alguns minutos depois, ele voltou com uma garrafa com conteúdo escuro e depositou na mesa à minha frente.

— Veja a frente da garrafa, Sissi.

Girei a garrafa e li o rótulo. Era para mim. Eles fizeram um suco com meu nome.

— *Suco de uva Sissi*. Gostou?

— É pra mim, Vince?

— Se você aprovar será distribuído por toda a Itália e Brasil.

Gio, que estava sentado ao meu lado, pegou pequenos cálices e os encheu, distribuindo a todos os presentes. Quando provei o suco, eu só tinha algo para dizer:

— Divino. Obrigada pelo carinho. Vocês eternizaram o apelido que me deram desde pequena. Obrigada. Nunca esquecerei isto.

— Que bom que gostou, Sissi. Está aprovado, então?

— Por mim, sim. Mas ouça a opinião dos demais também.

Vince aguardou que cada um desse seu parecer, e todos elogiaram a degustação que fizeram. Mas foram as palavras de Enrico que me marcaram:

— Perfeito, primo. É suave, doce e, ao mesmo tempo, marcante. É totalmente Sienna. Belo trabalho o de

vocês. Parabéns! — ele falava olhando para mim. Era como se fôssemos só nós dois ali, até Felipe quebrar o doce encanto do momento.

— O papo tá superagradável. Mas assim, moça bonita, eu posso atacar o doce na geladeira? Eu ainda sou...

— Um menino em fase de crescimento! — Os três irmãos de Felipe gritaram completando a frase que ele tentou pronunciar e riram da cara de assustado que ele fez.

— Idiotas! Não tem a genética lascada de boa de papai. Sou todo lindo. Posso comer à vontade e vocês morrem de inveja. Bando de obesos!

Eu tive que rir. Ninguém conseguiria apontar entre os quatro irmãos qual era o mais lindo e definido. Mas nenhum dos outros dois meninos fazia meu corpo ansiar pelo dele ou meu coração bater tão acelerado como Enrico fazia. Então, para mim... ele era sedução, encanto, desejo, paixão e beleza. Só ele conseguiu chegar ao lugar especial em meu coração.

— Pode se servir, Lipe. O doce é simples. Prometo que amanhã irei caprichar mais na sobremesa. Gosta de *cupcakes*? É minha especialidade.

Lipe, que já havia se levantado e quase chegado à geladeira, girou seu corpo e me encarou com seus olhos

completamente arregalados.

— Vai fazer de chocolate branco, moça bonita?

— É o meu predileto. Não pode faltar. Gosta também, Felipe?

Lipe deu um soco no ar e gritava sem parar:

— EU SABIA! EU SABIA! EU SABIA...

Levi interrompeu a euforia de Felipe:

— Sabia o que, Felipe?

— Almas gêmeas, mano. Até no *cupcake*. A moça bonita foi feita pra fazer parte dessa família. Lembre-me de comprar o anel e formalizar o pedido de casamento com o tio lá na Brasil.

— Você quer tomar um tabefe na orelha de novo, Lipe?

— Já disse que essa porra dói, Lê.

Lipe falava acariciando suas duas orelhas.

— Então, não fale merda, Felipe.

— Ok, pela integridade física das minhas lindas orelhas, eu abro mão da moça bonita. Só espero que um dos frouxos dessa família não a deixe partir. Vou comer

doce para amenizar a dor de perder a mulher perfeita. Tão injusto isso!

Enquanto todos se serviam, o que me chamava a atenção era o tempo ruim que se formava. O vento estava forte, os raios já cruzavam o céu e meu temor chegava junto com a chuva grossa que caía lá fora.

Sem ao menos me despedir, eu segui automaticamente para o meu quarto. Coloquei um pijama quente e peguei meu DVD, indo direto para a sala de vídeo.

Gio e Vince já me esperavam no local. Encostei a porta, Gio pegou o DVD de minha mão e colocou na cena que sempre mandava o medo embora.

Deitei no sofá e Gio e Vince me acompanharam, um de cada lado.

— Ainda sente medo, Sissi? — Vince me perguntava enquanto me puxava para encostar em seu peito.

— Sim. Muito.

Gio apertava forte a manta que cobria o meu corpo em puro sinal de raiva.

— Maldito! Eu nunca vou perdoar aquele crápula por ter feito você sofrer, Sienna.

— Ei, vocês dois não podem tomar as minhas dores. Quem viveu isso fui eu. O trauma é meu.

— Mas o bastardo é...

— Não importa quem ou o que ele é. Eu só espero um dia fazer a dor ir embora e não guardar rancor. E vocês deviam fazer o mesmo, Gio. Não se prendam a mim. Eu vou ficar bem sozinha. Os dois estão arrumados, lindos e cheirosos, prontos para sair. Então vão. Agora.

— Mas, Sissi, podemos cancelar tudo...

— Não, Vince. Podem ir. Divirtam-se! E Gio?

— Sim, princesa?

— Fico feliz em sentir seu cheiro, Gio. Esse sim combina com você. Tia Helena sabe das coisas, nunca ia deixar o seu filho amado fedendo. E caramba, como você fedia, meu amigo. Até o meu bebê não aguentou.

— Obrigado, minha menina. Tem certeza de que vai ficar bem?

— Tenho. Vão. Agora!

— Ok, mandona. Qualquer coisa ligue para um de nós, que voltamos correndo.

Dei um beijo na face de cada um e, mesmo relutantes, eles conseguiram sair para seus compromissos.

Quando estava quase pegando no sono, a porta abriu lentamente e Enrico entrou sorrindo por ela. Caminhou em minha direção e deitou ao meu lado. Sem dizer uma palavra, me puxou para junto dele. Aconcheguei-me ali e logo peguei no sono. E isso se repetiu por todos os dias neste quase um mês que havia se passado.

E só de pensar que passaria dias sem tê-lo por perto, era como sentir de volta meus dias de solidão. Somente eu sabia o que estava por vir. Viriam momentos de lágrimas e angústias. A saudade dói. Primeiro, eu senti a dor por algo que nunca imaginei rever novamente. Mas por milagre eu o encontrei. E agora precisava sentir a tristeza de deixá-lo partir, mesmo que por pouco tempo. Éramos só amigos, eu sabia. Mas faria de tudo para que a minha fé não fosse abalada e que nesse tempo distante ele pudesse alcançar a verdade e voltasse inteiro para mim.

Era hora de dizer até logo. As malas de Rico, Carla, Lipe, Levi e Gisele já estavam no carro. E agora eles estavam se despedindo de todos.

Só faltava Lipe e Enrico para que eu pudesse dizer um até breve.

Eu tentei de todas as formas segurar o choro, mas no momento que Felipe se ajoelhou, beijou minha barriga e disse que amava o meu bebê, eu não me segurei.

Lipe se levantou e me abraçou sussurrando em meu ouvido para que cuidasse do seu tesouro em meu ventre, pois lá no Brasil ele estaria cuidando do meu. Era a hora. Lipe saiu e se juntou aos seus irmãos e Gisele na porta.

Rico se aproximou e olhava para o que segurava em minha mão.

— Para que esse vidro de álcool, Sienna?

Limpei um pouco as lágrimas de meu rosto e lhe respondi:

— Eu deixei três recheios prontos na cozinha do *Piacere* para os doces que faria essa manhã. E um deles é de brigadeiro, ou seja, Erica e Marcello, com certeza, não resistiram e devem ter feito bom uso do meu doce nessa noite. Eu já expliquei que o doce é para ir da boca à barriga. É para se comer. Mas não adianta. Marcello disse que é mais divertido em outras partes do corpo da mulher dele. Fazer o quê? Não vou teimar com ele. Então, vou para o trabalho munida de álcool pra desinfetar minha amada cozinha e iniciar meus trabalhos do dia.

Rico se aproximou ainda mais e tocou meu rosto. Por pouco, eu não fechei meus olhos e supliquei para que não partisse.

— Vou sentir sua falta, anjo.

— Eu também vou sentir a sua.

— Promete sonhar comigo?

— Não sei se vou conseguir dormir, Enrico.

— Eu vou te ligar todos os dias, Sienna. Será ouvindo o som da sua voz e você da minha, que conseguiremos descansar no fim dos dias.

— Eu vou esperar ansiosa.

Enrico beijou demoradamente a minha face e se virou para onde estavam seus irmãos. Assim como eu, ele não queria se afastar. Era doloroso. Deu alguns passos, mas parou. Girou e pude contemplar em seu rosto o que sonhei tanto ver. Ele me queria. Agora era real. E estava na hora de viver meu primeiro e único amor. Ele correu em minha direção, enlaçou minha cintura, me tomou em seus braços e finalmente me deu o que eu tanto necessitava: nosso primeiro beijo. Sim, para ele esse era o primeiro. Desse, ele não se esqueceria.

Foi um beijo que começou com um pequeno roçar de lábios e que, por fim, se tornou o reconhecimento de duas almas que se encontravam perdidas.

Enrico nos afastou, tentando recuperar o fôlego, e encostou sua testa na minha. Eu somente sentia nossas respirações pesadas.

Enquanto eu estava encantada por ter Rico próximo a mim, Lipe gritou:

— ALELUIA! Meu irmão galã deixou de ser frouxo e agarrou gostoso a moça bonita. Porra, isso me mata de orgulho.

Vi os outros rirem do escândalo de Felipe, mas eu sabia que estavam felizes por nós. Mas nada ia atrapalhar o meu momento. Éramos só nós dois ali, dando início à nossa história de amor.

— Eu queria tanto te beijar, anjo.

— E eu queria tanto ser beijada por você.

— Vai esperar por mim?

— Sempre, Enrico.

— Eu vou voltar para vocês.

— Eu sei.

Enrico deu um leve beijo em meus lábios e partiu, levando consigo o meu coração.

Capítulo 7

Enrico

A parte mais difícil foi a de não olhar para trás. Se meus olhos encontrassem os de Sienna novamente, eu nunca estaria sentado na poltrona desse avião com meu irmão mais novo roncando ao meu lado.

Seriam horas e mais horas de espera até estar novamente no lugar que chamei por tantos anos de casa. O lugar que me tirou tudo, principalmente o amor e a fé. Mas que, por fim, também me presenteou com o recomeço: trouxe-me Sienna.

E voltar para Rio Doce desencadeou lembranças de momentos que pensei que tinha tudo. E que, na

realidade, era uma grande ilusão.

Encostei minha cabeça na poltrona, coloquei os fones no ouvido com uma música suave e deixei meus pensamentos vagarem anos atrás, onde a mulher que um dia pensei ter amado mais que a mim mesmo, entrou em minha vida.

Conheci Fabiana quando tinha 24 anos. Estávamos de férias na praia da Ponta. Era mês de dezembro e toda a família estava reunida na casa de praia de tia Helena.

Sempre gostei de tirar alguns momentos de sossego. Minha família sempre teve o costume de dizer que não falávamos alto, e sim que éramos italianos. Então era fato comprovado que se todos estivessem reunidos, o silêncio nunca existiria.

O momento da fuga havia chegado quando minha *nonna* iria iniciar mais uma de suas sessões de história de família. Enquanto todos se concentravam nos relatos dela, eu seguia para a orla. E quando me sentei encostando-me às grandes pedras no local mais tranquilo da praia, foi que a vi: linda, morena, cabelos longos e olhar intimidador.

Se fosse colocar Fabiana e Sienna uma de frente para outra, veriam que elas tinham sim uma grande semelhança. Mas se realmente os olhos são a janela da alma, era nítida essa diferença entre elas.

Enquanto Fabiana tinha os olhos escuros, como a noite sombria, os de Sienna eram claros, azuis como um mar cristalino, que ao mergulhar nele, era certo de se perder em suas inúmeras belezas.

Mas no passado eu me deixei seduzir pela escuridão. Foi uma paixão arrebatadora. Em pouco mais de um ano, a moça que era órfã de pai e mãe se tornou minha esposa e meu mundo girava em torno dela.

Quando completei 27 anos, eu já não aguentava mais viver atrás de uma mesa de escritório lidando diariamente com números e pessoas. Eu estava infeliz e isso se refletia no tratamento até com as pessoas que mais amava: minha família e amigos.

E foi exatamente Fabiana que me incentivou a seguir meus sonhos. Apoiou-me incondicionalmente a colocar para fora o que habitava meus pensamentos. Se a escrita me fazia feliz era nela que eu devia me descobrir, me encontrar.

Mas eu não estava mais só. Tinha alguém que dependia de mim e de minha renda. Então, durante o dia me dedicava ao trabalho no hotel com Levi e à noite colocava no papel todos os meus delírios.

Percebia que restava pouco tempo para ficarmos juntos. Mas Fabiana sempre dizia que se eu estava feliz

era o que importava porque ela estaria feliz por mim também. Algum tempo depois, ela descobriu que estava grávida. Com isso, eu guardei literalmente os meus sonhos na gaveta e decidi que tinha que encarar a realidade.

Trabalhei arduamente com Levi e conseguimos fazer do hotel um grande sucesso. Construimos vários chalés na beira da lagoa, que logo passaram a ser a preferência de nossos clientes, devido à bela paisagem, a privacidade e a calmaria. Mas três eram especiais: o meu, o de Levi e o da nossa amiga Nelly.

Eu e meu irmão nos mudamos para a beira da lagoa, enquanto a pimentinha só visitava o seu refúgio quando realmente necessitava.

No final de 2013, minha vida desmoronou por completo: perdi o que, até então, me sustentava. Eram eles que me faziam acordar todos os dias e vivê-los intensamente.

Fabiana morreu no parto e levou consigo meus dois meninos e também a minha alma ao me contar antes de partir que tudo que vivi era a porra da mais monstruosa mentira possível.

Senti o movimento na cadeira ao lado. Abri meus olhos e vi que Lipe havia acordado e me encarava fazendo sinal para retirar meus fones. Retirei e passamos a

conversar.

— Sua expressão era de dor, Rico. Pensava nela?

— Sim. Pensava em como ela conseguiu ser tão cruel, falsa e dissimulada. E como eu não conseguia enxergar isso.

— Rico. A resposta está na ponta da língua, mas eu me recuso a te responder.

Lipe me olhava como se estivesse enojado. E eu tive que rir.

— Ok. Se estava pensando no sexo, era bom. Mas em comparação com os sonhos que tenho tido ultimamente com Sienna, eu tenho que te falar que...

— Pode ir parando por aí. Muita informação, segundo irmão mais velho. A primeira visualização de momentos íntimos que tive de você com sua ex-mulher foi terrível e a sua com a moça bonita foi traumática. Me dê um minuto para fechar os olhos e apertar duas vezes a tecla delete e mandar as visões do inferno para a lixeira.

Tive que rir baixinho para não atrapalhar os que dormiam durante o voo.

Lipe abriu os olhos algum tempo depois e apontou seu dedo indicador para mim.

— Nunca mais faça isso, Rico. Tive que apertar o delete cinco vezes para a segunda visão maligna ir pra lixeira. Imaginar a moça bonita gemendo e gozando é ótimo. Agora você junto, aí é foda.

O sorriso sumiu de meus lábios rapidamente. Dei um tapa bem dado na orelha de Felipe, aproveitando que dessa vez ele iria ter que engolir a dor, pois não podia gritar e acordar ninguém.

Lipe gemeu baixinho.

— Porra, Rico! Doe.

— Isso é para que nunca mais pense na minha mulher dessa forma, seu infeliz.

Lipe agora sorria descaradamente.

— Sua mulher? Desde quando?

— Desde que a vi pela primeira vez. Desde que passei praticamente todas as noites desse último mês com ela em meus braços. E desde que a beijei na frente de todos e ela disse em alto e bom som que está esperando por mim.

Lipe agora me olhava espantado.

— Como assim, quase todas as noites em seus braços? Você já pegou a moça bonita de jeito?

— Não, idiota.

— Frouxo.

— Imbecil, cale a boca e me deixe explicar. Eu não sei pelo que Sienna passou. Mas percebi que ela tem algum tipo de trauma. Chuvas fortes, raios e trovões a deixam apavorada. Eu descobri isso logo no segundo dia em que ela estava morando conosco. E nunca mais a deixei. Antes ela dormia ao som de uma canção em um DVD, agora é em meu peito que ela consegue descansar.

— E como ela vai fazer esses dias todos longe de você, Rico. As chuvas não vão parar tão cedo na Itália.

— Eu não sei. Eu prometi ligar todos os dias. E não vou sossegar até que ouça sua respiração suave do outro lado da linha sinalizando que ela finalmente dormiu.

— E você, mano, como vai fazer sem ela? Porque, pelo visto, não foi só Sienna que estava aflita e encontrou a paz. Você também descansou junto com a moça bonita.

— Serão dias difíceis. Mas eu vou conseguir passar por eles. Pela certeza de que, no fim de tudo, o meu anjo estará esperando por mim.

— Ela já é dona de seu coração, Rico?

— Por completo.

— Ela não está sozinha, Enrico. Sienna está esperando uma criança. Tem lugar para o bebê em sua vida também?

— Foi com amor que meu coração a escolheu, Lipe. Posso não ser o pai biológico, mas já a amo sem medidas.

Inesperadamente, Lipe me puxou para um abraço apertado.

— Fico feliz em ouvir isso, segundo irmão mais velho. Tá me dando um orgulho da porra pela segunda vez no dia. Agora me deixe dormir que eu quero chegar lindo pra agarrar a moranguinho e ter o prazer de irritar o moço bonito.

— Você não presta, Felipe.

— Já neguei isso alguma vez?

— Não.

— Então, conforme-se. E me ame. Porque eu sou foda e agora vou ser tio também. Eu e um bebê lindo nos braços passeando pelo *Piacere* é garantia de longas noites de...

— Ei, você não vai usar meu bebê pra ter mulheres na sua cama, não.

— Veremos.

— Seu filho da...

— Respeito com a mamãe, Rico. Ela é a rainha do lar.

— Imbecil!

O safado sorriu largo e me deu as costas, logo pegando no sono.

Horas mais tarde desembarcamos no aeroporto de Vitória e, enfim, coloquei meus pés em solo capixaba novamente após o Ano Novo.

Nossos pais já nos esperavam. Seu Lorenzo com um enorme sorriso no rosto e dona Ana com os braços abertos e as lágrimas escorrendo por sua face, pronta para receber os seus filhos amados.

Lipe largou a mala no chão e correu em direção a mamãe, pegando ela no colo e girando-a no ar, conseguindo assim tirar uma gargalhada gostosa de dona Ana.

Eu dei espaço para que todos os abraçassem, me mantendo um pouco afastado. Porém, sentia que a cada segundo estava sendo observado por ela. Minha mãe sempre foi ótima em ler as pessoas. E, dessa vez, não seria diferente.

Papai me puxou para um forte abraço.

— Bem-vindo, meu filho.

— Obrigado, pai.

Seu Lorenzo me afastou um pouco e passou a me observar com bastante atenção.

— Você está diferente. Aquela sombra de angústia e tristeza que existia em você se dissipou. Esse homem que está agora na minha frente é o filho que criei com todo amor que existe em mim. Meu filho está de volta, Enrico?

— Sim, pai. Eu escolhi não olhar mais para trás. Quando menos esperamos, algo bom, único e especial chega a nossas vidas. E eu fui um privilegiado. Eu recebi esse presente.

— Fico feliz em saber disso. Agora vamos embora. Temos em média umas duas horas e meia de estrada pela frente. Sua mãe veio dirigindo o carro de vocês. Ela volta comigo. Aqui está a chave, veja quem vai guiar até Rio Doce. E como sei que vocês irão direto ver a Nelly que, por sinal, está uma grávida linda, eu levo as malas no meu carro e aguardamos vocês em casa.

— Certo. Vou dar um abraço na mãe e te ajudo a colocar as bagagens no carro.

Não consegui dar nem um passo e já tinha dois

braços delicados me envolvendo em um abraço caloroso.

— A sua bênção, mãe.

— Deus te abençoe, meu filho. É amor o que vejo refletido em você, Rico?

— Sempre certa, né, mãe?

— Eu conheço cada detalhe seu, Enrico. De todos os meus filhos, você é aquele que entrega as suas emoções somente com o olhar. E o seu neste momento está me dizendo que não era aqui que você queria estar.

— Mas é aqui que preciso estar neste momento, mãe. Luísa nos fez prometer que neste exato dia estaríamos aqui. A pimentinha precisará de todos nós. Meu coração está bem guardado na Itália. E eu vou voltar pra ele em breve.

— Precisarás de colo de mãe, em breve?

— Tenha certeza absoluta disso.

— Estou sempre pronta para te ouvir, amparar e ajudar.

— Eu sei, dona Ana.

Minha mãe beijou levemente a minha face e auxiliiei papai com as bagagens e logo estávamos na estrada.

Era parada certa e obrigatória estacionarmos em frente a uma das lanchonetes em Ibiraçu e comermos um pastel de queijo junto com caldo de cana. Virou tradição na família desde que Lipe, ainda pequenino, resolveu falar a sua primeira palavra. E ao invés de papai ou mamãe saiu um quase "pastel" quando paramos para lanchar no retorno de uma viagem a capital.

— *Patel?*

— Se não estacionar o carro para que eu possa comer o meu *patel*, eu juro que conto pra moça bonita que você tem medo de escada rolante.

— Ei, seu cretino. Isso é trauma de infância. Não foi o cadarço do seu tênis que foi praticamente engolido pela boca maldita da escada.

— Rico, você tinha dez anos. — Lipe sorria torto e debochado.

— Eu nunca esqueci aquela merda. Acorde os três que estão dormindo aí no fundo e vamos lanchar rápido. Não esqueça que temos compromisso hoje ainda. E quem vai dirigir o restante do caminho é você.

No fim deste dia, eu estava muito cansado. E entendi finalmente o que a pequena luz queria de todos nós. Nelly não conseguiria passar por essa prova sozinha.

Mas no fim tudo deu certo porque o amor e o perdão venceram.

Os dias que se passaram foram terríveis: problemas para se resolver no hotel, construção de novos chalés, a saudade de Sienna que aumentava sem limites em meu peito. Eu sentia que já estava a ponto de explodir.

Peguei meu celular e digitei o número dela. No segundo toque, a voz que sempre me acalmou, atendeu:

— É chegada a hora?

— Sim.

— Esperei por este momento durante todos os trinta dias, desde que você chegou.

— Onde você está?

— Na varanda de seu chalé. Pode vir que estou te esperando.

— Obrigado, mãe.

Desliguei o celular e ao olhar todos os papéis em que estava trabalhando, percebi que tinha colocado cada setor do hotel em ordem. Levi conseguiria tocar o trabalho sozinho por um bom tempo. Já estava chegando a hora de voltar para casa. Só faltava o casamento de Nelly e Dan. E nada mais me prenderia nesse lugar.

Guardei os papéis, organizei a mesa e tranquei o escritório.

Já era quase noite e logo chegaria o horário de falar com meu anjo. E a ansiedade só aumentava. Hoje, ela descobriria o sexo do bebê. Pra mim só seria uma confirmação. Eu sentia que era a Bella que chegaria em breve.

Tirei meus sapatos e caminhei descalço sentindo a areia morna afundando entre meus dedos. Eu amava aquele lugar. Mas não me enxergava mais vivendo sozinho ali.

Puxei a carteira que estava em meu bolso e retirei dali aquele pequeno pedaço de papel cheio de vida. Meu ponto de luz, minha estrelinha que já sonhava em ter nos meus braços, poder acariciar seus cabelos e vê-la sorrir e um dia poder me chamar de papai. Lutaria sempre para mantê-la segura e junto de Sienna ver a nossa razão de viver crescer.

Elas eram minhas... para amar, proteger e adorar.

Era hora de retomar a minha história. Não mais só. Mas com meu anjo e minha estrelinha.

Cheguei em frente ao meu chalé e mamãe não se encontrava mais na varanda. A porta da frente estava aberta e a casa iluminada. Há mais de um ano, eu não entrava neste local.

Limpei meu pé no tapete escrito *bem-vindo* e entrei.

Tudo estava diferente. Nada lembrava o que vivi ali.

Mamãe estava sentada em um sofá grande no meio da sala com um livro na mão. De onde eu estava não conseguia ver a capa. Mas, pelo visto, a leitura era tão agradável que nem notou a minha chegada.

— Oi, mãe.

Dona Ana voltou seu olhar em minha direção e logo percebi que estava emocionada. Havia chorado e poucas lágrimas ainda escorriam por sua face.

— Por que me escondeu tudo isso? Por que escolheu sofrer sozinho, Enrico?

— Do que está falando, mãe?

Ela ergueu a capa do livro. E ele era meu. Tudo o que vivi foi colocado em palavras. E agora minha mãe era conhecedora de minha dor.

— Antes que pense qualquer coisa, eu já adianto que sua irmã não o traiu. Ela não tem sequer noção que este livro está em minhas mãos. Foi arrumando a mala dela para a volta à Itália que o encontrei.

— Não tem problema, mãe. Se fosse um tempo atrás, eu ficaria muito chateado por isso. Era meu segredo. E Carla só soube por ter revisado o livro todo. Mas hoje eu não sinto nada. Fabiana tirou anos de minha vida com poucas palavras que você deve ter lido no final do livro. Mas ela não tem mais direito algum de ditar os meus dias. Não é por ela que as batidas de meu coração são aceleradas em meu peito, nem por ela que eu suspiro só de fechar os olhos e lembrar o sorriso tímido que recebia a cada anoitecer quando a puxava para se aconchegar ao meu corpo. Minhas lembranças mais doces agora têm um novo rosto e os olhos azuis mais lindos e sinceros que um dia já pude ver. Sienna é a dona de meu mundo. É por ela que eu renasci.

Mamãe fechou o livro com um baque forte e o colocou na mesa de centro à sua frente.

— Graças a Deus, meu menino. Agora coloque a cabeça aqui, no colo de sua mãe, e abra seu coração.

Quando sentei no sofá, a porta que havia encostado se abriu em um estrondo e meus irmãos entraram meio que sem fôlego por ela.

Lipe que estava com meu tablet na mão foi o primeiro a se pronunciar:

— A moça bonita já tem o resultado.

Lipe me entregou o tablet e iniciei rapidamente a ligação via Skype. Eu precisava ver o meu anjo, poder olhar em seus olhos e decifrar as suas emoções.

Em seguida, dois olhos azuis emocionados apareceram na tela e logo um sorriso largo surgiu em meu rosto.

— Oi, anjo.

— Rico...

— Me dê só um minuto, anjo. Feche seus olhos e me deixe imaginar que estou te tocando.

Sienna fechou seus lindos olhos e meus dedos tocaram a tela contornando cada detalhe do rosto delicado que eu tanto ansiava poder acariciar novamente.

Quando vi duas lágrimas rolarem por sua face um pouco pálida, eu a chamei.

— Sienna.

— É uma menina, Rico. Minha Bella. A senhora de cabelos brancos e olhos claros do meu sonho estava certa. Eu terei uma linda princesa.

Meu Deus! Meu coração já sentia que seria uma menina. Mas agora era real.

— Nossa, Sienna. Ela é nossa.

As lágrimas agora rolavam com intensidade e podia se ouvir os soluços vindo de minha menina.

Sienna saiu de foco na tela por alguns instantes e a imagem que recebia agora era a de meu primo.

— Pode falar, Rico. Eu estou segurando o tablet para ela. As mãos de Sissi estão tremendo.

— Obrigado, Vince. Coloque-a na tela.

— Ok.

Meu anjo voltou a falar comigo:

— Enrico, eu perdi minha mãe ao nascer e naquele mesmo instante perdi o meu pai. Ele me culpou a vida inteira por sua morte. Eu cresci sozinha. Tive poucos amigos e me acostumei à solidão. Os momentos de amor que tenho gravados em minha mente eram as duas vezes no ano em que passava alguns dias com a minha madrinha e sua família: no meu aniversário e no dela. Fui privada de tantas coisas lindas nessa vida. Nunca tive a presença de meu pai nas comemorações de escola, nunca tive um Natal em família, ninguém vibrou a cada nota alta que tirava. Essa foi a minha vida, Enrico. E não é isso que quero para a criança que levo dentro de mim. Então, só diga que ela é sua também se for para amá-la mais do que a si mesmo, se for entregar a ela o que eu nunca tive: o verdadeiro amor de um pai.

Eu estava a ponto de declarar o quanto as amava, mas minha mãe quis mostrar logo cedo a Sienna o que seria fazer parte da família De Angeli.

Lipe pegou o aparelho de minhas mãos e colocou mamãe para falar com Sienna.

— Olá, menina. Desculpe interromper a sua conversa com Enrico, mas tanto eu como todos os meus filhos ouvimos as suas palavras. Então, escute com carinho o que vou te dizer.

Como estava ao lado de mamãe, pude ver Sienna acenando que a ouviria.

— O primeiro aconchego que sua filha receberá ao nascer será o de Enrico. É ele quem irá avaliar cada mão e pé para saber se todos os dedinhos estão perfeitos em seus devidos lugares. Ele que irá se emocionar ao ver a sua menina abrir os olhos pela primeira vez. Terá o prazer de dar o primeiro banho. Passará as noites acordado ao lado dela a cada cólica ou febre após uma vacina que tomar. Estará segurando a mão dela para ensinar a dar os seus primeiros passos e nunca vai deixá-la cair. Colocará dinheiro embaixo do travesseiro e recolherá cada dentinho dela e guardará todos com imenso carinho. Todo fim de semana a levará para um jantar em família e nunca se esquecerá de dar o sorvete que ela tanto ama. Acompanhará de perto o seu desempenho na escola. No

Dia dos Pais estará com a câmera na mão junto aos tios dela registrando aquele momento especial em que ela mostrará a todos o quanto ama o papai dela. Na dança especial de seu baile de debutante, é ele que vai guiá-la em cada passo. Ele vai sofrer ao ver a sua menina já crescida vivendo o seu primeiro amor, mas se manterá firme e pronto para ampará-la se tiver a sua primeira desilusão amorosa. E quando estiver já adulta é ele que irá levantar a faixa com o nome dela no momento em que receberá o seu diploma de faculdade. E depois a abraçará com o rosto marcado por lágrimas de alegria e entregará um lindo buquê de rosas em suas mãos. Esse é um pouco do futuro que espera a sua filha, Sienna. Sabe por quê?

Com a voz falha, embargada pelo choro que tentava conter, Sienna respondeu:

— Não, senhora.

— Porque foi isso que meus filhos viveram. Esse foi o exemplo de pai que tiveram. E é cercada de amor que sua filha será criada por Enrico e por todos nós.

Meu anjo chorava encostada ao peito de meu primo, mas minha mãe ainda tinha algo a falar:

— Quer ser feliz, menina?

Sienna olhou para a tela e respondeu firmemente:

— Sim.

— Então, deixe meu filho amar e cuidar de vocês duas.

— Eu deixarei.

Mamãe se despediu de Sienna e me entregou o tablet. Piscou para mim e sussurrou que ela era linda e especial.

Em seguida, voltei a falar com Sienna:

— Falta pouco, anjo. Depois de amanhã já é o casamento de Nelly e Dan e, em poucos dias, estaremos de volta. Continua a me esperar?

— Sempre.

— Agora vá descansar. Daqui a pouco, eu ligo para conversarmos até você fechar os olhos e eu ter certeza de que caiu em um sono cheio de sonhos bons. Passe o tablet para o Vince. Preciso falar com ele. Meus irmãos mandam beijos.

— Ok. Até mais tarde.

Vince pegou o aparelho.

— Ela está bem?

— Eu a acompanhei na consulta. Ela conheceu o

médico que irá acompanhá-la durante toda a gestação. Dessa vez, ele veio para uma rápida visita ao pai e a irmã. Mas daqui a dois meses, ele estará de volta definitivamente do Brasil e fixará residência próxima a nossa *Villa*. Ela e o bebê estão bem. Ela só não está se alimentando direito, Rico. Todos nós nos revezamos para lembrá-la de que precisa comer. Anda triste pelos cantos e quase não sorri. É ela que precisa de você agora, Rico. Volte para o seu anjo.

— Voltarei, primo. Cuide delas por mim.

— Com certeza. Até breve.

— Até.

Encerrei a ligação e coloquei o aparelho em cima da mesinha e a sala explodiu em gritos de felicitações. Meus irmãos e minha mãe pularam em cima de mim. Recebi abraços e beijos.

— Pronto para acrescentar novos capítulos naquele livro de sua vida, Rico?

Carlinha, que estava no meu colo, parou de sorrir e olhou apavorada para a mamãe.

— Mãe, foi você que pegou o livro de Rico da minha mala? Que feio, dona Ana!

Mamãe levantou-se do sofá e sorria de um jeito

bem sacana para Carla.

— A culpa foi sua. Eu sou mãe e só fui colocar ordem em sua bagunça. Vi um livro com o nome do meu filho e você não queria que eu o lesse?

— Mãe, era a minha mala. Não podia mexer.

— E daí? A bagunça estava na minha casa. Eu a arrumei. E alegarei para todo o sempre que SOU INOCENTE. O livro me escolheu. Eu o li. E estou louca para conhecer o novo final que ele irá ganhar.

Levantei-me com Carlinha nos braços e a coloquei no chão.

Abracei minha mãe e disse que, dessa vez, só aceitaria encerrar a minha história com um belo final feliz. E confiava em Deus para que isso acontecesse.

O sábado chegou e passou rapidamente. Meus amigos agora eram um só. Depois de tanta dor e traumas, hoje eles estavam felizes, casados e com três filhos a caminho. Nelly e Dan encontraram a tão sonhada felicidade.

Descansamos no domingo. E a segunda chegou com um gosto especial. Era a minha semana de recomeço. Hora de resgatar o meu coração.

Minha última missão em Rio Doce era a de passar

na casa de tia Helena e pegar uma encomenda para Sienna.

— Lipe, você está com o carro do papai?

— Sim. Já estava de saída. Nelly me ligou e pediu para passar no laboratório de Nate e pegar um remédio para Luísa. Ele não pode sair agora, precisa liberar vários resultados de exames ainda hoje. Com o casamento de Nelly, ele ficou com o trabalho atrasado.

— Ok. Eu vou com você. Pode passar comigo na tia Helena depois?

— Ela fez biscoito de nata?

— Cretino. Fez sim. Está me esperando para tomar café.

— Tô dentro. Vamos logo.

Passamos no laboratório e pegamos o remédio com Nate. Aproveitei para me despedir logo.

Dez minutos depois parávamos em frente à casa de Nelly. E elas já nos esperavam ali.

Lipe entregou o remédio a Nelly. Conversamos um pouco e era o momento de nos despedir.

Pimentinha derramou algumas lágrimas, me abraçou e disse que logo chegaria à Itália para curtir a sua lua de mel, que foi um dos nossos presentes.

Quando fui me despedir de Luísa, ela deu um grito. E eu sabia que tinha algo para me dizer, pois os arrepios no meu corpo chegaram primeiro que as palavras dela.

— NÃO. Tio Rico não pode abraçar a pequena luz. Ela tá *guipada*. Dodói. E o tio não pode ficar de narizinho *tupido*. Vai *precisar* dele *pa* sentir o cheiro bom. Foi a menina linda que disse *pa* mim. Sabe quando eu fico com medo do escuro e o papai vem e liga o abajur e o medo vai embora?

— Sei sim, meu amor. Isso é bom, não é?

— É ótimo. Pois é, tio. O escuro vai embora. E a luz vai chegar para iluminar a sua vida. Vai brilhar igual uma estrelinha no céu. E você vai sorrir tão bonito.

Eu preferia nem tentar decifrar as coisas que Luísa dizia. Guardava as palavras dela em meu coração e esperava acontecer.

— Obrigado, princesa. O tio vai aguardar por isso.

— Tio, vai ser rapidinho. Igual tio Lipe quando come escondido o brigadeiro que a *dinda* faz.

Luísa sempre conseguia me arrancar sorrisos. E esse era de esperança, de algo bom que estava por vir.

Despedimo-nos de todos e em pouco tempo já estávamos na casa de tia Helena com Lipe sentado na

cozinha devorando biscoito de nata com café e eu encostado à parede com uma xícara de chá nas mãos esperando o pacote que Sienna me pediu para buscar.

Tia Helena chegou sorrindo largo. Ela e papai lembravam muito a minha *nonna*. Pele, cabelos claros e olhos azuis. Ela depositou uma caixa grande em cima da mesa da cozinha.

— Aqui. Já tem um mês que está pronto. Eu sinto falta da minha menina. Não resisti esses dias e abri um frasco e borrifei no ar um pouquinho do cheiro dela. Sintam o quanto ele é maravilhoso.

Titia pegou um frasco pequeno, mas que dava para se ler no rótulo o nome de Sienna. E apertou o *spray* do perfume na cozinha.

O cheiro se espalhou por todo o ambiente. Respirei profundamente e meu corpo, alma e coração fizeram o reconhecimento.

Pêssegos... Olhos azuis, pele macia, as ondas do mar quebrando à nossa frente... Noite de réveillon...

A xícara em minha mão já estava caída em pedaços no chão. Sem forças, meu corpo deslizou pela parede e eu me encontrava caído no piso frio.

Sempre foi ela. Nunca houve outra.

Lipe se ajoelhou à minha frente. Eu não chorava sozinho. Meu irmão caçula, que foi sempre tão risonho e debochado, se rendeu ao pranto junto a mim.

Tantas perguntas circulavam por minha mente e para cada uma delas, eu não encontrava nenhuma resposta.

— Você lembrou, Rico? Eu sinto e vejo isso. Agora você está inteiro.

— Como assim, Felipe?

Em seguida, houve um filho da puta de um silêncio por parte de Lipe. Eu o segurei pelos ombros e sacudia seu corpo ao mesmo tempo que o bombardeava de perguntas:

— Por que, Lipe? Por que ela me escondeu a verdade? Era ela o tempo todo. A moça do cheiro de pêssegos. Elas eram a mesma pessoa. Eu só queria entender o porquê. Oh, Deus! A Bella é minha. Eu sofri tanto em pensar que um dia o verdadeiro pai dela poderia aparecer e levá-la de mim. Eu sonhei com a moça do réveillon por tantas noites, até Sienna chegar em nossas vidas, e era ela que eu acariciava todas as noites para mandar os seus medos e pesadelos embora. Eu vou ter uma filha, Felipe, que é minha. Fruto de uma noite que eu nem lembro direito o que aconteceu. Santo Cristo! Eu só espero que eu não a tenha ferido. Eu estava bêbado, porra!

— Você não a machucou. Ela me disse que você a

amou, Rico. Como ela nunca tinha sido amada antes na vida.

— Então, por que me deixar no escuro? Por que não me disse tudo desde o início?

— Porque ela não queria somente um pai para sua filha. Sienna queria ser aceita pelo único homem que amou na vida. A moça bonita só queria ser amada.

E ela é. Sempre foi e sempre será. Incondicionalmente.

— Lipe, as nossas malas estão prontas?

— Sim.

— Então, me leve de volta pra casa. Para a minha mulher e filha. Para o meu lar. Para as minhas meninas.

Capítulo 8

Sienna

Estava com a sensação de estar perdendo um bem precioso.

Enrico partiu levando metade de mim. Enquanto a outra parte ficava para cuidar de um pedacinho dele, que crescia em meu interior. Foi pelo meu bebê que eu respirei profundamente e com muito esforço coloquei um sorriso no rosto.

Olhei ao meu redor e sorri. Vince e Gio me olhavam chocados com tudo que presenciaram enquanto Juliana só esperava um sinal de minha parte para poder gritar de tanta alegria que sentia. E foi o que fiz. Abri os

meus braços e a minha amiga correu em minha direção para me abraçar. Foi um abraço apertado e carinhoso.

— Você está feliz? Ele é o escolhido para receber todo o amor que tem dentro de você, Sienna?

A palavra rolou por meus lábios em uma rapidez sem igual.

— Sim.

— Se você está feliz, eu também estou. Que ele nunca venha ferir seu coração. É só isso que irei pedir a Enrico quando ele retornar.

Vincenzo se aproximou e também me tomou em um abraço apertado.

— Ele não vai feri-la. Rico foi quebrado o suficiente para saber o quanto dói ter o coração machucado.

Foi a vez de Giovanni se aproximar e, com um toque tão leve, acariciou minha face.

— Eu sabia que para chegar aqui... — Gio apontou para o lado esquerdo de meu peito. — Só alguém digno e único para romper suas barreiras e medos, Sissi. E Rico é especial. Em tão pouco tempo, você conseguiu resgatar o que achávamos que havia se perdido dentro de Enrico. Mesmo sem saber a causa de tamanha revolta e tristeza,

nós lutamos durante todo o ano que se passou para fazê-lo voltar a viver. E nada surtia efeito. E você chegou para resgatá-lo. E eu confio nesse homem que acabou de partir por aquela porta ali. Sei que ele cuidará de você e te amará. O menino que conheço desde que nasci, está de volta. E ele renasceu para te amar.

Eu sabia que estava quase chorando, porque sentia as lágrimas grossas e quentes rolarem por meu rosto. As mãos de Gio tentavam contê-las.

— Não chore, Sissi. Enquanto ele estiver fora, nós cuidaremos de você.

Puxei Gio para os meus braços e sussurrei em seu ouvido:

— Você está bem com tudo isso?

— Não se preocupe comigo, Sienna. Você foi o meu primeiro amor e eu nunca deixarei de te amar. Mas hoje é diferente. É fraternal. Como sempre deveria ter sido. Meu coração teimoso só demorou um pouco a entender que nunca seria recíproco o que ele sentia.

— Gio, logo chegará a verdadeira dona de seu coração.

— Ela já chegou, Sissi. E é mais teimosa que você.

— Preciso conhecê-la!

— Não mesmo.

— Por quê?

— Preciso domar a fera primeiro.

— Te desejo sorte.

— Obrigado. Mas vamos lá, iniciar o dia. Alguém fez café?

Juliana já seguia para a cozinha e gritava pelo caminho:

— Isso é função de Sienna.

— Sua sorte, Juju, é que eu não tive enjoo de nenhum tipo de alimento ou cheiro na cozinha.

— Aleluia! Que os anjos digam amém! Agora para a cozinha, Sissi. Direto para o fogão. Preciso manter a forma da minha retaguarda.

Juliana deu uma tapa na bunda e saiu rindo, rebolando pelo corredor, e entrou na cozinha.

Gio e Vince se olharam e sorriram maliciosamente.

— Gio, entendeu por que Pietro parou de pensar com a cabeça de cima quando conheceu Juju?

— Sim. É culpa da bunda.

— Totalmente.

— Benditos cento e quinze centímetros de traseira.

— Como é que você sabe disso, Giovanni?

— Ela me fez usar a fita métrica ontem para medir.

Disse que o uniforme estava largo no quadril. Ficou muito irada quando descobriu que perdeu dois centímetros de bunda.

Vince se jogou no sofá e gargalhou sem parar. Quando conseguiu se recompor, voltou a conversar com Giovanni.

— Ela te ameaçou ou chegou a te bater para fazer isso, né?

— Tem dúvidas, Vince?

— Nenhuma.

— Qual foi a arma que ela usou em você?

— O cabo da vassoura, mas fui esperto e obedeci, escapando da vassourada.

— Mulher desaforada. Comigo foi um balde de água fria durante o banho quente. Só deu tempo, depois do grito dela, de virar de costa, e a cretina abriu o boxe e jogou primeiro a água e depois minha cueca suja, que estava no chão do quarto, na minha cabeça. Me obrigou a

lavar e antes de sair ainda deu uma verificada na minha bunda e disse que era gostosa e boa de apertar.

— Safada!

Meu estômago roncou alto, chamando a atenção dos dois que ainda conversavam e temiam pela integridade física de seu amigo Pietro, após o furacão Juliana ter chegado a *Villa*.

— Fome, Sissi?

— Sim, Vince. Tem leite condensado e creme de leite na despensa?

— Com certeza.

Direcionei meu olhar ao pequeno volume em minha barriga e a acariciei fazendo círculos e ansiando para que logo pudesse sentir os seus movimentos.

Gio se ajoelhou e encostou a cabeça em meu ventre e sussurrou para o meu bebê:

— Ei, bebê do tio Gio, eu acho que você está querendo algo que eu também gosto. Topa dividir o doce comigo?

— Já sabe o que estamos querendo, Gio?

— Tenho minhas suspeitas. Leva canela e cravo também?

— Sim.

— Ok, bebê. Você vai conhecer o famoso arroz doce da sua mamãe. Saiba que é divino. Mas não se empolgue tanto, que você tem muito tempo pela frente pra ficar só no leite materno.

Estremeci ao ouvir Giovanni falar do que vinha pela frente. Gio levantou-se e pegou uma de minhas mãos e levou os lábios depositando um leve beijo no local.

— Você vai deixar o meu primo louco com a sua insegurança, Sissi. Espero que em breve ele consiga reconhecer cada sentimento que passa por você, somente com o seu olhar.

— O meu medo é tão claro assim?

— Muito. Mas eu não tenho dúvida alguma de que você será uma mãe maravilhosa.

— Oh, Deus. Eu tenho medo até de não ter leite para amamentar o meu bebê.

— Tenha calma e fé, Sienna. Vamos viver um dia de cada vez. Não há necessidade de sofrer por antecipação. O nosso futuro está nas mãos de Deus. Descanse e deixe Ele cuidar de tudo.

— Obrigada, Gio. Vamos ao arroz doce, então.

— Não precisa dizer duas vezes.

Segui para a cozinha abraçada aos meus dois irmãos de coração. E passamos a manhã em meio a coco ralado, açúcar e muito leite condensado.

Quase um mês sem Enrico, e a saudade a cada instante era maior. Era a saudade do toque da pele, da presença, do beijo, do cheiro e do aconchego. Era a dor de não saber o que se passava com quem se amava. Era o aperto forte no peito até que o alívio chegasse com o retorno de quem nos faltava. Realmente a saudade doía!

Todas as manhãs, eu tirava um tempo para uma longa caminhada à beira do lago. Hoje eu estava me sentindo cansada, com o corpo pesado, mas não quis alarmar ninguém e resolvi seguir a minha rotina diária.

Era o meu momento distante de todos. Longe da demasiada preocupação e atenção que estava recebendo.

Ali, naquele local de pura paz, eu podia refletir em tudo que estava vivendo.

Nesse tempo longe de Enrico, não me faltou carinho. Levar uma bandeja de suco e refeição a um cliente do *Piacere* era quase impossível. Nenhum dos meninos me deixava pegar peso.

Fui praticamente adotada como a irmã mais nova

dos Ferrari.

Recebi a chave de meu chalé, que ficava ao lado do *bed and breakfast*, onde os Ferrari moravam no andar de cima.

Descobri que, além da falta de amor, eu fui enganada durante anos por meu pai. Tudo o que recebi na Itália sempre foi meu por direito porque foi deixado por minha mãe.

Mesmo revoltada por descobrir que vivi uma mentira, eu me apaixonei pelo chalé. Tinha fotos de minha mãe, ainda espalhadas pelos ambientes. Não era algo grande: dois quartos, uma cozinha bem equipada, sala e um banheiro social.

Cogitei por apenas um minuto a intenção de me mudar para o chalé e quase causei uma guerra na família De Angeli. Vince e Gio não disseram uma palavra sequer, apenas fizeram uma chamada via Skype para Enrico o informando. E de longe, eu ouvi o grito de Felipe:

— PORRA, moça bonita! NÃO!

Mas o que me fez desistir da mudança foi um apelo de Carla. Ela pediu licença a todos e tomou o tablet das mãos de Enrico se dirigindo a um outro cômodo da casa onde poderíamos nos falar a sós.

— Não vá, Sienna. Eu prometi cuidar de vocês. E mesmo distante, eu não tenho falhado. Percebeu que sempre tem alguém para lembrar de tomar as suas vitaminas? Que nem se for uma pequena colher de comida, você é praticamente obrigada a comer em cada refeição? Sou eu, Sienna. Deixo meus primos e Juliana loucos. Mas sei que eles fazem com carinho. Amam você como nós também já amamos e só queremos o teu bem. Fique. E nos deixe mimar vocês.

— Eu só quero um lugar para poder chamar de meu, Carla.

— E terá. Quando tiver um tempo livre, siga em direção ao galpão onde nos conheceu. Olhe à sua direita e verá um dos sonhos que Enrico deixou de realizar. Meu irmão desenhou cada detalhe daquela casa, anos atrás. É grande, espaçosa e aconchegante. É um lar para uma família. A sua, Sienna. Espere só um pouco. E, enfim, poderá dizer que é seu.

Conversamos mais um pouco e prometi que quando ela chegasse eu ainda estaria ali.

O alarme em meu celular apitava me informando que faltava vinte minutos para as oito da manhã. Era hora do meu encontro diário. Eduardo me esperava todos os dias no *Piacere*. E não seria hoje que eu falharia com ele.

Uma semana após a viagem de Enrico, eu estava colocando alguns *cupcakes* que tinham acabado de ficar prontos na vitrine do *Piacere* e percebi que a porta da frente havia sido aberta pelo barulho alto que se seguia, indicando que alguém havia adentrado no ambiente.

E naquele instante eu me apaixonei loucamente. Ele tinha pele clara, olhos escuros tão lindos, porém tristes. Acho que a gente sabe reconhecer alguém com a alma ferida. Ao erguer o olhar em minha direção, ele deu um pequeno e cúmplice sorriso. Sentou na mesa mais isolada e com a cabeça baixa, olhava para um pequeno pedaço de papel em suas mãos. Quando ia dar os primeiros passos para atendê-lo, senti alguém tocar em meu ombro.

— Não vá. Sinta-se privilegiada por receber esse pequeno gesto de carinho da parte dele. Para conseguir isso, eu demorei quase um mês.

— Mas eu só iria ver se ele quer algo para comer ou beber, Pietro.

— Eu sei, Sienna. Mas ele é de certa forma muito especial. Somente observe-me. Eu vou ao encontro dele agora.

Pietro caminhou e se aproximou lentamente dele. Puxou a cadeira da frente e esperou. Ele colocou o papel em cima da mesa e empurrou na direção de Pietro, que leu

atentamente e fez um sinal para que ele esperasse. Percebi que ele não abriu a boca para pronunciar sequer uma palavra, e afastou a mão antes de Pietro puxar o papel.

Continuei a observá-lo durante quinze dias. Chegava sempre no mesmo horário e repetia sempre a mesma sequência. Entrar, sentar na mesa distante, esperar por Pietro, pegar suas encomendas e ir embora.

Nunca mais recebi o pequeno sorriso. E em mim só crescia a necessidade de fazer aquele olhar triste ir embora. Eu precisava vê-lo feliz.

No décimo sexto dia, eu acordei cedo e com a ajuda de Erica preparei uma nova receita de *cupcake*, de acordo com o que via que ele gostava.

Esperei próximo à porta, e quando ele entrou, fingi que minha bandeja desequilibrou e deixei um *cupcake* cair em frente aos seus pés. Finalmente havia conseguido chamar a sua atenção. Ele abaixou, pegou o doce e estendeu a mão para me devolver.

Peguei e coloquei no canto da bandeja e lhe ofereci um que havia feito especialmente para ele. De início, ele relutou. Mas eu sorri largamente e o incentivei a pegar. Ele cedeu e levou diretamente à boca. Fechou os olhos enquanto saboreava o doce e o recheio escorria por seus dedos. Por fim, deu um pequeno gemido de satisfação.

Naquele instante, Eduardo entrou definitivamente em minha vida. E tornou-se prioridade vê-lo sorrir todos os dias.

Às oito em ponto, eu já estava sentada em uma das quatro cadeiras da mesa mais distante do *Piacere*. O sino da porta tocou e ele entrou. Estava lindo. Vestia uma calça escura, uma blusa de lã que parecia ser bem quente e tinha uma touca na cabeça que vinha até as suas orelhas, amenizando o frio que fazia na Villa De Angeli. Abriu um sorriso gostoso que mostrava claramente a falta dos seus dentinhos superiores na frente.

Eduardo era um menino de seis aninhos que, um dia, decidiu que não precisava falar. Mas ouvia e entendia tudo perfeitamente. Nem todos conseguiam se aproximar dele. Evitava toques, mas amava escrever. Era assim que nos comunicávamos. Pietro era conhecedor de seu trauma. Mas eu não me importava em saber o que levou um menino tão inocente a agir assim. Eu só tinha certeza de uma coisa: ele me escolheu. E eu estava ali para dar voz às suas palavras.

Dudu parou em minha frente. Abri meus braços e ele se aproximou lentamente. Pietro, que estava por perto, levantou-o e ele sentou em meu colo. Aconcheguei Dudu em meus braços e acariciei a pontinha de seus cabelos sedosos que estavam descobertos na touca.

Todos os dias ele me trazia um bilhete com a compra para o café da manhã dele e de sua mãe. Mas hoje ele me entregou dois papéis.

Abri o primeiro e passei para Pietro providenciar o que ele queria. E pedi que acrescentasse por minha conta dois *cupcakes* de chocolate branco nas compras dele. Era o seu preferido. Porém, ao abrir o segundo, eu me surpreendi.

Sonhei tanto em um dia ouvir essas palavras de um homem. E recebi do meu pequeno tesouro. Antes de terminar de ler o seu nome no final do bilhete, eu já estava aos prantos.

— *Eu amo você, tia Sienna. A mamãe me ensinou a escrever o seu nome. É tão lindo.*

E estava assinado por ele em letras maiúsculas.
EDUARDO AQUINO.

Dei um beijo em sua face rosada, sussurrei um agradecimento em seu ouvido e também disse que o amava.

Não sabia se seria a primeira que ouviria o som de sua voz, mas eu orava e acreditava que um dia chegaria alguém especial que seria merecedor desse presente.

Dudu ainda era relutante em ter contato com as

peessoas, mas aos poucos criou um laço de amizade e carinho com todos os funcionários do *Piacere*. Ficou conosco por meia hora e depois seguiu para a sua casa, que ficava próxima à *Villa*.

Estava com um desejo louco por *cheesecake* de uvas. Erica percebeu meu entusiasmo e disse que tinha uma receita que era de sua avó. E que faria com gosto, somente para ter o prazer de me ver comer com vontade. Aceitei a oferta, mas disse que quem escolheria as uvas seria eu. Tirei meu avental e segui para a frente do *Piacere* onde as parreiras estavam carregadas. Enfrentei o frio que fazia do lado de fora e comecei a recolher as uvas e jogá-las no cesto que havia deixado no chão. Não resisti e provei de algumas frutas. Estavam tão doces e suculentas. Ótimas para a receita de Erica. Quando me abaixei para pegar a cesta, eu ouvi uma voz suave como a de um talentoso barítono.

— *Buongiorno, bella principessa.*

E não me surpreendi ao me virar e encontrar um homem lindo com um violão a tiracolo. De olhos azuis penetrantes, alto, forte e sorriso sincero, ele lembrava muito os meninos Ferrari.

— Bom dia, senhor. *Perdonami. Buon giorno, signore.*

— Brasileira?

— Sim.

— Que bom. Já sentia falta de falar a língua de minha mãe.

O rapaz estendeu-me a mão e se apresentou.

— Sou Nicolas Barreto Ferrari. Muito prazer, linda princesa.

Eu sabia. A semelhança entre os rapazes Ferrari era gritante. Só podiam ser parentes.

Apertei a sua mão e também me apresentei:

— Sienna Martinelli. Muito prazer, Nicolas.

O rapaz demorou a largar a minha mão e quando estava se tornando algo incômodo, ele a soltou.

— Sabe me informar se algum dos meus primos se encontram por aqui?

— Oh, sim. Ferrari. Percebi na hora que provavelmente seriam parentes. Sim. Pietro e Guillermo estão no *Café* e Marcello e Riccardo estão no *bed and breakfast*.

— Isso é estranho. Marcello sempre trabalhou no *Café*. Quem foi que conseguiu tirá-lo da cozinha?

Levantei um braço e sorri.

— Está falando com ela. Meu estoque de álcool para desinfetar as bancadas da cozinha estava acabando. E com a minha barriga crescendo, Pietro, Guillermo e Riccardo se juntaram e ameaçaram ligar para dona Luciana e contar que ele estava dando trabalho para a grávida aqui. Entre o medo de levar uns puxões de orelha da própria mãe e os encontros com a noiva na minha cozinha, ele escolheu continuar a ouvir bem pelo resto da vida.

— Ele foi sábio.

— Depois de conhecê-la pessoalmente, eu concordo com você. Dona Luciana é uma peça raríssima. Mas, então, seja bem-vindo a Villa De Angeli.

— Obrigado, *bella principessa*. Sinto que minha temporada aqui será bem interessante dessa vez. — Seu comentário, a piscadela sexy e sorriso malicioso, meio que me incomodou. Não gostei de sua insinuação. Definitivamente, eu manteria distância dele.

Mais uma semana se passou e hoje era o dia que eu saberia se era minha Isabella ou meu Valentin, que em breve estaria em meus braços.

Queria tanto que Enrico estivesse ao meu lado. A saudade já me sufocava. Ter que sorrir para todos ao meu

redor, indicando que estava bem, era quase insuportável. Esforcei-me para levantar do grande sofá na sala de cinema. Sentia tonturas, mas não podia perder minha consulta. Precisava saber principalmente se meu bebê estava bem.

Ouvi batidas na porta. E logo ela se abriu. Todas as manhãs era Juliana que me acordava. Mas hoje ela não veio sozinha, pois Vince e Gio a acompanhavam.

Trouxeram uma bandeja grande com suco, pães, frutas, leite e um delicioso bolo de chocolate que já estava familiarizada.

— Dona Luciana está no *Piacere*?

Juliana, que segurava a bandeja nas mãos, chegou a estremecer ao meu lado.

— Está. Velha louca. Teve o prazer de me acordar às cinco da manhã gritando na porta do quarto de Pietro. Quando cheguei no corredor, vi que não fui a única que recebeu os berros da maluca. Erica estava encostada na parede, caindo de sono.

Ri baixinho.

— Eu gosto de dona Luciana.

— Ela te ama, Sienna. Disse hoje cedo, depois de nos obrigar a lavar todas as vasilhas que sujou para

preparar o café da manhã. E ainda me fez esperar o bolo de chocolate ficar pronto para trazer a sua refeição.

— Santo Cristo! O que ela disse de mim?

— Disse que te adora. Você não está fodendo um dos filhos dela.

— Não acredito!

Olhei chocada para Juliana e tentei me manter séria, mas foi impossível. Gio e Vince já gargalhavam ao meu lado. Não resisti e os acompanhei.

Tomamos café juntos e, em seguida, Juju me ajudou a escolher uma roupa para ir a consulta. Já estava ansiosa. Iria conhecer o médico que me acompanharia até o fim de minha gestação. Na minha última consulta, o doutor Antônio percebeu o meu nervosismo. Disse que seu filho era um excelente médico e que cuidaria bem de mim, mas que ficasse tranquila. Ele não me abandonaria. Estaria sempre ao meu lado, o que me fez agradecê-lo. Eu confiava nesse senhor que conheci há tão pouco tempo.

Já estava pronta. Vince me acompanharia dessa vez. Foi uma escolha minha. Gio entendeu. Eu os amava igualmente. Mas enquanto Gio era euforia, Vince era a serenidade e a calma. E era disso que eu precisaria neste dia. Alguém a quem me apoiar.

Vinte minutos após sairmos da *Villa*, Vince estacionou em frente à clínica.

O doutor Antônio me esperava sorridente na recepção. Estava acompanhado de um homem alto, com os cabelos um pouco longos, que tinha um ar misterioso e era belíssimo. E seu olhar me lembrava alguém conhecido. Não era Antônio, nem Chiara. Era como se eu pudesse enxergar através dos olhos dele. Ele me transmitia algo bom. Talvez fosse confiança, segurança... sei lá. Mas definitivamente estar próxima a ele era agradável.

— Bom dia a todos.

— Bom dia, bela menina.

Como sempre, Antônio me puxou para seus braços e me deu um beijo em cada lado da face. Se afastou e pelo seu olhar, percebi que não gostou do que viu.

— Estás abatida, Sienna. Tens olheiras. Quase não ganhou peso. O que está acontecendo?

— Não se preocupe comigo. Eu estou bem. Já você, não precisava estar de pé me esperando. Na última vez que nos vimos, reclamou que sua perna estava dolorida.

— Era a maldita prótese, menina. Ela estava me incomodando. Mas meu filho providenciou uma nova. Por

falar nele, deixe-me apresentá-los.

Antônio chamou o homem alto pelo nome e nos apresentou.

— Giulio, meu filho, essa é sua nova paciente. Sienna Martinelli.

Giulio entendeu sua mão e eu a aceitei.

— Muito prazer, Giulio. Nós já nos conhecemos? Tenho a sensação de já tê-lo visto.

— O prazer é todo meu, Sienna. Isso é engraçado. Eu tive a mesma impressão. Só não me lembro de tê-la visto antes. O importante é que teremos tempo para nos conhecer. Prometo cuidar bem de você e seu bebê, nessa fase tão especial na vida de uma mulher. Você conquistou o coração de minha família. Então, para mim você já não é uma estranha. E já ouvi coisas muito boas sobre você.

— Obrigada. Antônio e Chiara já tem morada garantida em meu coração.

— Fico feliz por isso. Então, vamos cuidar de vocês agora?

— Sim, senhor.

— Giulio, Sienna. Me chame de Giulio.

— Ok.

Vince passou o braço por meu ombro e seguimos para o consultório.

O doutor Giulio avaliou todos os meus exames e diagnosticou somente uma pequena anemia. Prescreveu mais duas vitaminas. Disse que meu peso estava dentro do padrão, mas que devia me alimentar melhor. Pediu a Vince que, se fosse preciso, me obrigasse a comer. E pediu para que o acompanhasse até a sala de ultrassonografia.

Chiara estava à minha espera no local. Tinha um olhar quase de súplica em minha direção.

— Eu posso participar do seu momento especial? Afinal de contas, sou eu que vou cuidar da saúde dele ou dela.

— Deve.

— Obrigada, Sienna.

Chiara me ajudou a trocar de roupa e a subir na maca.

Vince se colocou ao meu lado esquerdo e segurou a minha mão. Deu um leve e delicado beijo em minha testa e sussurrou em meu ouvido:

— Pronta?

— Sim.

Apertei a mão de Vince e pedi a Giulio que começasse.

Meu bebê estava com 15 semanas. Giulio me explicou que dentro dos próximos dias, eu começaria a sentir seus movimentos. Estava com peso e tamanhos ideais. Coração batendo forte e acelerado. O sorriso bobo surgiu em meus lábios quando Giulio chamou seu pai para se aproximar da tela. Era a hora da descoberta.

— Pai, olhe. O bebê não quis se esconder. Sabia que sua mamãe ansiava saber tudo sobre ele.

— É *vero*, meu filho. Posso dar a notícia para Sienna?

— Com certeza.

O doutor Antônio tomou a minha mão direita nas suas e depositou um suave beijo.

— É uma menina, doce Sienna. Você está esperando uma linda *principessa*.

Fechei meus olhos e lembrei do sonho que agora se tornava realidade. Lágrimas de alegria escorriam por minha face. Abri meus olhos e percebi que Vince estava com o celular voltado para minha direção.

— Lipe pediu para filmar tudo. Ele queria ver a sua reação. Vou encerrar a gravação.

— Não. Espere.

Vince direcionou o celular para meu rosto e eu passei a falar com Felipe.

— Lipe, estar grávida é ler o resultado positivo de seu exame inúmeras vezes e demorar muito para acreditar que aquilo é real. É se sentir estranha, insegura. É ter muito sono. É ver as mudanças em seu corpo. Acordar diversas vezes durante a madrugada para ir ao banheiro. Ler livros e mais livros sobre a gravidez e os diversos tipos de partos. Orar a cada instante para que ele nasça perfeito. Imaginar como será os cabelos, os olhos, o nariz e a boca de seu bebê que está para chegar. É esperar ansiosamente pelo dia da ultrassonografia, onde cada detalhe é uma alegria imensa. É uma emoção sem fim. É amar o seu bebê incondicionalmente e inexplicavelmente. É um amor que a gente não consegue descrever por completo. É um milagre. E o meu milagre tem nome. Se chama Isabella. E é ela que está chegando. Minha Bella. O resultado de meu amor.

Enxuguei meu rosto, sorri e me despedi de Felipe.

Não era a única emocionada. Fui abraçada por todos, que desejaram que Isabella chegasse cercada de amor e com muita saúde a este mundo tão complicado.

Giulio me deu duas imagens da ultrassonografia.

Pedi que voltasse daqui um mês. Mas se precisasse de algo, que ligasse para seu pai. Dentro de quinze ou no máximo vinte dias ele estaria em definitivo na Itália.

Ao chegar em casa, eu liguei para Enrico e Lipe atendeu. Esperei um tempo para que ele fosse ao seu encontro e o informasse que já tinha o resultado da ultrassonografia.

O que era pra ser uma simples ligação informando que a Bella estaria nascendo dentro de alguns meses, acabou me levando ao limite da emoção.

Tanto eu como minha bebê agora tínhamos um lar e éramos amadas. E precisou dona Ana entrar em cena para que eu pudesse finalmente entender que não estava mais só. Enrico me escolheu pelo que sou e não por um laço de sangue que nos unia.

O fim de semana passou e a segunda-feira chegou. E pela primeira vez não tive notícias de Enrico. Não houve ligação, à noite, para que eu pudesse dormir ao som de sua voz. Nem notícia alguma durante o dia.

Consegui cochilar um pouco durante a madrugada após Gio e Vince se unirem a mim no sofá da sala de cinema.

Levantei cedo, passei no *Piacere* para entregar os pães e doces para a venda do dia. Abracei e beijei

Eduardo. E logo após informei a Pietro que precisava ficar só. Erica ficou responsável pelas refeições e eu voltei para a casa grande da Villa De Angeli.

Passei quase o dia todo enfiada na cozinha. O resultado ao entardecer foi de uma panela enorme de arroz branco e duas de bobó de camarão, três travessas de manjar de coco e duas tortas de pêssego, o que fez Vince e Gio gritarem ao entrar na cozinha e decretarem que a noite seria de festa.

Eu preferia ficar trancada na sala de cinema à espera de um telefonema, mas dois furacões entraram em meu quarto, invadiram meu guarda-roupa e só não me deram banho, porque não deixei.

Juliana secou e escovou meus cabelos e Erica fez uma maquiagem suave em meu rosto, finalizando com um batom rosa bem claro. Escolhi um longo vestido branco e uma sapatilha dourada. Já estava pronta. Passei a mão em meu celular e desci com minhas amigas. Os meninos Ferrari, incluindo Nicolas, estavam sentados nos sofás da sala de estar e conversavam descontraidamente.

Juliana sentou no colo de Pietro e Erica no de Marcello enquanto Gio e Vince riam das piadas de Guillermo. Tudo estaria perfeito se eu não me sentisse ainda mais só do que no dia que Enrico partiu.

Meia hora depois, eu servi o jantar. Cansada e com os pés um pouco inchados, achei um sofá de dois lugares vazio e me sentei. Tirei as sapatilhas e suspirei de alívio. Em seguida, pedi a Erica e Juju que servissem a sobremesa. Tentei mais duas vezes contato com Enrico ou Felipe, mas foi em vão. Deitei a cabeça no encosto do sofá, fechei meus olhos e deixei que as imagens dos poucos momentos que tive ao lado de Rico passassem por minha mente. Senti o lugar vago ao meu lado ser ocupado. E logo o toque alegre de uma canção invadiu o ambiente. E a voz suave de Nicolas chegou aos meus ouvidos.

Na minha história com você não é tão diferente.

E no brilho dos seus olhos,

Vejo o quanto você sente quando estou ausente.

E se você me ouve agora, vai me entender.

Me falta uma metade, tudo é nada sem você.

Eu tô chegando pra te ver.

E foi no meio da canção que eu a senti. Sempre foram pequenos tremores. Esperei novamente para ter certeza de que era de verdade. E veio mais um chute. E

logo após outro movimento.

Eu não conseguia parar de sorrir. E acabei me levantando num pulo e gritando:

— OH, MEU DEUS! A ISABELLA MEXEU!

Todos pararam o que estavam fazendo. Alguns com a colher de doce quase chegando à boca. E me olhavam bastante curiosos.

Nico, que estava ao meu lado, tocou a minha barriga. Mas os movimentos haviam cessado.

— Eu não sinto nada, Sienna.

— Ela mexeu, Nicolas, eu esperei que ela chutasse de novo. Foram três movimentos. Coloque a mão outra vez.

Nicolas levou a sua mão novamente ao meu ventre e Bella se recusava a mexer.

— Nada, Sienna. Eu não sinto absolutamente nada.

— E nem vai sentir, babaca. Não foi para você que ela mexeu, seu cantador barato de mulher alheia. Tire a porra das mãos da minha Bella.

Senti de imediato minhas pernas fraquejarem. Eu conhecia o dono daquela voz. Ergui meu olhar e encontrei o sorriso safado de Felipe. E ao seu lado estava o homem

que voltou para devolver o meu coração. Rico olhou seriamente para Felipe e bateu com força em sua nuca.

— Minha, imbecil. Elas são minhas.

Lipe batia o pé no chão e gemia de dor.

— PORRA, Enrico! Dói, cacete! E eu sei que não vou poder brincar de médico e nem de papai e mamãe com a moça bonita. Mas conforme-se, irmão mais velho, a estrelinha é uma De Angeli, ou seja, minha também.

Consegui recuperar a minha voz, que havia sumido no momento que eles chegaram, e com isso chamei a atenção de todos.

— Estrelinha?

Lipe caminhou em minha direção e ao chegar à minha frente encarou Nicolas com descaso.

— Você, *stronzo*, mantenha distância delas.

Nicolas se afastou, sentou no sofá e continuou a dedilhar seu violão.

— Moça bonita, eu estava com saudades. Agora me dê um abraço. E só pra constar, você está gostosa pra porra. As futuras mamadeiras da Bella cresceram. — O safado apontava para meus seios. Soltei uma gargalhada e me joguei nos braços de Felipe. Fui abraçada

delicadamente. E antes de se abaixar e beijar a minha barriga, ele falou baixinho em meu ouvido: — Pêssegos, o seu cheiro, moça bonita. Ele sabe.

Meus olhos encontraram os de Enrico. Ele tinha um sorriso lindo nos lábios. Estendeu-me a mão e caminhei em sua direção, nem ao menos me lembrando que não estávamos sozinhos. Nossas mãos se conectaram. Senti arrepios por todo o corpo.

— Olá, anjo.

— Você já sabe.

— Sim, eu sei.

— Eu... Oh, Deus, nós precisamos conversar.

— Ah, nós iremos. Mas antes eu preciso te dizer algo.

— Diga.

Enrico colou seu corpo ao meu. Ergueu sua mão e acariciou minha face. Seu toque era quente, singelo e carinhoso.

— Você percebe que está amando quando dobra os seus joelhos no chão, à noite, e ora primeiramente pela pessoa que faz seu coração bater em um novo compasso, no ritmo dos apaixonados.

Senti meu coração acelerar a cada palavra dita por Enrico.

— Foi amor desde o início, Sienna. Só precisei esperar o tempo determinado por Deus para te reencontrar.

Enrico ergueu-me em seus braços e selou meus lábios com os dele. Foi um beijo suave e doce, mas tão esperado. Enquanto seguia me levando em direção ao seu quarto, eu ouvi a voz de Carla gritando da sala:

— Eu também estava com saudades, cunhada. Agora divirtam-se! Amo vocês.

Enrico cheirou meus cabelos.

— Quero você cheirando a pêssegos. Eu vou te dar um banho e depois irei te amar. E, dessa vez, irei guardar cada detalhe em minha memória. Você é a página mais linda que Deus escreveu na história de minha vida. Quer escrever novos capítulos desse livro comigo, Sienna?

— Sim — respondi sem uma mínima dúvida sequer.

— Então, vamos começar.

Capítulo 9

Enrico

— Minhas. Elas são minhas!

Acho que nunca me cansaria de dizer isto. Até meu irmão mais novo abrir a boca e quebrar meu encanto.

— Rico, já é a décima vez que você fala isso. Eu já entendi, porra! E soube disso primeiro que você, seu lento. contei as dez vezes que você disse que elas são suas, com os dedos das mãos, e eles acabaram. Não estou a fim de continuar a contar com os dedos dos pés. Mamãe cortou e passou base nas minhas unhas. A filha do padeiro lá da *Villa* vai adorar. Ela tem tara pelos meus lindos pezinhos.

— Cale a boca e dirija, Felipe. Eu quero ver a Luísa antes de passar em casa.

— Sim, senhor.

— Lipe?

— Diga, marcha lenta.

— Até a Jessie?

— Quem é Jessie, Rico?

— A filha do padeiro.

— Oh. Gostei do nome dela. Jessie. Mas pra mim vai continuar sendo a delacinha.

— Você já se ligou que ela só tem dezoito anos, né?

— Como?

Felipe dá uma freada brusca no carro, em frente à casa de Gabriela e Nathan, e me olha com os olhos arregalados e totalmente apavorado.

— Dezoito?

— Sim, infeliz.

— Puta que pariu. Eu tô...

— Fodido?

— Sim.

Felipe lançou um olhar de súplica em minha direção. E, mais uma vez, sobraria para mim resolver as merdas que ele aprontava.

— Vou ter que te defender outra vez. Já entendi. Mas, Lipe, lembre-se de uma coisa: nós temos uma irmã e ela é linda. Gostaria que um cretino igual a você brincasse com os sentimentos dela também? E só pra constar. Você vai ser tio. E é uma menina, Felipe.

— Ninguém encosta um dedo na minha Bella.

— Viu? Então, respeite a filha dos outros. Um dia, você vai se apaixonar. Amar loucamente. Terá filhos. E para eles irá querer o melhor também. E é minha Bella. Não sua.

— Rico, você já fala como um pai.

— Eu já era um pai, antes de saber que ela era minha de verdade.

— Eu tenho muito orgulho de você, Rico. Cuide bem da moça bonita. Não a magoe. Ensine a Sienna o que é ser amada. E tome cuidado com suas palavras. Um dia, você a feriu sem sequer notar que o fez. Essa foi a causa do medo em não revelar a paternidade da Bella.

— Eu sabia que tinha um motivo. Quando tia Helena pegou o chinelo na mão pra me bater, eu sabia que tinha feito algo errado.

— Ela não sabia que era você. Os únicos que sabiam éramos eu, Carla e Levi. Sienna deve ter contado o que você disse naquela noite de réveillon para tia Helena e ela ligou os fatos.

— Eu a feri.

— Ninguém quer ouvir de um homem a quem se entregou de corpo e alma que ele nunca vai amar outra vez na vida.

— Mas que porra! Eu estava bêbado.

O safado do meu irmão, agora me dava um sorriso zombeteiro.

— Não é pra mim que você deve explicações. É para a moça bonita.

— Quem tá lascado agora sou eu.

— Você ainda não entendeu que ela te ama, segundo irmão mais velho. É só abrir seu coração e terá tudo que sempre sonhou: uma família.

Lipe saiu do carro e foi ao encontro de Luísa no portão de sua casa. Saí também e logo vi quando meu

irmão acionou de longe o alarme do carro, o fechando.

Luísa estava abraçada ao meu irmão quando me aproximei dos dois. E pude ouvir um pouco do que ela falava com Lipe.

— Sabe o sol, tio Lipe? É tão gostoso quando ele aparece depois de dias tão frios, né? Lembra do sorriso que pequena luz disse que ia fazer bem para o tio?

— Lembro, minha linda.

— Pois *intão*. Ele vai chegar logo. Ainda não está tão forte, sabe? Os raios desse sol estão tapados pelas nuvens malvadas. O tio vai ter que soprar bem forte pra eles irem embora. Aí ele vai aparecer, lindo, *pa* iluminar a vida de tio Lipe.

— Eu vou saber reconhecer o sol, Luísa?

— Vai. Ele vai sorrir *pa* você.

— Obrigado, princesa. Venha aqui e me dê um abraço.

— Pequena luz tá *guipada*.

— Tio Lipe é vacinado.

— O homem da roupa branca é mau. Agulha *faizi dodói*, tio.

Lipe sorriu e explicou que o homem da roupa branca só queria o bem dela.

— Tá certo, tio. *Maisi* ele vai ter que me *dá* três pirulitos, então. Só assim a pequena luz não vai ter medo do homem mau.

— Fechado, princesa. O tio vai conversar com o Fernando. Ele vai ser bonzinho.

Luísa levou a mãozinha à sua boca aberta e, apavorada, disse:

— Tio Lipe conhece o homem mau. Pequena luz leu o nome dele na roupa branca.

— Conheço, princesa. Ele é primo do tio por parte de mãe. Fique tranquila que Nando vai cuidar bem de você. Agora eu vou entrar. Sinto cheiro de brigadeiro de panela. Nelly deve estar aí dentro.

Enquanto ia andando devagar, Felipe, mais uma vez, me surpreendeu com suas palavras:

— Eu já amei, Rico. Mas a escolha dela me tornou o que sou hoje em dia. Uma farsa. Por fora sou um menino brincalhão e alegre, mas por dentro só eu sou conhecedor da escuridão em que vivo.

— Você não pode fugir depois de me falar isso, Felipe.

— E não irei. Só vou roubar uma colher de brigadeiro e faço questão de te contar tudo. Você entenderá o porquê tenho um coração blindado agora. A escolha errada da pessoa que tanto amamos pode refletir em nossas vidas eternamente.

Pelo visto, eu não era o único homem quebrado da família De Angeli. Eu que pensei que só escreveria o livro de minha vida, estava enganado. Tinha muitas histórias para contar ainda.

Senti uma mãozinha puxar a barra de minha bermuda. Olhei para baixo e encontrei os cabelos vermelhos e os olhos claros de Luísa.

— O cheiro é bom, né, tio?

— É o melhor perfume do mundo. Tem cheiro de amor e recomeço. Ele cheira à vida nova, minha pequena luz, ao lado de quem amo mais que a mim mesmo rumo ao meu felizes para sempre.

Peguei Luísa em meu colo e a abracei forte. E ela sussurrou em meu ouvido:

— Tio, a chuva forte e os raios estão próximos. E as palavras escritas no papel amarelo também. Eles podem fazer a moça que o tio ama chorar e se esconder. Não deixa. Ela pode ficar presa e não conseguir sair.

— O que significa isso, Luísa?

— Pequena luz não sabe, tio. Foi a senhora de *bilelo* branquinho igual algodão que disse.

Questionar as palavras de Luísa? Nunca. O jeito era esperar acontecer.

— Obrigado, princesa. O tio vai tomar cuidado.

Luísa me abraçou mais uma vez e pediu para descer. Coloquei-a no chão e, em seguida, saiu espirrando para junto de suas bonecas.

Felipe saiu da casa de Gabi lambendo uma colher cheia de brigadeiro.

Nelly, que estava na porta, apontou para suas mãos sujas e disse um até logo. E que, em breve, estaria na Itália conosco. E pediu para não esquecer do presente. A roupa branca de bebê que compramos há alguns dias.

— Você contou pra ela sobre Isabella?

— Eu não sou fofoqueiro, Rico. Eles são.

— Eles quem?

Lipe apontou para Luísa.

— Os habitantes dos sonhos da pequena luz.

— Explicado.

— Vamos pra casa, Rico. Pode ir dirigindo. Minha cabeça está trabalhando juntamente com o brigadeiro dessa colher.

— O que você irá aprontar?

— Não conto. Mistérios de Felipe Martins De Angeli.

— Mais uma vítima. Coitada.

— Vítima não. Sortuda. Eu, ela, brigadeiro e a noite inteira pela frente.

— Você não presta. É um cretino.

— Nunca neguei. Mas para uma despedida da vida libertina tem que ser em grande estilo. Me empresta aquela sua *boxer* importada branca?

Bati forte a porta do carro e o liguei.

— Foi você que a roubou?

— Viu? Sou um bom menino. Ainda peço emprestada antes de usar. Mesmo que já tenha roubado há um mês. Culpa da cueca. Ela que disse. Lipe, eu sou o seu número. Vamos arrasar juntos. — O infeliz sorriu e ainda deu uma piscadela. — Ande, Rico. Dirija. O brigadeiro está me dando boas instruções de como usá-lo como

cobertura em certas partes do corpo.

— Babaca.

— Marcha lenta.

Chegamos em casa ao entardecer. Lipe exigiu que passássemos em uma joalheria para pegar algo que havia encomendado e para completar não me deixou ver.

Estacionei na garagem e papai já estava preparando o jantar na churrasqueira, próximo à piscina. Enquanto isso, minha mãe e Nana colocavam nossas malas do lado de fora da casa.

Fui entregar a chave do carro a papai que, de imediato, me puxou para um abraço.

— Quer ser feliz?

— Sim.

— Vê aquele sorriso iluminando o rosto daquela linda mulher ali? — Meu pai mostrava mamãe encostada à porta de entrada da casa.

— Vejo.

— Você pode passar pelas piores provas nesta vida. Dificuldades financeiras, doenças, tristezas, problemas familiares, seja o que for. Mas se chegar em casa no fim do dia e encontrar na mulher que ama um

sorriso e um olhar de amor, você é um vencedor. Fez a escolha perfeita. Pois ela chegou e permaneceu.

— Obrigado, pai. É hora de ir pra casa.

— Sim. É hora, Enrico. Vá ser feliz.

Caminhei mais um pouco e encontrei a minha mãe.

— Diga a Sienna que estou entregando a ela um de meus bens mais preciosos. E que sou grata por ela estar me presenteando com mais um.

— Felipe?

— Não. Helena que me contou.

— Ela ficou chocada, mãe.

— Não, Enrico. Surpresa seria a palavra mais exata. O sobrinho que sempre admirou será pai. E a mãe é a mulher que ela criou desde pequena como se fosse sua própria filha.

— Eu lamento se decepcionei minha tia, mamãe.

— Nunca a decepcionaria, Rico. Ela só deu um pequeno aviso.

— Qual?

— Ela e seu tio o esperam o mais breve possível

para o pedido oficial de casamento.

— Adiante-se, segundo irmão mais velho, o anel você já tem. Olá, mamãe. Preparada pra me dizer até logo? — Felipe chegou, pegou mamãe no colo e deu um beijo em sua testa.

— Sim. Pois já tenho data para reencontrar vocês. Lorenzo finalmente decidiu tirar férias e dentro de um mês estaremos chegando à Villa De Angeli. Agora venham comer alguma coisa. Levi já está chegando para levar vocês até Vitória. Afinal, Enrico tem um encontro marcado na Itália. E não pode perdê-lo.

Nana montou uma mesa próxima à piscina, e jantamos rapidamente. Às 19h, já estávamos dentro do carro, prontos para seguir até a capital.

Como sempre, dona Ana chorava e não podia faltar as palavras de meu pai, sendo que a resposta sempre vinha em uníssono por seus filhos.

— Cuidado por onde andam, meninos.

— Cuidado você, papai. Nós só seguimos seus passos.

— Então podem prosseguir, estão seguros.

Dentro de duas horas e meia estacionávamos na garagem de nosso prédio na capital. Passamos a noite e

logo pela manhã embarcamos para a Itália e Levi e Gisele retornaram para Rio Doce.

Quase doze horas de voo e a espera já estava ficando insuportável. Tentei várias vezes dormir um pouco. Fechava meus olhos, mas só vinha em minha mente a imagem de Sienna. Como ela estaria depois de tanto tempo? O tamanho de sua barriga? A Bella já estaria mexendo? Tantas perguntas e nenhuma resposta.

Felipe voltava do banheiro conversando com a comissária de bordo. Em seguida, sentou-se ao meu lado e a moça anotou seu pedido.

— Só um suco, linda. Prefiro jantar em casa.

— E o senhor, deseja algo? Desculpe minha curiosidade. Mas observei o senhor por alguns instantes e o sorriso não saía de seu rosto. Mesmo quase adormecendo, ainda assim sorria. É bom ver a alegria nos passageiros e não o medo de voar.

— Só uma água, por favor. E eu estou feliz. Voltando pra casa — respondi para a aeromoça.

— Moça, o babaca ao meu lado acordou para a vida e descobriu que vai ter um filho da mulher que ama. Esse é o motivo do sorriso bobo.

A moça sorriu, mas eu percebi o que Felipe não

viu. Seu sorriso não era puro. Ela era uma mulher ferida.

— Sua esposa é uma mulher de sorte, senhor. Nem todos nesta vida tem a bênção de ter ao seu lado a pessoa que ama e poder com ele criar o fruto deste amor. Desejo que os dois sejam muito felizes.

— Obrigado, senhorita. Ela ainda não é minha esposa, mas será muito em breve.

Ela acenou e disse que logo voltava com nossos pedidos.

Lipe já colocava o fone nos ouvidos para voltar a assistir ao filme que tinha selecionado.

— Lipe?

— Fale, Rico.

— Por que demorou tanto para me contar?

— Não era hora, Rico. Para tudo existe um tempo. E o meu fardo eu aguentei levar sozinho.

— E ainda me ajudou a carregar o meu.

— E quando eu digo que sou foda, ninguém acredita! Bando de inocentes.

Lipe voltou para seu filme e eu me perdi em inúmeros pensamentos e um deles foi um pedido. Fechei

meus olhos e conversei com Deus:

"Quanto tempo perdi ao me recusar a falar contigo, Senhor. Não teria sofrido tanto se tivesse crido que tinhas algo especial reservado para a minha vida. Mas eu sei que tudo que nos é designado tem um propósito. E eu aprendi que sem Ti, nada sou. Me deste uma segunda chance. E eu irei honrá-la. Me ensine, oh Deus... a ser um bom pai e o melhor esposo, pois é isso que anseio. Quero ter um lar como o de meus pais em que a base é o amor e a fé. Sei que és conhecedor de meu coração. E que nunca me abandonarás. Mas neste instante eu suplico que olhes por alguém que amo imensamente. Concedas ao meu irmão mais novo uma nova razão para amar. Cuide de Felipe. Amém."

Finalmente aterrissamos na Itália. E já havíamos tomado a condução para a Villa De Angeli. Mesmo com meu nível de ansiedade alto, eu reparei que Carla passou a viagem de volta para casa totalmente em silêncio.

Puxei a pequena para perto de mim e a abracei.

— Qual o motivo do silêncio?

— Luísa.

— O que ela disse?

— Que eu iria encontrá-lo.

— Quem, Carla?

— O meu próprio príncipe dos contos de fadas. Igual aqueles que eu fazia você e o Lê brincarem comigo quando ainda era pequena, Rico.

— E isso é ruim?

— Eu não sei. Ela disse que ele será a minha segurança para amar pela primeira e única vez na vida.

— Então confie. E espere acontecer. O fato é que você tem muita vida pela frente, pequena. E é pra lá que se deve olhar. Não tema. Somente prossiga e deixe seu coração aberto para viver o primeiro amor.

— Obrigada, mano.

Carla encostou em meu ombro e cochilou, despertando somente ao chegarmos em frente ao *Piacere*.

Lipe me ajudou a pegar as malas do carro, me despedi do motorista, que logo partiu, e nós estranhamos o silêncio na casa dos Ferrari. Vimos que o restaurante estava fechado e que havia somente movimentos nos chalés e no *bed and breakfast*.

— Estranho isso. Eles sabiam que estávamos chegando?

— Não, Carlinha. Eu estou ignorando as chamadas

de todos e, principalmente, as de Sienna desde domingo. Foi tão difícil fazer isso. Mas eu queria surpreendê-la.

— Então, vamos para casa.

Arrastamos as malas e logo avistamos a casa grande. Ouvíamos gargalhadas e uma música suave ao chegar em frente à porta principal.

— Chegamos — Carla falou jogando suas malas na varanda. — Está pronto para as suas meninas, Rico?

Eu nunca daria as costas para o meu recomeço. Se ele estava atrás daquela porta, eu iria entrar e agarrá-lo.

— Pronto.

Lipe abriu a porta devagar, sem fazer muito barulho. Os sons vinham da sala. Cada um ali presente estava envolvido em algo: comendo, conversando ou até mesmo com seus próprios pensamentos vagando bem longe dali.

E meu anjo era um desses. Sentada no sofá, usando um vestido branco, de olhos fechados. E suas mãos passeando pela pequena elevação de sua barriga. Era a minha bebê.

Sienna deu um pulo e logo se pôs de pé, chamando a atenção com seu grito. Minha menina mexia em sua barriga. E, pelo que entendi, foi a primeira vez.

Reconheci o homem que tocava o seu ventre. Nico estava de volta depois de seis meses de turnê com sua banda. Mas ninguém podia tocar as minhas meninas. Elas eram minhas!

Lipe fez a nossa chegada ser notada. E tive que dar um tapa em sua orelha quando disse para Nicolas tirar as mãos da sua Bella. Mas tive que concordar com sua resposta. Ela era uma De Angeli. Era nossa para amar e adorar.

Estendi a minha mão e recebi meu anjo em meus braços. Declarei a ela o meu amor. E já estava caminhando para o meu quarto quando Carla me entregou uma sacola. Sorriu e piscou em cumplicidade.

Ali dentro estava a lembrança que chegou sem dar aviso algum, me representando em um capítulo essencial de minha vida: era o perfume. O cheiro do meu amor.

Coloquei Sienna no chão e tranquei a porta de meu quarto. Que Carla e Felipe dessem as devidas explicações a todos dos fatos ocorridos ultimamente.

Sem dizer absolutamente nada, eu tomei Sienna pela mão e a levei até minha cama. Pedi que sentasse e esperasse.

Segui para meu banheiro e preparei um banho quente para nós dois na imensa banheira.

Voltei para o quarto e estendi a mão para Sienna, que a aceitou e me acompanhou.

— Eu vou despi-la, anjo. Posso?

— Eu... nunca... Oh, Deus, que difícil dizer isso.

— Apenas diga, anjo.

— Eu nunca fiquei nua na frente de ninguém. A não ser uma única vez. Com você.

— Eu que a despi, Sienna?

— Sim.

— Me mostre como fiz.

Mesmo tímida e com o rosto corado, a minha menina se aproximou e levou minhas mãos até seu vestido, me ajudando a retirá-lo, ficando apenas em uma pequena *lingerie* branca.

E, pela primeira vez, eu pude contemplar o lugar que estava guardado o meu pequeno tesouro: Isabella.

Minhas pernas cederam e me peguei de joelhos beijando, acariciando e sentindo a resposta aos meus toques com pequenos tremores no ventre de meu anjo. Era a minha estrelinha mostrando que ela era real, que logo chegaria e que ansiava ser profundamente amada. Ela só não sabia que já era.

— Olá, minha Bella! Eu sou o seu pai. E já te amava muito antes de saber que era realmente minha. Prometo cuidar de você com todo o meu coração. Meu maior objetivo a cada dia de nossas vidas será a sua felicidade e a de sua mãe. Eu só quero te ver feliz, meu amor. E sempre estarei ao seu lado. A promessa de um pai não pode ser quebrada. Eu viverei para amar vocês. — Sentia os chutes que a minha linda estrela dava à medida que ouvia as minhas palavras.

Levantei e enxuguei as lágrimas que rolavam pela face de minha mulher. E enquanto depositava leves beijos no pescoço de Sienna e sussurrava o quanto a amava, ela segurou minhas mãos e me ajudou a retirar o restante de suas roupas.

Oh, Deus, como eu queria me lembrar de cada pequeno detalhe da noite em que a fiz mulher.

Me afastei e contemplei a mulher que chegou em minha vida de forma inesperada, resgatando um sentimento que achava ter perdido. Sienna me fez amar pela primeira vez, pois o que vivi com Fabiana foi uma ilusão amarga.

Segurei sua pequena mão e a levei para a banheira que cheirava a pêssegos. O seu doce cheiro.

Passei a banhá-la. Sentindo os arrepios de sua pele ao ser tocada, lavei seus cabelos e o perfume deles cada

vez mais forte, inebriante, trazia pequenos flashes à minha memória: uma manta branca nas areias quentes da praia. A luz somente das estrelas. Meu corpo sobre o dela. Gemidos de prazer. Conexão de corpo e alma. Ela se tornando minha e eu somente dela.

Minha mão percorreu sua cintura levemente arredondada e podia sentir o calor emanando por seu corpo, enquanto eu a desejava ardentemente.

Seus suspiros e gemidos eram ouvidos a cada toque meu em sua pele.

Tirei minha roupa e me juntei a ela. E, então, a beijei com saudade e ansiedade. Seus lábios eram tão macios e delicados.

Acaricieei seu rosto e aprofundei o beijo, sentindo as pequenas mãos de Sienna emaranhadas em meu cabelo, puxando-os levemente.

Já em minha cama, eu a amei novamente, me reencontrando em seus braços.

Um novo dia chegava à Villa De Angeli. E há meia hora eu admirava Sienna dormindo em meus braços.

Não resisti mais e a despertei distribuindo pequenos beijos por seus seus lábios e rosto.

Meu anjo sorria, mas logo a preocupação tomou

conta de sua face.

— Me perdoe por não ter contado sobre a Bella.

— Não há o que perdoar, Sienna. O momento certo nos levou para aquilo que há de ser eterno. Tudo é belo e perfeito no tempo de Deus.

— Eu aprendi a me amar muito para não depender do afeto alheio. E falhei miseravelmente quanto te conheci, Rico. Eu sou dependente de seu amor. Eu pertenço a você.

— E eu a você, meu lindo anjo.

O fim de semana tinha chegado. E com a ajuda de tia Helena, Gio e Vince, eu estava preparando uma surpresa para a minha mulher.

Mas ainda tinha um dia de trabalho pela frente e precisava de meus capítulos que estavam há dois dias com Felipe para continuar a escrever o livro de minha vida.

Sienna estava com Juliana e Carla na cozinha e eu seguia para acordar o enrolado.

Bati três vezes na porta e não obtive resposta. Então, decidi entrar.

— Lipe, acorda! — chamei várias vezes e nada. Continuei a sacudir o infeliz. E fui obrigado a gritar: — FELIPE, porra, acorda!

— Acordei, acordei. Que merda está acontecendo, Rico?

Lipe sentou na cama e começou a esfregar os olhos.

— Rico, já sonhou que estava quase fazendo xixi? Cacete, se você não tivesse me acordado, eu tinha molhado a cama toda.

Eu tentei, mas não aguentei. Meu irmão não regulava bem da cabeça. Fui obrigado a gargalhar.

— Não ria da merda alheia, Rico. Ou melhor, da mijada alheia.

— Ok, parei. Eu tenho que trabalhar, idiota. Se atualizou nos capítulos? E onde ele estão?

— Sim, eu li. Estão em cima da mesinha. Posso dizer que odeio a Fabiana?

— Deve.

— Ela foi uma puta, Rico.

— Eu sei. Sou o protagonista dessa porra toda.

— Mas o que eu entendi desse último capítulo foi que você fodeu sim, esses dias todos. Por isso amanhecia tão mansinho.

— Babaca.

— Certo. Mas a moça bonita mexeu com você. Muito mais do que a Fabiana. E não tente me enganar. A mulher, que até pouco tempo era desconhecida, abalou o seu mundo certinho, Enrico.

— Eu sei, Lipe.

— Vamos dançar, Rico. Você deixou de ser virgem pela segunda vez no Ano Novo e está brincando de papai e mamãe manhã, tarde e noite. Depois de um ano sem mulher alguma, isso merece uma dancinha da vitória.

Felipe levantou da cama e vinha na minha direção, mas foi interrompido por alguém que abria a porta.

— Lipe, eu preparei misto-quente. Venha logo, senão vai esfriar.

— Ei, Sissi, bom dia. Venha dançar comigo. Vamos comemorar que Rico tá te fo...

Mas de jeito nenhum que eu ia deixar o louco do meu irmão abraçar Sienna do jeito que ele estava. Corri em sua direção e tapei seus olhos com uma de minhas mãos.

— Lipe, olhe pra baixo, seu *stronzo*! Vai abaixar essa merda. Nela você não encosta desse jeito.

Felipe olhou para baixo e como estava só de *boxer* viu o volume que se formava ali.

— Ei. Eu sou inocente, viu? Ereção matinal. A culpa não é minha se a cabeça de baixo tem mente própria.

Sienna ria baixinho. Era tão gostoso vê-la feliz.

— Banheiro, Lipe. Agora!

Assim como eu, Felipe olhava encantado para Sienna, sorrindo. Era a perfeição. Em tão pouco tempo de convivência com minha família, ela obteve o que nenhuma mulher que passou por minha vida antes, havia conseguido: ser amada incondicionalmente por meus irmãos, sem medo e desconfianças.

Tomei-a em meus braços e, sorrindo, rocei meus lábios aos seus.

Às vezes, a gente precisava de algo novo, uma sacudida da vida, para não esquecer que o importante não se via. No meu caso, não me lembrava direito, apenas sentia. E eu sentia. Sentia demais. Isso era amor.

Eu sabia que esse era só o começo. Tudo estava perfeito. Mas nem todos os dias que viriam pela frente poderiam ser assim. Mas eu nunca desistiria de nós.

Capítulo 10

Sienna

Era como estar dentro da reprise de seu filme predileto, sendo que os protagonistas éramos eu e Enrico.

Revivi cada detalhe da noite que me entreguei a ele. Mas, dessa vez, quem ensinou a arte de amar fui eu.

Durante a madrugada fui acordada por uma risada baixa e pequenos beijos em meu pescoço.

— Está escuro, Enrico. Eu não quero abrir meus olhos.

— A casa toda ainda está acordada, anjo. É meia-noite e meia.

Realmente, eu podia ouvir as vozes vindas de fora. Porém, eu também sabia qual era a intenção de Enrico ao me acordar.

— Você quer conversar?

— Só me diga o porquê, Sienna. Nós convivemos durante um bom tempo e você nunca disse nada. Qual o motivo de me ocultar sobre a nossa noite no réveillon e sobre a Bella?

Era hora de abrir o coração, mostrar para Enrico quem era a mulher deitada em seus braços.

— Tem certeza de que quer ouvir a verdade?

— É o que sempre espero receber de você.

Falar do passado, sempre me trazia dor. Então, evitei olhar para Enrico. Não queria que enxergasse o quanto eu era marcada por minhas memórias.

— Ok. Bom, eu sempre fui de sentir tudo e não falar nada. Minha voz também nunca teria valor ou seria ouvida em meu lar. Meu pai sempre fez questão de nos manter caladas em tudo. Eu e minha madrastra não podíamos expressar opiniões. Sua palavra sempre era a primeira e a última. O que ele dizia era lei. Eu vivi 24 anos sob o mesmo teto de um homem que nunca demonstrou bons sentimentos.

— Eu sinto muito, anjo.

— Não sinta. Nós só carregamos o fardo que conseguimos suportar. O meu foi pesado, sim. Mas me fez forte para sobreviver dia após dia a falta de atenção, carinho e amor. Não precisava de muito esforço para entender que ele não gostava de mim. Com o passar dos anos, a convivência tornava-se cada vez mais complicada. Como para tudo na vida tinha que ter um culpado, eu era o seu alvo predileto. Para todas as dificuldades que passava era em mim que ele descontava sua ira.

— Ele te batia?

— Constantemente. Eu e o chinelo, ou o cinto dele, já éramos amigos íntimos. E o difícil era me manter em silêncio, sentindo as lágrimas quentes descendo por meu rosto e ser obrigada a engolir os gemidos de dor. Aprendi com o tempo que se eu não gritasse, tudo acabava mais rápido. Ia para a escola de bicicleta no sol de meio-dia, tendo que usar calça comprida para esconder as marcas em minhas pernas e suportando a dor do tecido grosso tocando os locais feridos.

— Ele não tinha o direito de fazer isso, anjo.

— Eu sei. Mas eu preferia que fosse em mim do que na minha madrasta. Se existe sentimentos bons dentro de mim, Enrico, foi Fernanda quem os cultivou. Eu era

nova. Sabia que tinha muita vida pela frente. Ela...

Oh, meu Deus! Como eu queria deixar todas essas lembranças para trás.

— Ela o que, anjo?

— Ela era doente. Precisava dele. Seus remédios eram caros. E ele sempre ameaçava que a mandaria embora de casa a cada discussão que tinham. Fernanda era diabética em estado avançado. Quando eu tinha quinze anos de idade, ela engravidou pela primeira vez, mas logo sofreu um aborto. A tristeza foi tão grande que a fez se fechar e viver em um mundo só dela. O único momento no dia que eu podia reconhecer a mulher que me criou era quando todas as noites ela entrava em meu quarto e me colocava para dormir. Ajoelhávamos e, juntas, pedíamos a Deus por dias melhores. E antes de sair e apagar a luz, ela beijava minha face e sempre dizia a mesma frase: "Quando encontrar o amor, certifique-se de que será amada e correspondida da mesma forma". E eu sempre perguntava o porquê. E recebia a mesma resposta todos os dias: "Para não sofrer, minha pequena".

— Você a amava.

— Muito. Fernanda me ensinou a dar valor às pequenas coisas da vida. Um sorriso, um abraço e até mesmo um aperto de mão carinhoso. Eu sinto tanta falta

dela. Até das massagens que fazia em seus pés para aliviar as suas dores.

— Foi por ela que você se calou, Sienna.

— Eu não queria que meu futuro fosse o reflexo do passado de Fernanda.

— Entenda, meu lindo anjo, eu não sou seu pai.

— Mas me disse o que ele fazia questão de repetir a cada bendito dia de minha vida: "Que nunca mais amaria ninguém".

Henrico me apertou em seus braços e beijou meus cabelos.

— Me perdoe, Sienna. Eu não sabia o que estava fazendo. Assim como você, eu sentia medo.

— Eu sei. Ela te feriu profundamente.

— Sim. E eu virei uma verdadeira bagunça. Eu só fui me reconhecer quando te encontrei naquela noite.

Eu me apoiei em seu peito forte e observei seu lindo rosto. O que iria falar agora, tinha que ser olhando dentro dos olhos dele.

— Eu sou transparente demais. Não gosto de meio-termo ou de um amor pela metade. Se for para chegar e ficar, que seja completo, que tire o fôlego e me faça

suspirar.

Rico tocou suavemente os meus lábios.

— Uma menina tão insegura, mas ao mesmo tempo tão forte. Você ama poucos. Mas esses poucos, você ama demais.

— Esse é o meu erro. Minha fraqueza. Amar em excesso.

— Não. Essa é sua natureza. É você. É a Sienna, a mulher que eu amo. E prometo amar por todos os dias de minha vida.

Levei meu dedo aos lábios de Enrico e o silencieei.

— Eu desconfio daqueles que prometem demais. Então, não me prometa nada. Nem antes, nem agora e muito menos depois. Demonstre. As palavras, o vento leva. Já os gestos e as atitudes são duradouros. Eternos.

Rico segurou a minha mão e sorria enquanto beijava a ponta de meus dedos.

— Vou te contar um segredo, anjo.

— Conte.

— Amor é quando você não faz questão de si mesmo e se doa ao outro. E não pede muita coisa em troca. Pede somente para ser amado sem medidas, reservas ou

limites. Amar é se entregar por completo. E nunca é demais, porém essencial.

— Me ensine a confiar, Rico.

— Vamos aprender juntos, Sienna. Ainda tem sono?

— Não.

— Está ouvindo as gargalhadas?

— Sim. Tenho certeza de que Lipe está no meio da bagunça.

— Vamos lá conferir.

Nos vestimos, mas antes de abrir a porta para sairmos do quarto, Rico me abraçou e agradeceu.

— Obrigado. O valor mais soberano na vida de um homem é a família. E você me proporcionou isso.

— Não agradeça. Apenas nos ame.

Enrico me pegou no colo, arrancando de mim uma gostosa gargalhada. Abri a porta do quarto e saímos.

Quando chegamos na sala só estavam os De Angeli e o silêncio ocupando o ambiente.

Rico me colocou no chão e me abraçou por trás,

encostando a cabeça em meu ombro e inspirando o cheiro de meus cabelos.

Lipe me olhava, tinha a boca suja de chocolate de um de meus *cupcakes* e o sorriso safado não saía de seu rosto. O silêncio foi quebrado pelo som da sua voz:

— Eu sei o que vocês fizeram nessas últimas cinco horas.

Enrico ria baixinho enquanto mordiscava minha nuca.

Carla deu um tapa na orelha de Lipe, que gritou imediatamente.

— PORRA! Até você?

— Mereceu, idiota!

— Não falei nada de mais. Rico é um De Angeli. Macho alfa. Acha que ele estava fazendo o quê? Brincando de boneca?

— Não. Mas não precisa dizer em voz alta o que se passa por essa sua mente insana.

— Minha mente é normal.

— É safada.

— Só 1%. No restante, eu sou um bom moço.

Carlinha jogou as mãos para o alto e gritou que desistia porque não entendia como as mulheres caíam de amores pelo irmão mais novo dela. E Lipe deu a resposta para seu questionamento.

— Charme De Angeli. Papai ensinou bonito a arte da conquista.

Lipe se jogou no sofá, colocou as mãos por trás do pescoço e piscou para mim. Eu sabia que ele iria irritar o irmão, mas antes que fizesse, eu me soltei dos braços de Enrico e segui até onde ele estava. Em seguida, levantei a barra de meu vestido e me sentei em seu colo. O abracei e sussurrei em seu ouvido:

— Você é como um lindo e único arco-íris na minha vida, que chega após um dia chuvoso, escuro e de muitos raios. Você é cor, luz, alegria, aconchego e segurança. Felipe Martins De Angeli... você é esperança. É saber que tudo vai ficar bem, é a certeza de que dias melhores virão. Não se ausente mais por tanto tempo. Eu senti saudades.

Lipe me abraçou forte e afastou meu corpo para poder olhar em meu rosto.

— Obrigado, moça bonita.

Um sorriso largo surgiu nos lábios dele. E Lipe sendo quem era nunca perderia uma provocação.

Direcionou seu olhar a Enrico e me trouxe próximo ao seu corpo.

— Ela disse que me ama. Sou totalmente irresistível.

— Cretino! Solte a minha mulher!

Felipe levantou do sofá comigo em seu colo. Me colocou no chão, se ajoelhou e deu vários beijos em minha barriga. Depois levantou-se e acariciou minha face.

— Eu amo você, moça bonita.

— Eu sei. Eu sinto. Mas me trocou por outra grávida lá no Brasil. — Dei um tapa forte no braço direito de Felipe, que gemia e esfregava o local marcado por minha mão.

— Mão pesada, caramba!

— Lembre-se de que eu carrego no ventre uma De Angeli.

Lipe cruzou os braços e sorriu debochadamente.

— Chantagem, moça bonita?

— Me julgue. Apreendi com o melhor.

— Ouviram? Eu sou foda!

Me coloquei na ponta dos pés, beijei sua face e disse que também o amava.

Gio e Vince esperavam por uma explicação minha. Eu sabia. Os dois estavam em pé, um ao lado do outro, com os pés afastados, os braços cruzados e a expressão fechada no rosto.

Me aproximei cautelosamente e parei em frente aos dois.

— Vocês lembram quando minha madrinha fez vários vestidos de princesa pra mim?

Gio respondeu:

— Lógico. Eu fui vestido de príncipe várias vezes para casar com você.

Rico, que estava sentado ao lado de Carla no sofá, fez questão de chamar Giovanni de babaca em alto e bom som.

— Conforme-se. Estou há quase 25 anos na sua frente na vida de Sienna.

Enrico ia revidar e essa conversa se prolongaria por longos minutos. E eu tinha pressa. Depois de tantos dias, a fome finalmente resolveu aparecer. Estava faminta.

— Vocês não vão começar discussão alguma. Me

deixem falar.

Depois que os murmúrios pararam, eu voltei a me pronunciar.

— Eu escolhi substituir o "Era uma vez" dos contos de fadas que tanto sonhei pelo "É dessa vez". Eu decidi recomeçar. E finalmente encontrei o meu verdadeiro príncipe encantado. Eu espero que entendam isso. Foi meu coração que o escolheu. E não pensem que foi naquela noite de réveillon. Eu já o amava desde menina. Vai completar dez anos que vi Enrico pela primeira vez. E a cada dia que passava, meu amor por ele aumentava. E eu não me cansava de orar a Deus para que, um dia, eu o encontrasse. Ele recolheu minhas lágrimas no pior dia de minha vida.

Enrico estava com os olhos arregalados. Não devia estar entendendo nada. Mas se era para iniciarmos uma vida juntos, não poderia haver segredos. Pelo menos, este não, já que me faltava coragem para contar o outro.

Gio chamou minha atenção ao tocar meus ombros.

— Sissi, você deve estar confundindo. Aquele dia foi na sua festa de 15 anos. Enrico não estava lá.

— Sim, ele estava. Eu não conseguia dormir após minha madrinha encerrar a festa. Ainda chovia. Mas os raios tinham cessado. A casa já estava em silêncio. Eu

tirei meus sapatos brancos e corri para o jardim da casa. Eu sabia que aquela pessoa não estava mais lá. Meu padrinho já o havia tirado da casa. Eu precisava correr, ficar só, parecia que as mãos dele ainda apertavam o meu pescoço, Gio. Faltava ar. E quando cheguei do lado de fora e a chuva caiu sobre mim, eu chorei novamente. Eu sabia que já soluçava, mas ninguém me ouviria, pois estava distante da casa. E Enrico chegou para me salvar. Eu já tremia no chão de tanto frio, mas não tinha forças para me erguer.

Sem perceber, eu já estava me encolhendo. Meus braços rodeavam minha cintura e meu corpo tremia levemente. E, assim como há dez anos, Rico me salvou novamente. Tomou-me em seus braços e nos levou até uma grande poltrona. Sentou e eu me aconcheguei em seu colo, sentindo seu perfume amadeirado.

Suas mãos afagavam meus cabelos e aos poucos eu me acalmei para continuar a relatar. Mas agora eu falava olhando diretamente para Enrico.

— Eu fui erguida em meio àquela chuva forte e levada para a grande varanda que rodeava a casa de Helena. E o homem só afrouxou seu abraço quando sentiu que eu me acalmei e o choro foi amenizando. Porém, ao erguer minha cabeça, eu encontrei os olhos azuis. Era você, Rico. Ficou gravado em mim, na minha pele e em minha alma. Eu nunca te esqueci.

Rico contornava meu rosto com a ponta de seu dedo indicador. Seus olhos estavam brilhando rasos de lágrimas, até que uma transbordou e rolou por sua face bonita.

Carla e Lipe se aproximaram e sentaram no chão à nossa frente.

Rico deu um pequeno sorriso para seus irmãos, que lhe corresponderam igualmente.

— Anjo de vestes brancas. Era você. Carla, Lipe, olhem. Sempre foi ela.

— Você amou uma única mulher na vida, Rico. Isso sim, é um verdadeiro conto de fadas.

Agora era eu que não compreendia o que Carla estava falando.

— O que está acontecendo aqui, Carla? O que quer dizer com isso?

— Nesse dia, nós voltávamos de compras na capital e devido à chuva intensa, chegamos muito tarde em Rio Doce. Mas mamãe nunca abriria mão de comer os doces caseiros de tia Helena. Então, Rico se prontificou a ir buscá-los, pois papai veio dirigindo um carro e Levi o outro e chegaram cansados em casa. Ficamos preocupados, pois Rico estava demorando a retornar.

Quando íamos telefonar, ele entrou pela porta da frente. Entregou os doces para mamãe, deu em beijo de boa noite nela e foi para seu quarto em silêncio. Deste dia em diante, ele mudou. Eu sempre tive o costume de passar no quarto de cada um de meus irmãos e ver se eles estavam bem, antes de ir me deitar. E todas as noites, eu ouvia Enrico murmurando sobre um anjo. Depois de algum tempo, ele nos contou o que aconteceu naquele sábado à noite. E hoje eu entendo o porquê dele ter se envolvido com Fabiana. Ela lembrava você. Pura ilusão. Ele procurou por seu anjo de vestes brancas por anos e não encontrou. E teve que se contentar com o anjo negro. Mas quando o amor é destinado, nada e nem ninguém consegue impedi-lo de acontecer. Vocês são a prova disso. Essa união é abençoada por Deus.

Carla segurava uma de minhas mãos e Lipe a outra. Enrico agora enxugava as minhas lágrimas e falava baixinho para que só nós pudéssemos escutar:

— Sempre foi minha, anjo. Sempre.

Minha cabeça estava uma verdadeira bagunça. Quando pensei que meu segredo iria surpreender a todos, eu que acabei ficando chocada. Mas foi Deus quem escreveu o nosso destino. Acho que para uma história ser quase perfeita, ela tinha que ter curvas. E a nossa teve várias. O importante era que nos encontramos pela longa estrada da vida. E iríamos percorrê-la juntos de agora em

diante.

Dei um leve beijo nos lábios de Enrico e busquei Gio e Vince pela sala. Os encontrei sentados no sofá à nossa frente.

— Minha madrinha sempre costuma dizer: "Nunca prorrogue o que te faz bem". Então, eu escolhi amar e ser amada. Acho que o segredo de ter chegado até aqui foi o de não ter deixado minha fé ser abalada. Deus sempre tem algo bom, reservado para aqueles que o amam. E hoje eu posso dizer qual é o melhor de mim: minha família. Eu faço parte de uma agora. Enfim, a felicidade sorriu pra mim.

Gio e Vince levantaram-se e se aproximaram de onde estávamos.

Gio apontou dois dedos, primeiro para seus olhos e depois mostrou os mesmos para Enrico.

— Nunca a faça sofrer. Estou de olho em você. Eu seria um tolo se dissesse algo contra o relacionamento de vocês. Isso tudo estava escrito. Todo encontro é destino. E o de vocês é de alma. Bem-vinda, Sissi, a família De Angeli.

Soltei as mãos de Lipe e Carla e saltei do colo de Enrico. Levantei-me e me joguei nos braços de Giovanni. Mas o que era pra ser um abraço de dois amigos se tornou

o de seis pessoas que se amavam e se completavam. Entre aqueles braços, eu me senti extasiada, feliz e amada, como poucas vezes havia me sentido.

Três dias passaram-se após a chegada de Enrico. Minha rotina de trabalho foi alterada a pedido de dona Ana, que fazia questão de telefonar todos os dias para saber como eu e Bella estávamos.

Então, todas as manhãs, eu era a primeira a acordar na casa. Preparava meus *cupcakes* e outros doces e seguia para o *Piacere*. Só trabalhava pela manhã e todas as tardes podia observar Enrico digitando em seu notebook. Eu sabia que a cada sorriso espontâneo que ele dava era aquele momento de máxima sintonia entre ele e sua inspiração.

Com a forte chuva de ontem à noite, estávamos sem internet na *Villa*. Matteo finalizava seu conserto, enquanto Rico digitava o livro de seus amigos do Brasil.

— Pronto, senhor Enrico. Internet ligada novamente em toda a Villa De Angeli.

— Obrigado, Matteo, pode pegar o pagamento com Felipe lá na sala.

Matteo guardou seu material de trabalho na bolsa e quando já estava chegando a porta, chamou por Enrico e eu pude ver que estava um pouco nervoso.

— Er... seu Enrico.

— Sim.

— A dona Carla também está na sala. Bom, pelo menos estava quando eu cheguei. Posso pegar meu pagamento com ela?

Matteo passava a mão repetidas vezes pelo cabelo em pleno sinal de nervosismo.

— Eu acho que o senhor Felipe não gosta muito de mim.

Enrico riu baixinho e eu também, pois sabíamos o motivo.

— Não se assuste com a cara feia de Felipe, Matteo. Ela já nasceu com ele. Mas ele é um bom moço. Não morde. Pode ir tranquilo.

— Ok, senhor. Muito obrigado.

— De nada. Obrigado por ter atendido o meu pedido e vindo rapidamente. Eu não poderia deixar a minha mulher sem poder atualizar e ler os capítulos de seus livros prediletos nesse aplicativo.

Matteo agradeceu, saiu e encostou a porta.

Enrico levantou de sua cadeira e se ajoelhou à minha frente no sofá onde estava deitada.

— Bem, o infeliz do Felipe morde. E a Karine pode afirmar isso. Mas o noivo dela não precisa saber desse pequeno detalhe.

— Grande.

— Grande o quê?

— Grande detalhe.

— Eu não acredito que ele foi se gabar com você.

— Ah, mas ele fez. E, como ele mesmo disse, tem um orgulho da porra do seu meio centímetro a mais.

— Cretino!

— Disse isso pra ele também.

— Chamou ele de cretino?

— Sim. E fiz uso de mais alguns belos adjetivos pra ele.

— Essa é a minha garota.

Sorri e recebi um delicioso beijo nos lábios.

Voltei minha atenção para meu tablet, enquanto Enrico sentava novamente na cadeira para continuar seu trabalho.

— Conseguiu atualizar os livros que está

acompanhando nessa plataforma?

— Sim.

— Vai ler qual agora?

— Não sei por qual começar. Mas vou colocar a leitura de quatro deles em dia.

— São bons livros?

— Perfeitos. Amo todos.

— Quais os títulos?

— *No limite de seu amor*; *Quando os lobos choram*, o terceiro volume da série *Os Lobos de Ester*; *Quebrando regras*, o primeiro volume da série *Segredos Sombrios*, e *O desejo de te amar*.

— Gostei dos títulos.

— Eu gosto é do Manuel, Kirian e Sasha, Patrick e Nicholas. Eles são quentes, tem pegada e dizem MINHA!

— Ei, eu também falo!

— Mas eles falaram primeiro.

— Tô fodido, você está encantada.

— Muito. Eu sou apaixonada por eles.

Enrico sorriu e voltou a digitar, mas não sem antes deixar mais um comentário:

— Dê os parabéns às autoras. Uma das melhores sensações de quem escreve é saber que seus personagens são amados. E elas conseguiram isso.

— Sim, elas são maravilhosas. Darei seu recado.

Enrico piscou para mim e voltou a se concentrar no que estava digitando: a história de Daniel e Emanuely.

Após duas horas de leitura, eu dei um descanso ao meu tablet. A porta do escritório foi aberta e Lipe e Carlinha entraram e seguiram em minha direção. Lipe me estendeu a mão.

— Vem comigo, moça bonita. Queremos te mostrar um lugar especial.

Enrico abaixou a tela do notebook e levantou.

— Terminaram a limpeza do local, Lipe?

— Sim, está do jeito que a *nonna* gostava.

— Certo. Vamos lá, então.

Deixamos a casa grande e poucos metros à frente, nós entramos por um caminho de pedras cercado por grandes árvores.

Logo o cheiro da mata e de água fresca já podia ser sentido. Não sabia para onde estavam me levando, mas que era especial e cheio de tranquilidade e paz, isso eu tinha certeza.

Das pedras brancas, nós subimos três degraus e andamos por uma plataforma de madeira. Lipe fechou meus olhos, enquanto Rico segurava as minhas mãos e me guiava para não tropeçar ou me machucar.

Quando paramos, eu quis tirar as mãos de Lipe para poder enxergar o que tanto queriam me mostrar. Mas ele não deixou. Disse apenas para ouvir a voz de Carla e sentir o ambiente.

— Meu avô era um homem completamente apaixonado pela nossa *nonna*. E assim como você, Sienna, ela tinha paixão pela literatura. Viajava em cada leitura de seus amados livros. Um dia, vovô disse que lhe daria um presente. A faria viver o seu próprio conto de fadas. E escondido dela, ele construiu esse recanto. A *nonna* sempre dizia que era um lugar especial. Realmente mágico. E o que é engraçado é que parece que sentimos realmente a magia. É só chegarmos aqui, já sentimos...

— Leveza, alegria e muito amor.

— Isso, Sienna. Você já sentiu. Agora Lipe vai tirar as mãos de seus olhos e você verá o lugar encantado

da nossa *nonna*.

Lipe tirou as mãos de meus olhos e pisquei algumas vezes para me acostumar com a claridade.

Logo à minha frente havia uma ponte de madeira erguida sobre um pequeno rio de águas muito cristalinas. E no fim da ponte, uma linda casa nas árvores, toda envernizada com amplas janelas de vidro. Uma pequena varanda rodeava-a por completo. A porta era grande e tinha um nome entalhado na madeira: *Bella*.

Tive que segurar as lágrimas que já teimavam em querer cair. Se eu não soubesse que o local foi feito para a avó de Enrico, eu poderia jurar que tinha sido desenhado para a minha menina. Parecia uma linda e grande casa de bonecas.

Atravessei a ponte e fui seguida pelos três. Toquei com carinho o local onde o nome estava gravado. Tentei abrir a porta, mas estava fechada.

Girei e os encontrei olhando para mim. Pareciam estar atentos a cada reação minha.

— Abram.

Enrico se aproximou e enlaçou a minha cintura. Deu um beijo na ponta de meu nariz e as palavras que saíram de seus lábios só fizeram a ansiedade ser maior

para descobrir o que encontraria por trás daquela grande porta.

— Não podemos, anjo. Não temos a chave. E a *nonna* nos fez prometer que não forçaríamos a entrada. Antes de morrer, ela nos disse que somente aquele que fosse digno iria encontrar a chave e descobriria seus segredos.

— Mas ela não disse onde procurar essa chave?

— Sim.

— Onde, então?

— Aqui mesmo. Já procuramos em cada canto. Nós já retiramos até as madeiras dessa varanda para olhar embaixo. E nada.

— Eu posso...

— Quer tentar, moça bonita? Fique à vontade. E lembre-se: se encontrar a chave, a casa é sua. Esse era o desejo da dona Isabella.

Lipe sorria, já sentado na varanda.

Pedi licença a todos e passei a olhar minuciosamente cada detalhe que o avô de Enrico construiu com as próprias mãos para a sua amada.

Passei minutos andando ao redor da casa. Meus

pés já sentiam o efeito de ficar em pé durante tanto tempo. Quando pensei em desistir, algo me chamou a atenção. Embaixo da fechadura havia uma elevação, como um pequeno compartimento em formato de coração.

Sentia minhas mãos suarem, meu corpo tremia levemente e minha respiração acelerava a cada segundo.

Uma das mais doces lembranças de minha mãe surgia em meus pensamentos.

Fechei meus olhos e pude lembrar aquele lindo dia em que Fernanda encontrou um cartão assinado por ela, dentro de um fundo falso em uma de minhas gavetas.

Assim como anos atrás, eu deixei o choro sair livremente. Mais uma vez, minha mãe falava comigo, fazendo com que suas palavras tocassem ainda mais fundo em minha alma.

— Com o coração, você abre praticamente todas as portas.

— O que disse, anjo?

— São palavras de minha mãe. E ela tem toda razão.

Fui com a certeza de que ali eu encontraria o que procurava. Puxei com firmeza o compartimento, e algo caiu no chão, rolando até encontrar os pés de Enrico.

Rico abaixou-se e a pegou, entregando-me logo em seguida. Era dourada. E também tinha o nome gravado nela.

— É toda sua, anjo. Abra.

Não era minha. Aquele lugar tinha uma dona. E eu só descobri depois de abrir a porta e ser surpreendida.

Era uma herança de Bella para Bella.

Capítulo 11

Enrico

Três dias passou-se desde que retornei do Brasil.

E a sensação de acordar todos os dias com Sienna em meus braços era quase indescritível.

Tive que piscar repetidas vezes para ter a certeza de que não estava mais sozinho e que não era mais um sonho. Meu anjo de olhos azuis era agora a minha realidade. Finalmente podia responder a pergunta que passava por minha mente a cada instante dos últimos dias: "Será que é amor?". Sim, era. Disso eu não tinha mais dúvidas.

Era amor quando a gente fechava os olhos e tinha a

certeza de que não estávamos só, que tínhamos ao nosso lado o que sempre nos faltou para ser completo: a nossa metade.

E ela estava ali. Linda. Dormindo tranquila e suspirando suavemente em meus braços.

Peguei novamente o meu celular na mesa de cabeceira, já estava perto do alarme tocar para que meu anjo levantasse e passasse a manhã inteira em meio aos seus doces.

Desativei o alarme e depositei o celular novamente na mesa. Se fosse para ser acordada, que fosse por mim. Pelo meu toque, meus beijos, minha pele. Não a porra de um berro!

Levantei seus cabelos que caíam um pouco em seu rosto. E me aproximei de seu pescoço, sentindo seu doce cheiro de pêssegos. Puxei Sienna para mais perto de meu corpo. Com a ponta de minha língua, passei por seu ombro, dando pequenas lambidas e subindo até chegar próximo a sua orelha. Sua respiração acelerada e o riso baixo já indicavam que havia despertado.

— Bom dia, meu anjo.

— Bom dia, amor.

— Vai trabalhar em casa ou no *Piacere* hoje?

— Em casa. Sua mãe exigiu que eu reduzisse meu horário de trabalho. Disse que dentro de mim está a pessoa que ela mais ama no mundo. O seu bem maior.

Levantei um pouco o meu corpo e pude olhar nos olhos de Sienna.

— Não acredito que ela disse isso. Felipe vai ter o ego imensamente ferido.

— Ela disse que ser avó é amor em dobro.

— Não discordo dela.

— Vou trabalhar somente pelas manhãs a partir de agora. E já estou atrasada, Rico. Prometi fazer ovos com bacon no café da manhã para Lipe. E tapioca recheada.

— Você está mimando o cretino.

— E o farei até ele encontrar alguém que o ame e cuide dele como ele merece ser tratado: com carinho. Lipe é especial. E é preciso enxergar além da sua cara sapeca e seu sorriso safado. Ele não me engana. Ele tem marcas profundas no coração.

Encostei minha testa na de Sienna e acalmei meu coração sentindo a sua respiração suave enquanto lembrava as palavras de Felipe naquele avião.

— Ele precisa entender que não é culpado de nada.

— Não sei o que aconteceu para poder opinar, Rico.

— Eu também não posso lhe contar, anjo. Apenas ore. Ele precisa perdoar.

— Eu farei.

— Certo. E olha, eu já ia me esquecendo. Ele tem uma surpresa para todos nós.

— Então vamos levantar.

Coloquei meu corpo em cima do de Sienna, tomando cuidado para não soltar meu peso sobre o local onde estava a minha Bella.

— Não sem antes me beijar, anjo.

Sienna sorriu e me puxou. E não ficamos somente nesse beijo. Só saímos do quarto após um grito desesperado de Felipe por comida.

Enquanto Sienna decorava seus doces na bancada da cozinha, nós terminávamos o café da manhã. Gio e Vince levantaram-se e pediram licença, pois já estavam atrasados e tinham muito trabalho na vinícola. Juliana também se retirou para levar alguns doces prontos ao *Piacere*.

Aproveitei que estávamos sozinhos e Sienna

distraída ouvindo música enquanto confeitava seus *cupcakes* e chamei Felipe e Carla para me acompanharem ao escritório.

Lipe se jogou no sofá e Carlinha sentou na cadeira do outro lado de minha mesa. A porta estava trancada para que ninguém nos incomodasse.

— Lipe, foi feita a limpeza no local da casa da árvore?

— Sim. E também foi realizado alguns reparos externos. E a madeira envernizada. Está do mesmo jeito que o avô construiu.

— Certo. E Carla, você conseguiu preparar tudo para a surpresa de Sienna?

— Sim. Comida por conta de dona Luciana. Gio e Vince ficaram responsáveis pelas bebidas, os fogos ficaram a cargo de Pietro e a música com Nico e Felipe.

— E a minha surpresa?

O semblante de Carla mudou. Estava radiante e agora a famosa ruga aparecia em sua testa. Ela estava preocupada.

— Não sei se chegarão a tempo, Rico. Foi tudo muito corrido.

— Ele é a sua única referência de pai, Carlinha. Eu preciso do tio aqui. Eu disse que faria Sienna ter novas memórias. E tia Helena me disse que se fosse para começar, não havia dia melhor do que o aniversário de meu anjo.

Carla pegou o celular nas mãos e digitou algo enquanto conversava comigo.

— Eu não acredito ainda que ela não nos contou que amanhã é seu aniversário.

— Não é uma data que lhe traz boas recordações, pequena. Os pesadelos dela deram início neste mesmo dia, há exatamente dez anos.

Carla estendeu seu braço e tocou a minha mão, apertando forte, mas, ao mesmo tempo, era reconfortante.

— Nós vamos mudar essa história, Rico. Ela pode nunca esquecer aquele dia, mas nesse será marcado um recomeço para Sienna.

— Para o recomeço não existe data e nem hora marcada. É preciso recomeçar quantas vezes for necessário. E nunca esquecer o que passou. Foi lá que iniciou a nossa história.

— Você está certo. Em cada fato das nossas vidas nós nos moldamos de maneira diferente.

— Ok. Vamos deixar tudo pronto para amanhã. Tia Helena já deu alguma resposta, Carlinha?

— Sim. Acabou de chegar mensagem. Eles embarcam amanhã cedo. Devem chegar ao anoitecer.

— Maravilha. Me faça um favor, pequena? Acorde o babaca. Matteo já está chegando para consertar o serviço de internet.

Felipe deu um pulo do sofá, desesperado e assustado.

— O nerd, merda! Er... A moça bonita necessita da minha presença na cozinha.

— Eu não ouvi Sienna te chamando, Lipe.

— Transmissão de pensamento, mana. A conexão entre mim e a moça bonita é fortíssima. Não precisamos nem dos fofoqueiros que invadem os sonhos da pequena luz. Somos foda!

Carlinha se aproximou de Lipe e o abraçou com carinho. Afastou-se e fez questão de falar bem alto:

— Lipe isso se chama ser frouxo.

Lipe beijou a face de Carla e saiu caminhando devagar para a porta abrindo-a e antes de fechá-la, piscou para Carlinha e sorriu descaradamente.

— Isso se chama manter intacto o que carrego no meio das pernas. — E o safado foi embora gargalhando.

Almoçamos todos juntos. E ao entardecer saímos para mostrar o local mágico de dona Isabella para Sienna. Mas nunca imaginamos que finalmente alguém conseguiria achar a chave e abrir as portas do refúgio da *nonna*.

Sienna empurrou a grande porta de madeira. Acendi a luz e tudo estava perfeitamente organizado como se a *nonna* tivesse passado ali naquela manhã e ajeitado cada detalhe do local. O que indicava a sua ausência era a fina camada de poeira nos móveis, fazendo a saudade doer no peito, ao lembrar-me do sorriso amável de vovó e de seu carinho por este pequeno refúgio.

Acabamos nos separando e cada um foi inspecionar um ambiente da casa.

Sienna foi para a sala, Carla para a cozinha, Lipe estava no quarto, mas logo desapareceu, e eu fui parar onde mais amava: na biblioteca. Não cheguei nem a tocar nos livros. O grito de meu anjo me colocou em alerta e corri ao seu encontro.

Sienna estava no chão da sala de joelhos, abraçada a um porta-retrato. Murmurava algumas palavras enquanto balançava seu corpo de um lado para o outro. Aproximei-me e a tomei em meus braços, levando-a comigo para o

sofá. Sentei-a em meu colo e Carla lhe trouxe um pouco de água. As mãos de meu anjo não aguentaram nem segurar o copo. Eu mesmo lhe dei de beber. Após alguns minutos, ela conseguiu se acalmar e mesmo abraçada a mim com muita força, conseguiu falar:

— "A fé é um exercício diário, cujo resultado é refletido nos dias futuros". Essas palavras... — Sienna puxava o fôlego e enxugava as lágrimas. — eram as que minha madrastra me dizia sempre que pensava em desistir de meus sonhos ou quando achava que simplesmente não era digna de amor e felicidade. Foi com ela que eu aprendi a acreditar.

— Mas, então, por que choras, Sienna? As palavras de sua madrastra são ternas e reais. Ela tem toda a razão. Basta crer para acontecer. — Carla estava sentada ao nosso lado e acariciava os cabelos de meu anjo enquanto conversavam.

— Olhe, Carla. É ela.

Sienna lhe entregou o porta-retrato. E agora foi a vez de minha irmã derramar algumas lágrimas, enquanto alisava com carinho a fotografia em suas mãos.

— É a *nonna*, Rico. Veja. O nosso último Natal. Ela estava tão feliz rodeada pelos netos, contando as suas belas histórias. Foi papai que tirou essa foto. — Carla me

mostrou a fotografia. Eu lembrava perfeitamente daquele dia. Ela contava a sua própria história de amor para os netos.

— Era ela. A mulher do meu sonho.

Olhávamos para Sienna esperando que continuasse a contar, mas ela estava fascinada pelo retrato da *nonna*. Toquei delicadamente em seu rosto, chamando sua atenção.

— Anjo, o que tem a *nonna* com o seu sonho?

— De Bella para Bella, Rico. Essa chave em minhas mãos é para nossa menina. A senhora no meu sonho era a sua *nonna*. Ela que fazia meu parto e me entregava a bebê, dizendo o nome que ela deveria ter: Isabella. Entende agora o porquê da frase que eu disse? Fé, Enrico. Em nenhum instante eu duvidei. Eu sabia que era uma menina.

— Eu cheguei a duvidar, anjo. Mas Deus usa de diversas formas para falar conosco. Algum propósito ele tinha para te fazer sonhar com a *nonna*.

— Sim. Ele realmente tinha. E está aqui em minhas mãos.

Lipe tinha entrado na sala carregando um livro ou um diário bem grosso, não sabia identificar de imediato o que era.

— É pra você, Rico. Tem o seu nome. Desculpe-me, eu li algumas páginas. É a história completa da vida de nossos avós. E ela confiou a você os seus segredos. A vida da *nonna* não foi tão bela como imaginávamos.

Lipe me entregou e abri a primeira página lendo em voz alta o título do que tinha acabado de descobrir ser um diário:

— Um conto quase de fadas de Isabella e Valentin.

— Ei, esse era o nome que eu escolhi quando soube que estava grávida, antes de sonhar que seria uma menina. Eu tinha a esperança de ter ao menos um homem neste mundo para me amar. Seria o meu filho. Valentin.

Fechei o diário e puxei Sienna para mais próximo de mim.

— Me perdoe, anjo. Eu demorei a te encontrar.

— "Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu". Está em Eclesiastes 3:1

Nós olhamos espantados para Felipe.

— Que foi? Eu não sou só um corpo gostoso ocupando espaço nessa Terra, gente. Mamãe me ensinou a ser bom moço também.

Carlinha apontou para Felipe.

— De tudo que presenciei hoje, isso foi o mais sinistro.

— Quando eu digo que sou um pacote completo, ninguém acredita. Por isso sou o De Angeli mais amado.

Levantei com Sienna nos braços e com carinho coloquei-a sentada novamente no sofá.

Dei alguns passos e levei minha mão aos ombros de Felipe.

— Você foi destronado. Esse posto agora é da Bella. Palavras da mamãe.

Lipe repetiu o meu gesto sorrindo sarcasticamente.

— Eu sei. Mas não perderia a oportunidade de ver a sua cara toda alegrinha pensando que iria me sacanear, murchando bonito na minha frente. Fui eu quem disse pra dona Ana que amar a Bella era sentir um amor maior do que eu sinto por mim mesmo. É um amor de bem-querer. Ela é o fruto da união de um dos homens que mais admiro e amo com uma mulher que conquistou um lugar especial em meu coração sem precisar fazer esforço algum, somente sendo ela mesma: a doce Sienna.

— Como você ficou tão esperto assim?

— Tenho em quem me espelhar. Mesmo que ultimamente ele está sendo a porra de um marcha lenta!

— Imbecil!

Dei um abraço apertado em Felipe e voltei para o sofá colocando Sienna em meu colo e pegando o diário novamente em minhas mãos.

— Eu vou escrever a história deles. A *nonna* não me deixaria este diário se não tivesse um propósito para ele.

Lipe pegou uma sacola prateada dentro da bolsa de Carla e sentou-se no chão à nossa frente.

— Eu também acho, Rico. E pelo pouco que li, a mensagem que você irá passar através deste livro será a de nunca desistir. Escreva, por favor. Eu confio em você para contar a todos o início da família De Angeli.

— Obrigado, Lipe. Eu farei em breve.

— Estaremos aguardando ansiosos, Rico. Agora eu vou entregar a minha surpresa.

Felipe tirou cinco pequenas sacolas de dentro da prateada maior, e entregou uma para mim e outra para Carla. Sienna recebeu duas. E ele ficou com uma.

— Quando cheguei ao Brasil, eu fui a uma

joalheria de um amigo e pedi para desenhar algo que simbolizasse a nossa família. Ele pediu que falasse um pouco sobre os De Angeli, e eu contei coisas de nosso cotidiano, um pouco das férias em família, feriados e até mesmo as pequenas discussões. Ele demorou quase um mês para me retornar. Confesso que já tinha me esquecido da minha encomenda. Quando ele ligou, eu peguei rapidamente o carro e segui para a cidade e não me surpreendi com o que vi. Nenhuma outra forma poderia simbolizar melhor a família De Angeli do que esta: o símbolo do infinito. É amor eterno. A inexistência do início e do fim.

Lipe havia nos presenteado com pulseiras em ouro branco e no centro o símbolo do infinito cravejado de pedras preciosas.

Mas para Sienna ele havia feito algo especial. Um colar também com o mesmo símbolo. Mas com três nomes gravados. O meu, o dela e o de Isabella.

Lipe levantou e fez questão de colocar as pulseiras em nossos braços e o colar no pescoço de Sienna.

— Tem espaço para mais um nome, moça bonita. E essa família ainda tem muito amor para distribuir. Então, que em breve chegue mais um De Angeli para alegrar os nossos belos dias.

Meu lindo anjo estava visivelmente emocionado.

— Eu não sei como agradecer. Eu nunca tive tantas demonstrações de amor, afeto e carinho.

— Eu imagino diversas formas excelentes de agradecimento, mas prefiro me silenciar a tomar tabefe nas minhas preciosas orelhas. Então, apenas me abrace e me deixe enxugar suas lágrimas, moça bonita.

Sienna levantou-se e se deixou ser abraçada e embalada com carinho por Felipe. Logo, Carlinha e eu nos juntamos a eles. Foi um silêncio tão cômodo e bem-vindo. Havia somente o som de nossas respirações. E eu só tinha uma conclusão para aquele momento que vivíamos: “Isso era se comunicar por meio da alma, não era necessário palavra alguma”.

Ficamos na casa da árvore até o anoitecer começar a despontar no céu.

Sienna trancou a porta e antes de seguirmos para a casa grande, ela passou seus dedos pelo nome entalhado na porta.

— Vocês entenderam tudo que aconteceu até aqui? Um encontro rápido em um dia terrível me trouxe após dez longos anos o amor, uma filha e uma família. Não há como descrever tudo isso.

A resposta para a pergunta de Sienna veio dos lábios de minha irmã.

— Uns chamariam de destino. Eu chamo de um amor que já estava escrito por Deus. E o que Ele escreve há de sempre se cumprir.

— E quanto ao sonho com a *nonna*?

— Mistérios de Deus, cunhada. Você poderia ter sonhado com qualquer outra pessoa te mostrando isso. Mas foi essa a melhor forma de lhe demonstrar que o conhecimento de todas as coisas pertence somente a Deus. E Ele mostra a quem ele quer, quando ele quer e como ele quer, se isso for de Sua vontade. Basta somente confiar, que tudo mais Ele fará.

— Basta crer.

— Viu como é simples, cunhada? Agora vamos embora que hoje é sexta. Noite de pizza na casa De Angeli.

Em pouco tempo já estávamos em casa. A pizza seria encomendada, mas mesmo com os pés inchados, Sienna fez questão de preparar todas e assar no forno a lenha.

Por fim, nós achamos até bom. O tempo havia fechado e a chuva caía torrencialmente, e a entrega

demoraria horas.

A noite foi de pizza, vinho e suco de uva para a grávida da família. De sobremesa ela ainda preparou um delicioso manjar de coco.

Sienna estava cansada. Enquanto massageava seus pés, ela já havia adormecido.

Levantei e fechei a janela do quarto. Não queria que os raios que começaram a cair a assustassem e trouxessem as memórias dolorosas à tona. Logo caí no sono também junto a Sienna na cama. Mas durante a madrugada eu despertei e não a encontrei ao meu lado.

Vesti uma calça e uma blusa de moletom e saí seguindo direto para onde tinha a certeza de que a encontraria: a sala de cinema.

Abri a porta e encontrei uma cena semelhante à de seu segundo dia nesta casa. O filme rolava na tela e a cena da música se repetia. Mas, dessa vez, ela não estava só. Meus irmãos a acompanhavam.

Fechei a porta e Felipe me deu um espaço ao lado de Sienna, mas não sem antes fazer questão de me chamar de lento e tomar um tapa de leve na orelha por sua ousadia.

Sienna notou a minha presença e se aproximou,

encaixando-se perfeitamente em meus braços. Acariciei seus cabelos e aos poucos ela foi se acalmando. E antes de pegar no sono ela sussurrou:

— Tenho tanto medo que tudo se acabe. Eu não quero perder você.

— Oh, meu lindo anjo. Não existe ponto-final para a nossa história de amor. Amar é viver. Porém, viver é não ter fim. Então, apenas sinta. Nós já estamos vivendo a eternidade.

Beijei seus lábios e seu cabelo cheiroso e ela logo adormeceu.

E antes de cair novamente no sono como os meus irmãos ao nosso lado, eu falei baixinho no ouvido de minha mulher:

— Feliz aniversário, meu anjo de vestes brancas.

Capítulo 12

Sienna

Depois de um dia tão perfeito, a madrugada chegou trazendo consigo as minhas piores lembranças.

E exatamente dez anos depois, eu estava revivendo em minha mente cada detalhe de um dia marcado pela dor, mas que também me fez conhecer quem viria a ser o dono de meu coração.

Raios fortes cortavam os céus acompanhados de chuva grossa. Cada estrondo me fazia estremecer por completo. E eu tentei tanto não sentir mais, mas falhei ao deixar o medo me dominar novamente.

Eu queria odiar, mas não conseguia. Guardar

mágoa era fazer estragos terríveis na alma. Era envelhecê-la. Viver em escuridão. E muitas vezes não conseguir encontrar a luz novamente.

Então, o que me restava era a minha fé e pedir que o meu choro durasse somente mais essa noite, suplicar a Deus por novas memórias, por uma vida nova.

Olhei para o lado na cama e Enrico dormia profundamente. Eu precisava fazer isso sozinha. Era um momento meu com Deus. Tirei devagar a sua mão que tocava o meu ventre e me ergui um pouco, beijando levemente a sua face. Levantei e com o máximo de silêncio que consegui, segui até a sala de cinema.

Abri a porta devagar e fechei-a. Meu filme já estava dentro do aparelho de DVD. Só precisei ligá-lo. E enquanto a música baixa e suave preenchia o ambiente, eu dobrei meus joelhos e falei com Deus, com as lágrimas escorrendo e sentindo a Sua forte presença.

“Hoje eu quero somente agradecer a Ti, meu Deus. Não tenho muito a lhe pedir. Pois és conhecedor do que os meus lábios não pronunciam, mas que minha alma grita constantemente. Conheces o meu mais profundo e escondido segredo. E se posso desejar algo neste dia especial em que completo 25 anos é que nunca me falte amor. Pois a felicidade só existe para aqueles que tem amor em sua essência, sua alma, seu coração. Mas quanto

a essa pequena escuridão em minha alma...”

Ainda tinha muito que falar com Deus, mas só senti quando fui erguida do chão e levada para o sofá. Ele me colocou em seu colo e recolheu minhas lágrimas.

— Ele conhece suas dores, temores e aflições. Apenas descanse, moça bonita. É no silêncio que Deus fala e age. Ele está cuidando de você. É só esperar e confiar. Ele sempre ouvirá e responderá a tua oração. Às vezes, não será no tempo que você tanto deseja. Mas Ele não falha. Será como o vento forte que sopra lá fora. Ele levará embora memórias ruins, sofrimentos e angústias. E quanto ao seu desejo... se estavas realmente pedindo por amor, é só enxergar com o coração e verás que já está cercada por ele. E hoje é um dia festivo. Se chorares, que sejam lágrimas de alegria. Pois há 25 anos nasceu uma linda garotinha, que, como um presente dos céus, chegou para ficar em nossas vidas. Ela é única e transmite muita paz e doçura.

— É difícil ser sensível e doce, quando já se provou o quanto a vida pode ser dura e amarga.

— Ao contrário do que muitos pensam, Sienna. Você é uma pessoa sensível que se machuca muito fácil e precisa de alguém que a ampare. Mas nunca irá admitir isso. Eu sei.

— Todos me deixaram, Lipe. Minha mãe, madrasta e até meu pai, que mais me fez sofrer do que me amou. Por isso, eu ainda não acredito que não estou mais só.

— Realmente não está. Só precisa entender e deixar que cuidem de você.

Lipe sorriu e acariciou meu rosto manchado de lágrimas. Não havia percebido que Carla também estava ao nosso lado, até ela sussurrar em meu ouvido que me amava.

Nós três deitamos no grande sofá e cada vez que eu repetia a música no DVD, o meu coração ia se acalmando. Até que Enrico entrou e como em um passe de mágica levou embora todas as minhas incertezas.

Então, se eu queria ser feliz, eu tinha que me libertar. Eu só precisava abrir meu coração. O dia que tanto esperei havia chegado. No final, eu sabia que ainda iria agradecer por cada obstáculo enfrentado ou até mesmo os tropeços que levei na vida, pois em meio à minha fraqueza, eu lutei e consegui chegar ao que era hoje: uma mulher mais forte e digna de ser amada.

As tempestades realmente passaram e logo viria a calmaria para que um novo dia chegasse mais limpo e bonito.

E antes de dormir nos braços do meu amor, no meu

coração eu dei as boas-vindas aos meus 25 anos e que ele agora me fizesse brilhar. O tempo de sofrer por maldade alheia havia acabado. Era a hora de começar a viver realmente. Viver por mim, por quem eu amava e por quem me queria bem, simplesmente viver. E era isso que verdadeiramente importava de agora em diante.

Fui acordada com vários beijos e abraços de Enrico, Felipe e Carla.

Dezesseis de maio amanheceu me saudando com um dia ensolarado e com direito a arco-íris no céu.

Não me deixaram aproximar sequer da cozinha. Nosso café da manhã foi enviado por dona Luciana. E com direito a bolinho de aniversário e a vela de 25 anos em cima.

Esse era o primeiro ano que passaria longe de minha madrinha. E a saudade já apertava. Já sentia falta de seu abraço carregado de carinho, do beijo em meu cabelo e dela dizendo que amava meu cheiro. Muitos sentiam saudade da ausência de algumas pessoas. Hoje, eu sentia da presença dela. Queria tia Helena ao meu lado para que, no momento em que eu estivesse soprando a minha vela de aniversário, eu pudesse olhar para o lado e vê-la de olhos fechados e sorrindo. Com certeza estaria pedindo a Deus por mim, para abençoar meus caminhos, guiar meus passos e me proteger.

— Está triste, anjo.

Enrico estava sentado ao meu lado. E Felipe e Carla à nossa frente.

— Não estou.

— Então, por que choras? — Enrico tocava suavemente meu rosto, enxugando as lágrimas que rolavam por ele. — Você me fez lembrar de algo que minha *nonna* dizia.

— O quê?

— Se você não fala, o seu corpo encontra outra forma de dizer o que o coração sente. Porém, se você fala... o que te fere, sara. A ferida fecha e cicatriza.

— Ela era sábia. Mas o que me aflige não é nada grave. É apenas saudade. Não verei meus padrinhos hoje. É a primeira vez em 25 anos que isso acontece. Eu tenho fotos de todos os meus aniversários junto deles. E por falar nisso, quem contou para vocês que hoje eu estou aniversariando?

Felipe sorriu do outro lado da mesa.

— Tia Helena. De alguma forma ela queria estar presente nesse dia, moça bonita. E foi nesse exato momento que eu entrei em ação.

— Como assim?

— O seu dia de princesa começa exatamente agora.

Eu ainda não estava entendendo absolutamente nada. Olhei para Enrico ao meu lado, esperando que pudesse esclarecer o que Felipe estava dizendo.

— Você participará de um baile, anjo. E eu serei o seu príncipe. Nós vamos dançar a música que você foi privada no seu aniversário de 15 anos. Eu disse que iríamos recomeçar juntos. E hoje eu te darei novas memórias.

Levantei em um impulso e acabei deixando a cadeira cair em um estrondo no chão.

Lipe levantou gargalhando e colocou a cadeira no lugar.

— Moça bonita. Hoje, você é minha.

Enrico levantou e me colocou atrás de seu corpo.

— Idiota! Não abuse da sorte, irmão mais novo.

— Conforme-se. O trabalho pesado hoje é seu. Minha missão é de levar as mulheres da família ao salão de beleza, dar uma de guarda-costas e voltar com as duas pra casa em segurança. Não que elas estejam correndo perigo nas mãos de Pablo. Acho que o mais ameaçado

nessa porra sou eu.

— Eu já marquei seu horário. Tem hidratação no cabelo daqui uma hora.

— Mas que merda, Rico! Ele fica me cheirando.

— Conforme-se. Está entregue aos mãos macias essa tarde.

— Cretino!

Enrico sorriu da cara de desespero de Felipe e pediu que nos esperassem na sala. Tinha que me entregar algo antes de sairmos. Segurou minha mão e seguimos até o nosso quarto onde encontrei duas caixas brancas com um laço vermelho em cima da cama.

— Abre, anjo.

Sentei no colchão e peguei a caixa pequena primeiro. Desembrulhei com cuidado e me encantei com o que encontrei. Era uma linda sandália prateada. As pedras que cobriam a parte superior brilhavam como quando o sol batia nas águas do mar azul.

— Eu amei. Obrigada, Rico.

— Não são presentes meus, Sienna. Eu só fui um intermediário aqui na Itália. Eles são de seus padrinhos. Abra a caixa maior. Espero que goste. Quando olhei para

ele na loja, eu pude visualizar você usando-o esta noite. Será a mais bela da festa.

— Como você conseguiu organizar uma festa sem que eu soubesse de nada?

— Quem tem amigos, nunca está sozinho. E nós temos. Cada um deles ficou responsável por algo. Ninguém foi sobrecarregado, meu anjo. Sei que isso deve estar te preocupando. Mas fique tranquila. Todos nós só queremos vê-la feliz. E cada rosto que você verá esta noite, só quer o seu bem. Então aproveite cada pequeno detalhe e guarde em um lugar especial no seu coração, pois foi tudo feito com muito amor e carinho.

— Obrigada.

— Não precisa agradecer. Quando se presenteia quem ama, é porque foi de coração.

— Eu estou meio sem reação, Rico.

— O segredo está em curtir todos os segundos da vida com intensidade para quando a velhice chegar ter na lembrança os momentos lindos vividos na juventude. E poder ter a chance de contar belas histórias e ter a certeza de que tudo que passou e viveu, valeu a pena.

Definitivamente seria um dia que me faria esquecer todo o mal que me foi causado anos atrás. Eu ainda estava

contemplando a beleza do vestido prateado que encontrei na caixa maior, quando Felipe bateu na porta, pedindo licença para entrar.

— Rico, já está tudo pronto lá fora. Podemos ir.

— Obrigado, Lipe.

Enrico estendeu-me a mão e pediu que os acompanhasse.

Sáímos de casa e caminhamos um pouco, parando em frente à construção que vi no dia que cheguei a Villa De Angeli. Mas tinha algo diferente no local. A porta da frente era nova e estava pintada de branco.

Subimos os três degraus e Enrico retirou de seu bolso uma caixa de veludo vermelha.

Carla dava pequenos pulinhos ao nosso lado.

— De joelhos, Rico. É mais romântico.

Ai, meu Deus! Ele não faria isso. Tudo era muito recente. Minhas mãos cobriam a minha boca aberta. Acho que todos conseguiam perceber o quanto eu estava chocada.

— Não se assuste, anjo. Ainda não é um pedido de casamento. Hoje, eu só pensei em te pedir em amor. O mais profundo e eterno amor.

Rico abriu a caixa e dentro dela havia uma única chave dourada.

— Aceite. E abra a porta do nosso novo sonho.

Minhas mãos tremiam tanto que foi até difícil segurar a chave. Mas Enrico me abraçou por trás e me ajudou a guiá-la até a fechadura.

Giramos juntos a chave e abrimos a porta. Rico me tomou em seus braços e entramos na casa, que ainda tinha muito trabalho pela frente para estar realmente pronta.

Pelo pouco que conhecia de obras, podia perceber que a casa tinha sido reestruturada ultimamente. E tinham latas de tinta, areia e vários materiais de construção espalhados pelo que pensava ser uma futura sala de visitas.

— Nós estamos reformando a casa, anjo. Todas as manhãs desta semana, eu e Lipe fugimos pra cá. Com a ajuda de Gisele, no Brasil, nós conseguimos adaptá-la para uma família maior.

— Maior?

— Sienna, essa casa sempre foi algo que desejei. Sempre quis um lugar só meu. E anteriormente eu achava que era com Fabiana que viveria aqui. Então, não precisaria nada tão grande, pois minha família e ela não se

entendiam tão bem. Mas com você, meu lindo anjo, é diferente.

— Por quê?

— Acha que Felipe faria trabalho pesado à toa?

— Não mesmo. Achei até estranho quando você disse que ele estava te ajudando.

— Para que isso acontecesse houve exigências, anjo.

Lipe estava sentado em cima de um latão de tinta com as pernas abertas, os cotovelos apoiados no joelho, com o rosto amparado por suas mãos e me lançava um lindo sorriso torto e safado.

— Você chantageou o meu homem?

— Sou INOCENTE, moça bonita. A culpa é do misto-quente e da sua bunda grande.

— O que você exigiu?

— Um quarto pra mim, lógico. Acha que ele levaria embora a minha fonte de alimentos assim tão fácil. Não vivo sem meu misto-quente sagrado de todas as manhãs. E ainda de quebra tenho a visão da sua bunda balançando enquanto cozinha pra mim. Isso é o paraíso, moça bonita.

Rico deu um leve beijo em meus lábios.

— Entendeu agora, anjo? Minha família te ama. E quem se quer bem, quer estar sempre perto. Juntos. Então, se você aceitar, esse lugar será o novo lar da família Martins De Angeli na Itália.

— Você fez um quarto para os seus pais, Levi e Carla?

— Sim.

— Então, eu aceito.

— Aceita?

— Sim, pois eu sei que mesmo que futuramente cada um deles siga o seu próprio destino, se um dia tudo desabar, eles sempre terão um lugar para voltar e isso acalma meu coração.

— Percebeu que já está falando como uma mãe, anjo?

— Eu já sou uma mãe. Só falta conhecer o rostinho dela e poder tê-la em meus braços. E quanto aos seus irmãos... se um deles precisar de uma palavra de conforto e carinho, é só bater na porta branca, que me encontrarão.

Carla se aproximou e abraçou seu irmão.

— Agora sim, você fez a escolha perfeita.

— Eu fui escolhido, pequena. Ela me tem nas mãos dela.

Toquei o peito de Enrico e beijei sua face.

— No coração, Enrico. O que se tem nas mãos corre o risco de se perder facilmente, mas guardado no coração ele está em lugar seguro.

Rico me abraçou e aconcheguei-me ao seu corpo. Ele me levou para conhecer o restante da casa. Era realmente grande: sete quartos. E para minha surpresa maior, o de Bella já tinha algo especial. Carla tinha lhe presenteado com uma luminária. Lipe fechou a janela e a porta e ficamos nós quatro no quarto de Isabella, iluminados apenas pela luz de várias estrelas do pequeno abajur.

Despedimo-nos pouco tempo depois. Enrico ficou para terminar de organizar a festa e eu segui com Lipe e Carla para o salão. Mas antes ele exigiu que passássemos no supermercado para comprar chocolate. Ele precisava estar com a boca cheia para não falar besteira alguma enquanto o tal do Pablo cuidasse de seu cabelo.

Carla ficou no carro enquanto entramos no supermercado. Acabei não resistindo e peguei uma cesta na entrada para que pudesse comprar algumas guloseimas pra mim também.

Comprei biscoitos, sucos, mas quando cheguei à sessão de chocolates encontrei Felipe, que tinha vários pacotes em suas mãos. Mostrei a cesta e ele os depositou ali. Mas no mesmo instante uma moça muito bonita passou ao nosso lado e, mesmo que tenha sido baixo, eu pude entender perfeitamente que ela me xingava.

— Lipe, a moça que acabou de passar aqui, estava me chamando de nomes um tanto quanto feios.

— Que moça?

— Aquela ali na frente com o uniforme do supermercado. Olhe.

— Ela me é familiar. Só não consigo lembrar o nome. Ela é bonita, você deve ter se enganado, Sienna. Deve ter confundido as palavras.

— Felipe. Ninguém gosta de ser chamada de puta. E o significado é o mesmo em todas as línguas. E eu entendi perfeitamente quando ela disse *questa putana*.

— Acho que ela não gosta de você, moça bonita.

— Pelos olhares malignos que ela está nos dando, eu acho que já descobri o motivo.

— Qual?

— Você.

— Será?

— Faça um esforço enquanto termino as compras e tente lembrar se a conhece.

Lipe me acompanhou em todas as outras sessões e em cada uma delas ele levantava um dedo e falava um nome de mulher diferente: Alana, Camilla, Mare, Talia, Dira, Deisi, Luiza, Jessica, Sabrina... Foram tantas que perdi as contas, mas quando chegávamos ao caixa a moça passou logo à nossa frente novamente.

Lipe parou e falou que tinha lembrado o nome, mas não percebeu que tinha falado alto demais. Ao ouvir seu nome ser pronunciado por ele, a moça o encarou seriamente e fez um gesto que me levou a dar uma gostosa gargalhada.

— Moça bonita, mesmo que o lento do meu irmão te irrite ao extremo nunca lhe mostre o dedo do meio. Isso é deselegante.

— A moça foi uma dama. Você que é um puto. E como lembrou o nome dela?

O safado piscou e apontou para os meus seios.

— Talita tem a dianteira em abundância, tipo a sua. Logo que as minhas duas cabeças se juntaram pra pensar, foi certo. O nome gritou bonito na mente.

— Você não presta!

— Tenho como negar?

— Não.

Passamos as compras no caixa e seguimos para o salão. Lipe recebeu sua hidratação e quando Pablo ofereceu uma massagem em seu corpo, o cretino puxou o celular do bolso, fingiu visualizar algo e saiu correndo dizendo que precisavam dele com urgência na *Villa*, enquanto gritava para ligar quando estivéssemos prontas.

Ao anoitecer já estávamos de unhas prontas, corpo relaxado por uma deliciosa massagem e maquiagem feita. Pedi que meu cabelo ficasse solto. Mas assim mesmo, Pablo fez sua mágica ao deixá-lo mais volumoso com alguns cachos nas pontas.

Carla me ajudou a colocar o vestido e a sandália. Já ia ligar para Felipe nos buscar, quando meu novo amigo cabeleireiro disse que faltava o toque final.

Ele entrou em um pequeno cômodo do lado esquerdo do salão e saiu com uma caixa em mãos, idêntica a que abri pela manhã.

— Toda princesa precisa de sua coroa. Esse é um presente do senhor Enrico para você.

Pablo pegou uma pequena tiara coberta de pedras

preciosas e finalizou seu trabalho ao colocá-la em minha cabeça. Depois me levou até o espelho e pude me olhar por inteiro. Se a intenção de Enrico era apagar memórias ruins e me presentear com novas, ele obteve êxito. A menina quebrada e entristecida de dez anos atrás pedia licença para se retirar em definitivo, dando agora lugar a uma mulher feliz, completa e amada.

Lipe veio nos buscar e em pouco mais de meia hora nós estacionávamos em frente ao grande galpão da Villa De Angeli. Porém, o local que era de aparência bem rústica, agora estava repleto de tecidos brancos e prata e com belas flores espalhadas pelo ambiente.

A porta do carro foi aberta e uma mão me foi estendida.

Lipe ajudou-me a sair e logo à frente o meu homem estava à minha espera. Enrico veio ao meu encontro. Descrever a beleza desse homem em um terno era um pouco complicado. Definí-lo naquele momento em uma única palavra foi um grande desafio, mas eu consegui. Enrico Martins De Angeli era puro desejo.

Rico caminhou ao meu encontro e enlaçou minha cintura. Aproximou-se e cheirou meu cabelo e pescoço.

— Linda e tão minha.

Acho que sedução também se encaixaria

perfeitamente nele.

— Venha, anjo. Tenho mais um presente para te entregar.

Encaixei meu braço no de Enrico e entramos juntos no ambiente decorado com extrema delicadeza. Tudo estava tão lindo, mas o que mais me alegrava era a presença de rostos bem conhecidos.

A família Ferrari, Juju, Erica, Gio, Vince, Antônio, Chiara e até Giulio estava presente. Alguns vizinhos da *villa* também tinham comparecido. Fui apresentada a algumas pessoas. Recebi vários presentes e o de Enrico agora brilhava em meu pescoço também: um maravilhoso colar de diamante.

Estávamos sentados junto aos meus médicos. Conversávamos sobre a provável data de meu parto até que um toque suave começou a invadir o ambiente. No palco improvisado à frente, as cortinas foram abertas e, mais uma vez, eu fui surpreendida no dia.

Ele me presenteava com seu canto.

Carla sussurrou ao meu lado:

— Ele escolheu a música e ensaiou junto com os meninos por três dias. Ele canta pra você, Sienna. Dance com seu príncipe. Lipe agora canta o amor de vocês dois.

*E si fa grande dentro me
Questo bisogno che ho di te
Tu non lasciarmi mai
Tu non lasciarmi...
E più mi manchi e più tu sei
Al centro dei pensieri miei
Tu non lasciarmi mai
Tu non lasciarmi...
Da sola senza te
Ora e per sempre resterai
Dentro i miei occhi...
Incancellabile!*

Enrico me levou à frente do palco e ali nós dançamos. Dois corpos, mas uma só alma. Éramos só nós dois vivendo um amor que foi tão esperado. Ele sussurrou em meu ouvido, o que foi gravado em meu coração:

— Eu só quero passar o resto da minha vida com

você. E se possível, ir além.

Amar pela eternidade era isso.

A música logo findou e Lipe anunciou a valsa de pai e filha, mas eu não tinha um pai para me guiar.

Rico beijou meus lábios e ofereceu minha mão ao homem que caminhava em minha direção. Nos braços dele eu senti o que almejei por tantos anos: cuidado, acalento, acolhimento, amor sem medidas.

— Me perdoe por não guiá-la com mais facilidade, menina. A perna me impede de fazê-la rodopiar por esse salão.

— Obrigada por não me deixar só neste momento especial, Antônio.

— Eu sou só um substituto. Eles esperavam por alguém, mas parece que houve um imprevisto e ele chegaria muito tarde. Então, eu me ofereci. Tenho um grande carinho por você, linda menina.

A valsa estava quase no fim quando alguém tocou o meu ombro. Era por ele que eu esperava desde o amanhecer deste dia.

— Esse lugar é meu, minha criança. Venha dançar com o seu dindo. Eu atravesssei o oceano para te abraçar e poder ver o seu sorriso.

Tia Helena estava ao seu lado. Assim como eu, ela chorava. Só nós duas sabíamos o quanto eu sofri anos atrás quando meu pai não compareceu nos meus 15 anos.

Ela estava linda com um vestido longo, azul-claro. Trazia nas mãos algo que parecia ser um diário. Eu só conseguia ver as folhas amareladas.

E as surpresas deste dia não tinham acabado.

— Olá, Antônio. Quanto tempo!

— Helena, sempre bela. Bem-vinda a Itália novamente.

— Obrigada.

Meu padrinho estendeu a mão e cumprimentou Antônio também.

— Antônio, é um prazer revê-lo. Mas agora nos deem licença, que eu devo uma dança para esta bela dama.

— Só me deixe abraçá-la, querido.

Tia Helena me envolveu em seus braços e deu-me um abraço cheio de carinho, como deveria ser um abraço de mãe. Em seguida, me afastou e secou minhas lágrimas.

— Às vezes é necessário perder o chão para se descobrir que se pode voar. E voar bem alto. E você conseguiu, minha menina. Passou por tantas provas nesta

vida e as venceu. Teresa teria muito orgulho de sua filha. Assim como eu tenho.

— Obrigada, madrinha. Eu queria tê-la ao meu lado.

— Sem mais lágrimas. Vamos festejar. Faça o seu dindo desenferrujar, Sienna. Vamos dançar.

Quando ia agradecer Antônio por nossa dança, eu o ouvi pronunciar baixinho o nome de minha mãe. E logo após pedir licença e se retirar bastante atordoadado.

Capítulo 13

Enrico

Despedi-me de Sienna, Lipe e Carla. E enquanto esperava por todos os Ferrari para continuarmos com a arrumação do galpão, o pequeno caminhão de entrega estacionava em frente à casa grande da Villa De Angeli.

Era o presente de meus pais, com um toque especial de Gisele, e seria uma das surpresas de hoje para o meu lindo anjo.

Autorizei a entrega e indiquei o local exato onde deveriam deixá-lo.

Enquanto os homens continuavam seu trabalho no único cômodo que estava praticamente pronto na minha

casa, eu segui para o galpão e vi que Pietro e seus irmãos já estavam no local, junto com a equipe contratada para a decoração e buffet.

Dona Luciana, seu esposo e Nicolas também se encontravam no local.

— Bom dia.

A família Ferrari assemelhava-se bastante à minha. Eram muito unidos, carinhosos e amigos. E tinham a grande mania de responder todos juntos. Por isso recebi um altíssimo e uníssono "Bom dia", que me fez sorrir e apertar no peito a saudade de meus pais e irmão no Brasil.

— Olá, querido. Fabrizio e eu já estamos prontos para começar.

— Não vai dar muito trabalho pra vocês, dona Luciana?

— De jeito nenhum. Vamos nos divertir. E relembrar os bons tempos em que trabalhávamos por prazer em meio às tintas e pincéis.

O senhor Fabrizio abraçou a esposa e beijou sua face demonstrando em um simples gesto como era um homem feliz e realizado.

— Menino, aquele cômodo será um lugar que vocês entrarão e sentirão uma imensa paz. Durante o dia, a

sua menina estará cercada pelo sol, árvores, flores e pequenos animais. E, à noite, o brilho das estrelas se juntará ao dela. Vai ser difícil para você e sua amada conseguirem deixá-la só naquele lugar encantado.

— Obrigado, Fabrizio. Minha estrelinha crescerá em um ambiente feito com muito amor. Isso é precioso.

— Não precisa agradecer, menino. Já podemos começar?

— Sim. Os rapazes já devem ter terminado o trabalho deles na casa.

— Certo. Vamos então Luciana.

Pietro deixou o violão que estava afinando no suporte e se aproximou dos pais.

— Cuidado para não se sujarem demais com as tintas. Hoje nós temos festa.

Luciana fez o filho se abaixar e, sorrindo, beijou sua testa.

— Meu filho, mas essa é a nossa grande intenção.

Pietro coçou a cabeça de leve e olhava para a mãe meio perdido em relação ao seu comentário. Pelo visto, não tinha entendido absolutamente nada.

Dona Luciana deu leves tapinhas no rosto dele e

depois deu um grande aperto em sua bochecha.

— Lindo, mas tão lento e inocente. Oh, querido, para se tirar a tinta do corpo, nada melhor do que um belo banho quente e demorado. Já pensou sendo a dois, então? Seu pai já pensou e me relatou tudinho antes de sairmos da cama essa manhã.

Dona Luciana piscou e saiu arrastando o senhor Fabrizio pelo braço, deixando um Pietro à minha frente, totalmente apavorado com suas palavras.

— Depois me perguntam por que sou meio calado. É trauma. Eu não precisava ouvir essa porra, Rico.

Aproximei-me de Pietro e dei alguns tapinhas em seu ombro.

— Compartilhamos o mesmo sentimento, amigo.

— Dona Ana é assim?

— Não. É o seu Lorenzo. E ninguém merece ouvir o pai contando como se faz uma mulher gemer e imaginar que ele fez aquilo tudo com a que te deu à luz. Isso é como diz meu irmão mais novo: *É como ter uma visão maligna*. Não dá.

— Não mesmo. Mas vamos deixar os velhos e suas diversões pra lá e cuidar da arrumação. Carlo e sua equipe já devem estar chegando.

— Eu não gosto desse cara, Pietro. Tenho quase certeza de que ele bate na menina dele.

— Rico, a Raphaella tem 24 anos. Não é mais uma menina há bastante tempo.

— O olhar dela é desconfiado. Como se tivesse medo das pessoas, Pietro. Aquilo não é normal. Ela é uma moça triste.

— Isso eu concordo. E só foi falar nos dois, que eles acabaram de chegar.

Olhei na direção que Pietro apontava, e vi o velho rabugento entrando e logo atrás dele Raphaella, que caminhava de cabeça baixa, até se assustar com o grito que Guillermo deu quando bateu com força o martelo no seu dedo ao invés de ser no prego que segurava.

— Puta que pariu!

Pietro tentou não envergonhar ainda mais o irmão, mas meio que foi impossível, porque o infeliz só faltava rolar no chão, porque ele já estava agachado e gargalhando altíssimo.

Guillermo passou ao nosso lado segurando o dedo vermelho e resmungando de dor.

Pietro conseguiu recuperar o fôlego e sentou na cadeira ao nosso lado.

— Você já se ligou que Guillermo é um excelente faz-tudo. Desde trocar uma lâmpada, desentupir uma pia e bater um simples prego. Ele nunca erra. Sabe como chama o que acabou de acontecer com ele?

— Não faço a mínima ideia.

— Mulher, Rico. Mais precisamente, Raphaella. A menina triste e linda que está cheia de tecidos nas mãos, ali no fundo.

— E por que ele não se declara?

— Fiz essa mesma pergunta há poucos dias quando descobri os sentimentos dele por essa menina.

— E o que ele respondeu?

— Que o amor pode estar diante de você, mas que ele não entra se a porta estiver fechada.

Guillermo voltou com o dedo enfaixado e sentou-se na cadeira ao lado de seu irmão.

— E a de Raphaella está lacrada, Rico.

Acho que quando a gente amava e era correspondido, só desejava que todos também pudessem vivenciar esse amor sem medidas. E ver um amigo sofrendo nitidamente por não poder amar era doloroso.

— Se estiver complicado, coloque mais um

pouquinho de fé e amor e prossiga. Mas desistir? Isso está fora de questão.

— Eu não vou desistir, Rico. Meu coração sente que essa menina é especial. Quando nos encontramos mais distraídos é que as coisas boas acontecem. Então, eu estou esperando, descansando em Deus. O momento certo vai chegar e eu farei essa morena linda sorrir.

Enquanto a equipe de Carlo continuava com a arrumação do local, os meninos testavam os instrumentos até que Felipe chegou para ensaiarem juntos.

Nico estava na guitarra, Pietro no baixo, Guillermo na bateria, Marcello no teclado e Lipe no vocal.

As aulas de música que mamãe tanto insistiu para termos deu excelentes resultados. Lipe estava cantando de uma forma como nunca vi antes. Meu irmão cantava com aquela parte especial de seu coração, que poucos conheciam: carinho e ternura.

A tarde passou muito rápido, e a notícia de que meus tios talvez nem chegassem para a festa me deixou preocupado. Meu anjo teria a sua dança especial de pai e filha. E eu já sabia quem a guiaria nesse momento especial.

Fiz uma ligação e, como eu esperava, ele aceitou de imediato. O terno já estava pronto para a festa de hoje à

noite mesmo. Mas eu ri quando ele disse que agora capricharia ainda mais no perfume. Afinal, mesmo que substituto, ele seria o pai de meu anjo por alguns minutos. Tinha que estar impecável.

Lipe me alertou quanto ao horário. A noite já estava chegando. E como já estava tudo muito bem adiantado, seguimos para a casa grande para tomarmos um banho e nos arrumarmos para a festa.

Carla já havia deixado tudo organizado. Desde o sapato até a gravata. E na mesa de cabeceira ao lado da cama estava o meu presente especial.

Pensei até em deixar as roupas sujas organizadas no cesto do banheiro, mas só de pensar em Sienna batendo o pé repetidas vezes no chão e cruzando os braços embaixo dos seios fartos e assim deixando-os ainda mais em evidência... Resolvi espalhar tudo pelo quarto. Meu anjo em seus rompantes de nervosismo e irritação, o que era raro de acontecer e durava pouquíssimo tempo, só conseguia uma única reação de minha parte: pau duro e a vontade quase insana de amá-la por horas a fio.

Tomei um banho e quando estava me arrumando, Felipe, como sempre, entrou sem bater no meu quarto.

— Ainda não entendeu que esse quarto agora não é só meu? Tem que bater, porra! E se Sienna estivesse sem

roupa?

Felipe encostou-se à parede, colocou a mão no queixo e fechou os olhos enquanto dava um baita de um sorriso safado.

— Seria uma visão um tanto interessante. Algo pra se recordar durante longas madrugadas de insônia, enquanto faço uso de minhas mãos em certo local momentaneamente enrijecido de meu belo corpo.

— Filho de uma...

— Mulher doce, linda e que me ama demais. Afinal, eu sou o caçula. A prova viva de seu aperfeiçoamento na concepção de seus filhos. Sou gostoso igual ao papai.

— Você bebeu?

— Só um tiquinho.

— Vinho da *nonna*?

— É festa, Rico. Lógico que foi o da *nonna*.

— Imbecil. Você não vai sozinho buscar Sienna e Carla. Vou ligar para o Marcello te acompanhar.

— Ok.

— Concordou assim tão fácil do Marcello dirigir o

seu bebê prateado?

— E por que não? Assim terei a oportunidade de na volta apreciar a bela vista, sentado bem comportado no banco de trás.

— Felipe, você já conhece essa cidade de cabo a rabo. E ainda se encanta com as belezas dela?

— Quem disse que falava disso?

Peguei a primeira coisa que encontrei pela frente e joguei no infeliz, conseguindo assim arrancar o sorrisinho bobo da cara dele.

— Um sapato? Dói, Rico, porra!

— Mantenha distância da minha mulher, seu cretino!

— Mande a fenda do vestido dela parar de sussurrar com voz sexy em minha mente: "Olhe pra mim, Lipe. Veja o quanto as minhas pernas são deliciosas, longas e bem torneadas e que subindo te levam diretamente ao paraíso".

E outro pé do sapato foi certo na testa do idiota. Só que com um pouco mais de força.

— Caralho!

— Some daqui, seu puto, e traga em segurança as

mulheres De Angeli para casa.

Lipe saiu rindo e eu terminei de me arrumar para seguir logo para o galpão e recepcionar os convidados.

Aos poucos, eles foram chegando e, pelo que pude perceber, todos que receberam o convite para a festa de Sienna, haviam comparecido. Ela já era querida por todo o arredor da Villa De Angeli e sequer tinha noção disso.

Eu cumprimentava e dizia a todos que entrassem e se sentissem à vontade. Aos poucos podíamos sentir o astral de uma típica festa italiana. Muita comida já sendo servida, bebida à vontade, risos, conversas altíssimas e muita alegria.

O silêncio só chegou quando eu caminhei com a linda dama ao meu lado pelo salão decorado. Todos admiravam a beleza de Sienna. Não era só algo físico. Era encantamento. Ela exalava uma alegria que vinha da alma. Era seu sonho de menina sendo realizado.

A cortina foi aberta e a melodia suave tomou conta do salão. Guiei Sienna em uma dança em que as palavras entoadas por Felipe tocavam a alma.

Naquele instante, eu tentei descobrir qual seria o tamanho de meu amor pela mulher em meus braços e descobri que nunca encontraria resposta para o meu questionamento, pois não existia proporção para o amor.

Amar verdadeiramente era amar sem medidas.

Protelei o máximo que consegui na esperança que tio Victor conseguisse chegar, mas a hora era avançada e Antônio e Sienna iniciaram a dança especial de pai e filha como em um clássico baile de debutante.

Pouco tempo depois, tia Helena e o tio entraram pelo salão e vieram até onde eu me encontrava.

— Oh, Rico. Obrigada por proporcionar a minha menina o seu maior desejo da adolescência. Venha cá e me dê um abraço.

Tia Helena me tomou em um abraço apertado, que demonstrava a sua eterna gratidão por tudo que via ao seu redor. Ela amava Sienna como uma mãe deveria amar um filho. Era imensurável.

Tio Victor olhava com atenção o homem dançando com a sua menina no meio dos convidados.

— Helena, observe aquele senhor dançando com Sissi. Ele me lembra alguém. Ele lhe é estranho?

Tia Helena passou a observar com cuidado e logo sua face denunciou o reconhecimento. Antônio não lhe era estranho, pelo visto. Mas o que mais me intrigou foi ela praticamente arrastar tio Victor para onde eles estavam e, pra piorar, Antônio sair meio que apavorado de perto

deles. Ele não estava bem e isso era nítido. Ele estava pálido. E não foi só eu que percebi.

Seus filhos, que estavam próximos, logo puxaram uma cadeira e o fizeram se sentar. Um garçom passava ao meu lado e logo peguei uma taça com água e caminhei em direção ao Antônio, entregando-a em suas mãos. Quando ia lhe perguntar como estava se sentindo, ouvimos um grito agudo vindo do lado de fora do galpão.

Procurei por Sienna que já havia terminado sua dança com tio Víctor e estava com o vestido longo enrolado nas mãos e corria em direção ao som que se tornava cada vez mais forte.

E eu não poderia deixá-la só. Fui ao seu encalço e o que encontramos, com certeza, resgataria memórias terríveis em minha menina.

Mas ela não cansava de me surpreender. E quando Carlo ia desferir outro soco em sua filha, minha menina o impediu empurrando Raphaella e se colocando em seu lugar. Mas a sorte dele era que seu braço parou a poucos centímetros de Sienna, pois, caso contrário, não sobraria um dente maldito naquela boca nojenta.

Raphaella chorava, mas já estava segura abraçada a Guillermo. Ela estava muito ferida, seu joelho ralado, sua roupa suja. Aquele homem havia feito um estrago com

a própria filha e confirmado todas as minhas suspeitas. Ele batia na pobre moça sem dó nem piedade.

— Fora. Eu quero esse homem fora da minha festa. Agora.

— A moça acha que faço questão de estar aqui? Meu trabalho já foi feito. E eu já fui bem recompensado por ele.

— Então, suma de minha frente.

Carlo grudou nos braços de Raphaella e fez força para arrastá-la com ele.

Sienna gritou e eu podia ver as lágrimas já escorrendo por seu rosto.

— Ela fica!

— Você nem a conhece, moça. Ela vai embora comigo. Essa puta depende de mim para viver.

— Realmente, eu não a conheço. Mas o senhor? Eu vivi 24 anos sob o mesmo teto de um ser desprezível como o seu tipo. Você humilha, bate e desconta suas frustrações em uma menina inocente que não pediu para ter um monstro como pai. E se está preocupado se ela vai ter uma cama macia para deitar essa noite, um copo de leite quente para beber antes de dormir ou até mesmo alguém que a ajude limpar suas feridas... Ah, ela terá. Mas eu sei que

isso nem passou por sua cabeça. Você não ama. Não tem alma. Quem abusa de um filho dessa forma merece viver o pior dos castigos: a solidão. A moça fica e terá casa, comida, emprego e carinho. Nada lhe faltará. Agora seja homem pelo menos uma vez na vida e suma de minha frente.

Carlo soltou o braço de Raphaella, que relaxou instantaneamente próxima a Guillermo, e foi embora, mas não sem antes dizer que voltaria e levaria o que era dele por direito.

Após sumir entre as árvores e a escuridão que cercava o local, eu vi que Sienna estava prestes a desabar. E corri tomando-a em meus braços.

— Você está bem, anjo?

— Sim. Eu acho.

O doutor Giulio se aproximou e começou a avaliar Sienna.

— Eu preciso aferir sua pressão. E ela necessita de um lugar calmo agora.

— Eu não vou embora de minha festa, doutor.

Beijei sua testa, que estava suada e gelada.

— Você irá. Nem se for por alguns minutos para

que o médico possa saber se está tudo bem com você e nossa filha. E outra coisa, nunca mais faça isso. Ele poderia estar armado ou ter avançado em você e te machucado.

— Não, amor. Ele é idêntico ao meu pai. Um covarde. Eles têm um único alvo e só miram nele. Para os de fora são os melhores amigos, parceiros e conselheiros. Mas é em casa que mostram sua verdadeira face. Assim como eu vivi um inferno nas mãos de meu pai, essa menina ferida era a única que aquele miserável tinha a coragem de levantar a mão.

— Você foi corajosa, anjo. Mas, pelo bem do meu coração, não faça mais isso.

Sienna beijou meus lábios com carinho e pediu que a colocasse no chão.

Ela andou em direção a Raphaella, que se aconchegou ainda mais a Guillermo. Ela estava assustada.

— Olá! Raphaella, não é?

A menina balançou a cabeça em afirmativo à pergunta de Sienna.

— A casa não é minha, sabe? Mas tenho certeza de que nem Enrico ou sua família lhe negarão um lugar seguro para repousar. Fique tranquila. Iremos cuidar de você. E

há alguns dias, eu ganhei um presente especial de minha mãe. Ele já está arrumado e aconchegante. E se quiser é todo seu para que possa morar. É um lindo chalé logo ali à frente, perto do *Piacere*.

Ao responder, a voz de Raphaella saiu baixa e embargada pelas lágrimas que já fluíam por seus olhos entristecidos:

— Eu não tenho como pagar, senhora.

— Eu não estou lhe cobrando nada, querida. É de coração que estou lhe cedendo aquele espaço. E quanto a se sustentar, fique tranquila também. Pelo que percebi, as suas habilidades não são só em deixar um ambiente bem decorado e agradável. Você tem uma bela mão para a cozinha. Eu comi alguns de seus salgados e são divinos. E se aceitar, após se recuperar desses ferimentos, eu terei o prazer junto a Erica de trabalhar ao seu lado no *Piacere*.

— Obrigada, senhora. Mas eu não quero dar trabalho.

— Sienna. Meu nome é Sienna, Raphaella. E não é trabalho algum. Façamos um trato: eu te ajudo e você vai me pagar da forma mais especial que posso imaginar.

— Como?

— Sorrindo e sendo uma boa amiga. Em meio às

dores e tristezas, quando achamos que não vamos mais suportar, é ali que Deus trabalha e age em nosso favor. Ele não te colocou em meu caminho à toa. Eu compartilho de seus mesmos temores. Vamos aprender a superar juntas. Topa?

— Sim. Obrigada por me salvar. E não digo só fisicamente. Obrigada mesmo.

— Agora vá. Você está segura. Deixe que cuidem de você. Juju te acompanhará junto com Pietro e Guillermo. E mais tarde, eu passarei pra te ver. Boa noite, querida.

— Boa noite.

Raphaella seguiu para a casa grande da *Villa* e novamente Sienna sentiu uma tontura. Mas, dessa vez, ela não pôde negar os cuidados. Antônio exigiu que ela o acompanhasse.

Levei Sienna em meus braços e seguimos para a frente da festa e Antônio nos guiou até onde estava seu carro.

Coloquei o meu anjo sentada no banco do carona e esperei que eles a avaliassem. A pressão estava um pouco baixa, mas nada que a prejudicasse ou ao bebê.

Ela insistia em voltar para a festa e acabou

conseguindo que a liberassem. Ninguém resistia ao apelo daqueles olhos azuis brilhantes. Foi andando na frente e eu fiquei para agradecer a Antônio e Giulio pelo carinho e cuidado com a minha mulher.

Mas acabei me lembrando de que ele também teve um pequeno mal-estar anteriormente.

— E o senhor, está melhor? Vi que estava pálido e assustado pouco tempo atrás.

— Não se preocupe, Enrico. É só o passado voltando para me fazer lembrar das cicatrizes que ainda marcam tão profundamente o meu corpo e alma.

— O senhor vai ficar bem?

— Vou sim, obrigado. Pode voltar para junto de sua mulher. E cuide bem dela. Não a perca. Nessa vida, você não encontrará outra igual.

Me despedi dos dois, porém, enquanto dava os primeiros passos, pude ouvir Antônio sussurrando:

— Tão semelhantes. Até no coração.

Capítulo 14

Enrico

Depois de me despedir do doutor Antônio, voltei para a festa e encontrei Sienna dançando e se divertindo. Ela era teimosa.

Mesmo sabendo que seu coração estava em pedacinho com a moça, que a essa hora já devia estar repousando em um de nossos quartos, não perdia a chance de se distrair.

Raphaella era uma menina ferida. Marcada. Em alguns dias, sentia como se tudo pudesse desmoronar. Doía o corpo e a alma. E nesses exatos momentos, ela sabia que sempre teria em quem confiar. Deus a pegaria no colo,

acalmentaria e diria que nunca a desampararia. Ela estava sendo cuidada tanto aqui como no céu. E meu anjo sabia disso.

Puxei uma cadeira em uma mesa vazia e me sentei. Acho que hoje, nada tiraria o seu brilho.

Acabei me perdendo em pensamentos enquanto a admirava bailando no meio do salão.

Tudo que chega rápido e fácil demais, te toma algo importante e que ama na mesma rapidez. Às vezes pode ser bom, às vezes não.

Eu passei pelos dois. Uma chegou, me fez sorrir. E da mesma forma surpreendente que apareceu, foi embora e levou meu coração, deixando-me perdido e derrotado.

A outra veio restaurar. Fez-me renascer. Tomou algo para ela, sim. Tornou-se dona de minha alma. Resgatou meu coração e o habitou. Mas essa veio pra ficar. Chegou pra fazer com que eu me reencontrasse. Sienna fez com que o Enrico Martins De Angeli voltasse a se reconhecer. O anjo de vestes brancas tornou possível voltar a amar.

— Você está com um olhar apaixonado. — Felipe aproximou-se e sentou na cadeira ao meu lado.

— Dá pra perceber?

— Com certeza. Seus olhos brilham, o sorriso bobo não sai dos seus lábios e pelo tanto que te conheço, deve estar sendo difícil ficar esses cinco minutos afastado dela, enquanto ela dança com a nossa irmã.

— Já sentiu isso, Lipe?

— Não.

— Nunca amou?

— Não.

— E ela, no seu passado?

— Foi amizade e carinho, Rico.

— E no fim, te feriu.

— Entendeu por que não era amor? Amar é ter reciprocidade. E ela não teve. Olhe para a pista de dança e verá diversos tipos de amor.

— Como assim?

— Marcha lenta. Sempre.

— Idiota!

— Sienna ama você como um companheiro, um amante. Mas em mim, ela vê um irmão, assim como Carla nos enxerga. Mas Carla...

Esperei Lipe completar seu pensamento e nada vinha. Ele tinha perdido a leveza no olhar. E isso era um tanto preocupante.

— Você perdeu a fala. Desembucha logo.

— Observe direito, Enrico, porra! Tire os olhos da bunda de sua mulher e veja o que está acontecendo à nossa frente.

A música já havia acabado e Sienna caminhava em minha direção. E Carla seguia sorrindo para o lado direito do galpão, onde o médico de minha mulher estava encostado na parede, com as mãos nos bolsos e a observava intensamente. Eu conhecia a porra daquele olhar. Ele a queria.

— Não é amor, Lipe.

— Inocente você, Rico. Acha que é a primeira vez que eles se encontram?

— E não é?

— Rico, lembra! Brasil, Nelly, médico galã italiano, nossa irmã suspirando.

— Oh, merda! Era ele?

Sienna chegou à minha frente, puxando-me pela camisa, e na ponta dos pés beijou meus lábios e veio

descendo lentamente passando a língua suave por meu pescoço.

— Sim. E agora ele está na mesma situação que você. De pau duro.

Sienna ria baixinho abraçada a mim e com a cabeça deitada em meu ombro. Ela estava constatando o que Lipe havia acabado de declarar.

— Rico, eu não gosto dele.

— De quem? — Sienna perguntava um tanto curiosa, girando em meus braços e procurando a direção que Lipe encarava.

— Do doutor Giulio.

— Qual o problema?

— Aquele é o problema, porra. Ele tá beijando a minha irmã. Eu vou matar.

Antes que Lipe desse um passo, eu o segurei pelo colarinho da camisa.

— Onde você pensa que vai?

— Amassar a cara do idiota, oras.

— Já viu o tamanho dele?

— Já.

— E não tem medo?

— Nada que um banquinho não resolva. E vamos ficar cara a cara.

— E vai falar o quê?

— Ainda não cheguei nessa parte. Não complica, Rico.

— Viu, imbecil? Não há nada para se dizer neste momento. Carla é linda, solteira e tem quase 26 anos.

— Mas, Rico...

— Deixe Carla ser feliz. Ela não estaria com alguém se não tivesse a certeza de que ele é um homem especial. Nossa irmã não é de sair com qualquer um e você sabe disso.

— Sim, eu sei. Ela sempre falou que só abriria o coração para aquele que a fizesse... É isso, porra!

Lipe estava com um sorriso malicioso e isso não era bom.

Parecendo um moleque adolescente, ele saiu correndo na direção de Carla. Eu só tive tempo de correr atrás dele, antes que ele envergonhasse a nossa irmã. Porém, não cheguei a tempo de impedi-lo. Ele já estava

em pé, em cima de um pedaço de madeira, olhando diretamente nos olhos do homem e fazendo a pergunta mais descabida possível.

— Quais são as suas intenções com a nossa irmã? E já vou adiantando, se a resposta for errada, Rico vai quebrar sua cara.

— Eu?

— Mas é lógico. Você mesmo disse para olhar o tamanho dele. Eu vi. Ele é grande. E acha que vou deixá-lo fazer um estrago na criatura mais linda que mamãe fez? Lembrando que esse ser sou eu.

Olhei para Carla e Giulio que, ao invés de estarem constrangidos ou até mesmo revoltados com Felipe, apenas sorriam.

— Você sabia que isso ia acontecer, não é? E preparou o doutor Giulio.

— Ele não seria Felipe se agisse de forma diferente, Rico. E não fui eu que preparei. Foi a mamãe e o papai. Eu reencontrei Giulio aqui na Itália. Nós saímos algumas vezes no Brasil. E ele não queria começar algo entre nós dois sem o consentimento de nossos pais. Eu expliquei que já sou bem crescidinha. Mas ele disse que foi essa a educação que recebeu. Então, hoje pela manhã, eles conversaram por telefone. E eu estou oficialmente

namorando.

Sienna chegou ao meu lado, entrelaçou nossas mãos e deu um sorriso cheio de cumplicidade para minha irmã. A danada estava ciente de tudo. Então só me restava cumprimentá-los. Mas quando ia estender a mão para Giulio, eu fui interrompido.

— Pode parar, Rico. Ele não respondeu minha pergunta.

Lipe e ele se entreolhavam como se estivessem desafiando um ao outro, mas o doutor era um bom oponente.

— Eu vou fazê-la feliz. Vou amá-la. — Giulio conseguiu o que poucos obtiveram êxito até hoje. Calar a boca de Felipe, mas foi por pouco tempo.

— Resposta correta, idiota. E lembre-se de que o lento da família é ele. — Felipe ainda continuava a falar apontando o dedo indicador para mim. — Eu serei sua sombra, saberei cada passo seu e se vacilar chamo Levi pra te surrar.

Giulio deu um sorriso de canto, piscou para Carlinha e logo a abraçou carinhosamente.

— E por que não você pra me bater?

— Porque Levi é a força bruta, Rico a inteligência

e eu a beleza e a sensualidade. Somos um pacote completo. Então, mantenha-se esperto. Não queira conhecer o lado mau de um De Angeli. Imagine de três. — Lipe foi embora resmungando que estava de olho no cara e que ainda não gostava dele, mas que, pelo menos, ele tinha conquistado seu respeito.

Cumprimentei minha irmã e seu então namorado e chamei Sienna para me acompanhar até onde estava tia Helena e tio Victor.

Titia levantou e abraçou sua afilhada com carinho.

— O instante que Deus te ouve é quando o seu silêncio ressoa mais alto que o seu grito. Ele recolheu suas lágrimas e ouviu seus clamores, minha menina. Nós duas sabemos que, assim como em todos os anos passados, estaríamos juntas, nesta data. Mas que no fim da noite, você dormiria em meus braços perdida em meio às suas muitas lágrimas. Eram saudades de algo que nunca teve: uma mãe e um pai. Mas olha como Deus age, Sienna. Mesmo sem ter vivenciado esse sentimento tão de perto, você vai estar do outro lado agora. Você já é mãe. E entregará todo o seu ser para essa pequena princesa que chegará em breve. E se sentir perdida, você tem um grande homem ao seu lado. Enrico irá lhe mostrar coisas novas, querida. Veja tudo isso ao seu redor. Foi ele. Em pouquíssimo tempo ele te mostrou um pouco do que todas as mulheres De Angeli tiveram. Nos seus 25 anos, ele te

deu um baile de debutante. E a minha missão nesta noite é te entregar algo que guardei durante esses meses que minha *mamma* partiu. Ah, Sienna, ela iria te amar tanto! E, sem dúvidas, abençoaria a sua união com Enrico. Então, cumprindo mais uma tradição de família, eu te entrego o seu primeiro brilhante, como eu recebi quando completei meus 15 anos e Carla também. Mas o seu é especial. Ficará com você por poucos anos. É mais um presente de Bella para Bella.

Tia Helena estendeu a mão para o esposo, que lhe entregou uma pequena caixa, já bastante envelhecida. Ela abriu-a e dali retirou o que brilhou na mão direita de minha *nonna* por muitos anos.

— Rico, guarde aquele presente especial para mais adiante. A família não está completa para você lhe entregar isso.

— Sim, senhora.

Tia Helena entregou a Sienna o anel de minha *nonna*. E ela olhava para a pequena pedra brilhante em seu dedo anelar direito, totalmente encantada.

— Obrigada, madrinha. Eu vou cuidar bem dele até o dia que Isabella o receberá.

— Eu sei, minha menina. Ele está seguro em suas mãos. Agora, eu tenho outro presente para você.

Tia Helena pegou a bolsa em cima da mesa ao nosso lado e de dentro dela retirou três objetos.

— Eu fiz como pediu. Vendi a casa que foi de seus pais e deposei todo o dinheiro naquela conta que nós criamos para você ainda pequenina.

— Obrigada, madrinha.

— Foi difícil entregar as chaves daquela casa para outras pessoas, Sienna. Era herança de seus avós para você.

— Eu não fui feliz naquele lugar, madrinha.

— Nem a sua mãe.

Tia Helena conseguiu despertar a curiosidade em Sienna.

— Não entendi, madrinha.

— Entenderá. Assim como eu, sua mãe foi criada entre o Brasil e a Itália. Nossos pais eram amigos e isso teve continuidade quando nós nascemos. Crescemos juntos e compartilhamos muitos sentimentos. Desde amizade, tristezas, sonhos, planos e alguns segredos. O carinho que Luciana já demonstra por você é reflexo de tudo que eu, ela e sua mãe vivenciamos. Éramos inseparáveis. Mas a vida foi um pouco cruel com sua mãe. Acho que culpar a vida seria rigoroso demais. O seu avô, sim, foi um crápula

com a sua mãe. Ele determinou o destino de minha amiga. E ela não teve forças para lutar.

— Ainda estou perdida, madrinha. A dona Luciana sabia esse tempo todo quem eu era? E meu avô, que nem cheguei a conhecer, fez o que pra minha mãe?

— Sim. Luciana sabia. Você é o reflexo de sua mãe. Tem sua doçura. É linda da mesma forma. E por onde passa, ilumina a vida das pessoas. Acha que quem estava cuidando de você, até que eu pudesse chegar a Itália? Em breve, nós sentaremos juntas e vamos te contar um pouco da nossa infância e juventude. E quanto ao seu avô, a resposta está aqui.

Tia Helena entregou a Sienna algo parecido como um diário. Era antigo, bem gasto e as folhas estavam amareladas. E, pelo que podíamos ver, era grande. Deveria conter inúmeras histórias.

— Quando completamos dez anos, a minha mãe comprou três presentes iguais e nos entregou. Luciana, Teresa e eu recebemos um diário em que o formato era igual, o que os diferenciava eram as cores. E daquele dia em diante, era ali que registrávamos as nossas memórias.

Sienna já ia abri-lo, mas foi impedida por tia Helena.

— Não. Aqui dentro tem muitas coisas lindas. Mas

também contém palavras que te farão chorar, te entristecerão. Eu nem lembrava mais deste diário. Quem o encontrou foi um dos rapazes da fábrica de móveis de Lorenzo, quando estava desmontando o guarda-roupa de sua mãe. Ele estava escondido em um fundo falso na última gaveta.

— Mas eu quero saber mais sobre ela.

— Eu imaginei. Então faça como eu, Teresa e Luciana no passado. Três vezes ao ano, nós abríamos os nossos diários e o que achávamos lícito, conversávamos uma com a outra. Era nos dias de nossos aniversários.

— Mas isso é daqui uma semana. Mamãe ia completar 45 anos.

— Sim. Iria. Então separe esse dia para você e descubra os segredos de Teresa. Essas palavras só pertenciam a ela. Algumas coisas que estão guardadas aí, nem eu ou Luciana sabemos.

— Sabe que será difícil cumprir isso, madrinha.

Minha tia sorria enquanto retirava o diário das mãos de Sienna.

— Por isso ele estará mais seguro nas mãos de Enrico.

Tia Helena me entregou e pediu que o guardasse

até que o momento certo chegasse. E assim eu devolvesse à sua nova dona: Sienna.

— E esse envelope creio eu que seja uma carta de Teresa. Está endereçado a você. E te oriento a abrir também no mesmo dia.

— E esse outro que está em suas mãos. É meu também?

Tia Helena tocou delicadamente Sienna, que logo fechou os olhos ao sentir os dedos de minha tia contornando seu rosto com extremo carinho.

— Não, minha menina. Esse é para outra pessoa. Ainda estou tentando entender o que Teresa tinha a dizer a ele. Mas eu vou cumprir a vontade dela e entregarei esse envelope também.

Carla passava ao nosso lado de mãos dadas com o doutor Giulio e eu pedi que guardasse o diário e o envelope de Sienna, junto ao meu livro. Ela assentiu e saiu em direção à casa grande.

Tio Victor nos arrastou para a pista de dança ao som do violão e da voz de Nicolas.

Acabei me distraíndo dançando com Sienna e só me dei conta que já era meia-noite quando os gritos de minha irmã chegaram aos meus ouvidos.

Eram os fogos de artifício do lado de fora. Peguei Sienna em meus braços e a levei até a porta do galpão. Coloquei-a no chão e juntos passamos a admirar a beleza das luzes explodindo no céu.

— Seus olhos brilham como fogos no céu, anjo.

— É lindo, Rico.

— É pra celebrar a vida. A sua e a minha.

— A sua?

— Oh, sim. Você me fez nascer de novo.

E sob as luzes coloridas no céu, eu a beijei. Ela era minha. E ainda nessa noite eu lhe arrancaria mais sorrisos de alegria. Mas também ouviria gemidos de prazer de seus lábios.

— Eu sempre irei te ouvir, cuidar, proteger, acariciar e mimar. Eu sempre irei te amar, anjo.

— Minha madrinha sempre me dizia que no tempo determinado o meu milagre iria chegar. E aconteceu. Você é o meu milagre. Você consegue extrair somente o melhor de mim. Ao seu lado, eu sinto que tudo irá ficar bem.

— E ficará, anjo.

O som de *parabéns para você* invadiu o galpão inteiro. Marcello e Riccardo colocaram no centro da pista

de dança, um bolo de três andares todo branco com inúmeras pequenas rosas o rodeando. Era lindo e singelo e com toda a certeza estava delicioso.

Já estava tarde e Sienna já dava sinal de cansaço. O bolo foi cortado e todos estavam sendo servidos. E eu segui para junto dela. E estava na hora de irmos embora. Minha noite de surpresas não havia acabado.

Mas Felipe chegou primeiro e com um gesto galanteador, a reverenciou e lhe solicitou uma dança.

Ele a rodopiava pelo salão e suas gargalhadas contagiavam todos ao redor com sua alegria.

Aproveitei que ela estava distraída e segui em direção ao lugar em que Luciana estava para pegar a chave de minha casa e me surpreendi quando Pietro entrou no galpão de mãos dadas com um garotinho vestido em um terno claro.

— Oi, Rico. Eu recebi uma ligação da mãe dele. Ela estava viajando e quando chegou em casa, pensando em encontrar o filho dormindo, deu de cara com o seu pequeno tesouro preparado para a festa e me pediu para buscá-lo. Algum problema de ele ficar aqui alguns minutos?

Eu não o conhecia. Mas o menino estava inseguro de estar ali. A mãozinha dele apertava com força a de

Pietro.

— Faça com que ele se sinta à vontade, Pietro. Como ele se chama?

— Eduardo.

— O pequenino que roubou o coração de Sienna.

— O próprio.

Eduardo estava com a cabeça um pouco abaixada. Ele não me olhava nos olhos. Então, fiquei de joelhos e passei a falar com ele:

— Olá, pequeno. Eu me chamo Enrico e sei o que te trouxe aqui.

Eduardo levantou a cabeça e eu pude ver os olhinhos tristes, mas ansiosos que me encaravam. Eu sabia o segredo dele.

Me aproximei um pouco e sussurrei no ouvido dele:

— Você quer dar um abraço nela? Ela ama você, sabia? E vai ficar muito feliz em te ver. Eu posso te levar até ela. Você quer?

O garotinho sorriu pela primeira vez para mim, enquanto acenava com a cabeça, afirmando o que tanto desejava.

Levantei e estendi minha mão e logo ele a aceitou. Caminhamos juntos até o meio do salão.

Sienna continuava a dançar com Lipe. Eu ia esperar que a canção terminasse, mas meu novo amiguinho estava ansioso.

Soltou a minha mão e correu até onde eles estavam. Puxou a calça de Felipe e lhe deu um sorriso que iluminaria a mais densa escuridão.

Sienna saiu dos braços de Lipe e agachou-se, recebendo Eduardo em um abraço apertado.

Uma nova música suave iniciava e Sienna colocou cada pezinho do menino em cima dos seus e dançaram juntos a linda canção.

Meu irmão estava paralisado a poucos metros de onde eles estavam. Olhava a cena completamente vidrado. Aproximei-me e aguardei que Felipe tivesse alguma reação, mas nada acontecia. Seus olhos só tinham um foco. O menininho triste, que agora sorria encantado para a minha mulher.

— Lipe, respira! Você está mudo há mais de um minuto. Isso não é normal, porra! O que está acontecendo?

— Mais uma vez, os fofoqueiros da pequena luz tinham razão. Eu estou rendido por um sorriso doce e

inocente, ou seja, completamente fodido. Meu destino está mudando e eu tenho muito medo do que está por vir.

Capítulo 15

Sienna

Já estava cansada. Meus pés já estavam começando a ficar inchados. Minha vontade era de retirar as sandálias e continuar a aproveitar cada minuto de minha festa. Mas meu corpo já exigia descanso. E Bella estava me lembrando nesse exato momento que eu não estava só. Ela estava inquieta. Parecia dar cambalhotas em minha barriga, o que fez Lipe sorrir ao tocar meu ventre e sentir os chutes da sobrinha e requisitar logo a dança que havia lhe prometido.

Seguimos para o meio do salão e passamos a bailar juntos. Lipe sempre me fez sentir leve. Ele tinha a facilidade de somente com a sua presença nos arrancar um

sorriso gostoso e bobo dos lábios. Lipe era um menino grande.

— Você está aqui, dançando comigo, mas seus pensamentos estão longe, moça bonita. — Lipe me fez girar e logo nos aproximou novamente.

— Eu estou tentando entender quem é você de verdade.

Lipe deu um lindo sorriso torto seguido de uma piscadela safada.

— Eu sou um mistério que poucos conseguem decifrar.

— A questão é sentir, Lipe. E eu sinto você. Sei que te machucaram e as feridas ainda estão abertas. Você precisa encontrar a cura para o que está te causando dores.

Encostei a cabeça no ombro dele e o abracei bem forte.

— Você enxergou o que nenhum de meus próprios irmãos conseguiram.

— Sabe o que é isso?

— Não, moça bonita.

— Amizade é ter a alma conectada uma na outra. É a afinidade de dois corações que se respeitam e se querem

bem. É reconhecimento.

— Cretino sortudo! — Lipe repetia a frase batendo o pé no chão.

— Quem?

— Segundo irmão mais velho.

— Por quê?

— Não sabe que és especial, né, moça bonita? Tens a alma de criança. Inocente. E meu irmão tirou a sorte grande de tê-la encontrado. Promete cuidar do coração dele? Ele é semelhante ao seu. Por isso se encaixam perfeitamente. Rico é pureza em mais de 1,80m de altura.

— Eu o amo. E quem ama cuida.

— Obrigado. Ele está em segurança agora. E eu posso começar a pensar em mim.

— Se precisar...

— Conversar? Com certeza, moça bonita. Desde que cheguei estou tendo alguns sonhos...

Lipe parou de falar e, ao seguir seu olhar, eu encontrei o meu pequeno tesouro que conseguiu me arrancar várias lágrimas. Ele estava lindo e sorridente. Não esperava encontrá-lo hoje. Mas se ele queria me dar um presente inesquecível, ele conseguiu. Pois não foi só a

mim que a simples presença dele estava tocando. Sem precisar pronunciar uma única palavra, Dudu conseguiu tocar o coração de Lipe. Ele sentiu o mesmo que eu ao vê-lo pela primeira vez. Ele era um pequeno anjo que teve suas asas quebradas. E ninguém havia conseguido se aproximar para restaurá-las. Até hoje. Até eles se encontrarem.

Lipe se afastou um tanto atônito e eu coloquei Dudu em meus pés e começamos a dançar juntos.

Em nenhum instante, ele desviou os olhinhos dos meus. Seu sorriso era largo. Minha madrinha sempre dizia que se quisesse saber quando alguém estava realmente feliz, o sorriso devia ser de orelha a orelha. E definitivamente o de Eduardo era.

A música encerrou e desci Dudu dos meus pés e o levei para uma mesa vazia. Puxei duas cadeiras e nos sentamos. Logo um garçom apareceu e pedi um copo de água pra mim, um suco para o meu pequeno tesouro e também duas fatias de bolo.

Logo o rapaz que nos atendeu retornou e Dudu passou a comer em silêncio, até a chegada de Enrico e Felipe à nossa mesa.

Senti uma das mãozinhas dele tocando o meu braço. Com a ponta de meu dedo, ergui o seu rostinho

rosado e me aproximei sussurrando em seu ouvido:

— Não precisa ter medo, querido. Eles são legais. E assim como a tia Sienna, vão amar ter você como amigo. Quer que eu te apresente os dois?

Dudu balançou a cabeça afirmativamente e deu um pequeno sorriso, abaixando um pouco a cabeça em pleno sinal de timidez.

Enrico sentou ao meu lado e Lipe à nossa frente. Apontei primeiramente para Felipe e o apresentei:

— Aquele moço ali é o Felipe. Ele não sabe ainda, mas é o melhor amigo da tia Sienna juntamente com você, Dudu.

E o pequeno me surpreendeu ao praticamente saltar da cadeira e me abraçar carinhosamente. Acaricieei seus lindos cabelos, fazendo-o suspirar em meus braços e vi a mesma reação em Felipe à minha frente.

Dudu era esperto e veria se eu falasse qualquer coisa à sua frente. E como ele estava virado de costas, eu aproveitei e, usando apenas alguns gestos, disse a Felipe que ele não falava, mas que ouvia perfeitamente bem.

Lipe assentiu e quando Dudu sentou novamente na cadeira ao lado, ele aproveitou que um garçom estava passando e pegou a caneta e o bloco de suas mãos. O

rapaz ia esperar, mas logo eu o dispensei. Eu sabia que Lipe queria iniciar uma conexão com Dudu. E eu não deixaria ninguém atrapalhar isso. Enquanto Lipe escrevia, eu apresentei Enrico:

— E esse é Enrico. Eu já te falei dele. É o homem que a tia ama e também é o papai da Bella, que você já sentiu mexer algumas vezes na minha barriga.

Enrico levantou um pouco da cadeira e se aproximou de Eduardo falando baixinho para que só nós três escutássemos.

— Eu vou me casar com ela e vou fazê-la muito feliz. Você aprova?

Dudu me olhou com carinho e balançou a cabeça para cima e para baixo diversas vezes. Ele sabia que o homem à sua frente também me amava e não me deixaria sofrer. Meu pequeno tesouro só queria o meu bem.

Lipe terminou de escrever, tampou a caneta e destacou o papel do bloco, deslizando o bilhete para o outro lado da mesa onde estava Dudu.

Ainda tímido e sem jeito, o pequeno aceitou o papel. Creio que tentou ler, mas algumas palavras ele não devia ter entendido. Seu semblante era de curiosidade. Pedi licença a Dudu e peguei o bilhete de suas mãos e passei a lê-lo:

— Olá, pequeno. Eu vou te contar um segredo. Eu preciso muito de um amigo. Mas sabe? Ele tem que ser bonito igual você. Porque, assim, os meus amigos são todos feios. Olha para o cara ao lado da moça bonita. Ele é horrível, né? Mas eu tenho que aguentar ele porque, além de tudo, ele é meu irmão. E olha que você ainda não conhece o outro. Parece aquele ogro verde do filme. Medonho. Pois é. Então, você topa ser meu amigo bonito? Só assim, nós dois juntos, conseguiremos fazer a moça bonita ter bons sonhos durante as noites e não ter pesadelos com esses monstros dos meus irmãos. Quer ser meu amigo e me fazer muito feliz, Dudu?

— É sério isso? — Rico apontava para o papel em minha mão.

— Eu menti?

— Lógico. Nós somos bonitos também.

— Não mesmo. Quer a prova?

— Com certeza.

Minha madrinha passava ao nosso lado carregando uma bandeja com alguns salgadinhos e Lipe a chamou:

— Tia, qual o seu sobrinho mais lindo?

Helena passou a mão no rosto de Felipe e se abaixou beijando sua face.

— Você, querido. Titia te ama.

— Obrigado, tia. Os potes de doce de leite da dona Penha estão na despensa. Terceira prateleira.

Tia Helena deu uma piscadela para Felipe e saiu gargalhando.

— Você jogou baixo. Isso não vale!

— Ei, cada um usa as armas que tem. E a minha é o charme. Conforme-se e me ame.

Dudu estava ao meu lado com a mãozinha em frente à boca e ria da discussão sem noção entre Lipe e Rico.

Felipe o olhava encantado e logo lhe estendeu a mão.

— Amigos?

Dudu esticou o braço e lhe deu a mãozinha gordinha. E juntos eles selaram algo que eu sentia que seria profundo demais. Ali iniciava uma nova história. E eu já estava louca pra saber o desfecho dela.

Enrico segurou a minha mão, que estava em cima de meu ventre, e se aproximou de meu corpo.

— Se despeça de todos. A partir de agora, você é minha. — A voz rouca sussurrando em meu ouvido, causou arrepios e fez-me estremecer.

— E os convidados, Rico?

— Já tiveram muito de você.

— Eu só vou me despedir de meus padrinhos e de Eduardo.

— Tia Helena e tio Victor já estão indo para casa e Juju já deixou o quarto de hóspedes todo organizado para recebê-los. Só se despeça do pequeno. Eu tenho uma última surpresa neste dia pra você.

— Eu não preciso de mais nada, Rico. Você já me deu o que mais almejava. Novas lembranças. E isso eu vou levar comigo para sempre. Não é algo material que se desgasta com o tempo. E isso ninguém pode me tirar ou apagar. É eterno. É meu.

— E quem disse que eu terminei de te dar novas recordações hoje? Ah, anjo. O melhor ainda está por vir.

A respiração de Enrico era quente em meu pescoço. Sua barba macia deslizava para cima e para baixo, arrancando um gemido de meus lábios.

Ainda bem que Eduardo estava entretido desenhando no bloco de anotações com Felipe e não reparou no que estava acontecendo bem ao seu lado.

Segurei o rosto de Rico em minhas mãos e beijei delicadamente os seus lábios. Virei-me para Dudu e toquei

seu braço, chamando sua atenção.

— Eu já vou embora, pequeno. Você tem alguém pra te levar para casa?

— Ele está comigo, Sienna.

Pietro havia chegado e estava em pé atrás da cadeira que Dudu estava sentado, e tinha um embrulho pequeno em sua mão.

— Já está tarde, Pietro. E ele já está coçando os olhinhos de sono.

— A mãe dele já me ligou. Eu vim buscá-lo. Mas antes de levá-lo para casa, ele tem um presente pra você.

Pietro entregou a pequena caixa para Dudu, que ficou em pé e me entregou o presente. Não queria rasgar o embrulho. Era um papel rosa claro e tinha meu nome escrito diversas vezes com a letra de Dudu.

Abri devagar e consegui preservar o papel intacto. Pedi que Lipe guardasse pra mim.

Logo abri a caixinha e encontrei uma pulseira de três fios dourados e em cada um deles havia um coração pendurado. Era delicada e linda.

Pedi que Enrico colocasse em meu pulso. E me abaixei abrindo os braços e recebendo Eduardo para um

abraço carinhoso.

— Obrigada, meu pequeno tesouro.

Dudu pegou a minha mão e depositou um beijo nela. E na pulseira em meu pulso ele abriu o primeiro coração e colocou em minha linha de visão. E pude contemplar que de um lado tinha uma foto dele sorrindo e o outro estava vazio.

— O lugar vazio é pra colocar uma foto da tia Sienna?

Ele balançou a cabeça de um lado para o outro, negando o que tinha acabado de falar. E levou as pequenas mãos para meu ventre e o acariciou, fazendo com que eu entendesse qual era a sua vontade.

— Uma foto da Bella. Eu terei os meus dois tesouros juntos em um só coração. Obrigada, querido.

— Era da avó dele. Antes dela morrer, ela entregou duas dessas pulseiras para a mãe de Dudu. E ele queria algo especial para te presentear e acho que conseguiu. Ele te fez chorar, Sissi.

Sim. Pietro tinha razão. As lágrimas derramadas mostravam o quanto eu estava emocionada. Em tão pouco tempo, esse menino de extrema pureza no olhar havia conquistado meu coração com pequenos gestos de afeto e

carinho.

— Obrigada, meu pequeno príncipe.

Dudu acariciou meu rosto, sorriu e deu a mão para Pietro. Porém, ao dar apenas dois passos, ele parou. Estendeu a sua mãozinha livre em direção a Felipe, arrancando de meu amigo um sorriso tão sincero que deixava transparecer em sua face bonita que o inesperado às vezes podia lhe trazer o que achava que havia perdido para sempre. E no caso de Lipe era a esperança.

Vi os três saírem pela frente do galpão. E eu segui Enrico para a porta traseira. Carla, pelo visto, estava ciente da nossa pequena fuga, pois nos esperava ali. Me abraçou, desejando-me novamente *feliz aniversário* e piscou para Enrico enquanto dizia que tudo foi feito conforme o que ele havia solicitado.

— Obrigado, pequena.

— Divirtam-se, meus lindos.

Carla fechou a porta e seguimos por um caminho iluminado por pequenas lamparinas.

Eu sabia onde aquela estrada estreita nos levaria. E só não entendia o que de tão especial me aguardava ali. Andamos mais alguns minutos e paramos em frente à casa ainda inacabada. Enrico colocou a chave na fechadura e

abriu a porta. Entramos e ele trancou-a. Do lado direito, ele acendeu um abajur que iluminou pouca coisa do ambiente. Mas que, pelo menos, não nos fazia tropeçar em nada à medida que caminhávamos da sala para o corredor.

Enrico parou e me colocou à sua frente, tapando minha visão com uma de suas mãos. Demos mais alguns passos e ouvi o leve som de uma porta se abrindo. E o silêncio foi quebrado pela voz de meu homem sussurrando suavemente próximo ao meu ouvido:

— Meus amigos casaram há poucos dias. E algo que eles falaram naquele momento especial e único na vida deles, vai te fazer entender o porquê de tudo que estarei lhe mostrando em breve. É só responder a pergunta que te farei.

— Então faça.

— Já conseguiu contar todas as estrelas do céu, anjo?

— Não.

— Nem eu. Mas ouça essa definição de amor.

Enrico me abraçou por trás e, enquanto falava pausadamente em meu ouvido, ele tocava o local onde Bella estava. Era como se ela sentisse a presença do pai porque estava quietinha, só ouvindo a voz melodiosa que

acalmava a alma.

— Tente contar as estrelas do céu e multiplique-as por mil. Esse é o tamanho de meu amor por vocês. Incontável e sem fim.

Enrico foi tirando devagar a sua mão de meus olhos e foi fácil e rápido me adaptar a pequena claridade do que podia ver agora, que era o quarto de nossa filha. E logo entendi o que ele quis dizer. Só bastou olhar para o alto.

— Amor além das estrelas.

Rico trouxe o céu e seu infinito para fazer companhia a nossa filha durante seu sono de belos sonhos.

Nem reparei que alguns minutos tinham se passado. Havia me perdido em cada detalhe da pintura no teto do quarto. O brilho de cada estrela era quase hipnotizante, que não percebi a lágrima rolar por minha face até Enrico capturá-la.

— Meu sentimento por vocês vai além do explicável, além do que as palavras podem expressar. Vai além da vida, além do amor.

— Eu te amo, Enrico.

— Eu sei. Você me reflete. Olhar pra você é enxergar a minha outra metade.

Enrico envolveu suas mãos em meus cabelos e aproximou nossos corpos. Antes mesmo de ter seus lábios grudados aos meus, eu já estava sem fôlego.

Todo nosso amor e desejo estava naquele beijo. Nos separamos ofegantes.

— Gostou da surpresa, anjo?

— Sim. É tudo tão lindo.

— É um presente de meus pais. Todos os móveis foram exclusivamente desenhados para a nossa filha. E a linha entrará no catálogo da loja e terá o nome dela: Isabella.

— Oh, meu Deus! Não acredito nisso.

— Pois acredite. É real.

— E as pinturas?

— Luciana e o esposo. É um de seus presentes para a nossa filha. Veja com as luzes acesas.

Enrico ligou as luzes que tomavam o centro do quarto e as outras quatro que ficavam em cada um dos cantos.

— Ela crescerá feliz, Rico.

— Eu sei. Ela será amada. Agora, vamos para a

segunda parte de meu presente.

— Tem mais?

— Sim.

— Onde?

— No nosso quarto, anjo. Venha.

Henrico desligou as luzes e me levou para a porta ao lado.

Abriu também devagar. E ao contrário do quarto de Bella, o nosso não tinha móvel algum. Mas ali estava somente o necessário.

Ele estava todo iluminado por lindas velas dentro de pequenos potes de vidro. E no centro do quarto estava um grande colchão de casal, coberto por um tecido vermelho e repleto de pétalas de rosas brancas.

Rico, que estava atrás de mim, passou a acariciar meu corpo vagorosamente, fazendo-me fechar os olhos e somente sentir seu toque quente em meu corpo.

— Eu vou te amar lento... devagar, porém intenso, para não deixar escapar nenhum segundo sequer de nós dois juntos.

Sentia o sopro quente da respiração de Rico a cada leve beijo depositado em meu corpo enquanto deslizava

vagarosamente o zíper de meu vestido. Suas mãos percorriam cada pedaço de pele que era exposta na medida em que o retirava. Meu coração batia forte e acelerado e meu corpo tremia quando ele me girou em seus braços e pude contemplar a intensidade de seu olhar. Aquele homem me amava e me desejava na mesma proporção que eu o desejava de volta.

Logo suas próprias roupas juntaram-se às minhas no chão. Em seguida, deitou-me delicadamente no colchão e passou a me amar.

Ele suspirou ao ver meus seios fartos e redondos, porém delicados devido à gestação. Quando ele colocou a ponta de sua língua em um deles, eu gemi e arqueei meu corpo em sua direção. Sua língua trabalhava lentamente em cada seio. Ora circulando os bicos sensíveis, ora chupando-os com intensidade. Eu gemia baixo e ofegava. Rico foi descendo, beijando minha barriga arredondada e circulando o meu umbigo com a língua, me fazendo contorcer em suas mãos. Eu já estava pronta para ele porque sentia a umidade aumentar em meu sexo e, finalmente, seus dedos chegaram delicadamente no local que eu mais necessitava.

— Pronta para mim, anjo? Você está molhada e eu vou provar você.

Sua língua macia chegou ao meu clitóris, fazendo

movimentos circulares e logo começou a sugar lentamente. Meu corpo clamava por mais. Segurei o lençol com força quando Enrico me penetrou com dois dedos fazendo movimentos de vai e vem bem lentamente. Eu sentia que em pouco tempo me desmancharia em suas mãos. Podia sentir o calor se alastrando por meu corpo e o tremor surgindo. Sem deixar de me tocar, Enrico guiou seu membro à minha entrada e me penetrou lentamente fazendo-me gritar quando o prazer explodiu por meu corpo.

Nossos gemidos ecoaram cada vez mais altos pelo quarto. Suas estocadas que inicialmente eram lentas se tornaram rápidas e profundas. Movimentamo-nos no mesmo ritmo. A batida cadenciada de nossos corpos suados, juntamente com os suspiros e as palavras desconexas, era a mais bela melodia que poderia querer escutar naquele instante.

Enrico levou sua mão àquele ponto único, já inchado e sensível em meu corpo, e estremeci. Meu sexo pulsava e apertava o seu. E à medida que mais um clímax chegava, eu vi o momento que ele pendeu sua cabeça e com mais duas estocadas, explodiu em um prazer sem igual sussurrando o meu nome diversas vezes misturando-se ao dele, que também saía por meus lábios em pequenos gemidos de paixão.

Quando nossas respirações se acalmaram, Enrico

levou sua mão aos meus lábios que deviam estar vermelhos e inchados devidos aos seus beijos ardentes, profundos e apaixonados. Tocou o local em adoração e declarou o que nunca me cansaria de ouvir, fazendo com que lágrimas involuntárias escorressem por meu rosto:

— Meu amor é seu, anjo. Não precisa dizer nada. Seus olhos falam por você.

Deitou sua cabeça em meu ventre e por longos minutos sentiu os movimentos levinhos de Isabella. Sua felicidade demonstrava que um amor que surgira há pouco tempo já era imenso.

— Que o olhar dela seja igual ao seu. Que fale com amor e ternura.

E ainda naquela madrugada, antes de retornarmos para casa, eu fui amada mais uma vez. Da mesma forma que me foi prometido: intensamente.

Ao chegarmos à casa grande ainda podia se ouvir movimentos em alguns dos quartos. Pelo visto, a festa tinha terminado há pouco tempo.

Tomamos um rápido banho juntos e depois de vestidos, deitamos em nossa cama. E antes que Enrico pegasse no sono, ele beijou meus cabelos e falou baixo próximo a meu pescoço:

— Eu sempre te trarei amor, anjo. Em porções sem medidas e sem fim.

Um sorriso bobo e repleto de amor tomou conta de minha face.

Esperei que sua respiração acalmasse e quando tive a certeza de que ele estava em um sono profundo, me desvencilhei de seus braços e segui rumo ao meu objetivo: minha torta de chocolate com morango.

Cheguei rapidamente na cozinha e separei um prato com um pedaço bem farto de torta. Peguei uma colher, puxei uma cadeira e me sentei. E passei a saborear o delicioso doce, até ouvir passos se aproximando e um monte de palavrões sendo sussurrados até chegar na entrada da cozinha. Sorrindo, eu separei mais uma colher e com ela erguida esperei que ele chegasse e a pegasse.

Ele sentou ao meu lado e passou a comer o doce junto comigo.

— Bateu o pé de novo, Lipe?

— Sim. Essa porra dessa quina no corredor sente uma paixão platônica pelo meu belo dedinho do pé esquerdo.

— O curativo já está em cima da mesa.

— Obrigado, moça bonita.

— Vai só se aproveitar do meu doce ou quer conversar?

— Eu quero conversar, mas não sei por onde iniciar e sinto um filha da puta de um medo de me abrir. Minha história é triste, Sienna.

— Bom. Coloque todos os sons ao seu redor no mudo e escute apenas a voz de seu coração e saberá o que necessita compartilhar e por onde deve começar.

— Ok. Vamos lá.

Capítulo 16

Enrico

O céu ainda estava escuro e o espaço vazio ao meu lado na cama, já estava frio.

Sienna não estava em nosso quarto. E eu só temia que algum pesadelo tivesse lhe tirado o sono. Não depois de uma noite que lhe fez tão feliz. Ninguém tinha o direito de lhe tirar o sorriso. Nem mesmo as sombras de seu passado.

Levantei, abri uma das gavetas da cômoda e peguei somente uma calça de moletom e saí à sua procura.

O primeiro lugar que me veio à mente foi a sala de vídeos. Mas a porta estava aberta e tudo estava escuro e

silencioso.

Segui pelo corredor e ao longe ouvi alguns sussurros, vindos da cozinha.

Parei na porta quando ouvi a voz de Sienna falando suavemente com meu irmão mais novo.

— Mesmo que eu seja ferida constantemente, eu ainda prefiro amar incondicionalmente.

— Isso me apavora, moça bonita, tenho medo de amar e me ferir novamente.

— Eu sei. Acha que não sinto medo também?

— Não. Você é forte.

— A vida me ensinou muitas coisas, Felipe. Mas uma delas foi a de nunca desistir. Sabe quando você se sente cansado e as forças de seus pés estão sumindo, te levando, às vezes, a tropeçar na menor pedra do caminho?

— Eu sei. Já passei por isso.

— Então guarde no coração o que irei lhe dizer. — Sienna levou a mão direita ao peito de Felipe. — Quando as forças lhe faltarem para prosseguir na caminhada, coloque-se de joelhos. Estar de pé, nem sempre é sinal de que estamos fortes para seguir em frente.

— Se eu precisar de colo e aconchego, você me

dará?

Felipe acariciava o rosto de Sienna, que lhe respondeu com carinho:

— Sempre, moço lindo.

Essa foi a minha deixa pra invadir a cozinha.

— O colo é meu e futuramente dos meus filhos, idiota!

Felipe piscou para Sienna, que ainda de costas pra mim, ria baixinho.

— Eu sei, marcha lenta. Acha que perderia a chance de te deixar com ciúmes? Nunca. E nós ouvimos o lindo palavrão que saiu da sua boca quando bateu o dedão do pé na máquina de costura antiga da *nonna*. Estou certo?

— Por que aquela coisa fica no corredor da casa?

— Pergunta difícil em plena madrugada, Rico. Sem resposta para ela. Minha linda mente ainda não tomou consciência que o corpo está em movimento. Ela ainda dorme e aproveita de seu sono da beleza. Então, nada a declarar quanto à máquina de costura da *nonna*, somente que eu estou lindo naquela foto no porta-retrato à direita, em cima dela.

Lipe afastou um pouco a cadeira e esticou o corpo,

colocando as mãos atrás da cabeça e fechou os olhos.

Sienna levantou e veio em minha direção, porém ao se aproximar, me abraçou e se aconchegou em meu peito.

Passei meus braços em sua cintura e enfiei meu rosto entre os seus cabelos, sentindo seu cheiro delicioso e sussurrando em seu ouvido:

— Senti sua falta, anjo.

— Me deu uma vontade louca de comer bolo. E logo depois que cheguei na cozinha, ele apareceu.

— E contou pra você a sua história triste.

— Sim.

— E o que achou?

— Ele precisa deixar tudo pra trás. É passado.

Me afastei um pouco e segurei seu belo rosto em minhas mãos e beijei calmamente seus lábios. Girei Sienna em meus braços e ficamos um pouco abraçados encostados na pia da cozinha.

— Ele vai cair da cadeira, Rico.

— Eu sei.

— Ele está dormindo.

— Sim, eu sei.

— E não vai fazer nada?

— E perder a chance de vê-lo cair de cara no chão?

— Isso é maldade, Enrico.

Sienna soltou-se de meus braços e deu um pequeno soco em meu peito, me fazendo sorrir de sua cara zangada e saiu em direção a Felipe. E quando ia lhe dizer pra não chamar pelo nome dele, pois iria se assustar, ela fez.

E a cadeira e o Felipe foram de encontro ao chão gelado da cozinha.

— AH, PORRA! Dói! — Felipe gritava segurando a testa enquanto tentava se levantar e apavorada Sienna correu em direção à geladeira e logo voltou com uma bolsa de gelo na mão.

Coloquei Lipe sentado em outra cadeira e, em meio aos inúmeros pedidos de desculpas e tentando acalmá-lo ao mesmo tempo, Sienna finalmente conseguiu que ele ficasse quieto e pôde olhar se houve algum ferimento.

— Por que a sua testa está arroxeadada e com um pequeno corte? E isso não foi feito agora. O que

aconteceu?

— Os sapatos do Rico apaixonaram-se por mim e deram dois beijos na minha testa antes de sua festa de aniversário. E sem a minha autorização. Foram beijos roubados e totalmente sem graça.

Sienna pressionou a bolsa de gelo na testa de Felipe e voltou seu olhar em minha direção.

— Você bateu nele?

— Ele mereceu.

— O que ele fez?

— Exatamente o que ele está fazendo agora. Só que em vez de usar as palavras para declarar seus atributos, ele está vendo e tendo pensamentos totalmente impróprios com o que é meu.

Sienna seguiu o olhar malicioso de Lipe e deu de cara com seus seios fartos apertados na parte superior da camisola.

— Entendeu agora, anjo?

Sienna apertou com força o gelo na testa de Felipe até que ele gemesse e fechasse os olhos.

— Entendi. Você sabe que um dia, mais cedo ou mais tarde, ele vai amar alguém, né, Rico?

— E será uma pena porque não vou poder revidar as provocações dele.

— Não mesmo, amor, você é meu! Mas nada que um maravilhoso exemplar de irmão mais velho não resolva.

Lipe arregalou os olhos e gemeu ainda mais quando Sienna afastou o gelo e voltou a pressionar com ainda mais força.

— Levi não, moça bonita. Ele é mais puto do que eu. Isso é injusto!

— É a lei do retorno, meu amigo. Tudo que se faz, um dia volta pra você. Conforme-se!

Lipe sorriu carinhoso para Sienna.

— Usando minhas próprias palavras para me atingir. Gostei. Nada de sacanear o segundo irmão mais velho. Ok. Anotado.

— Assim tão simples?

— E porque não, Rico? A moça bonita já é quase oficialmente da família. Merece extremo respeito. E eu a amo. Agora aquele ali, não me desce. — Lipe apontava para a porta da cozinha onde Giulio e Carlinha estavam abraçados.

— Conforme-se e o ame. Ele também quer entrar pra família. — Carla gargalhou após ver o quase desespero de Felipe ao ouvir suas palavras.

— Certo. Eu estou bêbado. Eu não ouvi essa porra! Eu vou voltar para o meu quarto e abraçar o ursinho que a pequena luz me deu pra afastar o bicho-papão e dormir. Mas quando acordar isso estará definitivamente apagado de minha memória.

— Nada disso. Você vai ficar e fazer companhia para o médico de Sienna. Vai ser um bom menino, como a mamãe lhe ensinou. E dará o seu melhor para ser um bom anfitrião. Ou seja, manterá a boca fechada. E eu vou passar com meu anjo no quarto de Raphaella e ver se está tudo bem. E, em seguida, fazer minha mulher descansar um pouco porque os bocejos dela já indicam o quanto ela está cansada. Mas antes de me retirar, eu tenho algo a lhe dizer desde o momento que cheguei aqui nessa cozinha.

Lipe fez sinal com a mão para que continuasse.

— O essencial é sempre dar o primeiro passo. Mesmo que o caminho seja longo, difícil e cheio de empecilhos, há um recurso que nunca irá lhe faltar, que é a providência de Deus.

— Por que ele tem as palavras certas para tudo?
— Lipe questionava coçando levemente a cabeça,

enquanto Sienna tomava minha mão na sua para podermos ir embora, mas antes ela parou e voltou para perto de meu irmão e beijou levemente sua face.

— Porque elas vêm de seu coração. Porque Rico fez o que você ainda precisa fazer, que é parar de se culpar por algo que não cometeu. É hora de não olhar atrás. Prossiga, Lipe. Recomeçar faz parte da vida.

Lipe agradeceu Sienna e lhe deu um beijo na testa.

Segurei a mão de meu anjo e, ao passar por Carla, a abracei apertado.

— Boa noite, pequena.

— Eu consegui descansar um pouco, Rico. Vou pegar o carro agora e levar Giulio ao aeroporto de Siena. Ele precisa voltar para o Brasil com urgência.

— Aconteceu alguma coisa?

— Sara piorou e precisa dos cuidados dele.

As mãos de Giulio acariciavam os braços de minha irmã. Ele sabia exatamente o que ela estava sentindo e era o mesmo sentimento que o meu. Impotência em ver o fim chegando lentamente para um dos alicerces de nossa amiga. Era a sua mãe que estava prestes a dizer adeus e ninguém poderia fazer nada.

— João Pedro me ligou. Sara precisa de mim. E o meu amigo está sem rumo. A sua única referência de mãe tem pouco tempo de vida. Eu já avisei meu pai e Chiara. Eles ficarão responsáveis na minha ausência em cuidar da saúde de Sienna. Fique tranquilo que ela estará em boas mãos.

— Eu sei que você não é o médico de Nelly. Mas, por favor, fique de olho nela também. Por mais que todos nós saibamos que ela é forte, nenhum coração está preparado para deixar partir definitivamente quem tanto ama.

— Eu cuidarei dela. E devo ficar no Brasil até o final da gestação de Gabriela também. É um pedido de Sara. Ela só se tranquilizou quando prometi que estaria presente quando o seu neto nascesse.

— Não deixe Sara sentir muitas dores, doutor Giulio.

— Farei o meu melhor, Enrico.

Carla pegou o celular na mão e verificou as horas.

— Ainda temos tempo, baby, mas é melhor irmos agora. O voo é na parte da tarde, mas não quero correr riscos de que se atrase. Ainda temos que passar na sua casa para que se despeça de seu pai e irmã.

Procurei pelas malas de Carla e não encontrei nada além de sua bolsa de mão.

— Onde está sua bagagem, pequena?

— Eu não vou, Rico.

— Por que não?

Carla olhou para Felipe e deu uma piscadela. Ele sorriu e respondeu da mesma forma.

— O que vocês estão sabendo, que eu não estou?

— Pequena luz, segundo irmão mais velho.

Felipe levantou da cadeira e se aproximou de Carla, que saiu do abraço de Giulio e foi ao seu encontro.

— O que Luísa tem a ver com isso?

— Nós não sabemos, Rico. Nathan só mandou uma mensagem para o celular de Carla essa noite, falando que Luísa disse que sonhou que nós estávamos brincando de caça ao tesouro. Mas que ele estava tão bem escondido que somente um de nós dois iríamos encontrar o prêmio. Mas ele não era nem meu ou de Carlinha. O que iríamos achar iria estar quebrado demais e o único que saberia como consertá-lo era você. Para a brincadeira dar certo, nós três teríamos que participar. Eu não entendi porra nenhuma, Rico. Mas eu sei que é aqui que nós precisamos

estar. Juntos. Para encarar o que está se aproximando.

— Eu não gostei de ouvir isso, Felipe. Não quero sofrer mais.

— Nem eu, mano. Mas lembra do que a mãe sempre dizia quando tínhamos que enfrentar um problema?

— Sim. Depois da inquieta ventania e da forte tempestade, vem a beleza das cores em um lindo arco-íris. E tudo se faz novo. Se renova.

Lipe beijou a face de Carla e sussurrou algo em seu ouvido. Caminhou em minha direção e me surpreendeu com um abraço apertado e também com o que falou baixinho em meu ouvido:

— O seu mundo preto e branco transformou-se em um arco-íris desde a chegada da moça bonita, Enrico, e não vou deixar que nada leve as cores da sua vida embora. Ninguém vai levar o seu brilho ou apagar a sua luz. Eu cuido de você e você...

— Cuida de mim.

— Sempre, segundo irmão mais velho. Agora vá descansar. O futuro a Deus pertence. Só nos resta caminhar até ele, com fé. Até lá, nós vamos vivendo o agora, na certeza de que dias melhores do que este ainda virá.

— Obrigado.

Sienna estava de olhos fechados com a cabeça encostada no ombro de Giulio, quase dormindo.

Peguei o meu anjo em meus braços e me despedi de todos, fazendo antes um pedido especial ao meu novo cunhado: que ele nos mantivesse informados constantemente sobre Sara e Nelly. Após ele assentir, eu me retirei e acabei deixando a visita de Raphaella para quando acordássemos.

Lipe me acompanhou até a porta do quarto e abriu-a pra mim. E depois fechou-a quando adentrei no ambiente.

Coloquei Sienna bem devagar na cama e deitei-me ao seu lado. Logo ela se aconchegou e sua respiração foi suavizando. E antes de entrar no mundo dos sonhos também, eu senti um movimento forte vindo de minha filha na barriga de meu anjo. Se era sua forma de dizer-me uma boa-noite eu havia entendido. E sussurrei antes de finalmente fechar os olhos e descansar:

— Boa noite, meu anjo. E boa noite, minha estrela guia.

O domingo chegou e tia Helena e Sienna tiveram pouco tempo para matar a saudade. Meus tios viajaram no mesmo dia e passaram a semana inteira no vinhedo da família.

Na sexta, ao entardecer, eles estavam de volta e nos encontraram na sala de cinema com algumas deliciosas guloseimas que trouxeram.

O sábado amanheceu com algumas nuvens escuras no céu. O dia estava um pouco frio e resolvemos acender a lareira da sala.

Lipe me acompanhou até o fundo da casa para buscar algumas lenhas já cortadas.

— Não vi a moça bonita hoje, Rico?

— Ela não dormiu bem. Rolou na cama a noite toda. Parecia que tinha alguma coisa a incomodando. Cheguei até a ligar para o Giulio durante a madrugada, mas a ligação só dava fora de área.

— Mas ela estava sentindo alguma dor?

— Não. Quando levantou durante a madrugada para ir ao banheiro, ela me tranquilizou que estava tudo bem com a Bella. Mas eu sabia que com o meu anjo...

— Você sabe que dia é hoje, Rico?

— Eu sei. E tive uma semana terrível por causa disso e também pela mensagem de Luísa. Eu não consegui produzir nada. O livro de Dan e Nelly está parado. Odeio estar no escuro.

Felipe sorria enquanto me ajudava a separar as melhores madeiras.

— Sienna deixou Carlinha maluca essa semana, sabia?

— Por que tia Helena não guardou aquela carta e aquele diário com ela até hoje? Seria bem mais fácil e o meu anjo não sofreria tanto por antecedência.

— Ela tem medo daquelas palavras, Enrico.

— Eu sei. Ela está sentindo que o que a mãe lhe deixou poderá mexer em sua história. E Sienna é difícil de se adaptar às mudanças.

Felipe verificou seu relógio e num impulso só colocou os cortes da madeira no ombro.

— Vamos entrar. A moça bonita já deve ter levantado e está à minha espera.

— Os *cupcakes* do Eduardo?

— Sim. Vamos levar no *Piacere*. O pequeno, com certeza, vai distrair a mente dela. Nós estamos ensinando-o a escrever.

— Aquele porta-retratos novo na sala foi você, então?

— Ele escreveu meu nome, Rico. Sozinho. E

Sienna guardou o papel e pediu a Guillermo para emoldurar.

— Você gosta desse menino.

— Não me pergunte o porquê, pois eu também não sei. A única certeza que tenho é de que quero e preciso protegê-lo.

Chegamos na sala e Giovanni já estava em frente à lareira. Lipe lançou mais madeira e em pouco tempo o ambiente já estava mais quente e aconchegante.

— Sienna acordou, Gio?

— Acordou quando Raphaella foi se despedir. E agora está na cozinha com mamãe.

— Merda! Deve estar chorando.

— Mulheres! Juro que eu não entendo. A garota mudou aqui para o lado, Rico, e Sissi está soluçando enquanto prepara as tapiocas recheadas no fogão. Tentei chegar perto dela para dar um abraço e fui ameaçado com a faca que ela cortava o requeijão.

— Depois diz que conhece meu anjo melhor do que eu. Ela me fez construir um segundo andar na casa, para Carla. Disse que minha irmã poderia casar e ter filhos, mas nunca longe dela.

— Sissi encontrou em Carla o que nunca teve, Rico: uma irmã. E ter uma irmã é como ter uma melhor amiga. Ela estará sempre ao seu lado, não importa o que você faça ou o que aconteça.

— Por isso o choro, Gio. Raphaella já é especial para ela também. Eu vou na cozinha ver como ela está. Lipe, você me...

Procurei Felipe pela sala e não o encontrei

— Onde está o meu irmão?

— Fugiu no instante que mencionei a palavra "tapiocas".

— Que cretino! Vamos para a cozinha antes que não reste nada para nós.

Giovanni me acompanhou e do corredor nós já podíamos ouvir os risos e o som de uma música alegre.

Chegamos na porta e a família estava reunida. Tia Helena tinha assumido o fogão. Juju estava ao seu lado na pia, tio Victor estava sentado em uma cadeira no canto da cozinha, se atualizando nas notícias do jornal. E meu anjo, Lipe, Carla e Vince dançavam e gargalhavam enquanto ouviam a música que tocava no celular em cima do balcão.

Puxamos duas cadeiras e nos sentamos. Titia nos serviu e, enquanto tomava o meu café, a música encerrou e

todos retornaram para a mesa.

Sienna sentou ao meu lado e pegou minha mão livre e colocou na sua barriga.

Os movimentos de Isabella agora eram maiores e mais intensos. Parecia dar cambalhotas dentro de Sienna.

— Não dói, anjo?

Tia Helena chegava com uma travessa de tapiocas recheadas e bolo de milho. Colocou na mesa e se ajoelhou ao lado de Sienna.

— Não dói, Rico. É tão bom senti-la. Mas é incrível que ela só se agita dessa forma quando Lipe mexe com ela.

Felipe estava com a boca entupida de comida, mas ainda deu pra entender quando ele tentou dizer algo semelhante a "me ama" enquanto apontava para a barriga de Sienna.

Sienna disse que realmente Bella já devia amá-lo e voltou a colocar minha mão em seu ventre, onde o corpo de Bella estava mais em evidência. Aos poucos, seus movimentos foram acalmando à medida que eu acariciava o local.

— Dizem que as meninas são mais apegadas ao pai. E, pelo visto, não é diferente com a sua, querido. Olha

como ela se acalmou ao seu toque. Por isso, ame-a e demonstre isso sempre. Você será o primeiro homem que ela amará na vida. Então, seja o melhor pai e principalmente o melhor esposo. Quando ela crescer, ela terá a referência do amor verdadeiro dentro de casa. Assim será mais fácil dela encontrar o que você também encontrou. Olhe bem para o seu anjo e verá que ela tem um pouco da essência de sua mãe.

Tia Helena deu um beijo demorado na barriga de Sienna e levantou-se acariciando os cabelos dela e sussurrou que a amava.

Durante o café da manhã, eu a observava interagir com todos ao seu redor. E um momento em especial, eu descobri a maior semelhança entre ela e minha mãe.

— Vamos, moça bonita. O pequeno vai viajar agora. Pietro só está nos esperando para entregar os doces dele.

— Só um minuto, vou pegar os *cupcakes*. Já estão todos embalados. Ah, e eu comprei um casaco bem quentinho para ele. Está na sala, na mesa de centro. Você pode pegar pra mim, Lipe?

— Sim.

— E a caixa maior é sua. É uma blusa de lã branca, do jeito que você gosta. A sua estava tão desgastada. Já

está lavada e bem cheirosa. Coloque agora. Está muito frio lá fora. Não quero que fique gripado.

Lipe levantou e rodeou a mesa por trás de Sienna, beijou os seus cabelos escuros e a agradeceu.

E ali estava o que a ligava a dona Ana: o coração enorme. Elas não sabiam amar pouco. Ou era tudo ou nada. E percebi que meu pai também havia encontrado a *nonna* em minha mãe ao lembrar de uma de suas frases prediletas.

— *Amar sempre valerá a pena.*

Sienna pegou a sacola das mãos de Juju e, antes de sair da cozinha, sentou no meu colo e beijou rapidamente meus lábios.

— Eu volto logo. Por que você não se tranca um pouquinho no escritório e tenta escrever seu livro?

— Não sei se consigo. Minha cabeça nesse momento não está em Daniel e Emanuely.

— Aqui. Fique com o meu celular. É a primeira música. Selecione. Feche os olhos e ouça com carinho. Tenho certeza de que quando eu voltar as palavras estarão fluindo sem parar na tela de seu notebook. E vou poder deitar naquele sofá e me alegrar com o seu sorriso lindo de satisfação por estar escrevendo novamente.

Peguei o celular de Sienna e com mais um beijo ela se despediu.

Carla me acompanhou até o escritório, pois mesmo uma semana sem tocar no notebook para nada, eu tinha deixado três capítulos prontos para ela revisar.

Deslizei o dedo na tela do celular, desbloqueando-o e selecionei a música que ela me indicou.

Encostei na cadeira e relaxei meditando na letra da música.

Tua graça abunda em profundas águas.

Tua poderosa mão será minha guia.

Onde meus pés falham e o medo me cerca.

Tu nunca falhaste e não falharás agora.

Não sabia o que Sienna queria me dizer com essa canção até ouvir a voz de minha irmã.

— Ela ouviu essa música a semana inteira. A cada instante que ela sentia sua fé fraquejar, ela repetia uma vez mais.

— Então era isso que ela escutava quando estava com os fones no ouvido.

— Sim. E a intenção dela ao passar isso pra você é que você deixe o medo ir embora. Ela sabe que não houve bloqueio na sua escrita, e sim preocupação. Por ela e por Nelly. Sua cabeça não estava em seu trabalho. Mas sim nas pessoas que tanto ama. Elas estão bem, Rico. Ouça sua voz interior nesse momento e deixe os seus sentimentos passarem de sua mente para seus dedos.

— Eu vou tentar

— E conseguirá.

Coloquei a música para repetir e sem ao menos perceber as horas foram passando e eu e minha irmã passamos a trabalhar com afinco no escritório.

Como tínhamos tomado café da manhã um pouco mais tarde, nem percebi que a hora já se avançara.

Sienna trouxe o nosso almoço e deitou-se no sofá, logo pegando no sono.

Carlinha já estava apreensiva por não ter notícias do namorado.

Às 14h, meu anjo levantou e saiu do escritório dizendo estar com fome e necessitada de um banho.

Falei que a acompanharia, mas Carla pediu que ficasse, pois tínhamos que mexer nas alterações que ela queria nos capítulos.

Duas horas depois, eu dei por finalizado o dia de trabalho. Carla colocava em ordem as páginas impressas do livro e eu já ia desligar o notebook, quando o celular de Sienna tocou. E no visor, o número era desconhecido.

Atendi e a voz um pouco apavorada de um homem chamava por minha mulher.

— Alô. Quem fala?

— Sou eu, Enrico. Giulio. Onde está Sienna?

— Deve estar no nosso quarto. De que telefone você está falando?

— Eu esqueci meu aparelho na casa de seu Rafael e não pude voltar para buscar. Tive que comprar outro ao chegar em Siena. Já estou em Montepulciano.

— Por que a viagem repentina?

— Por favor, Enrico, veja se ela está bem?

Coloquei a mão no aparelho e pedi a Carla que chamasse Sienna.

Minha irmã levantou, mas antes de chegar a porta, ela foi aberta por Felipe.

Coloquei o aparelho no viva-voz.

— O que está acontecendo, baby? — minha irmã perguntava, já um tanto aflita.

— Eu não sei, linda. Na minha última visita a Sara, a menina Luísa pediu que sentasse ao seu lado. Segurou a minha maleta e abriu-a. Pegou alguns curativos cheio de desenhos infantis e colocou ali dentro. E disse que eu ia precisar.

— E o que minha mulher tem a ver com isso?

— O desenho de Luísa, Enrico. Ela me entregou um papel amarelo. E nele estava desenhado uma mulher grávida. Ela estava chorando e ferida. No seu vestido tinha sangue e também em seus joelhos. Perguntei quem era e ela disse que não conhecia. Mas quando já estava no hotel, recebi uma ligação de Nathan me dizendo ter um recado de Luísa.

— E o que era?

Meu coração já batia acelerado no peito.

— Para que eu voltasse e cuidasse da moça bonita.

Soltei o aparelho em cima da mesa e perguntei a Felipe por Sienna.

— Ela saiu tem mais ou menos duas horas. Tinha a

carta e o diário que tia Helena lhe deu nas mãos. Ela estava um pouco estranha. Me ofereci para ir junto e ela negou. Disse que precisava de um tempo sozinha.

As palavras da pequena luz vieram de encontro à minha mente, fazendo-me fechar os olhos e soltar um pequeno gemido de dor.

Eles podem fazer a moça que o tio ama chorar e se esconder.

— Puta que pariu! As folhas amareladas. Eu preciso encontrá-la.

Saí deixando Giulio gritando algo sobre sua irmã no telefone e fui em busca de meu anjo, na companhia de Carla e Felipe.

Era hora de iniciar a caça ao tesouro.

Capítulo 17

Sienna

O domingo após o meu aniversário foi um dia calmo e bem gostoso, onde tiramos o dia para ficar em casa e descansar. Assim que acordaram, meus padrinhos tomaram um rápido café da manhã e se despediram, pois passariam a semana na vinícola De Angeli.

Não nos preocupamos com comida, pois tínhamos até demais do que sobrou do aniversário: salgados, bolo e muitos doces.

Enquanto participávamos de uma sessão de filmes e séries de TV, nossa nova hóspede e amiga Raphaella preferiu ficar quietinha no quarto e curar suas feridas tanto

no corpo quanto na alma, mas não ficou sozinha um instante sequer. Guillermo só saía de seu lado para usar o banheiro ou buscar algo para comerem.

Durante a tarde, enquanto tínhamos dado uma pausa na sala de cinema para tomarmos café, eu aproveitei que estavam distraídos com a travessa de pães de queijo e corri para meu quarto buscar algo para distrair um pouco a Raphaella.

Na minha pequena estante que Rico e Lipe construíram e me presentearam, eu encontrei o que procurava. Eu amava tanto aquele livro. Lembro como se fosse hoje o quanto eu havia me encantado com cada palavra, cada cena bem detalhada, tudo era tão bem feito. Acho que se fosse ler hoje em dia, grávida e com os sentimentos à flor da pele, precisaria de mais do que a caixinha de lenços que usei na época.

Peguei o livro da estante e subi calmamente cada degrau da escada, sorrindo e lembrando com carinho das palavras do pai de Enrico.

— Cuidado com a escada, minha princesa. Não suportaríamos vê-la ferida. Já és tão especial, Sienna. E eu nunca lhe dei sequer um abraço. Mas nos aguarde, minha filha, estamos chegando e passaremos bastante tempo juntos. Cuide com carinho do nosso pequeno tesouro em seu ventre porque quando eu e Ana chegarmos a *Villa*,

seremos nós que cuidaremos das duas.

Atravessei o corredor e cheguei ao meu antigo quarto. Dei duas leves batidas na porta e Guillermo abriu-a devagar.

— Oi, Sissi.

— Ela está acordada?

— Acabei de servir o café da tarde a Raphaella. Agora está calada, fingindo que assiste um programa na TV, mas sei que seus pensamentos estão bem longe daqui.

— Ela precisará de um tempo, Gui. Respeite o silêncio dela. A experiência de ser rejeitada e humilhada por alguém que esperamos receber amor totalmente incondicional, nos faz sentir extrema dificuldade em criar qualquer tipo de relação, seja amorosa ou até de uma simples amizade. O medo grita tão alto em nosso íntimo, nos alertando que tudo que passamos até hoje poderia, em um piscar de olhos, voltar a acontecer. Nos falta confiança, sabe? No meu caso, foi somente até Enrico chegar. E, em seguida, me libertei do pior dos males causado pela falta de amor: a solidão. Com o tempo, eu vejo que você será a cura daquela menina ferida, ali. Só é preciso ter paciência e muito carinho.

— Eu terei.

— E eu confio em você. Agora vou entrar e falar com Raphaella bem rápido. Estão me aguardando lá embaixo.

— Fique à vontade, Sissi. Eu vou aproveitar e ir na cozinha buscar um pouco de suco pra ela.

— Sua mãe trouxe bolo de chocolate.

— Vou pegar um pedaço pra ela também.

Guillermo saiu e eu encostei a porta. Me aproximei e sentei ao lado de Raphaella, na cama, que ainda continuava em silêncio. Peguei um pouco da pipoca na sacola que ela segurava e também fingi que estava assistindo o filme.

— Bonito o cara moreno no filme, Raphaella.

— Sim. É lindo mesmo.

— Isso se ele fosse moreno, minha querida. Ele é belo sim, mas é loiro e de olhos azuis.

Raphaella, enfim, me olhou.

— Desculpe, senhora.

— Sienna, somente Sienna.

Raphaella baixou a cabeça e passou a esfregar uma mão na outra em pleno sinal de nervosismo.

— Respire fundo, minha querida. Aqui você está segura.

— Ele virá atrás de mim. Ele nunca me deixará em paz. Sou eu que levo dinheiro pra casa, Sienna. Eu que trabalho o dia todo no buffet e decoração. Meu pai só sabe beber e me bater.

— Ele pode até vir, mas nunca mais te encontrará só. E minha oferta de trabalho ainda está de pé, junto com a do meu chalé, pelo tempo que você precisar dele. E a única coisa que precisa fazer agora, Raphaella, é descansar e deixar que cuidemos de você.

— Obrigada. Eu nunca tive tantas demonstrações de carinho comigo.

— Então somos duas, querida. Oh, sim. Eu sempre fui amada por meus padrinhos e por Gio e Vince, mas eles estão comigo desde que nasci. Mas amor fora o da pequena família que Deus me emprestou, eu só fui conhecer há poucos meses, quando cheguei a Villa De Angeli.

— Eu vou aceitar o que me oferece, Sienna. Talvez seja a hora certa de recomeçar, ter a esperança renovada, de dar uma nova chance pra mim, de ver novas pessoas chegarem a minha vida, sem ter medo de ser magoada.

— É a hora certa, querida. Mas antes de iniciar

essa nova vida, você merece descanso. Posso te fazer uma pergunta?

— Com certeza.

— Já viajou para fora dessa *Villa*?

— Não. Meu sonho é conhecer o Brasil, a terra da família de minha mãe. Aprendi a falar o português com dona Luciana.

— Bom. Eu não posso te levar nesse exato momento para o Brasil, mas vou te fazer viajar aqui mesmo, dentro dessas quatro paredes. — Peguei o livro que estava em minha mão e o entreguei a Raphaella. — *Para Sempre*, da autora Glaucia Santos. Esse livro é puro sentimento. É a história de Elizabeth e Justin. É amizade, amor, família e recomeço. Em questão de segundos, ele vai te levar das lágrimas ao sorriso bobo nos lábios. Vai te fazer refletir a cada página. E, principalmente, te fará entender que seu destino é regido por alguém muito superior a você. Bom, nova amiga. Posso te considerar assim?

Raphaella olhava encantada para o livro com o casal apaixonado na capa e recolhia as lágrimas que escorriam por seu rosto.

— Pode, Sienna. Eu nunca tive um amigo.

— Ah, querida. Agora terá vários. Mas, voltando ao livro, esse é um dos meus tesouros. Um dos livros que mais marcou a minha vida. Leia com carinho e deixe a história de Elizabeth e Justin encantar você.

— Obrigada.

Ouvimos dois toques na porta e logo Guillermo adentrou no quarto, com uma bandeja nas mãos.

— Incomodo?

— Não, meu amigo. Já estou me retirando. Enrico já deve estar agoniado à minha espera.

— Lipe está mais, Sissi.

Caminhei em direção à porta, sorrindo.

— Eu sei o motivo. Fiz ele parar o filme justamente na cena final. Não tenho culpa se sou obrigada a usar o banheiro de hora em hora. E o bom é que ele não consegue me xingar.

— Você não. Mas o coitado do Enrico sim.

— Vou em socorro do meu homem. Obrigada, Gui. Cuide bem dela.

Abri a porta e saí, mas antes de fechá-la pude ouvir Raphaella pedindo a Guillermo que desligasse a TV, pois queria silêncio. Ela dizia que iniciaria a sua primeira

viagem e tinha certeza de que se apaixonaria loucamente e para sempre em pouco tempo com o livro em suas mãos. Desci as escadas ainda sorrindo e sabendo qual seria meu presente da casa nova para Raphaella.

Quando desci o último degrau, mal tive tempo de olhar pra frente porque fui praticamente rebocada para a sala de cinema.

— Qual a pressa, Lipe?

— É o final do filme, moça bonita.

— Felipe, é *Meu malvado favorito*.

— Eu sei.

— E já é a terceira vez que vejo com você.

— Quarta. — Levantou a mão mostrando os quatro dedos pra cima.

Me aproximei de Felipe e dei um beijo em sua face, que ostentava um sorriso sapeca nos lábios. O cretino nunca deixaria o irmão mais velho ganhar no treino para ser o melhor tio da Bella. Sorte que a disputa acabou quando Levi, que estava no Brasil, não conseguiu passar da terceira vez que repetiu o filme.

Carlinha, Juju, Vince e Gio entraram na sala de cinema e fecharam a porta, buscando seus lugares para se

acomodar.

Rico logo apareceu e me arrastou para o enorme sofá. Nos cobriu com uma manta. E me aconcheguei em seu peito, sentindo logo os olhos pesarem com a chegada do sono. Mas antes de dormir, ainda pude ouvir Lipe pedir silêncio, pois iria soltar o final do filme e Gio gargalhava do outro lado e dizia que ainda não acreditava que estava assistindo um desenho animado. E ao meu lado, Lipe reclamava e maldizia o coitado do primo, enquanto enrolava meu cabelo nos dedos.

— Babaca. Minions é um clássico, porra! Respeita os *malelos* da pequena luz e futuramente da minha sobrinha.

Felipe soltou o final do filme e, rindo, eu descansei nos braços de Enrico. E o domingo foi findando e a semana passando com tremenda rapidez. Porém, o dia que mais me aterrorizava chegou com nuvens escuras e alguns trovões.

O lado esquerdo de minha cama já estava vazio, porém ainda quente. Rico devia ter levantado há pouco tempo. Forcei-me a levantar e, ao colocar os pés no chão, fiz como todos os anos desde que aprendi a falar.

— Bom dia, mamãe. Feliz aniversário. E onde estiver receba meu beijo e abraço apertado. Sempre te

amarei.

Calcei meu chinelo, vesti um robe e segui para o banheiro. E ali embaixo do chuveiro, deixei que a água quente levasse embora as lágrimas de saudade que escorriam por meus olhos. Enrolei-me na toalha e, ao sair do banheiro, percebi que não estava sozinha no meu quarto.

— Oi, Carla.

— Bom dia, cunhada. Dormiu bem?

— Não.

— Não vai descansar enquanto não souber o conteúdo disso, né, Sienna?

Nas mãos de Carla estavam a carta e o diário. Caminhei até a cama onde ela estava sentada e ela estendeu-me os pertences de minha mãe.

— Eu não sei o que me aguarda aqui, Carlinha. E eu sinto medo por isso. Mas meu temor afetou o homem que amo. Eu tive uma semana cheia de angústia e que Enrico, mesmo sem necessidade, compartilhou comigo.

— Acha que seria diferente? Não poderia, Sissi. Sua alegria é a alegria dele, assim como a sua dor. Você reflete Enrico.

— Eu quero que esse dia passe logo, sabe?

— Passará, minha amiga. Vai ler agora?

— Não. Eu vou pra cozinha procurar algo para comer e deixar o dia passar naturalmente. Quando sentir que é a hora certa, eu lerei.

Deixei o diário e a carta em cima da mesa ao lado esquerdo da cama e segui para meu armário, a procura de algo que me deixasse à vontade e que ainda coubesse em minha barriga. Abri as minhas duas portas e o que antes só tinha metade do espaço ocupado, hoje estava completo.

— De onde saiu isso tudo?

— Tia Helena. Meu guarda-roupa também foi renovado.

— Ela não perde essa mania?

— Nunca. Ela se realiza nos presenteando. Cheguei a pensar que seria pra compensar a falta de não ter tido uma menina. Mas não. Ela chegou com uma mala de coisas novas pra Gio, Vince e Ângelo também.

Passei meus dedos pelos inúmeros vestidos e um deles me chamou a atenção. Peguei o cabide dele e o admirei por alguns segundos.

— É lindo, Sienna. Mas não parece ser novo. Tem

um recorte antigo. Mas ainda assim é tão singelo e delicado.

— Era de minha mãe. Veja a foto em cima da cômoda.

Carla levantou da cama e foi em direção ao porta-retrato que carrego comigo desde muito pequena.

— É o mesmo, Sienna.

— Sim. Me ajude a vestir. O zíper é nas costas.

Retirei a toalha e, como já estava de lingerie, só espalhei o hidratante no corpo, me demorando um pouquinho mais na minha barriga de quase cinco meses de gravidez.

Carla me ajudou com o vestido e também a secar os cabelos no secador. Quando já estava pronta, ela fez questão de acentuar as semelhanças entre mim e minha mãe.

— O que as diferencia é a cor dos olhos, mas são igualmente belas. Se ela estivesse aqui, estaria orgulhosa de como você cresceu, Sienna. Uma mulher delicada, carinhosa e amorosa.

— Obrigada.

Sáimos juntas e seguimos conversando amenidades

até a cozinha. Logo após o café consegui fazer com que Enrico se dedicasse ao trabalho no escritório. Servi o almoço dele e Carlinha e quando voltava para o meu quarto com a intenção de tomar outro banho, eu encontrei a carta de minha mãe caída no chão.

Fechei a janela e por quase uma hora senti como se aquele papel pesasse tanto em minhas mãos. Eu precisava dar fim a isso tudo. E nem imaginava quando peguei um casaco e o diário que ali seria o início de tudo.

Passei por Felipe na sala e ele me encarou com um olhar cheio de compaixão ao me ver saindo com os objetos na mão. Queria me acompanhar, estar ao meu lado, mas eu deixei bem claro que precisava estar só naquele instante.

Fechei a porta da casa grande e olhei para o alto. Parei um instante para respirar o ar puro daquela tarde.

Para onde ir agora?

Eu precisava de um lugar tranquilo e a melhor escolha foi o local onde todas as manhãs eu caminhei quando Rico e seus irmãos estavam no Brasil.

Em pouco tempo eu já estava pisando na areia fina. Retirei minhas sandálias e segui até chegar e me sentar embaixo da sombra gostosa da maior e mais bela árvore em frente às águas do lago.

Fiquei um tempo ouvindo o leve barulho das águas até tomar coragem de abrir o envelope que tinha o meu nome gravado na parte da frente.

Retirei o papel já amarelado de dentro dele e passei a ler.

Meu lindo anjo,

Se está lendo esta carta é porque não estou mais ao teu lado.

Foi me dado pelos médicos o direito de escolha quando soube que estava para chegar. E escolhi você, Sienna. Eu escolhi te dar a vida!

Meu coração não resistiria. Batia em um ritmo tão acelerado que não aguentaria por muito tempo. Ou eu viveria ou você. E eu nunca te arrancaria de dentro de mim.

Então foram meses tendo a certeza de que não veria seus olhinhos abertos e que não tocaria seus delicados dedos. Não teria a chance de acordar no meio das noites e colocar um dedo próximo ao seu pequeno nariz só para sentir a sua respiração quente e suave e ter a certeza de que estava bem. Não veria o primeiro dentinho apontar na sua boca. Perderia o esforço e o

gosto de sua vitória ao dar o primeiro passo, assim como a primeira palavra que diria. Não contemplaria o choro do primeiro dia de escola, as suas formaturas no colégio, as apresentações de Dia das Mães, o seu sorriso lindo. Anjo, como eu queria poder passar horas vendo o quanto é feliz e amada. Tantas coisas me faltariam... A primeira pedalada na bicicleta que ganharia no Natal. As horas que passaríamos na cozinha testando novas receitas...

Ah, são tantas coisas especiais que ficariam para trás, mas eu nunca me arrependeria de ter lutado por você.

Quando soube que dentro de mim tinha uma linda menina eu chorei. Sabe por quê?

Porque eu sabia. Eu sonhei com você. A minha criança era tão linda. Olhos tão azuis como o oceano, pele clara, cabelos sedosos.

Você foi desenhada de forma especial por Deus, Sienna. É um presente para seu pai. Ele sempre enxergará em você que um dia ele amou e foi amado. És o fruto dessa união.

Quanto ao seu pai, pequena heroína, vamos falar dele agora.

Minha mamma era uma linda italiana e meu pai um bellissimo brasileiro. Ambos de famílias bem-

sucedidas e com negócios em comum. Tiveram um casamento arranjado por seus pais, por isso não havia amor entre eles. Mas só fui descobrir isso quando eles selaram meu destino.

À medida que ia crescendo, eu passava temporadas tanto no Brasil como na Itália. E em uma delas eu conheci o seu pai. Estava caminhando na Villa De Angeli para tomar o café da manhã no Piacere, a pequena pousada que meus pais eram sócios com dois casais de amigos, mas naquele dia eu não consegui chegar e me juntar às minhas amigas Helena e Luciana porque uma bola me parou.

Ela veio tão forte de encontro ao meu rosto que caí estatelada no chão. Até que um jovem alto, forte e de sorriso largo chegou para me socorrer. E eu me apaixonei perdidamente, lindo anjo. Foram três anos que consegui viver esse amor escondido. Até ser descoberta e ser terrivelmente afastada de meu único amor.

Em seguida, arranjaram-me um noivo e fui obrigada a casar com um estranho. Um homem que só tinha um único interesse em mim: o dinheiro.

Mas o meu último desejo me foi concedido. Eu casaria na Itália. No dia de meu aniversário. Minha esperança era de que meu amor não tivesse esquecido o que fazíamos todos os anos nessa data: ao entardecer

nos encontrávamos para celebrar a vida em frente às águas do lago De Angeli. E ele não me decepcionou. Aquele foi o primeiro e único dia em minha vida que me entreguei a um homem, que me entreguei à paixão. E você é o resultado deste amor, Sienna.

Seu nome não foi escolhido por acaso. Eu tinha a certeza de que, um dia, ele te levaria às terras que vivi dias felizes: minha Sienna foi concebida em Siena.

Fui obrigada a me casar para preservar a vida de seu pai, pois naquele mesmo dia o feriram. Foram meses até que ele se recuperasse. Mesmo distante, eu acompanhei passo a passo de seu tratamento.

O homem que me casei era um monstro, minha criança. A ganância era o único sentimento que ele conhecia, além do amor ao cinto preto herdado por seu próprio pai, em suas calças.

É guerreira por isso. Desde o princípio, eu fui avisada que teria uma gravidez difícil e de risco. E que provavelmente só uma de nós duas viveria. Mas eu me agarrei a minha fé e lutei para que vivesse.

O homem que me casei era infértil, lindo anjo. Mas você era esperada por meus pais, pois seria a descendência da única Martinelli que restava.

Agüentei tantos tapas e ouvi várias vezes o

assobio que fazia no ar cada vez que o cinto vinha de encontro à minha pele, queimando-a e marcando-a.

Mas três meses após o casamento, quando sua chegada foi anunciada, os açoites cessaram. Aquele homem mesquinho e interesseiro me chantageou mais uma vez. Ele terminaria o trabalho em seu pai, caso eu revelasse a sua origem. Então, eu me silencieei e esperei a chegada de meu fim e de seu início.

Não saberia dizer qual futuro lhe aguarda, minha criança. Mas espero com todas as minhas forças que seja diferente do meu. Que tenha o direito de amar e que seja feliz ao lado de um homem tão especial como o seu pai.

Vou levar o meu amor por vocês para além do tempo e além desta vida.

Desejo que encontre o caminho de casa, Sienna, porque o homem que amo estará à sua espera. Volte para seu lar, lindo anjo. E procure na mais frondosa das árvores em frente ao lago que mencionei, onde estão gravados os nomes de quem lhe deu a vida.

Eu te amo com todo o meu ser, Sienna Martinelli.

Teresa Martinelli.

Uma mulher que amou, foi amada e escolheu dar a vida para o seu amor maior.

Além de amarelado pelo tempo, o papel em minhas mãos agora tinha as marcas de minhas lágrimas.

Meu corpo tremia não só pelo frio que cortava o ar naquele entardecer. Eu estremecia por finalmente conhecer um pouco de minha história.

Ouvi um grito carregado de dor e angústia e percebi que vinha de mim, pois ainda me encontrava só. Ele vinha da minha alma ferida. Eu tinha sido roubada. Tinham tirado de mim um pai. Tinham me afastado de casa. Da minha família.

Voltei ao final da carta e, em meio às lágrimas, reli a parte final.

Eu só precisava me levantar e girar meu corpo para descobrir a verdade, mas meus pés pareciam cravados naquela areia fina.

Tudo iria mudar. E, pela primeira vez, eu estava disposta a encarar as mudanças.

Respirei profundamente algumas vezes e forcei meu corpo a obedecer meus comandos. Minha mão tocou a grossa árvore e em pouco tempo eu os encontrei. Ou melhor, eu reencontrei.

As forças de meu corpo cederam e eu caí de

joelhos naquele chão coberto por folhas esverdeadas e deixei-me ser tomada por meu doloroso pranto. Até ouvir o som de sua voz:

— Olá, minha menina!

Capítulo 18

Antônio

Ela era minha. Mas minha mente tão descrente não demorou a acreditar no que meu coração já reconhecia como seu. Era a minha criança. Tão linda. O reflexo de meu amor.

Ainda com o papel em minhas mãos trêmulas, eu parei um instante na minha caminhada, fechei meus olhos e repassei cada detalhe do que vivi desde o instante que ouvi três leves batidas na porta da frente há pouco mais de duas horas.

— *Precisa de ajuda com as louças, pai?*

— *Não, querida, obrigado.*

Olhei no relógio em meu pulso e na tabela de horários de Chiara na porta da geladeira.

— Falta uma hora ainda para a sua próxima consulta, minha filha. Descanse um pouco.

— Laizy te passou meus horários de novo?

— Não só os seus, como os de Giulio também.

— Ela só mudou para a casa ao lado, né? Mas a preocupação de cuidar de todos nós, acho que nunca irá acabar.

— Não mesmo. Não seria a menina que praticamente criei se fosse diferente. Desde muito pequena, ela se alegrava em nos ver simplesmente felizes. Mesmo que sempre sentisse em seu coração que faltava algo.

— Uma família, papai.

— Sim, querida. Laizy perdeu os pais ainda muito criança, com apenas sete anos.

— Mas você a criou com tanto amor, papai. E eu e Giulio a tratamos sempre como uma irmã.

— Você sente falta de sua mãe, Chiara?

— Não há comparação. Ela nos abandonou, papai. É diferente.

— Mas você sempre soube que ela existe. Que está viva. Mesmo sendo uma pessoa tão mesquinha. Você sabe que ela está bem, e isso deixa seu coração ferido um pouco mais leve. Agora, desde muito pequena a sua prima teve que enfrentar a triste realidade de não tê-los mais ao seu lado. E era definitivo.

— Ela sente saudades.

— Sim. Mas um dia ela realizará seu sonho de ter a sua própria família.

— Se ela largar de ser teimosa e cabeça-dura.

— Ainda brigada com Riccardo?

— Cinco meses separados.

— E aposto que Luciana está descontando todo o seu ciúme nas outras futuras noras. Estou certo?

— Certíssimo como sempre. Luciana sempre foi apaixonada por Laizy, mas nem por isso ela se livrava das loucuras da senhora Ferrari.

Terminando de secar o último prato, ouvimos fortes batidas na porta.

— Está esperando alguém, minha filha?

— Não. O senhor atende? Vou tomar um banho e voltar para o trabalho.

— *Atendo.*

Chiara levantou da cadeira, me abraçou e deu um beijo rápido em meu rosto.

— *Ah, papai, mas dona Luciana não perdeu a esperança de ter Laizy na família. E ela só se faz de difícil, mas é louca por todas as mulheres dos filhos. E sonha em ser vovó.*

Caminhei em direção à porta de entrada e antes de abri-la, respondi a minha filha:

— *O sonho dela se realizará em breve.*

— *Eu sei.*

Ela piscou para mim e saiu em direção ao seu quarto.

Enxuguei minhas mãos na calça jeans que vestia e abri a porta encontrando os olhos que me lembravam o passado.

— *Boa tarde, Helena.*

— *Boa tarde, Antônio. Podemos entrar?*

— *Claro. Entrem e fiquem à vontade.*

Dei espaço para que Helena e Victor entrassem. Fechei a porta e os acompanhei até a sala.

— *Por favor, sentem.*

Esperei que se acomodassem no sofá e me sentei na poltrona logo à frente. Helena tinha algo em suas mãos e não desviava o olhar do objeto. Esperei em silêncio, ainda tentando entender o motivo da visita.

— *Imagino que esteja se perguntando o que viemos fazer em sua casa.*

— *Acertou, Helena.*

— *Nossas vidas tomaram rumos diferentes anos atrás, Antônio. Aquele dia tão triste ainda insiste em voltar à minha memória e me fazer lembrar de seus gritos e de sua dor.*

— *Já passou, Helena. E eu não me arrependo de ter lutado pela mulher que amei e ainda amo.*

— *Ainda dói?*

— *Dói mais a saudade do que a dor de ter perdido um pedaço de meu corpo.*

— *Ela mudou a partir daquele dia, Antônio.*

— *Mudou como?*

— *Teresa estava morta em vida. Seu brilho se apagou e seus sorrisos só eram contemplados quando a víamos em silêncio acariciando seu ventre arredondado*

da gravidez.

— *Eles tiveram uma linda menina. Sienna é tão bela como a mãe.*

— *Bela, porém triste. Minha afilhada carrega no peito a dor da rejeição, das humilhações e maus-tratos de um homem cruel que se dizia ser pai.*

— *Mesmo assim é uma menina tão doce e delicada. Não consigo imaginá-la passando por isso. Mas não duvido que tenha vivido dias horríveis nas mãos daquele desgraçado.*

— *Viveu. Mas esse não é o motivo de nossa visita.*

Percebendo o quanto a esposa tremia, Victor, que ainda estava calado ao lado de Helena, pegou o objeto em sua mão e acariciou seu rosto pedindo que tentasse se acalmar. Logo virou em minha direção e me estendeu o que podia ser um envelope, como vi agora. Peguei e pude ver que estava amarelado, como se fosse antigo. Virei a parte da frente e meus olhos fitaram com carinho a letra delicada que conhecia tão bem. A carta era endereçada a mim. E vinha de minha amada Teresa.

— *Foi encontrado há poucos dias em um fundo falso no guarda-roupa quando estava sendo desmontado para que a casa de Teresa fosse vendida, Antônio. E não temos a mínima noção do conteúdo dessa carta.*

Visivelmente mais calma, Helena ergueu a cabeça e pude ver seus olhos rasos de lágrimas.

— Eu sinto tanto a falta dela. E espero que nessa carta ela tenha relatado o quanto amou você. Eu sei que esse dia tem um misto de alegria, dor e saudades para todos nós. Ela estaria completando 45 anos. Nós vamos deixá-lo agora, Antônio. E fico feliz que pude realizar o desejo dela. As palavras de Teresa chegaram até você. Leia com carinho e depois, se precisar de um ombro amigo, sabe onde nos encontrar.

Helena e Victor se levantaram e me faltava as palavras para descrever o que estava sentindo. Depois de tantos anos, eu tinha algo de Teresa tão perto de mim.

— Eu acompanho vocês até a porta. E obrigado por terem vindo pessoalmente me entregar essa carta.

Helena deu alguns passos em minha direção e me envolveu em um abraço caloroso.

— Não tem o que agradecer. Que as palavras dela venham tocar com muito amor o seu coração.

Deu um beijo em minha face e abriu a porta. Victor também me abraçou apertado e saíram juntos me deixando só com meu passado.

Fechei a porta e voltei para a poltrona na sala,

encarando por longos minutos aquele papel, tentando entender o que de tão importante Teresa tinha para me falar. Fui tirado de meus pensamentos ao ouvir a voz de minha filha.

— Já estou indo, pai, mas só tenho duas consultas. Volto cedo e Giulio ligou dizendo que está chegando.

— Mas ele não tinha previsão de voltar tão cedo. Aconteceu algo?

— Creio que não. Só disse que já estava em Siena. Só achei estranho a ligação ser de um número desconhecido. Mas ele disse que esqueceu o telefone no Brasil e comprou outro na viagem. Enfim, daqui a pouco ele está em casa. Beijos, pai. Até logo.

Chiara fez como se soprasse beijos em minha direção e saiu me deixando solitário em meio ao silêncio da grande casa.

Passei longos minutos pensativo e encarando o envelope ainda lacrado em minhas mãos.

Respirei profundamente e rompi o lacre já frágil devido ao passar dos anos.

Abri a carta e as primeiras palavras trouxeram à memória o quanto amava ouvir sua doce voz

pronunciando com paixão o meu nome.

Antônio, amore mio.

Queria tanto poder olhar em seus lindos olhos azuis novamente e sussurrar em seu ouvido o que nunca cansei de lhe dizer. Oh, querido, desde o instante que ergui minha cabeça e o vi, eu te amei!

Amava cada pequeno detalhe seu. Até aquela pequena ruguinha em sua testa que surgia quando sentia raiva ou ciúmes.

Para que ciúmes, amore mio, se meu coração, minha alma e meu corpo sempre foram somente seus?

Foram tão cruéis em nos separar. Eles arrancaram de mim o meu sonho de viver ao seu lado, de poder ajudá-lo a criar seus filhos.

As saudades doem tanto, querido. Fecho meus olhos todos os dias e busco na memória o sorriso lindo de Giulio e os olhos de Chiara idênticos aos seus.

Será que sentem falta de meu colo e meus abraços? Será que lembram das histórias que contava enquanto os acariciava e os sentia me apertando, tocando e com medo de cair no sono e quando

acordassem me ver partindo e os abandonando como a própria mãe fez?

Ai, Antônio! Como os amei. Foram somente três anos roubando momentos junto a eles, escondida de meus pais. Eu era tão nova, mas os sentia como se fossem meus. Peça perdão a eles, amore mio. Eu não fugi. Mas por amá-los demais, eu precisei me ausentar. Foi uma ausência forçada, chantageada, mas necessária para salvá-los.

Doeu cada instante longe de vocês. A dor era maior que cada açoite levado em meu corpo, mas era preferível ser em mim do que neles.

Você já havia sido marcado, ferido pela maldade de um homem ganancioso e sem escrúpulos.

Perdoe-me, amore mio. Um pedaço seu foi arrancado e eu não pude estar ao seu lado e cuidar de você. Mas de longe eu pedi que o olhassem. Pedi tanto a Deus quanto a um de meus anjos nesta Terra.

Luciana esteve ao seu lado durante a dura recuperação que tiveste e me manteve informada.

Oh, quanto eu chorei em saber que era meu nome que sussurrava em meio aos seus delírios febris. Um tiro lhe tirou uma parte da perna, Antônio, e eu me

culpo tanto por isso.

O dia que me entreguei ao amor foi também o dia que meu amor foi ferido. Você passou tanto tempo em um hospital, vivendo momentos difíceis e sei que ainda virão incontáveis dias pela frente em sua recuperação.

Mas lute, amore mio. Lute por seu sonho. Hoje cuidam de você, mas no amanhã é você que cuidará de vários. E trará vida para este mundo tão belo para uns e difíceis para outros.

Queria tanto poder vê-lo no dia que receberá seu diploma. Meu Antônio será um médico em pouco tempo.

Eu queria tantas coisas, amore mio.

Adormecer e acordar em seus braços, poder levantar com um sorriso gostoso nos lábios e lhe preparar o café da manhã e ter as crianças felizes ao nosso lado. Levar Giulio e Chiara à escola. Lavar sua roupa branquinha e passá-la para poder trabalhar todos os dias naquilo que sempre amou. Sentar ao anoitecer no sofá da sala e sentir seus dedos alisando meus cabelos escuros enquanto assistíamos uma novela ou um jornal juntos. Poder em silêncio, durante as

noites em nossa cama, ser amada por você ou até mesmo conversarmos sobre como passamos o nosso dia... Pequenas coisas que nunca poderei ter.

Torço tanto para que esta carta chegue em suas mãos. E se um dia ler cada palavra que escrevi com a alma carregada de um amor tão puro e real, saberás que é, sim, uma despedida. Não um até breve, mas algo definitivo.

Ser dona de seu destino é tão difícil, amore mio. Mas eu partirei sabendo que deixei um pouco da Teresa para você.

A minha melhor parte.

Sempre soube que eu tinha um coração frágil. Mas não abriu mão de viver comigo um amor único e incondicional. E escolheste a sua profissão para que pudesse cuidar de mim.

Então, agora eu suplico. Encontre-a e cuide dela, pois eu não poderei fazer isso. Ao lhe dar a vida, eu perderei a minha.

Deve estar se questionando: "Quem é ela?".

Ela é a nossa criança.

Quando me amou pela única e primeira vez, lhe

deste a vida em meu ventre.

Queria que pudesse olhar como minha barriga está grande, redonda. E que pudesse ouvir as histórias que lhe conto todas as noites, enquanto me dá inúmeros chutes até silenciar e adormecer dentro de mim.

Ela é sua, amore mio!

Foi para preservar a vida dela e de seus filhos que me afastei.

Cedi à ameaça imposta, me distanciei e me calei.

Ele não perderia a vida boa que meus pais lhe proporcionaram e usou das únicas armas que conhecia: maldade, ganância, ódio e inveja.

Ele era o único a saber que a criança em meu ventre era sua.

Sabe por que, querido?

Eu só fui amada por você. E ele era um homem infértil.

Vivi uma farsa nesses últimos oito meses. Era obrigada a sorrir enquanto meu coração estava a quilômetros de distância e minha alma doía de

saudades. Mas era por ela que eu lutava dia após dia.

Quero que ela tenha seus olhos, mas que tenha um pouco de mim, para que possa ver nela a mulher que um dia amou.

Encontre-a, Antônio. E livre a nossa menina das mãos desse homem odioso. Depois dê-lhe o que nunca tive: amor, carinho e atenção. Sentimentos bons não faltam em seu coração. Ensine a Giulio que deve protegê-la e a Chiara a ser sua melhor amiga. Onde eu estiver saiba que meu coração sempre será de vocês três.

Tire a nossa menina desse lugar que tanto chorei de saudades e a leve para casa.

Leve Sienna de volta para Siena. E a ame, cuide e ajude a guiar seus passos para ser uma mulher forte, batalhadora e merecedora de um amor verdadeiro. E me prometa que ela viverá esse amor e que ninguém irá tirar a sua felicidade.

Agora, eu me despeço, amore mio, na certeza de que quando partir, meu coração estará em paz. Não importa o dia, eu sei e sinto que ainda irão se encontrar. E formarão a família que tanto sonhei e pedi a Deus.

Diga a Giulio, Chiara e Sienna que eu os amo.

E você, amore mio, minha alma te espera. Mas não tenha pressa de me encontrar. Primeiro, cuide de nossos filhos e netos. E um dia seremos um só novamente.

Da mulher que amou, foi amada e escolheu dar a vida por seus amores.

Teresa Martinelli.

Meu corpo já estava prostrado ao chão e eu sequer havia percebido as lágrimas escorrerem por minha face.

Oh, Deus, não fui eu que a encontrei. Ela me achou.

Por que não acreditei naquele sentimento no momento em que a vi pela primeira vez em meu antigo consultório?

Era tão forte, tão real.

Fechei meus olhos, mas as lágrimas desciam descontroladamente.

Levei meu rosto ao chão e deixei meu corpo

soltar em forma de gritos, urros e pranto toda a dor que me causaram: o direito de me despedir da minha mulher; a privação de ter a minha criança ao meu lado, de vê-la crescer e lhe entregar todo meu amor.

Mas ela era tão doce. Aquele homem não conseguiu contaminá-la. Ela era pura como Teresa. E agora eu precisava encontrá-la.

Forcei-me a levantar e engolir minha angústia. Mas antes de tudo eu precisava dar os parabéns ao meu amor. Voltar ao local que um dia a amei. E lhe agradecer porque no dia de seu aniversário, quem estava recebendo o presente era eu.

Peguei a carta que tinha colocado sobre a mesa, peguei minha chave que estava ao seu lado e tranquei a porta antes de sair.

Há anos atrás eu faria o percurso todo a pé, mas hoje seria um pouco cansativo. Por isso entrei em meu carro e em pouco tempo estacionava próximo ao lago De Angeli.

Fui em busca da árvore que presenciou o meu amor por Teresa e acabei encontrando o fruto desse amor.

Minha menina estava na mesma posição que me

encontrava há poucos instantes.

Seu choro, assim como o meu, era de dor e eu não suportaria vê-la por muito tempo sofrendo.

Trêmulo e ansioso aproximei-me devagar e chamei por minha filha.

— Olá, minha menina.

Ao ouvir o som de minha voz, Sienna ergueu o rosto banhado por grossas lágrimas e foi tomada, mais uma vez, pelo pranto.

— É você?

— Sou eu, minha criança. Nunca mais estará só, Sienna.

— Você me encontrou.

— Não, meu amor, Teresa trouxe você para mim. E eu preciso tanto te abraçar. Posso?

Seu corpo tremia ainda de joelhos no chão.

— Eu nunca fui abraçada por meu pai.

Não mais aguentando ficar parado onde estava, eu dei alguns passos em sua direção e lhe estendi a mão.

Minha criança a aceitou e eu a ajudei a se erguer.

Abri meus braços e a recebi em um abraço caloroso e repleto de sentimentos.

— Ele não era seu pai, Sienna. Eu sou. E nunca mais lhe faltarão abraços.

Sienna

Sonhei tanto em ser abraçada pelo homem que me deu a vida, sentir o amor em um toque tão simples e cotidiano, ter o meu pai me consolando em momentos difíceis, sentir suas mãos acariciando os meus cabelos e tendo a certeza de que faria o impossível para que mal algum me atingisse.

Foram vinte e cinco anos esperando por algo que não seria possível vivenciar.

E o que Deus fez comigo?

Mudou a minha sorte. Transformou meu choro em alegria e me fez renascer.

As mãos um pouco calejadas de meu pai tomaram

meu rosto e me fizeram olhar em seus olhos.

— Tão linda a minha criança. Já deu *Feliz Aniversário* para sua mãe?

— Desde que abri meus olhos neste dia.

— Então, me espere aqui. São só alguns minutos e volto para conversarmos.

Antônio deu um beijo demorado em minha testa e caminhou próximo às águas do lago.

Sentou na areia e passou alguns instantes em silêncio. Levantou alguns minutos depois e mesmo um pouco afastada pude ouvi-lo sussurrar: "Parabéns, *amore mio!*".

Em seguida, caminhou em minha direção e sentou ao meu lado.

— Eu vou te contar uma história, minha criança. É uma história repleta de maldade e intrigas de uma família orgulhosa e preconceituosa, mas também permeada do mais sublime e sincero amor. É a história de Teresa e Antônio.

Escutei o seu relato por horas. Desde o instante que se conheceram até o dia que o homem que até há poucos instantes achava ser meu pai lhe pegou em uma emboscada e atirou sem piedade alguma em seu corpo.

Ele me mostrou uma marca em um dos braços e a mais profunda em sua perna, onde o caminho que a bala levou ocasionou a retirada de parte deste membro. A perna precisou ser amputada um palmo e meio abaixo do joelho, porque o sangue não circulava mais naquela região. E não houve outra forma a não ser a amputação.

Descobri que requintes de crueldade foram usados por meu avô e aquele homem que dizia ser meu pai.

Meu estômago embrulhava. As lágrimas haviam cessado, mas a dor na alma aumentava em níveis altíssimos.

Privaram um homem e uma mulher de viver a paixão, o amor sagrado que os unia. Privaram uma criança de ter um lar, de ter irmãos e de ter uma família.

Descobri que por ser de uma família simples e tradicional, ele foi forçado a casar aos dezoito anos quando engravidou uma amiga e fez de tudo para viverem bem. Ainda era um estudante e necessitava do auxílio dos pais para o seu sustento, mas nada faltava para a, então, esposa e o filho ainda bebê. Um ano mais tarde, Chiara nasceu e logo veio o abandono da mulher que tinha prometido ser fiel, mesmo sem amar. Tudo por culpa da ganância.

O ar me faltava e meu coração parecia querer

saltar do corpo, de tão disparado que batia. Eu precisava estar só. Precisava pensar e, em seguida, fugir.

Levantei-me e olhei para o homem sentado à minha frente, sem precisar dizer sequer uma palavra. Em tão pouco tempo, ele já me compreendia.

— Eu sei, minha criança. São muitas informações. Você precisa estar só. Vá. Só tome cuidado para não se machucar e não demore. Eu estarei à sua espera.

— Obrigada.

Dei alguns passos, mas aquele sentimento era avassalador. Novo. E eu seguiria meus instintos.

Retornei e Antônio já estava de pé. Lancei-me em seus braços e beijei sua face com carinho.

Antes de correr sem rumo por entre as árvores da Villa De Angeli sussurrei em seu ouvido:

— Eu te amei sem saber que era meu pai.

— E eu te amei sem saber que era a minha criança.

Antes de me embrenhar na pequena floresta, eu parei e o olhei ainda me observando próximo à árvore frondosa. Acenou e me disse para ir. E eu fui.

Caminhei por tanto tempo até chegar a um lugar conhecido.

Peguei a chave em meu cordão e abri a porta da casa de minha Bella. Deixei a carta em cima da mesa de centro na sala.

Me dirigi até a cozinha e peguei um copo, enchendo-o de água fresca.

Retornei à sala e percebi que a noite havia chegado junto com a chuva forte.

Tomei a carta novamente em minhas mãos e reli.

Senti-me voltar no tempo, passando por cada ano doloroso ao lado do marido de minha mãe. E assim como fazia ainda menina, eu corri.

E a cada passo rápido dado, as memórias vinham à tona: o olhar de nojo dele ao me encarar; o cinto, seu chinelo, um galho da goiabeira ou qualquer objeto que lhe desse prazer em usar contra mim.

E, mais uma vez, eu corri até tropeçar e cair num caminho de pedras e ser tomada novamente pelo pranto. O sangue rolava por minha pele ferida, meus joelhos estavam ralados e minhas mãos machucadas pelo tombo. Porém, a dor no corpo em nada se comparava a dor que cortava minha alma.

Em meio aos temores de minha vida, um sopro de paz podia ser sentido naquele instante.

Minha filha dava sinal que estava junto a mim. Ondulava em minha barriga com chutes leves para mostrar que estava presente.

Minhas lágrimas se misturavam a água que descia dos céus.

Eu não era mais somente Sienna Martinelli.

Tentei me erguer e o ardor das feridas dificultavam que eu me levantasse.

Limpei minhas mãos ensanguentadas no vestido branco e delicado, mas logo me arrependi. Era da minha heroína, da mulher que preferiu dar-me a vida e perder a sua.

Tanto sacrifício de sua parte não adiantou. Ela tentou me proteger, mas a maldade alheia foi maior. Eu tive raiva de mim por não conseguir odiá-los.

Minhas pernas fraquejaram e me vi desabar novamente no chão de pedras escorregadias.

Os flashes de minha infância insistiam em voltar. Eu tentava afastá-los. Foi tudo uma mentira: uma casa que não era minha, um pai que não era o meu.

Meu grito cortou o silêncio da noite chuvosa em meio às árvores. E eu me deixei tomar pelo cansaço na alma.

Meus olhos já fechavam quando senti braços me envolverem.

— Eu te encontrei, moça bonita.

— Dói tanto, Lipe.

— Você está ferida, Sienna. É tanto sangue, meu Deus!

Felipe caminhava a passos largos e senti meu corpo ser passado para dois braços conhecidos. Seu cheiro inebriante foi me acalmando.

— Meu anjo.

— Rico. Ele me encontrou.

— Quem, meu amor?

— Meu pai, Enrico. Eu tenho um pai.

Eu estava tão cansada. A luz da casa de Bella chegava agora aos meus olhos. E eu tornei a repetir o que Enrico deveria achar ser um delírio meu.

— Eu tenho um pai, Rico.

Lutava tanto para não fechar meus olhos, mas a voz do homem que revelou que em meu ventre estava a pequena Isabella chegou aos meus ouvidos:

— E também um irmão, que agora cuidará de suas feridas.

— Giulio.

Sorri e deixei-me descansar nos braços de meu Enrico.

Capítulo 19

Enrico

Sienna havia saído sem dizer uma palavra sequer. Eu sabia e sentia que ela queria estar sozinha para entender tudo que sua mãe lhe deixou, da mesma forma que viveu durante 25 anos de vida. Teria que fazê-la entender o mais rápido possível que ela nunca mais estaria só. E meus reforços para que isso acontecesse já estavam chegando.

Ao sair de casa, o primeiro lugar que procuramos por Sienna foi na casa da árvore de minha *nonna*. Mas tudo estava no mais completo silêncio e as portas e janelas fechadas.

Voltamos para a casa grande na Villa De Angeli e nenhum sinal de minha mulher ter passado por ali.

Lipe pediu que olhássemos no *Piacere* e no *bed and breakfast*. Tanto em um quanto no outro recebemos respostas negativas. Meu anjo também não tinha passado por ali.

O movimento no chalé de Sienna, logo ao lado estava intenso, mesmo tendo praticamente certeza de que receberia outro não ao perguntar por ela, mas eu resolvi arriscar.

Bati na porta que estava entreaberta e logo Raphaella me recebeu com um sorriso amigável no rosto.

— Boa tarde, Enrico.

— Boa tarde, Raphaella. Sienna passou por aqui após o almoço.

— Não.

Raphaella me olhava intensamente e com certeza já estava percebendo o meu desespero.

— Aconteceu alguma coisa, Enrico? Você está nervoso.

— Ela saiu escondida e levou a carta e o diário da mãe. E eu recebi uma ligação estranha. E que Felipe não

me ouça, mas estou com muito medo de que algo ruim tenha acontecido com as minhas meninas.

Senti uma mão tocando meu ombro direito e a voz preocupada de meu irmão chegou aos meus ouvidos:

— Eu nunca te julgaria por se sentir assim, Rico. Sendo que eu estou com um medo filho da puta neste instante. Vamos continuar a procurar por Sienna. Não podemos perder tempo parados aqui.

Girei meu corpo e fiquei de frente para Felipe, vendo em seu rosto o reflexo da expressão do meu.

— Tem razão. Onde está Carla?

— Foi pegar o carro.

Escutamos o barulho de freios sobre as pedras que tinham no caminho e minha irmã já tinha estacionado ao lado de dona Luciana em frente ao *Piacere*.

A porta de entrada do chalé de Sienna foi fechada chamando a minha atenção e a de Felipe. E ali estavam Raphaella e Guillermo nos olhando, apreensivos.

— Estamos esperando o que ou quem aqui?

— Vocês dois estão indo pra onde, Guillermo?

— Procurar Sienna, lógico. Sem ela em nossas vidas, eu não estaria aqui com Raphaella segura e feliz ao

meu lado. E já está anoitecendo, Rico. Pelo tanto que a conheço, não é o normal dela estar fora de casa uma hora dessas e sozinha. Ela nunca se colocaria em risco tendo o seu bem mais precioso no ventre.

— Obrigado. Então vamos.

Meu coração estava acelerado e um nó já se formava em minha garganta, dificultando até as palavras de saírem. A sensação de impotência era enorme. Era como se tivessem afastado de mim o que me mantinha vivo, o que me sustentava. Eu precisava ter meu alicerce de volta.

Caminhamos em direção ao carro de Carla e logo outro veículo estacionou ao seu lado. E de dentro dele saíram Pietro, Riccardo e Marcello.

Meu amigo correu em minha direção e me puxou para um abraço.

— Nós vamos encontrá-la, Rico. Você tem alguma suspeita de onde ela possa ter ido.

— Não, Pietro. Eu estou sem rumo, meu amigo. Não consigo pensar, não consigo agir.

— Certo. Você não está sozinho. Tem várias mentes aqui pra te ajudar a raciocinar em meio ao seu desespero.

Pietro afastou-se um pouco, indo ao encontro de

seu pai em frente ao *bed and breakfast* e voltou alguns minutos mais tarde com uma mochila nas mãos.

— Pegue. Tem algumas lanternas dentro. Papai disse pra procurar no lago da *Villa* e caso não a encontrem, terão que entrar na floresta. E ninguém melhor que vocês três para isso. Cresceram em meio àquelas árvores. Eu e meus irmãos vamos atrás dos vizinhos, na igreja e, sem querer te assustar, mas pensando em todas as possibilidades, nós iremos até na clínica da *Villa*.

— Obrigado, meu amigo.

Peguei a mochila das mãos de Pietro e me juntei a Felipe e Carla no carro. Minha irmã acelerou e seguindo minha instrução, fomos direto para o lago.

Carla estacionou um pouco afastada, pois outro veículo nos impedia de seguir próximo às areias do lago.

— Eu conheço esse carro, Rico. É do pai de Giulio. Olha o adesivo na traseira.

Abri a porta e saí para enxergar melhor o que Carla apontava. Era um adesivo branco que se destacava na cor vermelha do carro. Tinha um homem mais velho, um rapaz de um lado e uma moça do outro. E embaixo estava escrito Família Albertini.

— Está incompleto.

— Antônio.

— Olá, Enrico.

Antônio caminhava devagar em minha direção.

— O que está incompleto?

— O que você tanto observa na traseira do meu carro: o adesivo.

— Como assim? Aqui estão vocês três juntos. Não falta ninguém. Bom, pelo que Giulio nos disse, a sua esposa foi embora há anos.

— Meu filho disse a verdade. Mas vamos deixar essa conversa pra depois. O que trouxe vocês aqui a uma hora dessas, com um temporal chegando?

Olhei ao redor em busca de meu anjo e Felipe e Carla já estavam próximos às águas do lago e de lá acenavam que ela não estava por perto.

— Sienna, doutor Antônio. Ela saiu de casa logo após o almoço e ainda não retornou. E eu estou sentindo que ela não está bem.

— Ela estava comigo, menino.

— Aqui?

— Sim. Conversamos por um bom tempo. Ela saiu

tem mais de uma hora. Pedi que tomasse cuidado. Meu Deus, Enrico! Já era pra ela ter chegado em casa.

— O senhor tem algo a ver com a carta e o diário da mãe dela?

— Tudo.

— Porra! — Felipe esbravejava, já ao meu lado.

— Como é que ela saiu daqui, seu Antônio?

— Ela não estava bem, Enrico. Mas me pediu pra ficar só e eu assenti.

— Me diz logo, Antônio. Como que eu vou encontrar a minha mulher depois da conversa de vocês?

— Perdida, confusa e machucada.

— Mas que porra! O que ela descobriu? — Eu já andava de um lado para o outro. Minhas mãos passavam constantemente por meus cabelos, em pleno sinal de nervosismo. Eu já estava desesperado.

— Ela descobriu que viveu uma mentira por 25 anos. Ela descobriu que tem um pai e uma família.

— Meu Deus!

Senti as forças de meu corpo se esvaindo em segundos e me vi cair de joelhos na terra batida da

estrada. Minha cabeça tocava o chão e senti as primeiras gotas da chuva molhando minhas mãos que envolviam meu pescoço. Meu anjo estava ferido e eu não tinha noção de onde ela poderia estar.

Minha irmã se aproximou e se ajoelhou ao meu lado.

— Enrico, respire e se concentre. Sienna e Bella precisam de você. Vou te ajudar a levantar.

Carla segurou em meu braço e eu me apoiei no outro para conseguir forças e me erguer.

Ao conseguir ficar de pé, meu olhar foi logo direcionado a Antônio. E eu lembrei de sua resposta a minha pergunta: TUDO.

Santo Cristo, tudo se encaixava perfeitamente agora! A mesma cor de olhos, que nem seus dois próprios filhos tem iguais, o mesmo sorriso triste.

— É você o pai de meu anjo?

— Aleluia, que os anjos digam amém. Meu irmão acelerou uma marcha e descobriu essa porra antes que eu precisasse gritar no ouvido dele.

— Cale a boca, Felipe! Agora não é hora pra brincadeira! — Rico o repreendeu.

— Ok. Parei. Mas tô orgulhoso pra porra de você. Se ligou rapidinho no mistério. — Olhei seriamente pra Felipe, que se afastou enquanto erguia as mãos para o alto dizendo ser inocente.

Em seguida, Antônio deu dois passos à frente e segurou em meus ombros.

— Menino, a hora já está avançada. A noite já chegou. E ela pode estar perdida. A minha filha não conhece muita coisa da Villa De Angeli. E se enfiou mata adentro. Por favor. É um pedido de um pai que acabou de descobrir que tem uma nova criança para cuidar e amar. Encontre a minha menina e traga ela pra casa. Eu confio em você. Sei que a ama e Deus te guiará para encontrá-la. Agora corra! Eu esperarei em casa por vocês.

— Nós vamos trazer Sienna e Bella para casa, senhor.

— Eu sei. Vá. Não perca mais tempo.

Felipe voltou para o carro e pegou a mochila com as lanternas e em silêncio entramos na mata em meio a escuridão e a densa chuva.

Não aceitei que nos dividíssemos para procurá-la. Seguimos por quase uma hora pela trilha que levava em direção à casa da *nonna*. E, dessa vez, ao chegarmos, encontramos tudo aceso e aberto. E a ansiedade e a

esperança pulsava loucamente por meu corpo. Saí correndo deixando meus irmãos para trás e adentrei na casa. E nada encontrei. Somente a carta e o diário da mãe de Sienna que repousavam na mesa da sala.

O envelope já estava aberto. Peguei-o em minhas mãos, sendo tomado pela insegurança de não saber o que fazer naquele instante.

A porta da frente da casa foi encostada e, em seguida, Lipe e Carla entraram sentando-se ao meu lado no sofá.

— Leia.

— Isso pertence a Sienna, Felipe.

— E ela pertence a você. Leia e saberás como ela estará quando a encontrarmos.

Puxei a folha de dentro do envelope.

— É amarelada, Lipe. Luísa me avisou sobre isso. Eu não posso deixar o meu anjo fugir ou se esconder.

— Leia, Enrico.

Comecei a ler as palavras de letras tão delicadas, porém carregadas de angústias e dores.

Um amor impedido, uma felicidade roubada por chantagens e a negação de um amor paternal e fraternal a

um ser inocente.

Com certeza, minha Sienna se encontrava devastada, sem rumo, consumida por dores e tristezas.

Eu perdi a noção do tempo, somente sabia que as lágrimas desciam por meu rosto. Havia tanta maldade rodeando pessoas que somente queriam amar e ser amadas.

Ouvi um telefone tocando ao longe, ou parecia ser distante, não saberia dizer ao certo. Meus olhos agora estavam fechados e eu clamava a Deus em silêncio que me mostrasse onde as minhas meninas estavam. Eu precisava cuidar delas.

Só consegui voltar a ter noção do que acontecia ao meu redor, quando senti uma mão pesada vindo de encontro à minha face, fazendo a minha cabeça se mover um pouco para o lado.

Abri meus olhos e encontrei Felipe à minha frente.

— Me perdoe, mano, mas você não respondia aos nossos chamados.

— Você me bateu.

— Sim.

— Poderia ter me sacudido.

— Porra, eu podia, mas sempre sonhei em fazer isso. Então, não me julgue. Tô me sentindo leve e vingado pelos tapas na orelha. Glória a Deus!

— Imbecil.

— Depois você diz o quanto me ama, Enrico. Eu preciso de você lúcido nesse instante, caralho. Eu sei onde Sienna está.

Eu já estava me colocando de pé para sair da casa e seguir em busca de Sienna, quando Felipe me colocou sentado novamente no sofá.

— Você não vai. Eu vou sozinho. Carla já está trazendo uma água. Você vai se acalmar. A moça bonita vai precisar do homem forte que ela ama ao seu lado. E não desse ser descontrolado à minha frente.

— Mas...

— Mas, o cacete! Confie em mim. Eu vou voltar com as suas meninas.

— Como você sabe onde ela está?

— Os fofoqueiros entraram em ação de novo. Nathan me ligou agora. Sienna está onde eu me feri quando era criança. A marca em meu queixo me levará de encontro a elas.

Carla chegou com um copo de água e para acalmá-la eu tomei um gole. Coloquei o copo na mesa à minha frente e vi Felipe abrindo a porta da casa.

— Lipe?

— Oi.

— Traz o meu coração de volta pra mim.

— Você confia em mim?

— Com a minha vida.

Felipe acenou e saiu se embrenhando na escuridão em busca de meu anjo e minha filha.

Foram poucos minutos, mas que pareciam ser eternos, sem fim.

Eu andava de um lado para outro e, quando escutamos um barulho do lado de fora, eu já estava em movimento para encontrar Felipe e Sienna, mas fui barrado por Carla na porta da casa.

— Você está bem?

— Não.

— Vou ter que te bater também?

— Não.

— Então respira, Rico. Sua mulher está grávida. Confusa. E mais do que nunca, ela precisa de quem realmente a conhece, ao lado dela. E esse alguém é você, mas se estiver mais nervoso que ela, não irá ajudar em nada.

Eu parecia carregar o peso do mundo nas minhas costas, dificultando até a minha respiração e com um abraço apertado de minha irmã, o alívio chegou de imediato.

— Lembra do que a *nonna* dizia? Nosso fardo nunca será maior do que o que nós conseguimos suportar. Antes de fraquejarmos ou desistirmos, Ele chega e alivia o peso. Ele toma sobre si o que nos aflige. O amor de Deus por nossas vidas é imensurável, Rico. E hoje Ele olhou para seu anjo e decretou que era a hora de seu milagre chegar. Sienna nasceu de novo, meu irmão.

O som de passos se aproximava do lado de fora.

Beijei a testa de Carla e sorri carinhosamente para minha irmã.

— Obrigado, pequena. Você sempre está cuidando de mim.

Logo saí correndo e atravessei a pequena ponte sobre o rio que cortava a Villa De Angeli e encontrei o meu coração nas mãos de Felipe.

Tomei Sienna de seus braços e sem necessidade de palavras, somente com uma troca de olhares, meu irmão sabia o quanto eu lhe era grato.

Meu anjo repetia sem cessar que tinha um pai. Mas, ao olhar para seu corpo e vê-la ferida, as palavras me faltavam para respondê-la. Havia tanto sangue espalhado nas mãos, pernas e na sua roupa manchada de vermelho. Eu precisava ser forte por ela. Mas o medo de que algo pior tivesse acontecido com Sienna e minha filha tomava conta de todo meu ser.

Procurei refúgio em meus irmãos, mas encontrei nos dois o que eu mesmo sentia. Compartilhávamos ali as lágrimas, temores e a incerteza.

A mão leve de Sienna tocava meu rosto, chamando minha atenção.

— Eu tenho um pai, Rico.

— E também um irmão, que agora cuidará de suas feridas.

Sua mão deslizou até meu peito e sua respiração estava se acalmando, seus olhos quase fechando, mas ao ouvir a voz grave de um homem que agora lhe era mais especial, ela sorriu e sussurrou seu nome antes de cair em sono profundo:

— Giulio...

Felipe tocou em meu braço e apontou para a casa.

— Rico, vamos entrar. Ela precisa ser examinada. Ela sentia dores, está suja, molhada. Deixe que o Giulio cuide dela.

Passos fortes vinham em direção à estrada da *Villa*. E logo mais dois rostos conhecidos se juntaram a nós.

— Me deixe segurá-la, Enrico.

— Eu não vou me afastar dela.

— Eu sei. E nunca te pediria isso. Mas meu pai, eu e minha irmã, precisamos cuidar de Sienna. Vá com Carla. Tire essa roupa molhada e volte para estar com a sua mulher.

— Não. Eu vou ficar.

Antônio se aproximou de Giulio e lhe entregou uma mala.

— Você não conseguirá afastá-lo, meu filho. Ele a ama. E seu coração não se acalmará enquanto não souber que está tudo bem.

— Certo. Vamos entrar. Coloque ela na cama. Eu vou examiná-la...

Não esperei que dissessem mais nada. Atravessei a pequena ponte e andei direto para o quarto que era de minha *nonna*. Deitei Sienna com carinho e cuidado na cama.

Me ajoelhei ao seu lado. Seu corpo tremia, seus lábios antes rosados agora estavam com um leve tom de roxo.

— Eu preciso tirar a roupa molhada dela, Enrico.

— Eu tiro, ela é minha...

— Sua mulher, sua amada? Eu sei. E ela é minha irmã. E eu descobri isso há menos de meia hora. Meu sonho era poder abraçá-la e dizer que a amo. Mas meu peito dói em vê-la nesse estado. Então me deixe trabalhar, Enrico. Só assim saberemos como ela está. Se afaste um pouquinho, que nós iremos cuidar dela. — As palavras de Chiara me fizeram levantar em modo automático. E imediatamente, com o auxílio de Giulio, ela tirou o vestido molhado de Sienna e ele passou a examiná-la minuciosamente.

Antônio entrou no quarto com uma pequena bacia de água nas mãos e o que parecia ser um vestido pendurado em seu ombro e se aproximou da cama.

— Não há sangramento, pai. A mancha de sangue no vestido provavelmente foi dela limpando suas mãos no

tecido.

— Graças a Deus. Agora me deixe vesti-la e limpar os ferimentos dela.

Antônio colocou um vestido em Sienna e passou a tratar suas mãos e pernas.

No primeiro toque do que parecia ser um remédio que lhe causou certa ardência, ela recolheu sua mão e franziu o cenho, soltando um leve gemido de dor. Lentamente abriu seus olhos e me buscou com o olhar.

— Rico.

Saltei da poltrona que estava sentado e me ajoelhei novamente ao seu lado, tocando sua face pálida e cansada.

— Eu estou aqui, anjo.

— A nossa filha?

— Ela está bem, meu amor. Ela é forte como a mãe.

Sienna deu um pequeno sorriso e passou a olhar todos ao seu redor. Uma quietude incômoda se instalou no quarto.

Minha mão que segurava a dela foi apertada fortemente e o silêncio cortado por seus soluços, gemidos e lágrimas.

Fui puxado para um abraço apertado. E passei a acariciar seus cabelos na intenção de acalmá-la e a falar baixinho em seu ouvido:

— Você está bem?

— Não, Rico. Eu não sei o que fazer.

— Ei, meu anjo, olhe pra mim.

Ergui seu rosto que estava escondido entre meu ombro e pescoço e enxuguei lentamente as suas lágrimas.

— Dentro de um abraço, toda dor, angústia, aflição, sofrimento e até mesmo a tristeza se desfaz. Por alguns instantes, você tem o seu mundo inteiro dentro de seus braços. E pra eles você é esse mundo, agora. Comece por um abraço, anjo.

Me afastei e deixei que os quatro tivessem o seu momento.

Chiara foi a primeira a se aproximar e envolver a minha menina em seus braços. Logo veio Antônio e, por fim, Giulio. Houve entre eles palavras sussurradas, troca de amor, cumplicidade, afeto e carinho.

Os destinos tinham data e hora marcada nos céus para se cruzarem.

Foram longos minutos em que os quatro passaram

chorando, sorrindo, se conhecendo.

Giulio tocava o ventre dilatado de minha mulher. Suas mãos acariciavam o local com carinho. Os olhos daquele homem grande e que sempre demonstrou ser controlado, agora estavam transbordando de lágrimas.

— Eu vou ser tio?

Sienna colocou sua mão delicada por cima da dele e, com a voz embargada pelas lágrimas que não cansavam de cair, disse suavemente:

— Vai.

Antônio encostou a cabeça de Sienna em seu peito e deu vários beijos em seus cabelos ainda molhados. Ele olhava para o alto e era como se falasse somente com Deus.

— Obrigado, Senhor. Eu fui novamente agraciado.

Como se já reconhecesse os pensamentos e o coração da própria filha, Antônio ergueu seu rosto, e falou olhando dentro de seus olhos:

— Não culpe Deus pela maldade do homem. Deus é perfeito! Ele me deu você.

— Só queria entender por que precisei passar por tudo isso para chegar aqui.

— Pensar no que já passou e te trouxe sofrimento, só dói e cansa demais; e pra completar traz muitos aborrecimentos. Então é melhor não pensar, e sim esperar e descansar em Deus, minha filha. Nada é por acaso. Não tente entender os desígnios d'Ele. Você passou por tantas provas. Mas por fim chegou a hora de recomeçar. Não olhe mais para trás.

— Eu vou tentar.

— Oh, você vai conseguir. Afinal, é uma Albertini. E uma Albertini luta até o fim.

Alguns minutos se passaram e o pranto deu lugar ao riso. Já era tarde e precisávamos voltar para casa.

— Sienna, já é quase meia-noite. Precisamos ir pra casa. Minha mãe já ligou inúmeras vezes e eu rejeitei todas as ligações. Ela deve estar angustiada e se não falar com você, não conseguirá ficar em paz.

— Vamos.

Giulio fechou sua maleta logo após colocar o último curativo no joelho de Sienna.

— Enrico, eu vou na frente e te espero na clínica. Eu quero fazer uma ultrassonografia para ter a certeza absoluta de que Isabella está bem.

— Ok. Podemos ir?

Quando caminhava para a cama que Sienna estava deitada, me dei conta que Lipe estava encostado na parede do quarto, logo ao lado da porta, observando tudo em completo silêncio. E isso não era um bom sinal.

Ele sentiu que estava sendo observado e levantou um dedo, mas quando ia abrir a boca, eu gritei:

— NÃO!

— Porra, Rico! Eu quero falar.

— Não.

Sienna ria baixinho da cara frustrada de Felipe e acenou para que ele falasse.

Lipe deu dois passos à frente, mas manteve uma certa distância ainda. Ergueu a cabeça para poder olhar nos olhos e apontou em direção a Giulio.

— Cara, você viu a sua irmã pelada. Isso é desagradável!

Sienna e Chiara soltaram uma gargalhada e Giulio tentou reprimir um riso, mas não conseguiu.

— Eu sou um ginecologista, Felipe. Vejo mulheres nuas praticamente todos os dias.

— FODA-SE! Mas são as coisas da sua irmã. Você é nojento, cara.

Giulio se aproximou de Felipe, abaixou um pouco e falou em seu ouvido, mas em um tom que todos os que estavam presentes no quarto conseguiram escutar.

— Eu já vi a sua irmã também.

— Puta que pariu!

Giulio piscou e, quando estava saindo pela porta, dirigiu a palavra a mim.

— Quais são as suas intenções com a minha irmã?

Felipe já estava ao meu lado com os punhos apertados, com o rosto fechado, totalmente puto da vida.

— Me lembre de contar isso tudo para o papai e Levi. Ninguém fala que já viu as coisas da minha irmã e...

Antes que ele completasse a frase e falasse mais merdas, eu levei a minha mão com toda a força na sua orelha esquerda.

— CARALHO!

— Isso é pelo tapa de hoje que você me deu.

Sienna parou de rir no exato momento que as palavras saíram de minha boca.

— Ele te bateu?

— Na cara.

— Não acredito!

Felipe alisava o local que tinha as marcas dos meus dedos.

— Depois eu te conto tudo, anjo. Agora eu preciso responder ao seu irmão.

Caminhei para onde Giulio estava parado e parei em sua frente.

— Minha intenção? Espero que seja a mesma que a sua. Me casar com a sua irmã, formar uma linda família e amá-la. Eu só sei amar pra sempre. Então, desde já você está ciente de que será eterno. E aguardamos formalmente o seu pedido de casamento, doutor Giulio. Ninguém fala que viu as coisas da minha irmã assim. Ou casa ou casa. E ponto-final.

— Boa resposta, Enrico.

Antônio já o aguardava na porta do quarto para irem juntos para a clínica.

— Menino, te aguardo na minha casa também para um pedido formal de casamento. Ninguém engravida uma filha minha e fica por isso mesmo. Ou casa ou casa. Entendido?

— A aliança já está providenciada, senhor. É só ela dizer sim.

— Ela te ama. É só olhar em seus olhos para enxergar você dentro deles. O olhar dela fala com doçura, com verdade e amor puro. Ela dirá sim.

— Tomara.

Sienna levantou com a ajuda de Chiara e me aproximei tomando-a em meus braços.

— Vamos ver a nossa filha agora e logo mais iremos para casa. Você precisa descansar e eu necessito ter você aconchegada ao meu corpo e ter a certeza de que tudo está bem para, enfim, poder sossegar meu coração.

Saímos da casa da árvore direto para a clínica e uma hora depois chegávamos em casa.

Carla auxiliou Sienna no banho enquanto eu preparei algo rápido para que pudesse comer.

Liguei para Pietro e avisei que já estávamos em casa e depois para minha mãe e coloquei no viva-voz e todos ouvimos seu suspiro de alívio ao saber que agora tudo estava tranquilo.

Soubemos que Sara havia partido. Mesmo que era algo que todos nós aguardávamos, nada amenizaria a dor da perda. Nelly estava sofrendo. Mas graças a Deus não

estava só. Agora ela tinha alguém especial ao seu lado e não enfrentaria a dor sozinha.

Antes de dormir em meus braços, Sienna desabafou o que a incomodou por tantos anos.

— Sinto saudades. Sinto falta do que não vivi totalmente e intensamente. Não suporto mais me sentir pela metade. Eu preciso ser inteira. Eu vou ter que rever meu passado, Enrico. Esquecer não adianta mais. É necessário perdão. Eu vou procurá-lo.

— Eu estarei ao seu lado.

— Você não precisa.

— Quando nós amamos, nós queremos e precisamos estar perto.

— Eu amo você.

— Eu também te amo, anjo.

Beijei os lábios de minha mulher e aos poucos a senti se acalmando em meu peito. Sentindo o cheiro de seu perfume doce de pêssegos, eu a ouvi murmurando em seus sonhos:

— Eu direi sim, Rico.

Sorri e fechei meus olhos. Porém, antes de torná-la realmente uma De Angeli tanto ela como eu tínhamos que

reencontrar com o nosso passado. Era hora do acerto de contas.

Capítulo 20

Sienna

Eu estava me sentindo cansada, confusa e extremamente sensível naquela manhã de domingo.

Mantinha meus olhos ainda fechados mesmo estando desperta há mais ou menos meia hora.

A respiração suave de Enrico mostrava que ele ainda dormia profundamente.

Em silêncio e com a cabeça deitada em seu peito, deixei meus pensamentos vagarem por tudo que vivi no dia anterior.

Eu acordei ainda uma menina perdida, filha única,

órfã de pai e mãe. E findei o dia como uma mulher se encontrando, ainda órfã de mãe, mas que descobriu que foi incondicionalmente amada por ela até seu último suspiro de vida, enganada por um homem que achou ser seu pai. Mas que, por fim, era um ser desprezível, manipulador, mentiroso e ganancioso. Não era seu sangue que corria em minhas veias. Eu era fruto do amor. Eu tinha um pai e dois irmãos. Eu tinha uma família.

No mesmo instante que senti minhas lágrimas molhando o peito de Enrico, seus braços fortes me aconchegaram ainda mais ao seu corpo.

— Lágrimas de tristeza ou de alegria, anjo?

— Um misto dos dois.

— Tristeza por tudo que não viveu e alegria pelo que há de vir. Acertei?

— Sim. Como sempre.

— Que tal deixar os dias futuros a cargo de Deus e apenas viver um a um intensamente e aproveitando de tudo que Ele preparou para você?

— Recomeçar uma nova estrada, uma nova caminhada.

— Não mais só, anjo.

— Nunca mais.

Enrico ergueu carinhosamente meu rosto, secou meu rosto banhado por lágrimas e beijou levemente meus lábios.

Ouvimos dois toques na porta e antes que abrissem, Rico puxou a manta me cobrindo até o queixo, me arrancando um riso baixo e fazendo a nossa menina acordar em meu ventre.

— É Felipe.

— Como sabe?

Aponte para meu ventre.

— Bella está dando giros e piruetas em minha barriga.

— Levi sentirá ciúmes disso.

— Não é necessário. Ele canta para a sobrinha quase todos os dias pelo telefone. É o momento que ela descansa.

A porta do quarto foi aberta e primeiro visualizamos uma bandeja e depois Felipe de olhos fechados.

— Rico tá pelado, moça bonita?

— Espere, que vou olhar.

Levantei a manta que nos cobria e vi a ponta de uma sunga branca e subi o olhar até seu membro e, em meio aos risos de Enrico, eu respondi a Felipe:

— Não. Ele está vestido, mas tenho a ligeira impressão de que não ficará assim por muito tempo.

Lipe arregalou os olhos e olhou diretamente para o irmão, que agora gargalhava descaradamente.

— É sério, Rico? Tem vergonha, não? A moça bonita está ferida.

— O que eu fiz?

— Tá com essa porra armada e apontada pra cima.

Enrico ergueu as duas mãos, sorrindo de modo sarcástico e devolveu a Felipe uma de suas famosas frases:

— Sou INOCENTE. A culpa é do meu anjo.

— O cacete. Culpado, até que o pai dela, sentado no sofá da sala, diga o contrário.

Felipe apontou para a porta do banheiro e Enrico entendeu o recado e levantou da cama ainda gargalhando.

Lipe colocou a bandeja de alimentos na mesa de

cabeceira e sentou ao meu lado, deitando a cabeça em meu ventre e sentindo os chutes constantes da sobrinha.

— Bom dia, meu carinho.

Como se soubesse que era realmente com ela que o tio conversava, Isabella rodopiou na barriga e arrancou um sorriso bobo e orgulhoso de Felipe, mas que logo deu lugar a uma expressão de preocupação e até de tristeza.

— Que foi, Lipe?

— Eu preciso viajar.

— Sim, você precisa.

— Mas eu não quero.

— A Emanuelly precisa de sua alegria, Felipe.

— E você também.

Acaricieei os cabelos de Felipe, porém, ao passar meus dedos pelos fios, encontrei algo em sua pele.

— Eu vou ficar bem, Lipe. Tenho Enrico, tia Helena e tio Victo, Gio, Vince, Juju e agora uma nova família.

Felipe ergueu-se, sentou na cama e me lançou uma piscadela.

— Mas nenhum deles tem o meu charme.

— E nem são abusados como você, mano.

Enrico saía do banheiro, terminando de vestir uma calça jeans, e caminhava em minha direção.

— Trouxe o remédio dela, Lipe?

— Trouxe. O médico cantador de irmã alheia fez questão de me lembrar. Babaca!

O cheiro do café fresco foi sentido por mim e logo minha barriga deu sinal de fome, com um ronco alto, fazendo-me corar instantaneamente.

— Viu porque ela me ama, Rico? Ela também é abusada. Como ninguém ofereceu, ela mostrou bonito que estava presente e faminta. Essa é De Angeli.

— Passe a bandeja pra cá, Lipe. E eu não sei por que, mas sinto que terei cabelos brancos muito cedo. Sério, por que ela não puxou à delicadeza de Carla?

Lipe entregou a bandeja para Rico e abaixou em direção a minha barriga e sussurrou para Bella:

— Você é especial, meu carinho. Puxou de seu tio uma qualidade que poucos sabem que existe. Você é decidida.

Ao beijar a minha barriga, ainda coberta pela

manta, eu voltei a ver a cor diferente na pele de Felipe. E não resistindo à curiosidade, eu afastei os fios de seu cabelo e pude identificar o desenho em sua pele.

Sussurrando mais para mim do que para eles, eu falei o nome do símbolo gravado em sua pele e num impulso, ele tocou o local em seu corpo.

— O símbolo do infinito.

— Você viu?

Enrico tinha o cenho levemente franzido, como se não estivesse entendendo absolutamente nada do que acontecia ali.

— Tem algum significado, Lipe?

Felipe fechou os olhos mediante a minha pergunta e por alguns segundos foi como se visse uma dor profunda refletida em sua face, mas que logo se dissipou quando as primeiras palavras começaram a fluir por seus lábios:

— Sim, tem um significado. E ele me persegue todos os dias nos últimos oito anos de minha vida. Eu nunca a esqueci. Eu nunca mais amei ninguém. E acho que nunca amarei. Ao menos tenho algo em mim que lembre a primeira mulher que tive em meus braços, pois nunca mais a vi.

Enrico se aproximou mais com a bandeja nas mãos

e também viu o símbolo gravado em Felipe.

— Eu não sabia que você a amou, Lipe.

— Letícia?

— Ela foi sua primeira namorada, não foi?

— Eu nunca disse que amei Letícia.

— Mas...

— Você, Levi e Carla já moravam em Vitória e estavam envolvidos com seus estudos na faculdade. Não a conheceram.

— E por que até hoje nós não sabíamos disso?

— Porque até a moça bonita chegar em nossas vidas, lembrar daquela mulher doía demais, machucava. E a chegada de Sienna me fez entender que se, um dia, eu realmente tiver que encontrá-la, irá acontecer naturalmente. Quer queiramos ou não. Vocês demoraram quase dez anos para se reencontrarem. Quem sabe Deus me abençoe também. Só assim saberei por que ela foi embora e levou consigo o meu coração.

— Quem é ela?

— A mulher que carrega a mesma marca de meu pescoço em seu pulso direito. A mesma que disse me amar em uma noite e no amanhecer do outro dia havia fugido

sem ao menos dizer um adeus.

— Como você ainda consegue sorrir, mano?

— Forjando a felicidade. Anos de prática. Ninguém é obrigado a conhecer e entender a dor de meu coração. Então, ver as pessoas ao meu redor felizes, me torna também. Me consola. Mas vamos esquecer isso. Eu só vim trazer o café da moça bonita e saber se ela estava melhor. E informar que Antônio e os filhos já estão na sala à espera de vocês.

— Você sabe que não esqueceremos isso, Felipe.

— Eu sei, moça bonita. Apenas tente. Quem sabe um dia você encontre uma mulher de olhos claros, cabelos compridos e acobreados, sorriso doce e gentil, e com a marca no pulso de um amor intenso, forte e rápido, vivido numa noite de verão. Se vê-la por aí, diga que eu ainda a amo e a espero.

Lipe deu um beijo em minha testa, duas leves batidas no ombro de Enrico e seguiu em direção à porta que estava entreaberta.

— Lipe?

— Sim, mano.

— E Letícia?

A mudança na face de Felipe era notável: de saudade de um amor que ainda pulsava em seu peito para o nítido desprezo.

— Ela é a pior parte de mim. Meu lado mais feio. Letícia é decepção. Agora vou voltar ao trabalho. Quero entregar meu presente a moça bonita antes de seguir para o Brasil. — Lipe deu uma piscadela e saiu, fechando a porta, e nos deixando a sós.

— Ele vai ficar bem, Rico?

— Não sei, anjo. Eu não sabia de nada disso. Nem sei quem é essa moça. Mas se ela realmente o amasse não o teria deixado.

— Ou ela teve um motivo que não nos é conhecido.

— Pode ser. Vamos tomar o café e encontrar sua família. Você precisa trocar os curativos.

— Isso é estranho.

— O quê?

— Ouvir isso. Minha família.

— Mas eles são e, pelo visto, já a amam, pois logo cedo vieram à sua procura. Isso é sinal de preocupação, carinho e afeto.

Com um sorriso nos lábios, aproveitamos o nosso

café da manhã e, após um banho quente, troquei de roupa e segui com Enrico para a sala de visitas.

Do corredor já ouvíamos vozes e risos. E quando pudemos ser avistados, vi a minha irmã saltar do sofá que estava sentada e correr em minha direção, me abraçando em seguida.

— Me diz como você está?

— Eu estou bem, Chiara.

Chiara deu um sorriso largo e segurou minha mão, nos guiando para onde Antônio e Giulio estavam sentados.

— Sente aqui. Papai estava olhando seus álbuns de criança. Sua madrinha deixou conosco antes de ir para a vinícola e pediu que cuidássemos de você.

— Ela viajou de novo?

— Parece que seu filho do meio precisava deles com urgência.

Um arrepio passou por meu corpo no instante que ouvi a voz de Chiara. Pensei que ninguém havia notado. Mas nada passava despercebido por Carla.

— Rico, coloque mais lenha na lareira. Sienna estremeceu e deve estar com frio.

Enrico caminhou em direção à lareira da sala e

passou a alimentar o fogo. Mas o calor que ela fornecia não era capaz de aquecer a frieza que foi plantada em minha alma.

Forcei um sorriso nos lábios e olhei para Antônio, que fitava com atenção e silêncio cada uma de minhas fotos desde bebê até a fase adulta.

Levantou a cabeça e me olhou com os olhos rasos de lágrimas.

— Sempre só, minha criança. Isso foi injusto comigo e com você.

— Não pense assim, pai.

Os olhos de Antônio se tornaram amplos em seu rosto e a primeira lágrima rolou por sua face.

— Você me chamou de pai.

Sorri e acariciei seu rosto.

— Esperei 25 para poder pronunciar essa palavra e não receber um olhar carregado de desprezo e de raiva em troca.

Antônio se aproximou e me abraçou, mantendo-me envolta por seus braços e beijou meus cabelos ainda molhados do banho.

— Sabe o que fiz essa noite?

— Não.

— Eu voltei a falar com Deus. Dobrei meus joelhos e deixei que Ele ouvisse a minha alma. Ele pôde sentir cada batida descompassada de meu coração. E não aguentando o silêncio, Ele também ouviu meus gritos de dor. E, por fim, recolheu minhas lágrimas, acalentou minha alma e me deu o que precisava naquele momento. Eu perdoei e fui perdoado, minha criança. Eu sinto que algo ainda te fere. Você precisa de paz, minha filha. E sozinho, Deus não te concederá isso. É preciso querer. E isso tem que vir de você.

— Eu preciso perdoar, mas não consigo esquecer muitas coisas.

— Perdoar não é esquecer. É lembrar sem sentir dor. É ser livre. É não precisar carregar um peso que você nada fez por merecer. Perdoar é sentir-se leve. E você conseguirá. No momento certo.

— Assim espero.

Juju entrou na sala e entregou a Antônio uma sacola que logo reconheci sendo minha.

— Minha máquina fotográfica.

— Sim, minha criança. Nós vamos mudar sua história agora.

Antônio agradeceu Juju quando pegou a máquina de suas mãos e entregou a Enrico.

— Você já sabe o que fazer.

— Sim, senhor.

Meu pai pediu que ficássemos de pé. E nos guiou até o lado da lareira. Os três eram altos e me senti protegida por eles. Giulio me abraçou pelo lado direito e Chiara no esquerdo e nosso pai envolveu nós três por trás.

Os olhos de Enrico pareciam sorrir quando mirou a câmera em nossa direção e registrou a minha primeira foto em família.

Meu pai deu um beijo em cada filho e demorou-se mais em minha testa. Era como se ele não quisesse se afastar. Relutava em perder o contato. Eu sentia o mesmo. Perto dele eu estava segura.

— Há momentos que marcam a alma eternamente. E nós registramos este no coração e na memória. Quando Enrico fizer a impressão da foto, ela irá substituir a que tenho na cabeceira de minha cama, ao lado da de sua mãe.

— Obrigada, pai.

Antônio sorriu e me chamou para cuidar dos ferimentos.

Enquanto ele trocava os curativos, Giulio sentou ao meu lado no sofá.

— Eu vou precisar me ausentar.

— Eu sei.

— Eu não quero ir.

— Mas você precisa. Tem uma promessa a cumprir.

— Você também precisa de mim.

— Eu não estarei só, Giulio. Tem Rico, Chiara e papai aqui.

— Eu sei. Mas nenhum deles é mais bonito que o seu irmão aqui.

— Meu Deus! Você e Felipe são almas gêmeas. Parecem irmãos.

Lipe entrava na sala carregando alguns pedaços de madeira nas mãos e, pelo jeito que olhava diretamente para Giulio, tinha ouvido tudo que falei.

— Uma porra! Desconjuro. Já tenho que aguentar o galã de comercial de cueca importada como irmão de sangue. Papai do céu me ama, gente! O doutor Delícia estilo Grey's Anatomy seria castigo, caramba! Foda demais.

Felipe encarou Giulio de cima a baixo e depois olhou para a irmã, que tinha os olhos brilhantes em direção ao namorado. Quando meu irmão puxou a namorada para sentar em seu colo, ele saiu em direção ao corredor que levava aos quartos resmungando enquanto balançava a cabeça de um lado para o outro.

— Blécaaa. Isso é o inferno na terra.

Passamos a manhã e a tarde juntos. À noite, eu queria cozinhar e tentaram me proibir por causa dos ferimentos nas mãos e Enrico, como um homem cheio de sabedoria, só gargalhou e disse que seria perder tempo tentar me impedir.

Deixei todos na sala e, com a ajuda de Juju, preparei duas travessas de polenta recheada. Uma à bolonhesa e outra aos quatro queijos.

Mesmo em meio à tristeza que Rico, Lipe e Carla sentiam com a partida da mãe de Nelly, conseguimos passar um agradável domingo em família.

Na segunda pela manhã, Giulio pediu que fosse ao consultório para que ele adiantasse todos os meus exames do mês. Novamente a sala de exames se encheu de familiares. Giulio precisava que Bella se mexesse para conseguir registrar o rostinho dela na ultrassonografia. Mas ela se recusava. E Felipe gargalhava ao lado.

Passado alguns minutos de suas tentativas totalmente falhas, ele acabou sendo obrigado a ceder.

— Desisto!

Felipe fez uma reverência em sua direção e, sorrindo sarcasticamente, se aproximou de meu ventre.

— Com licença, moça bonita.

Enrico colocou a mão no ombro de Lipe, chamando sua atenção.

— Se beijar a barriga, vai tomar na orelha.

Lipe direcionou o olhar para Rico e gargalhou.

— Não será necessário, mano. Veja e aprenda.

Lipe passou a mão em meu ventre e falou com Isabella:

— Olá, carinho do tio.

Bella deu um salto e vários movimentos fortes, um seguido do outro, levando minha barriga a pender na direção onde Felipe se encontrava.

Rico jogou as mãos para o alto e buscou meu pai pra sala.

— Viu, seu Antônio? Me diz. Por quê?

Lipe tirou a mão de meu ventre e encostou em Enrico falando em seu ouvido:

— Charme De Angeli. Sorry. Sou edição única. Cara, como é bom ser foda.

Não teve jeito de escapar, tomou na orelha assim mesmo, mas continuou a gargalhar enquanto alisava o local da pancada.

Giulio conseguiu fotografar Bella. E sim, ela era toda De Angeli. Olhos, boca, nariz... do jeito que sonhei e pedi a Deus. Minha filha era linda e saudável e isso acalentava meu coração de mãe.

Terminada a consulta, nós nos despedimos e Carla seguiu com Giulio para Siena. Seu voo era na madrugada de terça e ele preferia já estar no Brasil, para o caso de sua paciente ter o bebê adiantado.

A semana passou voando e logo o sábado chegou e era hora de me despedir de Lipe e Carlinha. Meu peito já doía de saudades.

Na sexta à tarde eles me presentearam com uma tenda no quintal de minha futura casa. Era linda, confortável, tinha uma cama enorme e diversas almofadas. Perfeito para poder ler meus livros sem a movimentação intensa da casa grande. Só não sosseguei enquanto não convenci Enrico a passarmos a noite ali.

Estreamos em grande estilo, nos amando à luz das velas que iluminava o local. Só dormimos após os primeiros raios do sol adentrarem pelos tecidos que cobriam a tenda.

E após o café deste sábado eu fui levada para a casa da árvore de Bella para que Lipe me mostrasse a sua surpresa. Quando atravessamos a ponte que ligava a Villa à casa, eu recebi de volta a chave de Bella.

Abri a porta e fui surpreendida por diversas mudanças.

Tudo estava adaptado para uma criança poder estar confortável em cada ambiente. Na sala havia um berço portátil e um cantinho todo acolchoado e repleto de brinquedos.

Henrico chegou por trás e envolveu minha cintura e suas mãos grandes envolveram meu ventre coberto pelo grosso tecido que usava para amenizar o frio.

— Gostou, anjo?

— Eu amei. Como vocês fizeram tudo isso e eu não vi nada?

— Durante as suas sonecas a cada tarde. Eu queria que em cada lugar dessa Villa, a nossa menina tivesse um espaço especial, só dela. Então nós três passamos a

pesquisar as melhores formas de montarmos primeiro a casa da árvore que já está pronta. Carla comprou tudo que você está vendo aqui na sala e também na cozinha.

Olhei em direção à cozinha e encontrei uma cadeira de alimentação e no balcão à frente, um copinho, prato, talheres e tudo que se precisava para os momentos em que Bella fosse se alimentar.

— Vocês pensaram em tudo, Senhor. Oh, Deus, eu vou chorar.

— Novidade, Sissi. Venha ver tudo que escolhi, se está no seu gosto.

Carla tomou a minha mão e me levou até a cozinha, e de perto pude ver que tudo que haviam escolhido era da princesa Bella, da Disney.

Não teve como segurar o choro. Em silêncio e com as lágrimas escorrendo, eu passava meus dedos em cada um dos presentes de minha filha.

Carla, que agora estava abraçada a Rico, sorria para mim.

— Se choras agora, imagina quando olhar o quarto. Ele foi feito pelas próprias mãos de Lipe. Venha ver.

Lipe já estava na porta do quarto me aguardando. Abriu a porta e pude admirar cada mudança feita no

ambiente.

A cama de *nonna* e sua cômoda foram mantidas, mas do lado esquerdo estava outro cantinho de Bella, todo em madeira branca, Lipe fez uma árvore de madeira com diversos espaços para colocar livros. Desde bebê, minha Bella já teria sua própria estante. Ao lado uma cama baixa e no meio dela uma escada que levava para outra cama em cima. Mas essa era diferente. A parte superior tinha um formato. Bella agora tinha seu próprio castelo de princesa. Uma porta a levava para um colchão coberto por um edredom de Princesas. Tinha janelas e tudo era decorado com pequenas flores rosa.

— Ela pode escolher se quer dormir aqui embaixo ou subir para o castelo de Bella, moça bonita. Olha a porta. — Lipe apontou para a porta e vi que tinha a mesma fechadura de coração que a porta de entrada da casa da árvore e que o nome de minha filha estava gravado no mesmo formato que a original.

Meu corpo tremia de emoção. Tudo que um dia pensei em dar para minha menina e que achei que teria que fazer sozinha estava ali. Bella estava cercada de amor.

Corri em direção a Felipe e o abracei.

— Obrigada. Meu Deus, você é maravilhoso com as mãos.

Lipe se afastou e olhou para Enrico e, sorrindo de modo safado, me respondeu:

— Você não imagina o quanto, moça bonita. Mãos, boca, língua, outra parte especial, que é o meu orgulho... enfim, eu sou todo maravilhoso.

Enrico nem se preocupou em responder, só bufou e me puxou para perto dele. Mas Carla não deixou passar. Puxou o irmão pela orelha e o arrastou para fora do quarto.

— Vamos embora, moço convencido. Temos horário de embarque. Chega de se gabar. E o mérito não é só seu. É de Enrico e Gisele também, que juntos desenharam isso tudo.

— Ok, ok. Eu divido a glória do momento.

— Oh, Deus! Vamos embora, criatura.

Lipe e Carla saíram em direção a Villa para pegar suas malas, enquanto eu e Enrico ainda admiramos por alguns instantes a nova decoração da casa de Bella.

Quando fechei a porta da casa, eu envolvi Enrico pelo pescoço e aproximei nossos corpos e cobri seus lábios com os meus em um beijo carregado de desejo e amor. Nos separamos ofegantes, a respiração forte e acelerada.

— Você trabalha hoje ainda?

— Não. O movimento do *Piacere* está tranquilo este fim de semana. E Raphaella ficou responsável pela cozinha, já que Erica não está suportando os cheiros de comida, devido à gravidez. Deslocamos ela para a recepção do *bed and breakfast*.

— Ok. Então vamos nos despedir de meus irmãos, porque hoje você não sairá de minha cama.

— Na tenda?

— Você gostou daquele espaço, né?

— Muito. Ainda mais que hoje fiz algo especial para nos acompanhar.

— O que é, anjo?

— Fiz *cupcake* de brigadeiro para o *Piacere*, Rico. Então seremos eu, você e cobertura de *cupcake*. O que acha?

Enrico simplesmente puxou minha mão e apressou os passos em direção ao local que havíamos marcado para despedir de Lipe e Carlinha.

Abrimos a porta do *Piacere* e encontramos todos reunidos ao redor da maior mesa.

Caminhamos em direção aos nossos amigos e Lipe

olhou para Rico e, sorrindo, empurrou em sua direção uma caixa de papelão.

— Tudo pronto, Lipe?

— Do jeito que pediu.

Rico colocou a caixa na mesa e abriu-a, retirando de dentro dela um de meus sonhos de criança.

— É meu?

— Todo seu, anjo.

Ele era pequeno, branquinho, uma bolinha toda fofa de pêlos. Peguei em meus braços e ele se aconchegou subindo em direção ao meu pescoço, lambendo o local.

— Ele é lindo. Obrigada. Eu nunca tive um cachorro.

— Dê um nome, moça bonita.

Levantei a minha bolinha de pêlos e observei por alguns instantes.

— Lili.

Coloquei a minha bolinha de pêlos no chão e tentei chamar pelo nome que havia escolhido e não conseguia chamar sua atenção.

— Por que mulher é assim? Sem ofensas com o animal, mulher. Ele é macho, caramba! Quer ver ele responder?

Lipe se ajoelhou e chamou por meu cão.

— Hulk. Aqui Hulk.

Meu cão levantou a cabeça e correu em direção a Felipe.

— Eu não vou chamar meu cão de Hulk.

— Por que não? Hulk é massa. Ele deu uma surra no Homem de Ferro. Sou fã daquele monstro verde.

— Vou pensar.

— Pense com carinho, moça bonita. Hulk é O cara. E vai defender bonito a minha Bella.

Lipe soltou o cachorro novamente no chão e ele e Carla se despediram de todos ali presentes.

Meu cunhado demorou-se no abraço apertado que deu em Dudu. Beijou sua testa e afagou seus cabelos com carinho.

— Eu volto logo, pequeno príncipe. E vou trazer aquele jogo novo que te falei. Vai me esperar, vai estar aqui quando eu chegar?

Dudu balançou sua cabeça pra cima e pra baixo afirmando que o esperaria.

Tenho certeza de que Lipe segurou o choro, pois se separar de Eduardo mesmo que por poucos dias traria saudades. Eles conviviam diariamente desde que se conheceram.

Abraçou-o novamente e sussurrou para que somente eu entendesse o seu pedido:

— Cuide dele.

Se afastou e acompanhou Carla, que já estava se deslocando para fora, onde o carro de Pietro já os esperava.

Quando Lipe já estava chegando à porta, o meu cachorro passou a cheirar próximo ao pé do meu homem. Levantou a patinha e mirou certo fazendo xixi no sapato novo de Rico.

Lipe deu uma gargalhada e todos ao redor o acompanharam ao olhar a cara de nojo que Enrico fez ao sacudir o pé todo molhado.

Hulk correu em direção a Lipe, que se agachou e lhe entregou um biscoito e deu leves batidinhas em sua cabeça.

— Bom garoto. Esperto pra porra. Aprende rápido.

Lipe levantou e piscou pra Rico.

— Ele é amigo íntimo de todos seus sapatos, mano. Fiz questão de apresentá-los.

— Puta que pariu!

Rico passou a mão em um vidro de catchup em cima da mesa e correu em direção a Felipe que já havia sumido pela porta do *Piacere*, enquanto nossos risos se prolongaram ainda por alguns instantes.

Ouvimos o sino da porta tocando, dando sinal de que alguém adentrava o ambiente.

Pelo visto, somente para mim a pessoa era estranha, pois todos sorriram para a bela moça que caminhava em nossa direção.

Ela ajoelhou-se em frente a Eduardo e ele agarrou-se fortemente em seu pescoço e chorou.

Dudu soluçava e seu pequeno corpo tremia junto àquela mulher, que acariciava seus cabelos e sussurrava palavras doces e de consolo em seu ouvido.

Alguns instantes depois, ela conseguiu acalmá-lo. Guillermo trouxe um suco e um *cupcake* e lhe serviu. E depois de ter a certeza de que o menino estava bem, ela levantou.

— Ei, campeão, você vai ficar bem? Mamãe está louca pra tomar um banho e tirar esse uniforme.

Dudu acenou afirmando enquanto colocava uma colher de doce na boca.

A moça tocou no ombro de Guillermo.

— Você leva ele pra casa?

— Fique tranquila. Vá e descanse. Eu cuido dele. E levo embora mais tarde.

— Obrigada.

Ela deu somente dois passos e foi interrompida de prosseguir por Eduardo que tinha saltado da cadeira e a segurado pela barra da saia.

Seu olhar cansado suavizou com apenas um gesto de seu menino.

Dudu apontou para mim e depois para seu coração.

— É ela, campeão?

Dudu sorriu e balançou a cabeça afirmativamente.

Ela caminhou em minha direção e sem eu esperar me envolveu em um caloroso abraço.

— A moça bonita. É assim que ele te chama, dona

Sienna. Obrigada por amar o meu menino e fazê-lo sorrir novamente. Serei eternamente grata pelo seu carinho para com Eduardo. Você lhe devolveu o brilho nos olhos há muito tempo perdido.

— Não agradeça, senhora...

— Paola. Mas pode me chamar somente de Lola.

Ela me estendeu sua mão direita e eu lhe cumprimentei sorridente até os meus olhos irem de encontro ao seu pulso.

Meu coração saltava no peito, senti arrepios por todo corpo enquanto uma leve tontura me acometia.

Consegui ainda me apresentar e parabenizá-la por ter criado um menino tão lindo, educado e carinhoso.

Paola se despediu com um pedido para que em breve visitasse sua casa. Quando ela chegou à porta, a mesma se abriu e Enrico deu espaço para que ela saísse e logo após entrou no *Piacere*.

Mesmo Enrico me falando que tinha a ligeira impressão de já ter visto a moça vestida de aeromoça antes, eu só conseguia pensar em Felipe e na tatuagem idêntica que ele e a mãe de Eduardo carregavam no corpo.

Capítulo 21

Enrico

Desde a ida de Felipe e Carla para o Brasil, há sete dias, Sienna estava mais reclusa. Não deixou de preparar seus doces para o *Piacere*, porém decidiu não aparecer mais no café. Pediu a Marcello que a substituísse no atendimento juntamente com Pietro enquanto Raphaella e dona Luciana ficaram responsáveis pela cozinha.

Ainda não descobri o que a estava deixando tão angustiada, mesmo tentando por várias vezes questioná-la sobre o motivo de seus momentos de intenso silêncio durante os últimos dias.

Pensei até que estava chateada comigo por ter

lançado a embalagem de catchup na testa de Felipe, mas sua raiva quanto a isso durou apenas um dia. Ainda mais que errei o alvo e tive que acertar com a mão mesmo.

Para me desculpar e conseguir arrancar um sorriso gostoso de seus lábios, até me juntei a Guillermo para construirmos uma casa para o seu cachorro. Com a ajuda de Raphaella, conseguimos fazer o Hulk perder a sua paixão desenfreada por meus sapatos e passar a usar sua caixa de areia dentro de casa e fora dela. Nossas tentativas só foram falhas em tentar fazê-lo responder aos chamados pelo nome de Bob. Sienna teria que abrir mão em breve e se render ao batismo que Lipe deu em sua bola de pelos.

Mas o que mais me intrigava era a recusa de Sienna em falar com Felipe. Eram inúmeras desculpas dadas para não atender ao telefone e quando ele pedia para fazer uma chamada de vídeo, sentia o corpo de meu anjo estremecer e algo que praticamente não teve durante esses cinco meses de gestação, passou a acontecer: vômitos constantes e dores de cabeça.

E nesse exato momento eu tinha largado meu tablet com uma chamada de Lipe sobre a mesa do escritório e estava segurando os cabelos de Sienna enquanto ela lançava todo o seu café da manhã no vaso sanitário.

Quando senti que estava se acalmando e que já se encontrava melhor, peguei a toalha próxima a pia e limpei

seu rosto. Puxei seu corpo de encontro ao meu peito e, mais uma vez, nessa última semana, eu fiquei sem entender o que estava acontecendo.

Sienna agora chorava. Era um choro aflito, com gemidos altos. Seu corpo tremia e nenhuma de minhas palavras conseguiam lhe trazer consolo algum e nem faziam cessar seu pranto.

Levantei com ela em meus braços e caminhei até o nosso quarto, deitei-a na cama e imediatamente ela puxou a manta e cobriu-se. Abraçou as próprias pernas, como se necessitasse de proteção e segurança naquele instante.

Minha intenção era de ligar para Antônio ou Chiara para que pudessem examiná-la, para descobrir se estava sentindo algum tipo de dor, mas quando ela ergueu e cabeça e me procurou com os olhos aflitos, eu somente deixei o celular na mesa de cabeceira e me deitei ao seu lado, trazendo-a para bem perto de mim e abraçando-a com carinho, e mesmo que minha vontade fosse de falar, questionar tudo o que ela estava vivendo nos últimos dias, guardei minhas palavras e esperei em silêncio.

Senti sua respiração acalmar e, em pouco tempo, ela foi vencida pelo cansaço e adormeceu. Nas últimas noites, seu sono foi inquieto e perturbador e por inúmeras vezes ela levantou-se para ir ao banheiro ou tomar água. Realmente algo muito grave a afligia.

Lentamente consegui me afastar de seu corpo e levantar da cama. Peguei meu celular e segui para o banheiro do quarto e enviei uma mensagem para que Antônio pudesse vir até a Villa e examinar Sienna, para que, pelo menos, um pouco de minha preocupação fosse amenizada, sabendo que com ela e Bella tudo estava bem.

Saí do banheiro no mesmo instante que alguém batia na porta do quarto.

Abri e encontrei Giovanni com meu tablet na mão.

— Oi, Gio.

— Por que está falando baixo?

— Sienna está dormindo.

— Então, é melhor vir comigo. Lipe já chamou você duas vezes via *Skype*.

— Ok. Só um minuto. Te encontro na sala.

Encostei a porta e me aproximei de Sienna, que ainda dormia tranquilamente. Beijeí de leve seus cabelos e, enfim, saí do quarto e logo me encontrei com Gio.

— Lipe vai te chamar em cinco minutos.

— Certo. Obrigado.

Peguei o tablet de Gio e sentei no sofá de dois

lugares na sala. Encostei a cabeça no encosto e fechei os olhos. Meu corpo pedia por descanso, mas minha mente só pensava em Sienna e no seu silêncio.

— Como ela está, Rico?

— Silenciosa.

— Imaginei.

Abri meus olhos, ergui minha cabeça e encontrei meu primo cabisbaixo, fitando o chão escuro da sala.

— Como assim, Gio?

— Sissi só se cala quando o que a aflige não se refere diretamente a ela. Com seus próprios problemas, ela sempre soube se virar muito bem. Mas se é algo que atinge as pessoas que ama, ela se retrai por não saber o momento certo de agir e ajudar.

— Mas, então, eu não sei...

— Se não é com você que, com certeza, é a pessoa que ela mais ama neste mundo definitivamente é com alguém que lhe é especial. A quem ela vê como um irmão ou irmã.

— Felipe.

— Lipe?

Apontei para o tablet que segurava nas mãos e vi a ligação de meu irmão. Pedi para que Gio esperasse e aceitei a chamada e passamos a conversar.

— Lipe.

— Oi, mano.

— Sua cara não está boa, Lipe. O que está acontecendo?

— Não é nada. Como estão todos por aí?

— Estamos todos bem, graças a Deus. Pelo menos fisicamente. Somente meu anjo que teve uma semana um pouco difícil. Algumas tonturas, vômitos e, quando não estava cozinhando, permaneceu em silêncio escrevendo em um diário que tia Helena lhe deu, ou lendo os livros novos que Carla comprou em sua conta no Kindle ou no mais completo silêncio. Só reconhecia a minha Sienna, quando ela estava em meus braços e...

— Menos, Rico. Sem detalhes sórdidos, porra! Já sou traumatizado o suficiente pra duas vidas inteiras.

Tive que sorrir da cara de nojo de Felipe, que logo voltou a ter a expressão triste do início da ligação.

— Ela me evitou a semana inteira, Rico. Só consegui falar com a moça bonita uma única vez.

— Não só você, mas todos ao seu redor.

— Mamãe está mandando beijos e disse que chega em poucos dias e aí sim você poderá organizar tudo para a festa da família De Angeli. Ela já enviou algumas instruções para tia Helena e Luciana. Dona Ana quer comemorar em grande estilo os seus 35 anos de casada.

— Certo. E minha encomenda, ficou pronta?

— Já está em minhas mãos.

— Perfeito.

Conversei um pouco com Levi e Carla sobre a surpresa que estávamos preparando e voltei a falar com Felipe sobre a música que queria que ouvisse, mas do outro lado da tela só recebi o silêncio e um olhar fixo em uma única direção.

— Olá, moça bonita.

Sem desviar o tablet de onde Felipe estava olhando, eu deitei minha cabeça no sofá e pude ver Sienna atrás de mim, com os olhos marejados.

— Oi. Eu preciso de seu perdão, Lipe.

— Perdoar o que, moça bonita?

— Eu sei que te magoei ao rejeitar suas ligações.

— Você nunca me magoaria, Sienna. Machucar, sim. A sua distância doeu demais. Mas vê-la triste traz mais sofrimento ainda. Eu queria estar aí bem perto de você. Poder te abraçar forte, apertado. Aquele abraço que te tira o fôlego. E arrancar toda a angústia que vejo transparecer em seu rosto bonito. Te proteger de tudo e de todos. Eu estou com saudades de vocês.

— Nós também estamos.

Sienna tocou seu ventre onde nossa filha até há pouco descansava e agora mexia sem parar.

Voltei meu olhar para Felipe, que agora sorria.

— Meu carinho está mexendo?

— Muito.

Lipe pegou seu celular e girou mostrando onde estava.

— Já estou no aeroporto, moça bonita, voltando pra casa. E acho que você tem algo pra me dizer.

Sienna não conseguiu mais segurar as lágrimas. Segurou a minha mão livre e deixou o pranto chegar livremente.

— Não, eu não tenho. Eu não posso interferir no que Deus sonhou para você.

— Mas moça bonita...

— Sem mas, Lipe. Você é dono de seu destino. A escolha de aceitar os desígnios e preceitos de Deus para você é somente sua. Só me prometa que estará de coração aberto. Esse lugar em seu peito já está cansado de estar só. Ele necessita ser habitado. Precisa ser preenchido.

— Mas a pequena luz me disse que você tinha um presente pra mim. Era algo antigo, que estava perdido e você encontrou.

— Sim, eu encontrei. Mas está quebrado. Precisa ser restaurado. E ninguém entrega um presente assim.

Era como se Lipe tivesse entendido tudo que Sienna havia falado. As lágrimas silenciosas que rolavam pelo rosto de meu irmão diziam mais que qualquer palavra que pudesse ser pronunciada.

— Cuide bem do meu presente.

— Estou cuidando.

— E meu pequeno tesouro, como está?

— Dudu está com saudades. Ele se fechou mais depois da sua partida.

— Daqui a pouco, eu estou em casa. E vou cuidar do meu menino.

Sienna soltou um gemido baixo, sua respiração acelerou e mais lágrimas caíram por sua face.

Peguei o tablet e passei a falar com Lipe:

— Ela está nervosa. Antônio deve estar chegando junto com Fernando para examinar Sienna.

— Nando?

— Sim. Agora que se especializou, ele decidiu voltar pra casa e Antônio lhe deu um emprego na clínica.

— Onde ele está morando?

— Mamãe deu o chalé na beira do lago pra ele morar até a reforma da casa da tia terminar aqui do lado da Villa e poder se mudar. Acho que, em breve, a tia Sabrina deve estar voltando pra Itália. Dona Ana ficará feliz em ter a irmã perto dela novamente. Pelo menos, enquanto estiver passeando na Villa De Angeli.

— Oh merda! Mais um médico na Villa. E esse é safado de natureza. Porra de mundo injusto. Esconde a moça bonita do tarado de jaleco branco. Homem dos infernos aquele!

— Minha mão já deu vários beijos na nuca dele.

— Filho da puta. Eu sabia. Aquele olho de águia deve ter ido direto pra bunda da moça bonita.

— Esse você pode xingar. Mesmo que eu ame a tia de todo coração, mas falar que a dianteira da minha mulher teria um encaixe perfeito nas mãos dele foi foda.

— Mexer nas mamadeiras da Bella, aí é sacanagem.

Já recuperada de seu pranto, Sienna deu leves tapinhas em meu ombro.

— Vocês estão cientes que eu estou aqui, né?

Eu, Felipe e agora Levi, que também aparecia na tela, respondemos juntos, acenando com a cabeça pra cima e pra baixo.

— Sim, senhora.

— E iam continuar a falar se eu não tivesse interrompido?

— Sim, senhora.

— Vocês não prestam. E o primo de vocês também não.

— Nós sabemos.

As respostas vinham em uníssono e as gargalhadas também. Ao menos nossa intenção de fazê-la rir deu certo.

Ouvimos o anúncio do voo e Felipe precisava

encerrar a ligação, mas antes chamou Sienna para contar um recado dos fofoqueiros de pequena luz.

— Ela falou novamente de um sorriso, moça bonita. Mas, dessa vez, foi diferente. Ela disse que seria tão puro, doce e ingênuo como o de seu irmãozinho que tinha acabado de nascer. E agora eu estou mais confuso do que já sou de nascença.

— Descanse em Deus e espere acontecer. A vida tem que ser leve, assim como o nosso coração. Se ele estiver pesado, cheio e apertado, as coisas boas não conseguirão entrar. E entre elas está o amor. Então, viva a vida leve e apegue-se somente ao que te faça feliz.

— Obrigado, moça bonita. Já pedi pra Rico cantar aquela canção para o meu carinho essa noite, que amanhã nós estamos chegando e Levi que vai cantar pessoalmente pra ela, porque, porra, o segundo irmão mais velho, manda malzão na cantoria. E também você conhecerá uma amiga e um amigo muito especiais dos De Angeli.

— Vou preparar um almoço delicioso para todos e misto-quente com ovos e bacon para o seu café da manhã.

— Me ama.

Lipe mandou um beijo junto com a porra de uma piscadela pra minha mulher e eu nem deixei Sienna responder. Mas antes de encerrar a ligação, fiz questão de

lembrar que a vingança por cantar mulher alheia agora viria de Fernando, já que Levi também estava comprometido.

Xingando inúmeros palavrões, ele encerrou a chamada de vídeo, enquanto eu, meu anjo e Gio continuamos a gargalhar da cara de desespero de Lipe só em imaginar o primo aproximando-se de uma mulher que viesse a amar um dia.

Giovanni pediu licença e se retirou da sala, indo em direção à cozinha encontrar tia Helena e Sienna veio para o sofá e sentou ao meu lado.

Peguei meu anjo e coloquei no meu colo e, como já a conhecia, esperei calado até ela começar a falar:

— Eu acho que a encontrei, Rico.

— Quem?

— A mulher da tatuagem idêntica a de Lipe.

— Mas como? Ela é brasileira, Sienna.

— Nós também e estamos do outro lado do mundo.

— Quem é ela?

— A aeromoça que você viu aquele dia saindo do
Piacere.

— Mas ela é a...

— Sim. A mãe de Eduardo.

— Oh, merda!

— Se ela realmente for a moça que abandonou Lipe há oito anos, isso daria uma bela história de um livro, Rico.

— Eu sabia que não ia parar no livro de Dan e Nelly. E ainda estou terminando o nosso e agora descobri o da *nonna* também.

— O que tem a *nonna*?

— Eu li alguns de seus diários.

— A história dela deve ser muito bonita.

— Engano seu, anjo. Ela derramou muitas lágrimas, teve seus joelhos marcados, não por tombos e sim por se prostrar em oração para suas súplicas serem ouvidas. Para dar à luz a papai e tia Helena, a minha *nonna* sofreu grandes perdas. Foi humilhada diversas vezes. Sofreu preconceito pela própria família. E mesmo assim ela escolheu o amor. Os De Angeli não existiriam sem os sacrifícios de dona Isabella.

— É seu próximo projeto?

— Sim.

— Já tem título?

— Tem. Veja se gosta. Se chamará *Promessa do Destino*.

— Eu vou ler antes de todos, né?

— Você e Carla.

— E por que esse título?

— Venha comigo.

Levantei Sienna de meu colo, peguei em sua mão e logo chegamos até o escritório. Tinha deixado todo meu material de pesquisa em cima da mesa e com um marcador de páginas, demarcando o texto que definia o título do livro.

— Leia.

Sienna segurou o velho diário nas mãos e leu as letras delicadas de minha *nonna*:

— Palavras lançadas ao vento foram levadas para tão longe, que a esperança de recuperá-las já havia sido perdida. Mas era uma promessa feita para selar o destino de dois corações que se pertenciam. E ele nunca deixaria de cumpri-la. Como ele assim o fez.

Sienna fechou o diário, mantendo a marcação e me devolveu.

— Eu queria tê-la conhecido.

— Ela teria orgulho de ter você em sua família, assim como papai e mamãe já tem. E falando neles, alguns presentes para o quarto de Bella estão chegando hoje. Seu irmão precisou vir antes para casa e já trouxe um pouco. Esses são pra casa da árvore.

Ouvimos um grito vindo da sala e os olhos de meu anjo passaram a refletir um brilho intenso. Ela reconheceu a voz e saiu em disparada para a sala.

— Cheguei, princesa.

— Giulio.

Ouvindo o riso dos dois, eu encontrei o meu anjo abraçada ao irmão, rodopiando pela sala.

Giulio colocou Sienna no chão, beijou seus cabelos e veio em minha direção. Apertou minha mão e lhe dei as boas-vindas.

Os dois sentaram no sofá e Giulio pegou vários embrulhos de presente e Sienna começou a abrir um a um, encantada com a delicadeza de tudo que mamãe havia escolhido para Bella.

Ouvimos algumas batidas na porta da frente e Juju apareceu para atender.

Logo Antônio e Fernando chegaram na sala.

— Meu abraço, minha menina, cadê?

Sienna deixou as pequenas peças de roupas em cima da mesa da sala e lançou-se na segurança dos braços de seu pai.

— Eu também quero um abraço, prima.

Nando sorriu e piscou para minha mulher e antes que eu pudesse levantar e me colocar na frente de meu anjo, Giulio fez isso por mim.

— Se quer preservar o emprego, mantenha uma distância bem significativa delas, seu folgado. Totalmente fora de área pra você as minhas duas irmãs. Entendido?

Giulio tinha uns 15 centímetros a mais de altura que Nando, que intimidado somente ergueu as mãos em sinal de derrota.

— Sim, senhor. Posso, pelo menos, examinar a prima?

— Mas nunca você encostará um dedo nela.

Giulio girou o corpo e deu de cara com uma Sienna meio brava, com as mãos na cintura e batendo o pé repetidas vezes no chão.

— Eu sou bem grandinha e sei me defender

sozinha.

— Não, não sabe. O idiota ali engravidou você, não foi? E ainda não se redimiou com a sua família.

Sienna agora olhava intensamente pra mim. E após algum tempo voltou-se pra Giulio.

— Tem razão e ele ainda diz que eu sou dele.

Aí eu tive que me pronunciar.

— E é.

— Não mesmo. Meu pai não recebeu nenhum pedido.

— Me aguarde, anjo. Está perto. Tudo será feito como merece. Será único e especial.

— Assim esperamos. — Foi a vez de Antônio se fazer ouvido por todos e puxar a filha para sentar ao seu lado no sofá. — Você não aparenta estar passando mal. Que aconteceu?

— Só precisava aliviar o coração.

— Está tudo bem, agora?

— Sim.

— Ok. Então, vou voltar pra clínica. Como Giulio

chegou hoje, eu ainda tenho pacientes pra atender no lugar dele. E Fernando também.

Antônio levantou e beijou a testa da filha e, com um aceno de cabeça, se despediu juntamente com Fernando.

Sentei ao lado de Sienna e a aconcheguei em meus braços.

— Carla pediu para te mostrar três modelos de lembranças para maternidade. Estão nessa caixa. Vou deixar com você pra escolher com calma, pois tenho que me encontrar com Chiara na outra clínica que ela atende crianças com um tipo específico de câncer.

— Eu conheci a clínica, Giulio. Chiara me disse que papai ajuda a manter a instituição. Enrico e eu também queremos ajudar.

— Obrigado, princesa. Não só as crianças como os adultos serão gratos por esse gesto.

— É de coração.

— Eu sei. Agora vou indo. Aqui está a caixa. Não sei qual deles irá escolher, mas eu gostei das bolinhas de tecido que são pequenos sachês. São idênticas as que dona Ana me mostrou e que presenteou a todos na maternidade, quando teve seus quatro filhos.

— Então, uma delas será essa.

— Boa escolha.

Giulio se despediu e logo saiu, deixando-nos a sós.

Voltei ao meu trabalho no livro de Dan e Nelly e Sienna passou a tarde bordando uma roupa vermelha que Bella usaria no primeiro dia de vida.

A noite chegou trazendo consigo uma chuva forte e fria. Enquanto Sienna tomava um banho para que pudéssemos assistir um filme juntos, eu fui para a cozinha fazer uma das poucas coisas que sabia cozinhar. E nessa receita eu me garantia. *Nonna* fez questão de dar muitos puxões de orelha até ficar perfeito ao seu paladar.

Servi a sopa de ervilhas com torradas e após o jantar nós seguimos para a sala de vídeos. Já tinha deixado meu violão ao lado do sofá.

Após o término do filme, eu peguei o instrumento e passei a dedilhar o louvor que Lipe tinha me pedido para entoar para Bella.

Fechei os olhos e passei a cantar meditando em cada palavra que saía por meus lábios.

Os sonhos de Deus são maiores que os meus.

Ele vai fazer o melhor por mim.

Ele vai além do que eu posso ver.

Ele faz o que eu não posso fazer.

E naquele instante eu descobri o que Felipe quis passar através daquela canção. Não era para falar ao coração de Sienna, mas sim ao meu. Era para que entendesse que se não tivesse dado tudo errado, o certo não teria chegado. Era necessário passar pela prova para vir a vitória. Era preciso sofrer a decepção para hoje agradecer pela alegria. Eu tive que cair e buscar forças na fé para voltar a permanecer de pé.

Dedilhei mais algumas notas e imagens da farsa que um dia vivi fluía livremente por minha mente. Sorrisos falsos. Suspiros mentirosos. Era puro engano.

Mas lembrar agora não trazia mais dor. Tinha cicatrizado. As marcas ficariam. E eu fazia questão que elas estivessem ali. Me faziam lembrar que foi preciso matar uma paixão e assim renascer para o amor.

Abri meus olhos e encontrei o que almejava enxergar por todos os dias que vivesse: um olhar de amor.

Continuei a cantar até o fim como havia dito a Felipe que faria.

Deus vai cumprir os seus planos em mim.

Ele vai fazer o que lhe apraz.

Sou pequeno e falho, mas Ele é Deus.

Ele só faz o melhor pelos Seus.

E ao terminar a última nota eu deixei que saísse por meus lábios o que só o papel conheceu através de minha escrita e depois meus pais e meus irmãos ao lerem minhas palavras:

— Eles não eram meus. Ela me traiu.

Capítulo 22

Enrico

— Ela me traiu, anjo.

Fechei os olhos ao sentir o toque delicado dos dedos de Sienna em meu rosto.

— Eu sei.

— Eu imaginei que soubesse. Você não se assustou quando confessei o segredo que me machucou durante um ano. Há quanto tempo você sabe?

— Desde o primeiro dia que estivemos juntos. Na praia, no réveillon. Você me disse em meio a embriaguez que a sua esposa...

— Ela nunca foi minha esposa, anjo.

— Vocês eram casados, Enrico.

— Somente no papel, Sienna. Casamento é união, não só de corpo, mas especialmente de alma. E isso eu tenho com você. Fabiana me traiu desde o começo. E se não bastasse, foi com alguém muito importante em minha vida.

— Isso você não me contou.

— Ela morreu praticamente em meus braços, confessando que o amava, a voz falhando, sussurrando o quanto queria viver para poder enxergar nos filhos o homem que tanto amou.

— Isso ainda te machuca?

— Não, meu anjo. Só não entendo por que ela não ficou com ele.

— Talvez por não ser correspondida.

— Eles fizeram dois filhos juntos, Sienna. Algum sentimento entre eles deveria existir, sim. Se não o amor, pelo menos uma forte atração por parte dele.

— Procure-o.

— Não sei se estou pronto.

— Se você abriu o coração para mim e, dessa vez, sem ser sob o efeito do álcool, quer dizer que está preparado para dar mais este passo, Rico. É tempo de perdão.

— Perdão é algo difícil, anjo.

— Pedir perdão exige coragem, mas perdoar exige amor. E perdando, você se liberta. Se sente leve, livre e aliviado, preparado para recomeçar e escrever novas páginas na história de sua vida.

Puxei Sienna para meus braços e deitei sua cabeça em meu peito. Enquanto acariciava seus cabelos sedosos, eu sentia o cheiro de pêssegos que tanto amava. Esse perfume me tranquilizava e trazia paz. Sienna tinha cheiro de lar. Minha casa, meu refúgio.

— Você me acompanha?

— Para onde você quiser.

— Então, depois que Dan e Nelly voltarem para o Brasil, nós temos um encontro marcado com o meu passado.

— O meu também, Rico. Só não me peça para contar agora. Eu prefiro falar disso uma única vez. Eu vou reencontrá-lo depois de dez anos. E me sinto uma tola porque, ao invés de somente sentir raiva, eu ainda sinto

uma ponta de saudades dele.

— Quem te feriu era especial, não era, anjo?

— Como um irmão.

Peguei uma manta que estava dobrada ao lado do sofá, deitei e aconchegando Sienna em meus braços, nos cobri.

Coloquei um filme na TV e acho que tanto eu como meu anjo não estávamos prestando atenção em nada do que passava na tela. E nem era necessário. Estávamos juntos nos braços um do outro. E isso era o que importava.

— Vou sentir falta do silêncio.

Sienna ergueu um pouco a cabeça e sorriu.

— Não, não vai. Você sente a falta deles. Todo o café da manhã eu te peguei olhando a cadeira vazia à sua frente. E enquanto digitava também. Era como se estivesse faltando o essencial pra você.

— Sou tão transparente assim?

— Sem dúvidas. E eu te entendo. Sua saudade é idêntica a minha. Falta o riso de Felipe e o carinho de Carla nessa casa.

— Falta mais, anjo. Sinto saudades da cumplicidade de Levi. Ele é o mais reservado de nós

quatro, sabe. Mas é aquele que enxerga o que tentamos de todas as formas ocultar. Sinto falta do amor e da sabedoria de meus pais. Na Itália, eu renasci para minha vida profissional, eu encontrei o amor, amigos e até mesmo a minha fé...

— Mas falta aqui o seu vínculo mais antigo, Rico: a sua família.

— Sim.

— Posso estar enganada, mas sinto que isso está prestes a mudar.

— Concordo. E o motivo tem nome e sobrenome: Isabella Martinelli De Angeli.

Sob a manta eu toquei o ventre de Sienna, sentindo os pequenos tremores que minha filha lhe proporcionava. E esse novo ser nem imaginava o quanto era amada e esperada. E sem querer já havia mudado o destino de todos os De Angeli.

Ainda pela madrugada, eu tomei Sienna nos braços e a carreguei até o nosso quarto, depositando-a com carinho na cama. Ela ainda dormia tranquilamente. Mas sei que logo despertaria, pronta para deixar a casa preparada para receber meus irmãos e amigos. E era hora de seguir para Siena e buscá-los no aeroporto.

Tomei um banho, coloquei uma roupa e sapato confortável e peguei a chave do carro na mesa da sala de visitas.

Hulk já estava acordado e perambulando pela casa, como se estivesse à procura de algo.

Me ajoelhei à sua frente, o peguei no colo e passei algum tempo acarinhando sua cabeça.

— Preciso ir, amigo. Cuide da casa, viu? Eu vou e volto rápido. E vou trazer companhia. Acho que deve estar com saudades daquele cretino do meu irmão mais novo. Bom, quem não estaria? Ele é, sem dúvidas, a alegria da casa. Que ele nunca saiba disso, ok? Segredo nosso.

Coloquei Hulk no chão e tranquei a casa. Pietro já me esperava do lado de fora, encostado em seu carro, com uma cesta na mão, coberta por um pano branco.

— O que é isso?

Com a mão livre, Pietro apontou para a cesta e logo depois para a grande janela do meu quarto. E lá estava Sienna, envolta por um roupão branco, seus cabelos soltos e olhos ainda inchados. Pelo visto, tinha acabado de levantar. E mesmo assim era tão linda como uma bela deusa grega.

— Meu anjo.

— Ela veio pela porta dos fundos, me entregou a cesta e correu pra dentro de casa novamente.

— O que ela preparou?

Pietro ergueu o tecido e passou a avaliar os itens dentro da cesta.

— Duas garrafas grandes de água, mulher sábia. Ela tem noção que a distância até Siena é longa e as duas antas aqui, nem sequer lembraram disso.

— Sábia e minha.

Pietro sorriu.

— Eu sei, homem das cavernas. Voltando a cesta. Nós ainda temos café, queijo, pão e, espere um pouco, que esse está embrulhado.

Pietro ergueu o embrulho no tecido azul-claro e levou próximo ao rosto.

— Hum... Delícia! Eu sabia. Só precisava sentir de perto para confirmar. Bolo de queijo com goiabada.

Pietro deu outro sorriso e, dessa vez, mais largo.

— Já passou da hora de pedir Sissi em casamento, né, idiota? Lembre-se de que quando se enxerga uma joia rara e preciosa, os olhos crescem e a vontade de tê-la somente para si é quase que insana. Então, deixe de ser

trouxa e marcha lenta e faça o pedido. Nico ainda está lá em casa, só esperando um pequeno vacilo seu.

Senti o corpo tremer da raiva súbita que me consumiu naquele instante.

— Ele não desistiu?

— Sim. Mas eu não ia perder a chance de te ver surtar, nem se fosse um pouquinho.

— Já disse que você é um imbecil?

— Hoje não.

— Imbecil! Vamos embora, que já está ficando tarde.

Pietro jogou uma garrafa de água pra mim e segui para garagem. Entrei e dei a partida no carro e com Pietro atrás no outro automóvel, seguimos direto para o aeroporto.

Algumas horas mais tarde, chegamos no aeroporto e aguardamos o desembarque.

Logo visualizamos que o avião deles havia pousado e eu pude respirar aliviado. Eles estavam em solo italiano e seguros.

De longe, eu pude ver os longos cabelos vermelhos da pimentinha e sua barriga bem redonda dos trigêmeos.

Recebi o sorriso que tanto amava e abri meus braços para recebê-la. Ela largou a pequena bolsa que estava nas mãos, pelo chão, e correu no limite que podia para os meus braços. E eu a abracei apertado e com carinho.

— Saudades, Rico. Eu quero olhar pra você. — Me afastou e passou a me observar atentamente. — Você está sorrindo, Enrico. Ela te faz bem?

— Ela me faz sonhar. Me inspira. Me faz querer ser a cada instante a razão de vê-la feliz.

— Preciso agradecê-la por isso. Ela trouxe o nosso Rico de volta.

— Não, pimentinha. Ela...

— Ela fez nascer uma versão mais linda e melhorada de Enrico, moranguinho. Ei, mano, cadê meu abraço? — Carla estava com um sorriso lindo nos lábios e de braços abertos, esperando por mim.

— Oi, pequena. — Abracei minha irmã e toquei sua face com carinho. A saudade de Carla já era imensa. E tê-la por perto era a sensação de que tudo estava voltando para o seu devido lugar. Meus irmãos eram meu equilíbrio.

— Como ela está?

— Bem. Teve algumas tonturas essa semana, mas foi atendida pelo médico novo da *Villa*. Acho que você vai

gostar dele.

— Italiano?

— Sim.

— Maravilha. — Carla saiu batendo palmas e arrastou nosso amigo para apresentar a Dan e Nelly. — Pietro, essa é a nossa moranguinho. Nelly é esposa de Daniel.

— Olá, Pietro — Dan cumprimentou-o.

— Nelly, já ouvimos muito sobre você. Sejam bem-vindos a belíssima Itália. Tenho um delicioso *cappuccino* à espera de vocês no nosso Café.

— Tem *brownie*? — Os olhos de Nelly brilhavam enquanto acariciava seu ventre.

Pietro sorriu.

— Temos sim. E com o toque brasileiro. Feito pelas mãos de fada de Sienna.

— O que estão esperando? Tenho três crianças na barriga me chutando. Isso é fome, gente.

— Ninguém deixa meu afilhado faminto. Vamos embora. Ah... Rico. Meu rostinho já está pronto pra outra. Estou louco pra abraçar Sienna por trás. A bunda dela cresceu, porra! Tá mais gostosa. — Meu irmão nunca

perderia a chance de me provocar. Sorriu sarcasticamente enquanto alisava uma mão na outra.

— Seu idiota! Eu vou te...

Lipe saiu correndo e rindo em direção aos carros. É lógico que ele foi junto com Pietro, Levi e Gisele. Pelo menos agora, ele tinha escapado de um tapa na orelha.

Carlinha veio comigo no carro, junto com Dan e Nelly e ia lhes apresentando as belezas da pequena cidade na medida em que passávamos. Chegamos em frente ao *Piacere*. E ela mostrou o *bed and breakfast* e os pequenos chalés e se surpreendeu ao mostrar para nossos amigos o café e restaurante. Eles não sabiam da expansão.

— O que é isso, mano?

— Meu presente de noivado.

— Como assim?

— Só eu, papai, Lipe, Pietro e Gisele sabíamos.

— Não estou entendendo nada.

— Papai e Gisele porque eu precisava para mobiliar e idealizar o ambiente. E Lipe e Pietro, pois necessitava que aprovassem o projeto e liberassem o espaço para construção, afinal são os sócios de Sienna.

— E o que está sendo construído?

— Uma loja de doces para o meu anjo. Ela terá o seu próprio espaço, junto ao café e restaurante.

— Já escolheu o nome, Rico?

— Não, eu estava à sua espera, pequena.

— Vou pensar com carinho.

Segui devagar para que Daniel e Nelly conhecessem a entrada da Villa De Angeli, mas logo estava estacionando em frente à casa grande.

Buzinei e meu anjo e Juju saíram para nos receber. Dei alguns passos à frente e chamei Sienna, sorrindo, que para minha surpresa total, passou direto e se jogou nos braços de Felipe.

— Isso não é justo, anjo.

— Ei, mas é claro que é, Rico. Eu sou irresistível, lindo e gostoso. — Felipe a abraçou e, sorrindo sarcasticamente, me lançou uma piscadela.

— Me deixe ver seu rosto. — Sienna olhou com atenção o rosto de Felipe. — O roxo saiu. Se ele sequer ameaçar te bater, me conte tudo. Ele vai fazer companhia para o Bob no quintal.

— A casa do Bob é confortável, Sienna. Falando nele, eu trouxe a nova placa da casinha com o nome oficial

do nosso garoto: Hulk. O cara.

— Quem disse que ele vai dormir com ele? Ninguém tira o cachorro que ele mesmo me deu da casinha dele. Vai ficar no colchão do lado de fora.

Nelly começou a gargalhar e contagiou a todos ao seu redor que riam da atitude da mulher que bagunçou por completo o meu pequeno mundo. Depois que a pimentinha conseguiu respirar e parar de rir, ela se aproximou de meu anjo e se apresentou.

— Muito prazer, Sienna. E já posso dizer que gostei de você.

— Oh, meu Deus! Me desculpem por isso e pela minha indelicadeza de nem me apresentar. Mas é que...

— Lipe é Lipe. Eu sei. É especial demais. E se a sua saudade tem o mesmo tamanho da que eu sinto quando ele está aqui, eu sei que é grande demais.

Daniel deu dois tapas nas minhas costas.

— Você sabe que está fodido, né, amigo?

— Eu sei. Sorte sua que mora longe dele. Já pensou viver embaixo do mesmo teto que ele e ver a sua mulher preparar ovos com bacon para o café da manhã, só porque o idiota tá com vontade?

— Bendita seja a distância que nos separa.

Sorri e convidei a todos para entrar na casa. Passei a mão na cintura de Sienna e ela sussurrou próximo ao meu ouvido:

— Eu não sou sua mulher.

— Ainda, anjo. Ainda.

Sienna sorriu e me abraçou. Ao entrarmos na casa, apresentei Juju para os nossos amigos. E Nelly vibrou ao rever Giovanni e Vincenzo. Eu sabia que a pimentinha estava curiosa e sem entender a presença de Giulio em nossa casa. Mas antes que tudo lhe fosse esclarecido, Sienna informou que o lanche estava servido na cozinha.

Nelly se impressionou ao ver a fartura em cima da mesa. Seus olhos brilhavam ao olhar cada uma das guloseimas que meu anjo havia preparado.

— Por favor, se sirvam e fiquem à vontade e espero que gostem do lanche que preparei. Foi com muito carinho.

— Senhor, isso é um lugar de delícias. Eu não sei o que provar primeiro. — Os olhos de Nelly percorriam indecisos por cada uma das bandejas e Sienna sorria enquanto lhe estendia uma bandeja.

— Acho que gostará destes. Prove.

— *Brownies*. Oh, meu Deus! Como você sabia?

— Carla ligou e me passou tanto os seus gostos culinários quanto os de seu esposo.

Nelly agradeceu e sentou ao lado de Dan, Gio e Vince, e passaram a se servir. Também ia fazer o mesmo, mas Carla me puxou para um canto da cozinha.

— *Un luogo di delizie* ou somente *Delizie*.

— Um lugar de delícias. Perfeito, pequena. Esse é o espaço de Sienna. Obrigado.

Carla deu um beijo em minha face e se juntou aos demais na mesa.

Levi e Gisele entraram na cozinha e os olhos de Sienna tornaram-se rasos de lágrimas ao ver o que ele trazia nas mãos.

Ele ajoelhou-se à sua frente e tocou seu ventre, deu um leve beijo e entregou o presente ao meu anjo.

— Eu vou tocar e cantar para ela ninar todos os dias. E quando ela crescer, vou ensiná-la a usar este instrumento. Então, por enquanto eu cuidarei dele.

Sienna passava as mãos com carinho no violão todo branco e no destaque em cor-de-rosa do nome de nossa filha.

— Todos os dias?

— Sim.

— Eu não entendo, Levi.

— Entenderá em breve.

Meu irmão sorriu e beijou novamente a barriga de Sienna, e lhe disse que, após o lanche, ele cantaria para a nossa menina. Gisele passou e beijou os cabelos de meu anjo e tocou seu rosto recolhendo suas lágrimas e dizendo que também estaria conosco todos os dias.

Ouvimos passos vindos do corredor e logo após um grito agudo.

— Merda!

Sienna começou a rir baixinho e me estendeu a mão. Entreguei-lhe o curativo que estava ao lado da bancada da cozinha e ela esperou que o infeliz chegasse à cozinha.

— Cheguei.

Passou por todos e estendeu a mão para Sienna.

— Obrigado, moça bonita. Meu dedinho mindinho te ama incondicionalmente.

Lipe puxou a cabeça de Sienna para trás e beijou

sua testa.

Gio que estava com a boca cheia, levantou o dedo e esperamos até ele engolir o pedaço de bolo de brigadeiro.

— Vamos tirar aquele museu do corredor. Todos se machucam ao passar por aquela máquina de costura.

— A *nonna* pediu para não mexer, Gio — eu falei, mas fui voto vencido. Todos estavam convictos a retirar a máquina do corredor.

— Esperem, os nossos pais chegarem então. Somente eles têm o direito de mudar de lugar ou se desfazer do que foi da mãe deles.

Todos concordaram e voltaram para as guloseimas.

Sienna puxou Lipe pela mão e o levou até a geladeira. Abriu a porta e mostrou algo para ele.

Meu irmão fechou a porta e se colocou na frente como um soldado preparado para uma guerra. Olhou diretamente para Daniel e apontou o dedo.

— Você, moço bonito, mantenha distância. Lembre-se da cena que protagonizamos algum tempo atrás, onde minha mão teve um lampejo de paixão por sua cara e te bateu legal. Então, você e minha torta de limão são inimigos mortais. Tá avisado! Conte-se com a

moranguinho que eu me divirto com as outras frutas.

O safado sorriu e piscou para Daniel, que lhe deu o dedo do meio, pois não podia falar, devido a boca cheia de pão de mel. E antes de sentar na cadeira e tomar café, perguntou se alguém tinha notícia de Dudu. Sienna lhe respondeu que ele estava viajando com a mãe, mas que dentro de uma semana estaria retornando.

Juju, Vince e Gio assumiram a limpeza da cozinha e nós seguimos para a sala de visitas e encontramos Giulio acompanhado de Chiara e um homem de pé na frente deles.

Carla parou ao meu lado e observou o homem de costas.

— Rico, esse homem não me é estranho.

— É o novo médico da *Villa*.

— O italiano que você me disse?

— Sim e com um pé no Brasil também.

Carla olhou um pouco mais para o moço que já estava com os ombros tremendo levemente de tanto rir baixinho da situação, pois estava ouvindo tudo que conversávamos devido a pouca distância.

— Já admirou bastante, prima? Posso te abraçar agora?

Carla me olhou de olhos arregalados sem acreditar no que estava acontecendo.

— Não. Fala que é mentira, Rico.

Lipe chegou por trás de nós dois e passou os braços por nossos ombros.

— Ah, mas é a mais pura e dolorosa verdade, mana. É o tarado de jaleco branco estilo Grey's Anatomy em carne, osso e pura safadeza, em pé na nossa sala. E a concorrência de galã da Villa De Angeli só aumenta. Às vezes, a vida é mais cretina do que eu. Eu não mereço isso.

Lipe balançava a cabeça de um lado para o outro como se o tempo pudesse apagar a visão de nosso primo da nossa frente e Carla se soltou de nosso irmão, abriu um belo de um sorriso e correu em direção a Nando se jogando em seus braços, enlaçando as pernas na sua cintura e dando vários beijos em seu rosto.

— Segura pela bunda e morre.

Giulio já estava em pé, pronto para retirar Carla dos braços de Nando.

— Eu nunca faria isso, doutor.

— Ah, faria sim, infeliz.

Nando deu um pequeno sorriso torto e entregou Carla a Giulio, que a segurou diretamente pela bunda.

— Estamos cercados pela safadeza, Rico. Olha a situação catastrófica. A bunda da nossa irmã sendo apalpada na nossa frente e não podemos fazer nada, porque você é um tarado que faz o mesmo com a irmã dele.

Lipe que ainda me segurava pelo ombro tinha um olhar fixo agora em Sienna que seguia rumo à poltrona do outro lado da sala para se sentar. E quando ele ficava em silêncio certo tempo e, por sinal, estava pensando, certamente não vinha coisa boa pela frente.

— Não.

— Sim.

— Se abrir a boca, vai tomar tapa na orelha.

— Mas eu quero falar.

— Não.

A atenção de todos os presentes estavam em nós dois que ainda discutíamos.

Sienna que tinha acabado de sentar e agora já estava em pé, levantou as mãos e deu um grito.

— Silêncio. Deixe-o falar.

— Mas, anjo...

— Deixe.

Lipe apertou meu ombro e deu um sorriso vitorioso, me soltou e seguiu em direção a Giulio, mas antes passou a mão no braço de Levi e o arrastou junto.

— Doutor?

— Algum problema, Felipe?

— Comigo não.

— Então?

— Assim. Só uma pergunta.

— Espero que eu não me arrependa disso. Pois faça a pergunta.

— Assim. É normal o crescimento ser proporcional tanto na dianteira quanto na traseira? Porque, porra, doutor! A bunda da moça bonita tá três vezes maior do que quando viajei. Gostosa pra caramba!

Giulio desceu Carla de seu colo e Levi se colocou na frente de Felipe e eu vi o que ninguém viu. Meu irmão mais velho girou a palma da mão para trás e Lipe deu um toque em sinal de cumplicidade. E quando Giulio ia abrir a boca pra revidar, Levi ergueu um dedo e o silenciou.

— Uma lição, doutor. Nunca apalpe a bunda de uma irmã alheia na frente de seus irmãos. Você toma bonito o troco. Fica a dica.

Levi piscou para Sienna, que não aguentou e gargalhou da situação até ser interrompida por Nelly.

— Alguém pode me explicar o que está acontecendo aqui?

Sienna respondeu:

— Bom, em resumo. O tarado de jaleco branco está trabalhando na clínica da *Villa* que, por sinal, pertence ao meu pai, que até a poucos dias eu não sabia que existia. A minha cunhada está namorando o meu irmão, ou seja, ela será minha cunhada dos dois lados.

— O doutor Giulio é seu irmão?

— Sim.

— Senhor, e eu que pensei que só a minha vida louca que daria um livro. A sua dá uma série inteira.

Sienna sorriu enquanto segurava a sua barriga que de longe dava para perceber as ondulações que Bella fazia enquanto se mexia sem parar.

— É uma verdadeira bagunça, mas que eu não troco por nada neste mundo. Agora eu necessito me sentar

porque a minha filha não parou de chutar desde que os tios chegaram.

— Já imaginou os chutes de três ao mesmo tempo?

— Não. Mas essa aqui dentro é sobrinha de Felipe.

Nelly olhou para Felipe que em meio a um sorriso safado lhe soprou um beijo.

— É, amiga, sente e descanse. Você merece. É uma heroína.

Lipe gargalhou e do outro lado da sala disse o que todos já esperavam ouvir:

— Eu sou foda!

Tivemos um dia tranquilo e superagradável, mas, à noite, Pietro e seus irmãos fizeram um pequeno banquete para Dan e Nelly em frente ao lago da *Villa*.

Foram horas agradáveis junto a nossos amigos. Rimos com as brincadeiras de Lipe, com as histórias de Pietro e seus irmãos e até das danças desengonçadas de Giovanni.

Levi pegou seu violão e começou a dedilhar a canção *Love me like you do*.

— Dance, ruiva. Eu quero te ver leve.

Levi não precisou repetir. Nelly levantou do banco onde estava com Daniel e foi para a beira do lago.

Começou a dançar e logo ele se juntou a ela. Eram dois corpos e almas em perfeita sintonia. Foram aplaudidos ao final de sua dança. Logo se despediram de todos e seguiram para o meu lugar especial, no qual passariam a noite. Era a tenda que tinha pedido para Gisele desenhar. Aquele era o nosso recanto enquanto a casa que tanto sonhamos estava em construção.

Sienna teve desejo de comer pizza e tivemos que voltar para casa, e como todos estavam cansados, somente Juju, meus primos e os Ferrari decidiram prolongar sua noite à beira do lago.

Já em casa, nós sentamos na sala de visitas e uma hora depois a campainha tocou. Me levantei e já ia para o quarto pegar a carteira para pagar o entregador, mas Levi me interrompeu no meio do caminho.

— Lipe, pega o dinheiro na minha carteira aí na mesa ao seu lado.

Lipe se esticou no sofá e pegou a carteira. Levantou e veio em minha direção enquanto a abria.

— Rico.

— Oi.

— Olha isso daqui.

Lipe abriu a carteira de Levi e dentro nós encontramos três pacotes de camisinha. Olhei para a cara de Felipe tentando entender o porquê dele encarar com tanta curiosidade as embalagens que agora estavam em suas mãos.

— Qual o problema, Felipe?

— É extragrande, Rico.

— E?

Felipe me encarou e deu um sorriso torto e totalmente sarcástico e, sem perceber a presença de Levi logo atrás dele, respondeu o meu questionamento:

— Mamãe tem que fazer bainha. Isso é grande pra porra e vai ficar enorme no Le. É propaganda enganosa com a pobre da Gi.

A mão de Levi foi direto na orelha de Lipe e sem um pingo de delicadeza o arrastou pela sala afora.

— Hora de criança ir pra cama, Felipe.

— Dói, caramba. E eu não tô com sono.

— Eu canto pra você dormir.

— Sério?

Os olhos de Felipe chegaram a brilhar diante das palavras de Levi.

— Não, né?

— Babaca. Eu queria.

E antes de chegar no corredor eu pude ver quando Lipe cruzou os braços e fez bico igual um menino pirracento e Levi gargalhava enquanto arrastava o nosso irmão para o quarto, totalmente bêbado do vinho da *nonna*. E eu seguia para pagar a pizza de meu anjo.

Na sexta, à tarde, estávamos todos reunidos na sala, enquanto Nelly, Sienna e Lipe assistiam o *Vale a Pena ver de Novo* na TV. O silêncio só poderia ser quebrado pelo barulho do pacote de um biscoito que virou obsessão dos três. Fui obrigado a pedir um estoque de Negresco ao meu pai no Brasil.

Mas Felipe estava incomodado aquele dia. Eu estava sentado e Sienna debruçada em meu peito. E toda hora, Lipe vinha em nossa direção e abaixava colocando o ouvido ou as mãos na barriga de Sienna na tentativa de sentir os movimentos de Bella.

— Ela não me quer hoje, moça bonita. Isso é estranho.

Sienna terminou de mastigar o biscoito e limpou o

canto da boca antes de responder:

— Também acho. Nem com o toque do pai ou com Levi cantando ela se mexeu.

Ouvimos a porta da frente abrindo e a voz grave e tão familiar preencheu todo o ambiente.

— Olá, família.

Sienna colocou a mão no ventre e com o susto deu um pequeno pulo no sofá.

— Ela mexeu.

Lipe olhou o nosso visitante e depois voltou a encarar o ventre de Sienna.

— Tá de sacanagem, né, carinho? Isso é traição. Tio Lipe está profundamente magoado por ser trocado pela versão mais velha dele. Vou me retirar do recinto porque a concorrência aqui é desleal.

Lipe levantou e seguiu rumo à entrada da casa e abraçou a nossa mãe e beijou seus cabelos. Dona Ana tinha lágrimas escorrendo por seu belo rosto enquanto olhava encantada para a barriga de Sienna. E a mesma expressão era visível no rosto de minha mulher. Era amor mútuo por um pequeno novo ser. As duas estavam se entendendo com uma simples troca de olhar.

Lipe abraçou papai.

— Também te amo, viu, pai? Mesmo você sendo mais foda do que eu.

— Olhe a boca, moleque!

Papai retribuiu seu abraço e deu um beijo na testa de Felipe. E caminhou em direção onde estávamos sentados e se ajoelhou em frente à Sienna.

— A sua bênção, pai.

— Deus que te abençoe, meu filho.

Levantei para cumprimentar minha mãe que estava sendo abraçada por Dan e Nelly.

Logo dona Ana já tinha se juntado a papai e viviam um momento especial em que conheciam a mulher que curou a minha alma ferida e trouxe vida e luz ao nosso lar.

— Você a ama. — A voz de Nelly era firme e segura ao fazer essa afirmação. E eu respondi de imediato.

— Ela me compreende mais do que eu mesmo. E com apenas um olhar ela me desvenda, me decifra e, ao mesmo tempo, consegue me dizer muito mais do que qualquer pessoa com mil e uma palavras. Sim, eu a amo.

Capítulo 23

Sienna

Meu coração disparava no peito enquanto minhas mãos já estavam ficando molhadas devido a ansiedade por finalmente conhecer os pais do homem que eu amava. E o medo de não estar à altura do que almejavam para a companheira de seu filho, era algo tão real que me faltava o ar.

Mas, como dizia a minha madrasta, era no silêncio que os sentimentos mais íntimos se manifestavam. E era notável o que a mãe de Enrico queria me dizer. Em lágrimas silenciosas, ela falava o que seus lábios não conseguiam expressar, mas que seu coração não podia mais segurar: o amor que transbordava por mim e por

Bella. Nós éramos a extensão de seu amor maior: seus filhos.

O pai de Enrico se ajoelhou em minha frente e logo dona Ana se sentou ao meu lado.

Ao toque de seu Lorenzo em meu ventre, Isabella deu sinal de sua presença com um forte chute, que causou risos nos pais de Enrico.

— Teremos problemas, Ana.

— Percebi, meu amor.

— Mas ela é especial.

— Sim, Lorenzo. A mais bela parte de seu ser será o coração.

Eu estava simplesmente perdida no diálogo entre os pais de Enrico. Mas ao perceberem a minha expressão de confusão, eles começaram a se explicar.

— Olá, Sienna. Primeiramente, obrigado por trazer ainda mais vida e luz ao nosso lar. E a nossa menina lembra muito de uma das gestações de Ana. E temos a ligeira impressão de que nossos dias nunca mais serão os mesmos. Bella é desde o ventre tão espoleta como Felipe.

Do outro lado da sala, Lipe erguia o punho no ar e fazia uma dança totalmente desengonçada enquanto

zombava de Enrico que ele ia ter que amá-lo dobrado, enquanto dona Ana e seu Lorenzo conseguiam me deixar sem graça sustentando o silêncio por alguns instantes na medida em que me olhavam como se estivessem tentando me decifrar.

— Isso não te assusta, Sienna?

— Não, senhor Lorenzo.

— Por quê?

— Porque se ela for igual ao tio, ela terá um pouquinho de todos os outros também, pois Lipe quando é necessário tem a mansidão de Levi. Em dificuldades, ele tem a sabedoria de Carla. E constantemente ele transmite o amor e a paixão de Enrico. E minha Bella terá a alegria de viver do padrinho. Não preciso pedir mais nada a Deus.

A sala entrou em silêncio quando Lipe parou de vibrar e rodopiar e buscou tanto o meu olhar como o de Enrico, que agora estava atrás de mim, tocando-me levemente nos ombros.

— Padrinho?

— Sim, mano. Aceita?

Lipe caminhou em minha direção e se ajoelhou ao lado do pai e mesmo com lágrimas nos olhos, não deixou de ser abusado.

— Os joelhos já devem estar doendo, pai. Pode sentar que agora sou eu que vou brilhar.

Tomou um leve tapa na orelha de seu Lorenzo, que se levantou e sentou do meu outro lado.

Lipe tocou o meu ventre e conseguiu me arrancar um leve sorriso, mesmo em meio ao nervosismo que sentia, quando Bella deu um leve chute.

— Olá, carinho. O dindo cuidará e defenderá o seu pacote completo de beleza com sua própria vida.

Enrico soltou uma gargalhada e imediatamente questionou Felipe:

— Pacote completo de beleza? Onde está a sensualidade?

Lipe ergueu a face e encarou seriamente Enrico.

— Palavra inexistente no vocabulário dela por longos e longos anos.

— Tipo?

— Uns 31 anos.

Agora foi a vez de Nelly gargalhar do outro lado da sala.

— Por que não 30, igual a pequena luz?

— Porque eu sou fôda e Nate não. Eu tinha que ser melhor que ele até nos anos de recato da minha sobrinha.

— Vocês são loucos!

— Que vocês amam.

— Isso eu não posso negar.

— Eu sei, moranguinho.

Lipe sorriu e piscou para Nelly. Daniel fez cara de nojo enquanto puxava sua mulher à sua frente e a abraçava pela cintura, arrancando nova gargalhada dela pela pequena demonstração de posse e ciúmes.

Felipe voltou a nos fitar com uma nítida emoção no olhar.

— Obrigado pela confiança.

Ouvimos passos vindos do corredor e Levi e Gisele logo chegaram na sala.

— Já contou pra ele, Rico?

— Sim.

— Certo. Mas como nessa família tudo é inusitado, o cargo será dividido, Lipe. Eu, você e Giulio. Gisele, Carla e Chiara. A vida de Bella nunca será monótona.

— Não mesmo.

Foi a vez de seu Lorenzo se colocar de pé e nos surpreender.

— Ela ainda terá a minha presença e a de Ana diariamente em sua vida.

Isso causou um rebuliço e burburinhos entre os quatro irmãos de Angeli, pois Carla tinha acabado de entrar pela porta da frente com Giulio e ouviu as últimas palavras do pai também.

Levi colocou fim aos questionamentos e se dirigiu ao pai:

— Tomou sua decisão?

— Sim.

— E a fábrica?

— Vai continuar nas mãos da família.

— Quem cuidará, pai?

— Eu promovi meu primo. Alessandro já está à frente da fábrica de móveis. Sua mãe e eu estamos cansados. Já trabalhamos muito. Por mais que tenhamos nos esforçado para estar ao lado de vocês desde o momento em que nasceram, muitas vezes precisamos nos ausentar por motivos de trabalho. Eu perdi quando o

primeiro dente de Carla caiu. Quando você tropeçou e ralou o joelho, eu não estava lá para te amparar. Enrico dormiu segurando apertado no peito o seu primeiro boletim de escola com um dez, à minha espera, e eu só pude ver pela manhã quando a euforia dele já havia passado. Felipe chamou por mim quando caiu no chão molhado da cozinha e cortou a cabeça. Quando eu cheguei, ele já estava dormindo no hospital. Eu perdi pequenos detalhes da vida de vocês. E não quero que se repita na vida de meus netos. Então, esse mês eu tirei minhas primeiras férias inteiras desde que assumi a fábrica no lugar de meu pai. Volto para o Brasil somente para terminar de passar a presidência para Alessandro e retornamos em definitivo para a Villa De Angeli.

— Vai aguentar viver sem trabalhar, papai?

Carla se colocou ao lado de seu Lorenzo e envolveu sua cintura em um abraço apertado.

— Não. Por isso, eu e Fabrizio já estávamos mantendo contato. Vamos ampliar o *Piacere*. E com a ajuda de Levi, vamos modernizar os chalés e o *bed and breakfast*.

— Mas, como assim? E os negócios de Levi e Enrico no Brasil?

— Estarão nas boas mãos de Nana. E estaremos

monitorando tudo à distância. E o que for necessário ter nossos olhos, daremos um passeio no Brasil e depois voltamos pra casa — Levi respondeu para Carla sem pestanejar em um fôlego só.

Lipe desviou meu olhar de onde Lorenzo, Carla e Levi estavam conversando ao beijar minha barriga.

— Meu carinho, você reuniu todos os De Angeli do outro lado do mundo. Tem essa família rendida inteira na palma pequenina de suas mãos. Que os dias sejam breves para que você possa chegar e ser cercada ainda mais de proteção e amor.

Lipe levantou e sentou-se na poltrona à nossa frente. Enrico ocupou o espaço ao meu lado e me puxou para que aproximasse mais de seu corpo.

Dona Ana deu leves batidas em minha perna e pediu que resumisse para eles a nossa história desde o momento em que Enrico e eu nos vimos pela primeira vez.

Após um breve relato de tudo que vivemos até hoje, a mãe de Enrico soltou um pequeno suspiro e foi a primeira a se pronunciar:

— Quando duas almas têm seu destino ligado, elas anseiam e esperam por sua metade. E ao se reconhecerem, se completarão. E não mais existirá limites para viver este amor. Elas se amarão como se não mais houvesse amanhã.

A mão de Ana se entrelaçou a minha como se tivesse sentido o meu medo e receio. Já passamos por tanto percalços para chegar até aqui que só me restou a insegurança pelos dias vindouros.

Mas o alento veio da voz e do coração de seu Lorenzo:

— Tudo já havia sido determinado. Até mesmo o tempo certo para que o destino de vocês dois fosse ligado. Entender o que nos é reservado nem sempre é fácil. O coração do homem teima em fazer planos, mas o que prevalece são os sonhos e a vontade de Deus. Deixem Ele surpreender vocês. O melhor ainda está por vir. Basta crer.

Juju e Gio chegaram à sala com duas bandejas de taças com um líquido escuro.

— É suco de uva, tio. Papai enviou para que vocês provassem e se possível aprovassem para entrar no mercado brasileiro com o selo De Angeli.

Cada um tomou uma taça nas mãos e Lorenzo ergueu a sua e fez um brinde.

— Aos novos dias. Ao recomeço.

E a definição tanto para aquele dia como para a bebida que provamos era a perfeição.

Os dias que se seguiram nós nos dedicamos a

Nelly e Dan. Passeamos por toda Siena. Apresentamos aos nossos amigos as grandes basílicas, as fontes, a Catedral de Sienna, a biblioteca até os diversos vinhedos que se espalhavam por onde passávamos.

Cada detalhe era registrado por Emanuelly. Mas o que poucos perceberam era que seu sorriso se alargava ainda mais, não no que seus olhos estavam visualizando pela primeira vez, mas sim quando fotografava os momentos de distração e brincadeiras de cada um de seus amigos e de seu esposo.

— Você os ama. — Eu tinha plena convicção ao afirmar para Nelly naquele instante.

— Sim, Sienna. Eles são o meu alicerce.

— Eu creio, pois são o meu também.

— Eu vou sentir saudades de tê-los por perto.

— Distância de corpos, mas nunca de alma e coração.

— Isso é o que me consola.

Chegamos em casa no horário de almoço e dona Ana já tinha deixado tudo preparado. Ela e seu Lorenzo tinham terminado de almoçar e estavam agora se arrumando para a primeira ultrassonografia que iriam assistir conosco. Eu estava entrando no sexto mês de

gestação. E Giulio fazia questão de manter meus exames sempre em dia, devido ao histórico de saúde de minha mãe. Mas, graças a Deus, o meu coração era saudável e forte. Logo após sairmos da clínica íamos participar de uma sessão de fotografias com Nelly.

Quando ela descobriu que nos meses em que minha barriga estava crescendo as poucas fotos que foram tiradas ainda estavam no celular de Enrico, eu descobri o verdadeiro motivo dela ser chamada por meu homem de pimentinha. O seu rosto adquiriu quase que a mesma tonalidade de seus cabelos em um pequeno momento em que se encontrou irada com todos por perderem momentos únicos na gestação de uma mulher. Mas respirou e logo a doçura retornava para aquela pequena ruiva. E eu podia enxergar a moranguinho que todos os meus cunhados tanto amavam.

Depois de momentos especiais na clínica de meu pai, que quase teve que ser obrigado a mandar fazer meu exame na recepção devido ao imenso número de pessoas presentes, ele conseguiu resolver o problema pedindo que Giulio repetisse a ultrassonografia três vezes, à medida que uns saíam e outros entravam na sala.

Os únicos que permaneceram comigo em todos os instantes foram Enrico e Emanuelly que registrava com sua câmera vermelha cada emoção vivida por todos que compartilhavam a nossa alegria. Isabella crescia ainda

mais forte, saudável e espoleta.

Quando terminei de me arrumar, os dois ainda estavam à minha espera no consultório de Giulio e de porta entreaberta pude ouvir um pouco do que ainda conversavam.

— Você e Daniel quase não demonstram ciúmes em relação às filhas. Por quê?

— Bom. Porque por onde quer que ela for, eu sei que ela estará bem. Bella tem a mim e uma imensa família ao seu redor para protegê-la. E esse sentimento em excesso pode ser ruim. Eu quero que ela cresça livre, sendo conhecedora de todas as coisas e tendo em mente os ensinamentos que meus pais me passaram. Que tudo nos é lícito, mas nem tudo nos convém. Eu sinto que o coração dela é semelhante ao da mãe. E Sienna tem por virtude saber escutar. Conselho de mãe e pai é recado de Deus. Ela ouvirá e saberá o caminho que deve trilhar. E de louco e ciumento já basta Felipe.

— O primeiro homem que ela irá amar nesta vida é você, Rico.

— Eu sei. Só não conte isso para o Lipe.

— Segredo nosso.

— Obrigado.

— Mas um dia ela viverá um amor diferente. Amor como o que você vive por seu anjo. Está preparado pra isso?

— Não. Acha que escolhi três padrinhos para ela à toa? O nível para entrar na família só aumenta.

— Eu sabia. É ciumento sim. Só não é louco. Tem arma dentro do guarda-roupa também?

— Um taco de baseball.

— Dan tem o cinto do pai.

— O meu foi presente de Felipe.

— Explicado o exagero.

— Não me pergunte o que ele tem no dele.

— Tenho dó de quem se aproximar de Isabella.

— Eu não, pimentinha. E pode sair de trás da porta, anjo. Sua barriga não conseguiu ficar oculta.

Fui obrigada a entrar no consultório sentindo o rosto queimar de vergonha por ter sido pega em flagrante.

— Estou pronta.

Nelly me analisou de cima a baixo.

— Hum... Mas não está mesmo. Tenho uma bolsa

de roupas para você trocar durante a sessão fotográfica. E o melhor é que todas elas serão suas depois. Presente de seu futuro esposo. Adoro quando recebo cartão de crédito sem limites de gasto. Eu me empolgo.

— Me levou à falência, pimentinha?

— Quase.

Nelly lançou uma piscadela para Enrico enquanto lhe devolvia o cartão de crédito.

— Vamos, porque ainda tenho uma festa para aproveitar hoje à noite no meu último dia de Itália.

Nelly abriu a porta e saiu, e Enrico se aproximou e passou os braços por minha cintura, aconchegando-se a mim e sussurrando em meu ouvido, causando pequenos tremores por meu corpo:

— Eu tenho um presente pra você. Ou melhor, dois. Espero te surpreender e te alegrar.

— Isso você sempre consegue.

— Antes ou depois das fotos?

— O quê?

— As surpresas, anjo.

— Eu não sei.

Enrico falava enquanto subia e descia desde a orelha até o meu pescoço tocando-me com a ponta de seu nariz. Seu hálito quente causava arrepios e responder algo coerente tornava-se quase que impossível.

— Eu respondo por você. Uma durante e outra depois.

— Ok.

— Agora eu vou beijá-la.

— Por favor.

Mas sequer houve tempo de tê-lo mais próximo a mim. O celular no bolso de Enrico começou a vibrar e mesmo que a vontade dele era de recusar a ligação, ao ver que era do Brasil, eu insisti para que atendesse. Mas a demora em se decidir pela recusa ou não, fez com que a pessoa que estava do outro lado da linha desistisse do telefonema.

Rico deu um suave beijo em meus lábios e saímos em direção à recepção da clínica onde éramos aguardados. E logo ele sentiu o aparelho vibrar novamente.

— É a cobrar.

Lipe que roubava as balas na mesa da recepcionista e estava com a boca cheia, arregalou os olhos e balbuciou algumas palavras que eu particularmente

não entendi até que Daniel conseguiu traduzir:

— É Nate. Se um cretino está aqui só pode ser o outro ligando a cobrar.

Lipe juntou as mãos na frente do peito e fez um formato de coração para Dan e, dessa vez, eu consegui entender o que ele estava dizendo.

— Me ama.

Enrico atendeu a ligação e colocou no viva-voz.

— Oi, Nate.

— Olá. Eu fui para o fogão, Rico.

— Deu certo?

— Não provei.

— Nathan, como que você faz uma comida e não prova o sabor? Tá louco?

— Isso eu já sou de natureza. Espere aí que Luísa chegou. Vou colocar no viva-voz.

— Aqui já está.

— Olá, pessoal. Eu sou o Nate, o primo do moço bonito aí.

Nathan recebeu diversos cumprimentos de todos

que se encontravam na recepção.

— Rico, voltando aqui. Eu coloquei no prato. Minha princesa está faminta. Aguarde aí.

— Ok.

Do lado de cá nós escutávamos atentos o diálogo de pai e filha. E a voz daquela menina era tão delicada e, ao mesmo tempo, tão profunda que era capaz de tocar e aquecer o mais frio coração.

— Prova a sopa que o papai fez. É receita do tio Rico.

— Pequena luz não quer.

— Tia Nelly está na Itália, minha princesa.

— Traz ela de volta. Eu *quelo bifinho* e batata *fita*.

— Então, prove só uma colherzinha.

— Só uma, papai.

As vozes cessaram por, pelo menos, um minuto na ligação. E Enrico retomou a conversa com Nathan.

— Nate?

— Hum...

— Ela gostou?

— Estou com medo da expressão dela, cara.

— Que aconteceu?

— O rostinho da minha filha está enrugado igual maracujá velho. Merda! Eu vou perguntar. Deixa eu tomar coragem.

Ouvimos Nate contando até dez.

— Está gostosa, filha?

— Não.

— Então, como ela está?

— *Hoirriviel*.

Emanuelly pegou o telefone da mão de Rico e tirou a ligação do viva-voz, falando assim em particular com Nathan.

— Prove.

Passou alguns segundos e Nelly voltou a responder o cunhado:

— Eu sabia. Você errou no tempero. Meu Deus, Nate! Não era erro de digitação ou do corretor do celular. Era 1/2 colher de pimenta, não doze. Joga isso fora e vá no congelador da geladeira de papai. Travessa redonda de vidro. Deixei colado em cima a quantidade de tempo no

forno. Ok. Até breve. Estamos voltando amanhã.

Nelly encerrou a ligação e devolveu o celular a Enrico.

— Ele conseguiu essa proeza com a receita de sopa da *nonna*?

— Sim. Só espero que ele não coloque fogo na cozinha de papai, agora.

— Amém. E da próxima vez que vierem tragam o encosto junto. Não quero carregar o peso na consciência de uma intoxicação alimentar na família causada por Nathan.

— Anotado. Vamos agora?

Rico acenou para Nelly e partimos em direção a Villa De Angeli, mas não seguimos direto para a casa grande, e sim para a nossa casa que, pelo que Gisele nos relatava, ainda no carro, restava poucos dias para a conclusão da obra.

A casa já estava aberta, pois dona Ana e seu Lorenzo se dispuseram a vir antes para receber a minha irmã que retornava de um atendimento no hospital que fazia trabalho voluntário.

Ao colocar o pé na varanda, eu recebi de Enrico a chave de nossa casa.

— Bem-vinda ao lar, anjo.

— Mas...

— Entre.

Dei alguns passos e encontrei todas as pessoas que amava na grande e decorada sala de minha nova casa.

— Está pronta. Mas como?

— Quase, anjo. Faltam alguns retoques e temos que terminar a pintura por fora.

Batendo as mãos uma na outra, Carla correu em minha direção e me puxou para acompanhá-la.

O primeiro cômodo que nos levou foi ao meu quarto. Era tudo tão mágico, como em meus sonhos de menina.

— Eu acertei, Sienna?

Gisele tinha em seu rosto delicado e lindo um misto de expressões, que iam desde a ansiedade ao medo.

— Em cada detalhe. Até na colcha de retalhos. Sempre sonhei com isso, sabe. Nas poucas conversas que tive com algumas meninas na escola, elas falavam que suas mães ou avós tinham feito com todo o carinho uma dessas colchas e que entre os muitos pedaços de tecido, tinham um pouco de sua história de vida entre eles.

— A sua também tem, e foi feita com o mais puro amor por dona Ana e dona Helena. Quando pediu para vender a casa, a sua madrinha resgatou desde as suas roupas de bebê até o seu vestido de 15 anos. Quando olhar com mais atenção achará partes de Sienna e também de Enrico no que os aquecerá em noites frias.

Meus olhos já marejados não conseguiram conter as lágrimas que teimavam em descer e agora fluíam livremente por meu rosto ao fitar aquele pedaço de tecido branco no meio da colcha.

Sentei no meio da grande cama e me debrucei até tocar o que já foi um vestido de 15 anos. E naquele momento eu me dei conta de que as memórias ruins não me abalavam mais. Daquele tecido só havia a recordação de quando encontrei pela primeira vez o amor de minha vida.

— Obrigada.

— Por esse presente, eu não levo o mérito. Mas do restante, eu me orgulho muito. Foi desenhado com muito carinho pra vocês. E veja o nome da linha de dormitório. Enrico escolheu.

No canto superior direito do guarda-roupa tinha a marca De Angeli de móveis e logo abaixo o nome *Angel*.

— Anjo.

— Sim, Sienna. E mesmo sendo tão linda, Enrico pediu a seu pai que fosse especial. Só existe no mundo um único dormitório *Angel*.

Carla havia se jogado no colchão macio e se espreguiçava sorrindo para mim e Gisele me mostrava o restante da decoração que havia escolhido. Cortinas, enfeites, tapetes e até jogos de banho. Tudo estava completo, organizado e pronto para que em breve desfrutássemos de nossa bela morada.

Acho que eu era a única que não tinha visto cada ambiente decorado. Fui surpreendida por descobrir que seu Lorenzo e dona Ana haviam decidido continuar na casa grande. Eles nos disseram que os netos tinham que ter casa de avó e avô para fugir de vez em quando. Então, a ala térrea onde ainda morávamos seria toda deles em poucos dias.

Após o pequeno passeio pela residência com Carla e Gisele, nós voltamos para a sala e Nelly já me esperava com a câmera e diversas roupas espalhadas em um dos sofás.

Enrico veio ao meu encontro e me perguntou se realmente tinha me surpreendido. Mas minha resposta teria que esperar um pouco para ser ouvida.

As atenções de todos se voltaram para Felipe que,

praguejando baixinho, seguia em nossa direção e mostrava seu celular a Enrico.

— Cara, tem hora que eles são mais irritantes do que eu. E nesse exato minuto eu não sou fã deles.

— De quem? — Toquei o ombro de Felipe e aguardei sua resposta.

— Os fofoqueiros da pequena luz, moça bonita. Nate tentou contato com Rico novamente, mas não conseguiu e mandou recado no meu celular.

— Minha bateria acabou. — E isso me trouxe arrepios. E não dos bons.

Tomei o celular de Enrico e li em voz alta, tendo de imediato a mesma reação que ele.

— Luísa teve um sonho esta noite. E acordou pedindo para falar com o tio Rico. Eu me distraí durante o dia e acabei esquecendo. Mas ela me recordou antes de cochilar agora à tarde. Vou me despedindo por aqui e deixando as palavras de minha pequena luz para você.

O tio Rico terá que tomar uma decisão. Entre o abrir e o fechar de olhos. Se escolher com o coração terá direito aos dois. Mas se escolher com a razão, perderá uma parte de sua essência. Seja sábio, tio.

Minhas mãos trêmulas quase não suportavam mais o leve peso do celular.

Sem que eu percebesse, Daniel já estava ao meu lado e, enquanto falava baixinho que tudo ficaria bem, ele tirou o aparelho de minhas mãos, entregou a Felipe e, em seguida, me levou para os braços de Enrico.

— Você conseguirá, meu amigo. Seu coração é mais puro que o meu. Eu deixei a raiva e a ira me consumirem e como um tolo tirei minhas próprias conclusões, acreditando no que meus olhos pareciam enxergar à sua frente. Julguei um homem inocente e estendi a culpa que não era dele para a sua própria filha. E você não quer errar, Rico. Pois perder o seu mundo inteiro, mesmo que por pouco tempo, é quase que impossível de suportar a dor. Silencie a mente e escute seu coração. E terá a melhor escolha.

Daniel voltou para perto de sua esposa enquanto Enrico me abraçou apertado, beijando levemente meus cabelos.

— Vai estar ao meu lado, anjo?

— Sempre.

— Então, tudo dará certo.

Capítulo 24

Sienna

A melhor forma de lidar naquele instante em que os olhares tanto para mim quanto para Enrico eram apreensivos, era o de desviar a atenção de todos para algo que trouxesse um pouco de leveza ao ambiente.

E como ela era a vida especial que ligava a todos nós por laços de amor e carinho sem medidas, então eu apelaria para minha Bella.

Mas antes de tudo eu tinha que acalmar o coração de Enrico. Me aconcheguei ainda mais em seus braços e sussurrei algumas palavras de conforto em seu ouvido, deixando um leve beijo em seus lábios em seguida.

— Vamos descansar e esperar em Deus.

Rico balançou a cabeça afirmando que já tinha realmente entregado tudo nas mãos de Deus e deu um pequeno sorriso na intenção de acalantar meu coração. E realmente conseguiu. Mas faltavam os demais.

Girei meu corpo ainda nos braços de Enrico, direcionei meu olhar ao meu ventre e o acariciei. Ergui a cabeça e procurei por Lipe que tinha a testa levemente franzida me encarando um tanto receoso e preocupado. Mas só foi mencionar poucas palavras e logo sua expressão se tornou leve, assim como a de todos os demais.

— Bella está faminta. Empadão de frango com catupiry e aquele negócio que você adora. Topa?

— Você fez, moça bonita?

— Sim. E uma hora dessas já deve estar no forno. E o outro só me esperando para ir pra panela.

Lipe lançou uma piscadela e foi em busca de dona Ana. Deu-lhe um abraço e beijou seus cabelos.

— Mãe, eu te amo.

— Eu sei, meu filho.

— Meu coração é seu.

— O meu também é seu, querido.

— Mas assim...

— Outra parte do corpo lindo que mamãe fez é de outra pessoa, né?

— Não pude resistir, mãe.

— Ela sabe que essa parte sua é insaciável?

— Ela já tem uma pequena noção. E adora meus gemidos de prazer quando necessita da minha presença para provar as suas delícias.

Ele soprou um beijo em minha direção, o que me fez rir baixinho ainda abraçada a Enrico, que resmungava o quanto Lipe era abusado e não tinha medo de apanhar.

— Seu irmão aceita isso?

— É obrigado. Os manos estão juntos comigo nessa.

Rico puxou uma das almofadas do sofá e jogou na cabeça de Felipe, que gargalhou da reação do irmão.

— Entendi. Da parte de Carla eu já tinha conhecimento. Levi então, também não resistiu?

— Não, senhora. Acha que ele está de mudança para a Villa De Angeli somente por causa da gostosa da

Gisele, que mudou o estúdio dela pra cá também?

— Ela deve ser realmente muito boa no que faz pra ganhar este lugar sem medidas em você. Seu estômago não tem fundo, querido.

— A melhor, mamãe.

— Qual o nome do segredo dela?

A resposta para a pergunta de dona Ana veio de todos os irmãos De Angeli juntos:

— PATEL!

Os olhos de dona Ana e seu Lorenzo se arregalaram. Os dois seguiram em minha direção e cada um tomou um de meus braços e me fizeram acompanhá-los em direção a casa grande. E juntos fizeram o mesmo pedido. O que logo me fez sorrir e dissipar qualquer tipo de preocupação.

— De queijo e de pizza, tem?

Afirmiei com a cabeça e logo estávamos na cozinha da casa. Tia Helena servia o empadão com arroz branco para todos e eu fritava os pastéis na medida que eles escolhiam seus sabores prediletos.

Quando todos já estavam servidos, eu me sentei ao lado de Enrico e passei a comer em silêncio, até que tia

Helena me chamou para o canto da cozinha para trocar algumas palavras comigo.

Ao me levantar, eu ouvi Levi conversando com o pai dele:

— Definitivamente, Sienna ganhou os De Angeli pelo estômago, além do coração. Acho que Rico vai ter que colocar dois lugares a mais na mesa de nossa nova casa, né, pai? O seu e de mamãe.

— Com certeza.

Me afastei com um sorriso gostoso nos lábios e me juntei a tia Helena, que me abraçou apertado e beijou levemente minha face.

— Eu estou indo para a fazenda. Seu dindo precisa de mim no vinhedo. Quando você virá conhecer as nossas terras?

— Não sei, madrinha. Ele está lá.

— Você precisam se ver, Sienna. Tem que dar um basta nessa situação. Isso já se prolongou por longos dez anos. Eu e Víctor não aguentamos mais. Nós amamos vocês dois e sofremos ao vê-los distantes. O que quase aconteceu naquele dia com você, foi tão cruel e errado. Mas ele não estava bem. Não estava lúcido.

— Eu sei, tia.

— Pense com carinho, minha menina. Pra curar seu coração de vez, você precisa enfrentar e perdoar os erros do passado.

— Eu farei. Pode dar um recado pra ele, madrinha?

Os olhos de Helena já estavam com lágrimas prestes a transbordar.

— Sim, minha menina.

— Diga que eu sempre o amei e sinto saudades. E que não esqueci que ele me prometeu que ia estar junto comigo no meu primeiro banho de chuva.

— Mas você já teve essa experiência naquele dia triste. Nos seus 15 anos. Eu te encontrei toda molhada de chuva no corredor da casa pela madrugada, Sienna.

— Mas ele não sabe disso. E não precisa saber. Eu vou estar de mãos dadas com ele e correr pela chuva, deixando as águas levarem de mim todo o medo e a dor.

— Eu irei ver isso e me alegrar com vocês.

— Verá.

— Ele deve vir à festa, Sienna.

— Então nos encontraremos.

— Certo. Agora eu preciso ir. Gio e Vince já me aguardam. Fique bem, meu anjo. Coloque um sorriso lindo nos lábios e tire belas fotos com sua família.

— Obrigada, madrinha.

Tia Helena me abraçou novamente e saiu com Gio e Vince.

E Nelly me arrastou de volta para a minha casa nova e logo iniciamos a sessão de fotos.

Passei pelas mãos de Gisele para ser maquiada e pelas de Carla que moldou lindos cachos em meus longos cabelos.

As mudanças de roupa ficaram a escolha de Nelly. Minha primeira troca foi por uma calça jeans de gestante com uma bata azul e ela pediu que meus pés ficassem descalços, pois as fotos seriam no quarto de Bella em cima dos tapetes espalhados no ambiente e em meio aos seus brinquedos.

Saí de meu quarto arrumada e caminhei para o de Bella, mas ao chegar no local, eu me surpreendi novamente.

O único canto que estava vago e sem decoração, agora estava repleto de delicadezas, mas o que mais me encantou foi um pequeno piano de madeira e a casa de

bonecas ao seu lado.

Eu precisava tocá-los e não resistindo, me ajoelhei e passei a deslizar meus dedos pelas madeiras trabalhadas e pelas bonecas já dispostas pela casa que estava fixada na parede do quarto.

Oh, Deus, tudo era tão lindo e eu tinha certeza de que não estava enganada. Nada era comprado em lojas, mas sim feito pelas mãos dos De Angeli.

Antes que a primeira lágrima descesse por meu rosto, eu senti um toque em meu ombro esquerdo. Nelly me chamava e apontava para a minha maquiagem.

— Não vou chorar.

— Me diga isso quando eu terminar suas fotos.

Seu Lorenzo tomou uma de minhas mãos e me ajudou a levantar.

— Gostou, minha menina?

— Eu amei, senhor. Quem fez?

— A casa de bonecas, eu e Enrico. O piano, Felipe e Levi. E as bonecas, foram Ana, Carla e Helena.

— Eu não entendo, senhor Lorenzo. Vocês possuem uma fábrica de móveis e inúmeros empregados. Por que fazer tudo a mão?

— Porque foi como tudo começou.

— Continuo sem entender.

— O destino não foi tão bom com meus pais, Sienna. Mas em meio às dificuldades eles encontraram formas de se sustentar. Com aquela velha máquina de costura que você já viu tantas vezes pelo corredor da casa grande, minha mãe fez sua primeira criação quando encontrou uma pequena menina que chorava muito, sentada em frente à sua casa. O dia estava escuro e triste, assim como a garotinha que ela conhecia desde quando nasceu. Ela havia perdido uma das poucas pessoas que lhe deram um amor puro e real. O coração da criança chorava naquele momento. Os abraços haviam cessado. Ela não teria mais as histórias durante a noite. A sua companhia constante nesses poucos anos de vida que tinha, havia partido, e minha mãe queria que aquela criança voltasse a sorrir. Ela me deixou junto com Helena para amparar a linda menina naquele momento de dor e voltou para casa. Ao anoitecer ela retornou para nos buscar e suas mãos não estavam mais vazias, assim como quando havia ido embora.

Neste momento eu já estava presa a história de seu Lorenzo e curiosa para saber o restante.

— O que ela tinha em mãos?

Lorenzo acenou para Enrico e pediu que se aproximasse.

— Pegue a original pra mim.

— Sim, senhor.

Rico foi certo em uma boneca de cabelos escuros e olhos azuis. Ela tinha um vestido rosa com laços de fita brancos e nos pés uma sapatilha nos mesmos tons da roupa. Era linda, mas era visível o quanto já estava envelhecida, mesmo com a aparência de ter sido muito bem cuidada.

Enrico entregou a boneca ao seu pai que a olhava com bastante carinho.

— Sabe, Sienna, eu nunca pensei que iria ver este presente de minha mãe novamente. E ontem, à tarde, eu ouvi meus filhos e sobrinhos a respeito de quanto a máquina velha de minha mãe atrapalhava a passagem no corredor. E realmente eles tinham razão. Meu medo não era nem tanto por eles ou você se machucarem. Já são bem crescidos para aguentarem um dedão ferido ou um roxo no quadril. Mas nada pode dificultar ou atrapalhar os primeiros passos da minha neta em minha casa. Então, hoje pela manhã, eu pedi aos meninos que me ajudassem a remover a máquina para a despensa. E a curiosidade se fez maior quando com os movimentos que fizemos ao carregá-

la nos braços, surgiu a ponta de uma sacola de pano em uma das quatro gavetas que minha mãe costumava guardar suas linhas, agulhas e tesouras. E ao colocarmos a máquina no chão, eu abri o compartimento e encontrei a boneca guardada em segurança em uma sacola de pano branco, onde tinha um nome bordado em linha rosa na sacola.

Rico me levou para a poltrona de amamentar de Isabella, se sentou e me colocou em seu colo.

Lorenzo voltou para o meu lado e Levi lhe entregou algo.

— Veja com seus próprios olhos, Sienna.

Lorenzo me estendeu o que parecia ser um tecido branco enrolado e ao desenrolar eu reconheci como sendo a sacola que ele havia mencionado há pouco tempo e o nome bordado em rosa trouxe lágrimas aos meus olhos.

— Para Bella.

Enrico me envolveu em seus braços fortes e falou suavemente em meu ouvido:

— Era da *nonna*, meu anjo. Ela guardou isso durante muitos anos. E nem imaginava que...

Um movimento na porta do quarto chamou a nossa atenção.

— O presente voltaria para a família da linda garotinha que ela fez sorrir em meio a sua dolorosa perda.

— Meu pai falava enquanto caminhava até onde estávamos. — Era de sua mãe, minha menina. Dona Isabella que lhe deu. Em poucas horas, ela criou esta boneca e lhe deu um nome. Ela se chama *Speranza*. Quando conheci Teresa, ela me contou sobre a sua amiga de pano. Sua companheira. Todos os dias, elas dormiam juntas, mas foram obrigadas a se separar quando sua mãe casou. Creio que por medo do seu padrasto fazer algo ruim a ela. Por isso me pediu para entregar a senhora De Angeli, pois ela saberia o destino certo que daria a *Speranza*. E realmente ela soube.

— Voltei meu olhar para a sacola e observei como ela bordou o nome e era quase imperceptível, mas quando o reconhecimento chegou ao meu coração, novas lágrimas rolaram por meu rosto.

— De Bella para Bella.

Minhas mãos tocavam o bordado e Enrico, que estava atrás de mim, deu um suspiro profundo, e eu tive certeza de que ele também tinha observado.

— Os nomes estão sobrepostos. Há dois bordados. O primeiro nome está em letra branca e o segundo em rosa. Por isso não enxergaram. A *Speranza* voltou para casa. Obrigada por mais este presente.

Meu pai se ajoelhou em minha frente e inclinou a cabeça colocando o ouvido no meu ventre, suas mãos acariciavam os lados de minha barriga e dava para sentir seu sorriso largo ao beijar o local onde Bella se mexia.

— Sua mãe ia amar viver este momento com você, minha menina. Teresa sempre teve um sonho de constituir um lar com amor e fé. E você está vivendo um de seus sonhos.

Passei minha mão pelos cabelos lisos e sedosos e com alguns fios brancos de meu pai e lhe disse as palavras que sei que ele necessitava ouvir naquele instante:

— Eu tenho você ao meu lado, pai, para viver isso comigo. Tenho dois irmãos que já amo tanto. Tenho mais do que pedi a Deus.

Meu pai beijou novamente minha barriga e disse que estaria ali ao lado e que deixaria Lorenzo terminar sua história. Levantou e foi para perto de Chiara e Giulio.

— Vou continuar. Como Antônio disse, a pequena menina triste era a sua mãe que tinha perdido a babá naquele momento. A pessoa que lhe dedicou atenção, amor e afeto por todos os dias de sua vida, desde quando Teresa deu sua primeira respiração. Com todo carinho, mamãe fez o que podia para colocar um sorriso no rosto de nossa amiga. E teve êxito em seu propósito. E dona Isabella

nunca mais parou. Trabalhou criando bonecas de pano e muitos outros brinquedos para ajudar no sustento de nossa casa. Passou seu talento para Helena, Ana e Carla.

— Dona Isabella era um ser iluminado.

— Ela era. Foi uma esposa carinhosa e amorosa. Uma mãe dedicada e atenciosa. E uma avó com amor imenso pelos netos. E sempre foi batalhadora. Muitas vezes o nosso alimento era provindo de seu trabalho. Mas a história completa deles, eu deixo para Enrico lhe contar. Só posso lhe informar que eles lutaram juntos para nos dar segurança hoje em dia. E nos fizeram dar valor ao trabalho que é feito por nossas próprias mãos, pois é o que vem de dentro, da alma e do coração. Por isso fiz questão de ensinar os mesmos valores que recebi de meus pais aos meus filhos. Foram muitos carrinhos de madeira, quarto de bonecas e cozinhas para se chegar ao que temos hoje em dia. Tivemos um belo empurrão do destino, sim. Mas o que realmente nos marcou é que mesmo na dificuldade, nós permanecemos unidos, prevalecendo sempre, acima de tudo na família De Angeli, o amor.

— Eu quero aprender a trabalhar com a madeira e os tecidos também.

Seu Lorenzo tomou o lugar que meu pai estava antes e se ajoelhou à minha frente, tomando minhas mãos nas suas e dando um leve beijo.

— Você já sabe o valor do trabalho das mãos e do coração, Sienna. Não é necessário mais. Você é altruísta e batalhadora assim como a minha Ana. E nós sentimos muito orgulho de você e de seu trabalho. Por isso nós temos algo para lhe entregar. Me acompanhe, por favor.

Rico me ajudou a levantar e disse que eu receberia a segunda surpresa do dia.

Mas antes de sair do quarto, Lipe mostrou que o piano não era só de brinquedo. Ele funcionava maravilhosamente. Sentou no chão e tocou uma canção, enquanto Levi cantava com Gisele em seu colo e nós dançávamos ao som da bela melodia.

Antes de ir de encontro ao que seu Lorenzo queria tanto me mostrar, eu fui para a cozinha e me servi de um pouco de suco que estava na bancada, mas acabei molhando a minha bata.

Nelly viu e disse que não tinha problema algum, podia usar uma das outras.

Todas as mulheres me acompanharam ao quarto e acabei tirando tudo e colocando um outro jogo de lingerie. Esse era todo branco. Carla aproveitou que ainda não tinha vestido uma roupa e pegou a caneta que Nelly apontava em cima da cama.

Pedi licença e escreveu algo em minha barriga,

que vi no momento que me coloquei de frente ao espelho no meu closet.

— *Principessa De Angeli.*

Carla, Ana e Chiara se juntaram a mim e assim como eu admiravam o local onde uma nova vida estava sendo gerada.

— Ela terá olhos azuis, assim como o pai e a mãe.
— Dona Ana olhava intensamente para meu rosto e sorria, acentuando ainda mais o próprio brilho de seus próprios olhos.

— Serão verdadeiros como o de Sienna e amorosos como o de meu Rico. Senhor, como eu anseio pelo dia que terei esse pequeno ser nos meus braços.

— Prometo que serei rápida, dona Ana. Quando Giulio e papai trouxerem a princesa para este mundo, e Sienna e Enrico puderem olhar a menina deles pela primeira vez, eu vou avaliar e cuidar de Isabella rapidamente e levarei para o quarto para que todos possam conhecê-la.

— Obrigada, querida. Você entende esse amor, não é?

— Sim. Nós compartilhamos do mesmo sentimento.

Me ajudaram a vestir um vestido azul-claro, justo até abaixo do busto e depois caía solto até um pouco acima de meus joelhos. Nos pés uma rasteirinha e no pescoço o colar que Lipe tinha me presenteado. Com a maquiagem retocada, nós voltamos para a sala e de lá nós seguimos em direção ao *Piacere*, que, por sinal, já tinha a expansão finalizada.

Um tecido enorme cobria a frente da nova área que foi construída.

Do café e restaurante saíram Pietro e Marcello que tinha voltado a trabalhar no balcão junto com a noiva. E do *bed and breakfast*, vieram Guillermo e Riccardo cada um com uma escada nas mãos.

Rico, que estava ao meu lado, acenou para os dois, que se posicionaram um do lado esquerdo e o outro do lado direito de onde o tecido cobria, e subiram a escada e logo soltaram o tecido e pude contemplar a grande placa de entrada e acabei lendo em voz alta e demorando a acreditar no que meus olhos viam.

— *Un luogo di delizie.*

— E é todo seu, anjo.

Lipe nos abraçou por trás, sorriu e encarou Enrico como se estivesse esperando que ele dissesse ou fizesse algo pra ele.

As sobranceiras de Enrico se juntaram e o sorriso de Lipe se ampliou.

— É sério?

— Meu momento de glória. Fale que eu necessito ouvir isso saindo de sua boca.

— Vou dar na sua cara.

— Antes, diga.

— Ok. É todo seu, anjo. E também do idiota do meu irmão mais novo. O escritório dele foi transferido para a sua loja de doces e ele vai gerenciar seus rendimentos. Mas ele fez uma exigência. Vai ser o seu provador oficial. Cada receita que criar, ele que vai apreciar primeiro.

Lipe batia as mãos no meu ombro e no de Enrico e mantinha o sorriso nos lábios.

O silêncio durou um minuto e Rico procurou por Levi que logo entendeu que a língua de Felipe logo ia se soltar. E foi o que realmente aconteceu.

— Bom. Pelo menos com os doces quem vai gemer com a moça bonita sou eu, já que no quarto, sala, escritório e...

E não houve tempo para completar o que queria

dizer. Levi chegou e agiu rapidamente.

— Não precisa completar, sem noção.

— Ai. Dói, irmão mais velho.

— Essa é a intenção.

Levi arrastava Lipe pela orelha e o entregou a Lorenzo, que logo sentou o tapa na nuca dele também, pedindo respeito para a sua futura nora.

Mas de longe eu pude ver e ouvir quando ele perguntou a Lipe se dava pra escutar mesmo quando Enrico e eu estávamos sozinhos. Lipe confirmou e seu Lorenzo fez sinal de positivo para Rico e sussurrou:

— Esse é meu menino!

Ri baixinho e envolvi Enrico em um abraço apertado.

— Obrigada.

— Não precisa me agradecer, anjo.

— Meu agradecimento não é só pela loja, mas pelo melhor presente que poderia ter me dado: uma família grande e unida.

— Ela é toda sua, Sienna. Eles te amam.

— Eu os amo também.

— Isso me traz alívio, anjo.

— Por quê?

— Isso você só saberá hoje à noite. Vamos conhecer a sua loja e do cretino também.

Enrico abriu a porta dupla na entrada e logo estávamos apreciando o lugar que passaria muitas horas de meus dias de agora em diante.

Havia um espaço para música ao vivo, que tenho certeza de que foi a pedido de Levi, pois já estava posicionado no banquinho com o violão nas mãos. A sala de Lipe era pequena e ficava na porta à esquerda do balcão principal de doces, tinha uma pequena cozinha, dois banheiros, as mesas eram bem dispostas no ambiente, facilitando o trabalho dos atendentes, no qual ainda teria que selecionar. Mas uma das mesas ficava mais isolada e tinha uma cadeira individual e uma poltrona grande que cabia umas três pessoas. Era como se tivesse sido feita sob medida para alguém.

Rico me abraçou por trás e descansou suas mãos em minha barriga. Com a cabeça encostada em meu pescoço, ele seguiu a direção do meu olhar.

— É nossa. Ali eu vou poder escrever e te ajudar a

cuidar de Bella. Tem lugar para o bebê conforto e até para colocar o pequeno berço que papai fez para que ela pudesse descansar. Mandeï instalar internet para facilitar meu trabalho e o de Lipe, e quando não estiver me auxiliando, Carla poderá te ajudar no balcão.

— Você pensou em tudo.

— Sempre. Até na cobertura de *cupcake* que sobrou de hoje de manhã quando você preparava os doces. Eu trouxe pra cá. E espera por nós dois no balcão da cozinha.

— Isso muito me agrada.

— Eu sei. Já senti seu corpo respondendo ao meu toque. Você está ofegante e estremeceu em meus braços. Mas ainda tenho coisas pra te mostrar.

Enrico foi para a mesa onde sua mãe e seu pai estavam sentados e dona Ana deslizou um embrulho em minha direção.

Abri o pacote e encontrei um vestido que era um uniforme com meu nome e o da loja, e outro no mesmo modelo com o nome de Bella.

Achei tão perfeito que as palavras me faltavam para agradecer, mas dona Ana sabia que minhas lágrimas falavam por si só.

A voz suave de Levi tomou todo o ambiente. Como do lado direito era aberto e ligado ao café e restaurante, logo nós estávamos sendo servidos com os doces que tinha preparado hoje cedo.

Nelly e Dan provaram *cupcake*, quindim, pão de mel, bombons e não podia faltar o *cappuccino*.

Comemos, dançamos, rimos. Dividimos momentos de imensa alegria. E sem percebermos, a hora avançou e era chegado o momento de nos despedirmos.

O carro de Pietro já estava do lado de fora com as malas de Emanuely e Daniel.

Com muito choro e a promessa de um retorno em breve, eles já estavam entrando no carro, quando Dan lembrou de algo, e entregou a sua esposa uma sacola vermelha com um laço branco nas alças.

Nelly voltou e me estendeu o presente.

— É pra você. Sei que vai amar. São livros de autoras que sou fã. Aprecio o trabalho e tenho paixão por cada um de seus personagens. Divirta-se e se encante com Blake em *Pecaminoso*, da autora Gisele Souza; e também com Daniel em *Magia do Sorriso*, da autora Babi Barreto. E tendo novidades delas no Brasil, eu estarei enviando para você. Fique bem e cuide com muito amor da minha família de coração.

— Obrigada. Cuidarei, Nelly. Tenham um bom retorno. E voltem com seus três tesouros. Estaremos esperando ansiosos por vocês.

— E nós por vocês no Brasil.

Abracei Emanuelly e a levei para o carro. Nós duas chorávamos e éramos consoladas por nossos amores.

Quando Pietro ligou o carro, eu lembrei do que havia perdido.

— As fotos. Oh Deus, nós não fizemos as fotos.

Nelly sorriu e piscou para Rico.

— Olhe no seu e-mail, moça bonita. *Ciao*. — Lançou um beijo e partiu de volta para o Brasil.

Retornamos para dentro da loja, procurei meu celular e abri meu e-mail. Minha mão livre foi direto para minha boca e o som da minha voz saiu embargado pelas lágrimas.

— *Dio mio*. Estão perfeitas.

Capítulo 25

Enrico

Eu percebi que Nelly estava registrando cada momento que vivíamos neste dia, quando ouvi um suspiro profundo e vi Daniel se deslocando de onde estava para abraçar sua esposa, que estava emocionada e tentava conter suas lágrimas.

Foi no instante que Antônio chegou e se ajoelhou diante de Sienna que estava em meu colo.

Ela percebeu que eu já estava ciente de suas intenções. Nelly queria registrar momentos espontâneos de Sienna e nossas famílias. Então, de onde estava eu pude ler seus lábios que me diziam para relaxar e confiar nela.

E eu fiz. E no fim, ela realmente conseguiu. Tudo estava maravilhoso. Natural. Cada sorriso, cada lágrima, cada expressão dizia nossos reais sentimentos. Amor em família e ansiedade pela extensão das mesmas.

Sienna tinha o corpo trêmulo ao visualizar cada imagem. Tomei sua mão e a levei para a nossa mesa e sentei, colocando-a ao meu lado.

Tomei o celular de sua mão e voltei para a primeira foto. Foi de hoje bem cedo quando Sienna ainda preparava seus doces e eu chegava com pão fresco do *Piacere*. Tomei-a nos braços e coloquei-a sentada na bancada da cozinha. A imagem mostrava seus olhos fechados e um sorriso largo nos lábios, quando eu erguia sua blusa e beijava seu ventre, dando bom dia para nossa *principessa*.

A segunda era no café da manhã com Sienna sentada no meu colo e minha mão fazendo círculos em sua barriga enquanto ríamos de uma das aventuras de Lipe contada nos mínimos detalhes, isso sem necessidade alguma, para todos.

A terceira foi quando estávamos seguindo para o carro para o deslocamento até a clínica e como havia chovido durante a noite, havia várias poças de água no chão. E vendo a dificuldade de meu anjo em se desviar delas, eu a tomei nos braços de surpresa e ela gargalhou

com o susto.

Nelly registrou momentos que nem pensávamos que ela poderia estar nos observando.

Mas a foto que particularmente eu mais amei, foi a de nós dois sentados no chão do quarto de Isabella, minha mão sobreposta a sua, no local onde nossa menina mexia e nossos olhos brilhantes em direção ao seu berço, como se pudéssemos já contemplar infinitas noites de seus sonos repletos de sonhos bons.

Passei imagem por imagem até o fim e Sienna repousou sua cabeça em meu ombro, já cansada de tantas emoções vividas em um único dia.

Limpei seu rosto manchado de lágrimas e a aconcheguei em meu peito. O correto era levá-la para casa e colocá-la na cama para repousar um pouco. Mas ela se recusou somente pelo fato de mencionar a minha intenção. Disse que queria continuar a sonhar acordada por mais algum tempo. Mas a voz de Levi fez seu trabalho em uma doce e suave melodia e meu anjo não resistiu, caindo em um sono profundo.

Do *Piacere* até em casa não era tão distante, mas meu pai fez questão de buscar o carro para que eu pudesse levar Sienna embora.

Quando a tomei nos braços, ela despertou por

alguns instantes até ouvir minha voz dizendo que descansasse, pois só estávamos indo para casa.

Carla fechou a *Delizie* e seguimos com papai para a *Villa*. Como o nome da loja era grande, optamos por mencionar somente o final pra facilitar a comunicação entre os moradores do vilarejo. E em pouco tempo que a placa foi exposta, o lugar já era conhecido como *Delícias de Sienna*.

Chegamos a Villa De Angeli e todos já estavam reunidos na sala.

Com Sienna ainda em meu colo, eu já caminhava para nosso quarto, mas seu pai pediu que o esperasse.

Antônio retirou o par de sandálias dos pés de Sienna e me disse para prosseguir. Assenti e tendo dado poucos passos, eu ainda pude ouvi-lo sussurrar que eu era um homem abençoado por poder fazer isso com minha filha desde o seu primeiro dia de vida.

Abri a porta de nosso quarto e a fechei com o pé, seguindo direto para a nossa cama, colocando Sienna deitada, cobrindo-a com a manta e ligando baixo o ventilador. Descartei minha blusa e calça e já ia seguindo direto para o banheiro para um banho quente, mas fui interrompido pela voz doce de meu anjo.

— Fique comigo. Eu quero conversar.

Girei meu corpo e encontrei o mesmo olhar de medo da primeira noite em que dormimos juntos na Villa. Eu sabia o teor da conversa. Era a vez dela abrir seu coração.

Aproximei-me, ergui a manta e deitei ao seu lado, buscando seu corpo para aconchegar ao meu e em silêncio esperei por suas palavras.

— Eu sempre fui tímida, recatada. Era vista na escola como uma menina silenciosa e estranha. Meu rosto corava até quando meu nome era mencionado nas chamadas diárias na sala de aula. Fazia de tudo para me manter distante e oculta.

— Por quê?

— Por medo. O homem que se dizia meu pai, falava que eu não precisava de ninguém. Não precisava de amigos. O que eu necessitava eu tinha em casa e na família de minha madrinha. Quantas vezes eu sonhei em sentar no horário de recreio em uma mesa repleta de amigos. Mas ele dizia que eu era feia, sem graça e que ninguém suportaria uma criatura desprezível como eu.

— E você acreditou.

— Sim.

— Não devia. Bastava se olhar no espelho e

acreditar em seu coração pra saber que sempre foi bela.

— Eu não tinha ninguém que me olhasse da forma que você me enxerga, Enrico.

— Graças a Deus. Porque você é somente minha.

— Sim, eu sou.

Sienna sorriu e apertou seus braços ao redor de meu peito.

— Continue, anjo.

— No ano em que completaria 15 anos, minha madrinha me colocou em uma escola onde seus filhos também estudavam. E ali muita coisa mudou.

— Você teve sua primeira paixão.

— Sim, eu tive.

— Giovanni.

— Sim. Gio me mostrou que eu era diferente das demais pessoas, sabe. Mas não por ser estranha. E sim por ser inocente e ter um bom coração.

— Ele enxergou sua alma.

— Rico, ele foi além. Ele me fez viver o amor. Não por ele. Mas por mim. Gio me dizia que para amar

alguém, você devia se amar primeiro.

— Mas ele te amou.

— Gio confundiu sentimentos. Mas o que eu quero lhe contar é outra coisa.

— Os seus 15 anos.

— Sim. Foi um ano diferente, eu não estava mais só. Tinha a atenção e o carinho de todos os filhos de tia Helena na minha nova escola. Me fizeram perder o medo de criar laços de amor e amizade e tinham orgulho em andar ao meu lado.

Sienna deu um suspiro forte, como se estivesse lembrando algo que lhe causasse dor.

— Continue, anjo.

— Na proximidade de meu aniversário, minha madrinha quis comemorar e eu não criei objeção. Deixei nas mãos dela para que planejasse o que quisesse.

— Foi quando te vi pela primeira vez.

— Foi a única parte boa de meu dia.

— O que te fizeram, Sienna?

— Me tocaram, Rico. Da forma que nunca tinha sido tocada.

Ergui o corpo de Sienna e nos sentamos um de frente ao outro. E com as duas mãos em seu rosto, fiz com que olhasse em meus olhos.

— Abusaram de você?

— Tentaram. Eu...

— Continue, anjo. Te fará bem. Fale.

— Eu estava me sentindo triste aquele dia. Meu pai se negou a comparecer no meu aniversário e eu não teria a minha tão sonhada dança. Eu precisava ficar só por alguns instantes. E sem que ninguém notasse, eu corri para o quarto que me era reservado na casa de meus padrinhos. Mas logo após a porta foi aberta e como a pessoa não me era estranha, eu continuei onde estava. Deitada em minha cama.

— E?

— Ele me imobilizou. Ele era mais forte do que eu. Tentava me beijar e eu negava, Enrico. Eu tentei tanto me soltar. Mas ele gritava que eu era dele. Só dele e de mais ninguém. A música alta impedia que ouvissem meus pedidos de socorro. O cheiro forte de bebida denunciava o quanto ele estava alterado. Meu vestido foi rasgado e chegou ao ponto de me faltarem as forças, minha garganta já doía e ele ria de modo doentio, mostrando que ele tinha vencido aquela luta. Tentei fechar meus olhos já inundados

de lágrimas e ele não deixava. Me apertava, batia. Dizia que no momento que me fizesse dele, eu estaria olhando em seus olhos. Do lado de fora a chuva caía forte e os raios rasgavam o céu. E foi ali que fixei meu olhar, sentindo nojo e repulsa de sentir o corpo dele forçando contato com o meu. Eu não tinha noção da quantidade de tempo que havia passado, só senti o alívio do peso que estava sobre mim e a briga acontecendo do meu lado.

A noite já estava chegando e a chuva a acompanhava do lado de fora, o que causava arrepios e tremores a Sienna. Trouxe seu corpo junto ao meu e a confortei durante o pranto que a tomava naquele momento.

— Chore, anjo.

— Eu não quero chorar mais. Eu cansei disso. Já doeu tanto.

— Ele não conseguiu, anjo.

— Graças a Giovanni.

— O que Gio tem a ver com isso?

— Tudo.

Ouvimos dois toques na porta e logo ela foi aberta.

Era Carla, que carregava um olhar aflito e perturbado em seu rosto delicado.

Sienna se desvencilhou de meu abraço e levantou da cama indo em direção a Carla.

— O que aconteceu?

Carla relutava em falar o que a estava afligindo. E eu sentia que algo ruim tinha acontecido.

Levantei do jeito que estava mesmo e me juntei as duas na porta do quarto.

— Fale, mana.

— Eu vou ser direta. Giulio recebeu um chamado de emergência e ele e Antônio correram para a clínica.

Sienna colocou a mão na barriga como se estivesse sentindo dores. E soltou um pequeno gemido.

Toquei seus ombros e senti o seu corpo arrepiado. E novamente a sensação de que novamente viveríamos dias conturbados era sentida não só por mim, mas por Sienna também.

Pedi que Carla soltasse tudo de uma vez. E ela assim o fez.

— Chiara foi internada às pressas. E eu já estou seguindo pra clínica. Eles me pediram pra não contar. Mas eu sei que independente do que tenha acontecido, ela vai querer a família dela ao seu lado.

— Meu Deus, minha irmã.

As forças sumiram de vez do corpo de Sienna e eu consegui segurá-la antes que chegasse ao chão.

Eu precisava agir rápido. Levantei Sienna e a coloquei sentada na poltrona e Carla ficou ao seu lado, enquanto eu trocava de roupa.

Cinco minutos depois, já estávamos na sala da casa grande e eu já buscava minha carteira e a chave do carro.

Peguei a mão de Sienna e quando estávamos chegando à porta, Lipe tocou meu ombro.

— Espere.

Abriu o zíper de sua jaqueta, tirou de seu corpo e ofereceu a Sienna.

— Não precisa, Lipe. Eu estou bem.

Mamãe chegou ao nosso lado e pediu pra Sienna aceitar a blusa de Lipe.

— Vista, minha criança.

Segui o olhar de mamãe e vi o que Felipe e meus pais já tinham visto.

— Anjo, você está molhada.

Por instinto, Sienna levou a mão aos seios e sentiu seu vestido molhado.

— Oh, Deus!

— Fique tranquila, Sienna. Eu estou relembrando tantas coisas através de você. Tudo que passei em cada uma de minhas gestações. Na gravidez de Enrico, exatamente aos cinco meses, os meus seios começaram a vazar. No primeiro dia eu me assustei. Pensei que estava doente. Mas era apenas um sinal de meu corpo se preparando para a chegada de mais um filho. Mas já te adianto que se ela puxar o pai serão pelo menos dois anos mamando em seus seios.

Sienna deu um pequeno sorriso e abriu os braços para que Lipe a vestisse. Me coloquei à sua frente e puxei o zíper.

— Cada dia mais perto, anjo.

— Cada dia mais perto, Rico. Ela está chegando.

— Está. E nós estamos preparados para recebê-la. Mas agora vamos ver a sua irmã.

— Vamos.

Peguei sua mão e Carla já estava com o carro na frente de casa à nossa espera.

— Mano, pede pra Juju separar roupas para Sienna e leve na clínica pra mim.

— Deixe comigo. Vou levar pra você também.

— Obrigado.

Abri a porta traseira do carro para Sienna e sentei ao seu lado.

Demoramos um pouco para chegar à clínica. A estrada estava em péssimo estado após muitos dias chuvosos.

Como o horário já era avançado, a recepção estava praticamente vazia. A recepcionista levantou assustada quando percebeu a presença de Sienna.

— *Signorina*. Aguarde um instante, por favor. Vou comunicar que está à procura de vosso pai e irmão.

— Não.

Sienna tinha suas mãos espalmadas na bancada e tentava controlar o nervosismo, mas era visível o tremor em suas mãos e em sua voz.

— Onde ela está?

— Eu não posso passar esta informação, *signorina*.

— Ou você fala ou eu invado a clínica e procuro quarto por quarto para achar minha irmã.

— Dona Sienna, se eu falar coloco em risco o meu emprego. Eles pediram para que não deixasse a *signorina* entrar.

— Eu nunca colocaria o seu trabalho em risco. Então tomo a responsabilidade de meus próprios atos para mim mesma. Se meu pai quiser me colocar no colo e dar tapas, eu não poderei fazer absolutamente nada. Mas ninguém me impedirá de ver a minha irmã.

Tentei segurá-la pelo braço, mas com facilidade ela desviou de meu toque e ao chegar no corredor foi de encontro a um corpo bem maior do que o dela.

— Saia da minha frente, Giulio.

— Não.

— Saia, ou serei obrigada a te machucar.

— Já percebeu que eu sou bem maior que você e que está grávida?

Sienna cruzou os braços sobre os seios e sorriu sarcasticamente para o irmão.

— Você pediu.

Ela era pequena, mas muito forte e Giulio se

encolheu e gemeu ao sentir a força de seu chute em suas partes baixas.

— Porra!

— Qual quarto?

Ainda gemendo, ele respirou profundo e respondeu:

— Cento e dois.

— Obrigada.

Passei por Giulio e dei dois leves tapas em seu ombro.

— Deve estar doendo.

— Fato.

— Você pediu por isso.

— Eu sei.

— Ela tem sangue italiano.

— Definitivamente eu sei. É uma Albertini.

— E futuramente, De Angeli.

— Nunca a provoque, Enrico.

— Anotado.

Ajudei Giulio a levantar.

— Como está Chiara?

— Agora bem. Estabilizada. Só restou a tristeza.

— O que aconteceu?

— Ela perdeu o bebê.

Capítulo 26

Sienna

Deixei Giulio gemendo de dor no corredor da clínica e caminhei a passos largos até o quarto onde minha irmã estava.

Dei algumas batidas leves na porta e sem esperar pela resposta, a abri. Meu coração apertou no peito quando vi Chiara deitada naquela cama, tão pálida como o lençol branco, embaixo de seu corpo.

Seus olhos estavam fechados assim como os de meu pai que estava sentado na cadeira ao seu lado e segurava sua mão, como se estivesse a confortando.

— Pai.

Antônio abriu os olhos e deu um pequeno sorriso, soltando a mão de Chiara e vindo em minha direção. Em seguida, puxou-me para um abraço apertado e deu um beijo demorado em minha testa.

— Ela chegou chamando por você.

— O que aconteceu?

— Vou deixar vocês sozinhas para conversarem.

— Ok. Obrigada.

Papai assentiu e se retirou do quarto.

— Eu estou bem. Sente aqui ao meu lado.

Com poucos passos, eu tomei o lugar e a posição que antes meu pai ocupava. Porém, ao tocar sua mão direita eu senti algo diferente.

— O que é isso?

— Um anel.

— Isso eu vejo.

Ao mesmo tempo que riu, Chiara soltou um leve gemido de dor.

— É lindo, não é?

— Muito. Essa pedra azul é linda. Me lembra um

anel que foi da mãe de meu padrinho. Eu tinha verdadeira paixão por ele. Na realidade, eles são praticamente idênticos. Um dos filhos de Victor me disse que quando encontrasse o amor, era com esse anel que ele pediria a mão de sua amada em casamento.

Chiara levou sua mão livre à boca e seus olhos imediatamente marejaram.

— O que foi, sente alguma dor? Eu ainda não sei o que te aconteceu. Quer que chame Giulio ou papai?

— Não. Quero que me escute.

— Ok.

— Bom. Há alguns anos, eu decidi, assim como papai e Giulio, a fazer trabalhos voluntários em clínicas e hospitais. E exatamente dois anos atrás eu conheci um homem lindo que prendeu meu olhar por mais de dez minutos enquanto brincava com um de meus pequenos pacientes. A criança estava impossibilitada de usar o braço direito devido ao fato de estar engessado após uma queda grave na escola. Estava triste, pois não poderia brincar por um bom tempo até recuperar os movimentos. E vendo a tristeza do menino esse homem conseguiu fazê-lo sorrir. Passou um bom tempo em silêncio, deixando a criança ansiosa para ver o resultado do que fazia com um papel e lápis em mãos. E, por fim, ele mostrou. Era um

desenho perfeito do menino e tinha até a minúscula pinta do lado esquerdo. E ele conseguiu capturar um dos raros momentos que houve um sorriso.

— Você se apaixonou?

— Perdidamente.

— Mas ele se recusava a aceitar qualquer tipo de contato mais íntimo. Era como se tivesse medo de me ferir. Durante um ano vivemos somente como amigos. Foi tão difícil ter que esconder a paixão e eu sentia que era recíproco. E nada podia fazer, a não ser viver dia após dia um amor não correspondido.

— Esse anel é dele?

— Sim. Vou concluir a história. Hoje, após a sua ultrassonografia, eu recebi um telefonema e segui ao encontro dele. E finalmente ele abriu seu coração pra mim. E me contou um pouco do que o afligia. Sienna...

Chiara apertou fortemente minha mão.

— Ainda jovem, ele havia discutido com seus pais por não aceitar as mudanças que estavam por vir. Não aceitava que teria que ficar distante de sua família, mesmo que fosse para seu benefício próprio. Era seu futuro que estava em jogo e era necessário ir para a capital e iniciar seus estudos na universidade. Mas o fato que ele escondia

de todos era sua paixão por uma linda garotinha, que aos seus olhos estava apaixonada por um de seus irmãos. Então, ele se rendeu ao que encontrou na sua própria casa para que pudesse aliviar a dor que sentia. Ele bebeu muito. E naquela noite ele cometeu algo terrível. Ele forçou a menina que era apaixonado a estar com ele. Ele foi agressivo. Ele me disse que quase a sufocou, pois mesmo não estando tão lúcido, ele sentia e via a repulsa da menina para com ele. E antes que pudesse ir adiante e terminar o que tinha começado, o irmão dele chegou e o impediu. Ele não conseguiu violentá-la. Porém, assim mesmo ele carrega essa culpa por longos dez anos, Sienna.

— Santo Cristo. Eu passei... Oh, meu Deus!

Levantei tão rápido que a cadeira foi lançada para trás causando um forte impacto no chão e atraindo a atenção de Enrico e Giulio, que invadiram o quarto rapidamente.

— O que aconteceu?

Rico correu ao meu encontro e eu não conseguia expressar palavra alguma para tirar a apreensão de seu olhar.

— Sienna. — Chiara me chamou e tanto eu quanto ela tentávamos em vão segurar o pranto. — Eu não terminei.

Fiz sinal com a mão para que Chiara prosseguisse.

— Naquele mesmo dia, ele pediu para ser enviado para a terra de seus avós. E mesmo iniciando uma nova fase, ele decidiu se isolar de todos, vivendo uma vida solitária, tendo por objetivo nunca mais ferir ninguém, mas falhou miseravelmente. Nós já estávamos vivendo um romance quando tudo aconteceu.

— O que ele fez, Chiara?

— Você já sabe quem é ele.

— Sim.

— Eu o amo, Sienna. Mesmo com tudo que ele fez, eu o amo.

— O que mais ele fez? Fale.

— Uma mulher que conhecia seu passado. Várias vezes, eu vi essa moça o procurando e também presenciei inúmeras recusas por parte dele. Era linda e sedutora. No dia que as barreiras que ele tinha erguido para o amor desabaram, nós começamos um relacionamento e ela descobriu. E usou de um modo baixo e mesquinho para tê-lo em sua vida e em sua cama. Ela o dopou, Sienna. E o mais incrível é que a semelhança dela tanto comigo quanto com você era enorme. Ele não pôde resistir. E hoje eu descobri que aquela noite trouxe consequências, que o

distanciou ainda mais de sua família. Ele feriu outra pessoa que amava. Ele machucou seu próprio primo.

Com o rosto banhado de lágrimas, Chiara agora encarava Enrico e se dirigia diretamente a ele.

— Eu não sabia, Enrico. E ainda é tão difícil acreditar. Eu só sei que é real o que ouvi, porque presenciei a agonia no olhar dele ao me relatar tudo. E meu corpo sentiu de imediato a dor ao descobrir que as vítimas de seus erros eram você e Sienna. Eu perdi uma parte de mim que nem sabia de sua existência. Eu perdi o meu bebê. E agora, ele está carregando mais uma culpa em seu coração que, dessa vez, não é dele. Simplesmente não era o momento preparado por Deus para viver esta dádiva.

Nossas vozes se misturaram ao pronunciar o nome do homem que marcou nosso passado, que feriu nossas vidas, sem sequer ter noção que, mais uma vez, nosso destino estava ligado.

— Ângelo.

Eu precisava sair dali, o ar faltava, os olhos ardiam, o peito doía, mas antes que minhas pernas cedessem eu supliquei por socorro:

— Me tire daqui!

Em silêncio, Enrico passou a mão em minha cintura

e me levou para fora da clínica. Ao longe, eu podia ouvir as vozes de meu pai e Carla preocupados com meu estado.

Senti meu corpo ir de encontro a um assento e, ao erguer minha cabeça, eu reconheci como o banco da praça, ao atravessar a rua de frente pra clínica.

— Ele me amou.

— Não, anjo. Ele te desejou. Amar é abrir o coração, entregar e compartilhar sua alma. E isso ele fez com Chiara.

Procurei algo que demonstrasse no olhar de Enrico que tudo que ouvimos o tinha surpreendido, mas eu não encontrei nada.

— Você não está surpreso.

— Estou. E com uma raiva e revolta, nunca antes sentida.

— Ele e a sua ex-esposa...

— Acha que é por eles, anjo? Não, *amore mio*. É por você. Somente você. Ele te tocou. Te fez sentir medo. Roubou sua paz.

— Ele não tinha esse direito, Rico.

— Eu sei.

— Eu queria tanto sentir ódio por ele, mas não consigo.

— Porque você já o perdoou, anjo.

— Sim.

— Então não se culpe por ter um coração lindo, Sienna.

— Onde ele está, Enrico? Nós precisamos encontrá-lo.

— Eu já o encontrei, anjo. Por isso eu não me surpreendi com tudo que Chiara falou dele e de Fabiana. Ângelo estava na nossa casa, hoje pela manhã.

Levantei do banco num impulso forte e rápido.

— Vocês conversaram?

— Sim, mas somente sobre isso. Não houve tempo de continuarmos. Você acordou e buscava por mim pela casa. Do piso superior onde estávamos, nós a ouvimos. Eu entendi tudo o que aconteceu entre ele e Fabiana. E enxergo tanto Ângelo como eu vítimas de uma mulher má e mesquinha, mas não me peça para encontrá-lo agora. Eu ainda não digeri o que ele fez com você.

— Eu estou cansada.

— Eu creio. Vamos pra casa, anjo.

— Não do corpo, Rico. Mas no meu coração. Já viu um céu carregado de nuvens escuras? O dia fica frio e é como se tudo se tornasse triste, pesado. É ruim, amor. Eu preciso de leveza. Eu necessito de luz.

— Vamos nos despedir de sua família e retornar pra *Villa*.

— Não.

— Chiara precisa de sossego, Sienna. E com você aqui, ela não terá.

— Por quê?

— Porque quando ela olhar para você, dois sentimentos chegarão ao seu coração. A preocupação por você estar sentada em uma cadeira desconfortável, sendo que poderia estar no conforto de seu lar, descansando e sendo bem cuidada tanto por mim, quanto por minha família. E a tristeza, anjo. Você está vivendo o que ela acabou de perder. Mesmo que ela não tinha noção que seu corpo carregava outra vida, agora ela tem. E pode ter certeza de que dói. Ela está ferida. Deixe que Giulio e Antônio cuidem dela. O tempo fará seu trabalho. Ajudará a amenizar a dor. E logo ela será agraciada com mais um filho. E quem sabe o destino de Ângelo e Chiara se cruze mais uma vez nas linhas do destino escrita por Deus.

— Não entendi. Por que se cruzar uma vez mais?

— Ele partiu, anjo. Assim como fez quando achou que tinha te ferido, Ângelo foi embora novamente, mas dessa vez por Chiara.

— Mas ele não pode abandoná-la.

— Mas ele fez.

— Isso é injusto.

— Não o julgue, anjo. Dessa vez, ele não foi por vontade própria. Sua irmã pediu.

— Chiara nunca pediria para o homem que ama ir embora.

— Não. Mas ela pediu que ele se afastasse, que eles dessem um tempo no relacionamento.

— E onde ele está?

— Ele voltou para casa.

— Pra Villa De Angeli?

— Não. Rio Doce, anjo. Ele voltou realmente pra casa. Para o Brasil.

— Senhor, mas ele não pode ficar sozinho.

— Ele é um De Angeli. E um De Angeli nunca está só. Tem uma família sempre ao seu lado. Assim como Lipe

e Carla vieram ao meu socorro quando achei que Fabiana tinha acabado com minha razão de viver. Agora foi a vez de Giovanni cuidar de seu irmão.

— Eles vão voltar, né, Rico?

Mais uma vez, as lágrimas rolavam por meu rosto sem pedir licença. Não era justo tudo que nos acontecia. Será que era pedir muito para ser feliz?

Rico já estava de pé me estendendo sua mão. Prontamente a aceitei e seguimos para a clínica.

Passei direto pela recepção e, dessa vez, ninguém tentou impedir a minha entrada.

Cheguei ao quarto de Chiara e Giulio a estava acompanhando. Ao olhar para ele, vi alguns lampejos de dor ainda passando por seu rosto.

— Ainda dói?

— Definitivamente.

— Você vai sobreviver, e ainda me dará lindos sobrinhos.

— Sou prevenido. Tinha uma versão mais velha de você em casa. Ou seja, vários chutes. Então, meus bebês já estão guardados aqui na clínica. Sêmen armazenado. Mas meu amigo aqui debaixo está bem, obrigado. Seus

sobrinhos serão feitos da maneira tradicional, que por sinal é muito mais prazerosa, e Carla gosta de...

Enrico já estava ao lado de Giulio e tinha o dedo indicador apertado em sua boca.

— Sem necessidade de completar o pensamento, doutor.

Giulio tentava tirar o dedo de Rico de sua boca, mas ele balançava a cabeça de um lado para o outro.

— Já engoliu as palavras, doutor?

Giulio apontava para o dedo de Rico, que rapidamente o retirou.

— Tem outro jeito?

— Não.

— Ok, então. Mas meus pensamentos seguiram até o fim e as imagens visualizadas foram imensamente agradáveis.

Rico me procurou com o olhar totalmente enojado.

— Eu não sou fã dele, anjo.

— Acho que ele também não é seu, amor.

Giulio deu um sorriso largo e afirmou,

confirmando meu comentário.

Rico olhava de mim para meu irmão e alguns segundos depois retribuiu o sorriso largo de Giulio.

— Justo, doutor. Eu também não gostaria de mim e nem dos meus pensamentos em relação a sua irmã. Não são nada decentes. Confesso.

Rico me puxou para frente de seu corpo, beijou minha nuca e mordiscou o local. E definitivamente seus pensamentos surtiram efeito e pude sentir o estado em que se encontrava. Duro. Pronto. Preparado para dar e receber prazer.

Abaixei minha cabeça e ri baixinho, mas um gemido de Chiara chamou nossa atenção e logo estávamos ao seu lado na cama.

— Eu quero sentar.

Giulio, que já buscava o aparelho de pressão, a proibiu.

— Não. Você está de repouso absoluto.

— Eu tenho pacientes para atender, Giulio.

— A doutora Daniella já assumiu todos.

— Ela não está a par dos casos, Giulio. Dani não saberá atender Eduardo, por exemplo. E ele tem consulta

daqui alguns dias. Ele não fala, irmão. E pra ganhar sua confiança, foi difícil. Eu preciso atender ao menos o Dudu.

Segurei a mão de Chiara e a apertei, fazendo-a olhar em minha direção.

— O meu Dudu?

— Sim. Ele é meu paciente.

— Consultas de rotina ou algo a mais?

Chiara ficou calada por algum tempo, creio que pensando na resposta mais apropriada para me dar.

— Algo muito além do que possa imaginar.

— Preciso me preocupar, Chiara?

— Não. Ele é um menino valente, vai superar tudo.

— Certo. Cuide bem dele. E Giulio?

— Eu.

— Se não trouxer nenhum problema para a recuperação de Chiara, eu peço que você a libere, pelo menos, para o atendimento de Dudu. Ele é um menino especial e de pouquíssimos amigos. Se Chiara conseguiu chegar ao coração dele e ganhar sua confiança é porque ele realmente a admira e lhe quer bem.

— Ok. Sienna, peça pra agendar a consulta para sexta à tarde. Eu tenho pacientes nesse horário e estarei de olho em Chiara para não extrapolar no seu repouso.

— Obrigada, Giulio. Ele só retorna à Itália daqui pelo menos seis dias. Sexta está perfeito. Falei com a mãe dele ao telefone. Dudu estará presente na festa de aniversário de casamento dos pais de Enrico.

Chiara puxou um travesseiro que estava na cadeira ao lado e colocou em suas costas, tentando se ajeitar para ficar um pouco mais elevada.

— Eu vou.

Giulio a encarou seriamente.

— Não vai.

Minha irmã cruzou os braços e revidou seu olhar raivoso.

— Vou. E ponto-final. Preciso te lembrar que você não é meu médico?

— Mas eu sou.

Papai entrou no quarto com uma bandeja com dois copos descartáveis em cima. Tomou um na mão e me ofereceu.

— O que é?

— Suco de laranja. Beba. Tudo.

Peguei o copo e tomei um gole.

— Tudo, Sienna.

Papai nunca falou tão sério comigo. Resolvi obedecer sem questionar e tomei todo o líquido. Assim que devolvi o copo para a bandeja, eu contemplei uma troca de sorriso cúmplice entre Giulio, Chiara e Antônio.

— Que foi?

— Nada. — Papai respondeu sorrindo. E entregou o copo para Chiara, que logo o questionou.

— Você vai beber primeiro?

— Vou ter que provar?

— Tem dúvidas?

— Nenhuma.

Papai tomou um pequeno gole do suco e entregou a Chiara.

— Obrigada, pai.

Foi a minha vez de questioná-los.

— Por que papai teve que tomar seu suco antes?

Chiara ergueu o copo já vazio e devolveu a bandeja.

— Excelente! Obrigada, pai. E irmã, te aconselho a ir pra casa. Terá uma longa noite de sono.

Olhei pra Giulio, papai e até Enrico, que tremiam levemente tentando prender o riso.

Olhei para meu copo na bandeja e depois para os três que agora totalmente descarados, gargalhavam abertamente.

Enrico levantou a mão e Giulio bateu com a sua em cumplicidade.

— Valeu, doutor. Estou quase conseguindo gostar de você.

— E eu de você, babaca. Cuide da minha irmã. E quando ela acordar segure-a na *Villa*. Não é necessário vir até aqui. Chiara está sendo bem cuidada.

O reconhecimento de tudo que eles tinham orquestrado às minhas costas chegou a mim como um alto estalar de dedos.

— Vocês me doparam.

— Levemente. — Papai respondeu erguendo as mãos em sinal de inocência.

— Suavemente. — Foi a vez de Giulio responder e piscar pra mim.

— Delicadamente. — Chiara respondeu e lançou um beijo em minha direção.

Enrico se colocou atrás de mim, beijou meu ombro e me abraçou, e depois sussurrou em meu ouvido o quanto era cúmplice de minha família, naquele ato.

— Carinhosamente, anjo. Pra conseguir te tirar do lado de sua irmã, essa foi nossa única alternativa. Agora vamos. Mamãe está com uma canja preparada pra você comer e relaxar depois. Não pense que esqueci a dor que sentiu quando Carla deu a notícia que Chiara estava internada.

— Eu estou bem.

— Vai passar no meu consultório antes. E nunca me esconda se sentir qualquer coisa diferente, Sienna. Pode não ser nada, como também pode ser absolutamente tudo.

Eu não estava sentindo nada. Bella estava mexendo normalmente. Não era necessário exame algum.

Busquei ajuda em Chiara com um olhar em busca de socorro e só recebi um levantar de ombros como resposta.

— Posso trocar de médico?

Ouvi um altíssimo e unísono NÃO, vindo de Enrico e Giulio.

Papai me deu leves tapinhas no ombro e me empurrou levemente em direção à porta, falando baixinho em meu ouvido para que só eu ouvisse a sua confissão.

— Conforme-se, minha menina. Ele é feio, mas não é mau. E tenho que confessar, ele é maravilhoso no que faz. Por isso confiei a ele um de meus bens mais preciosos. Relutei em entregar você a Giulio como paciente, mas não me arrependo. Chiara ainda não sabe, mas já é paciente dele também. As duas estão nas melhores mãos. Ele cuidará de vocês da melhor forma com o coração e com a capacidade que tem. Eu confio no meu filho.

— Eu também. Ah, e ele é lindo.

— Eu sei. Puxou ao pai.

Antônio lançou uma piscadela pra mim e me apertou em seus braços e após ser avaliada por Giulio, logo Enrico e eu nos despedíamos de todos e seguíamos de volta para a Villa De Angeli.

A chuva havia amenizado e o retorno foi rápido.

Estacionamos na garagem e entramos pela porta da cozinha nos fundos. Ao chegarmos na sala encontramos um

grandioso silêncio, que só era quebrado pelos gemidos de Lipe e Levi quando dona Ana e Gisele apertavam bolsas de gelo em suas mãos.

Henrico um tanto assustado foi o primeiro a abrir a boca e receber os olhares de todos.

— O que aconteceu?

— Eles aconteceram, meu filho. Dois animais.

Seu Lorenzo apontava para Levi e Enrico com um olhar de repreensão que não abalava em nada os dois.

E percebendo que do pai não sairia mais nada, ele recorreu a mãe.

— Mãe?

Ao invés de responder a ele, dona Ana se dirigiu a mim e apontou para um objeto em cima da mesa.

E mais uma vez o passado me levou ao pranto. Choro de saudade. Choro de espera. Dez anos aguardando o que me foi prometido.

Em pé na mesa de centro da sala estava uma escultura. Um anjo lindo de cabelos longos e com suas asas abertas. Os traços detalhados com precisão e perfeição na madeira. Ele havia me esculpido como me foi prometido.

E sem ter noção das emoções que eu estava vivendo, os irmãos De Angeli, agora com a chegada de Carla, com água e medicamento, conversavam entre si.

— Ele apareceu aqui e contou tudo que fez com a moça bonita, Rico. Ele roubou a paz dela. O primo foi um canalha.

— Ele não estava normal, Lipe.

— FODA-SE! — Levi gritou e levantou abruptamente do sofá, assustando até Gisele que estava serena ao seu lado tentando aliviar a dor de sua mão. — Ele sempre ouviu assim como todos nós, que as mulheres são seres especiais, Rico. Nasceram pra ser adoradas e amadas. E ele vai e faz essa porra com a Sienna.

Minha voz saiu baixa, mas pela expressão de espanto no rosto de Levi, ela foi bem audível:

— Os ferimentos no corpo logo sumiram. Ele só deixou marcas em minha alma, Levi.

Meu cunhado mais velho deu passos largos e logo estava em minha frente. Tocou meu rosto com as duas mãos e falou com carinho comigo.

— Você era um tesouro escondido, Sienna. E meu irmão é um baita de um sortudo em ter te encontrado. Muitas mulheres em seu lugar iriam odiar o meu primo. E

você, menina, conseguiu além de perdoar, amá-lo acima de todos os seus erros.

— Ele é digno de amor e de perdão.

— Nós sabemos. Ele é um bom rapaz. Mas nada que nossas mãos não o fizessem recordar de todos os ensinamentos que nossos avós nos passaram. Ele voltará e fará sua irmã feliz. Ele a ama.

— Eu sei. Vocês o deixaram muito ferido?

Foi a vez de Lipe levantar do sofá e dar um sorriso safado em minha direção.

— Digamos que a concorrência de gostoso da Villa De Angeli diminuiu por umas boas semanas, moça bonita.

Lipe olhava cheio de orgulho para o vermelhão em sua mão.

— Levi, o que vocês fizeram?

— Nada de mais. Só um corte na boca e uma dor filha da puta no abdômen dele.

— Lipe?

— Er... Tipo assim, moça bonita. Uns três pontos na testa. Só isso.

— Jesus, vocês são loucos!

Seu Lorenzo deu um suspiro alto de onde estava sentado.

— Eu disse. Animais.

Dona Ana levantou do sofá e caminhou até onde o marido estava, parou abruptamente à sua frente e cruzou os braços, olhando-o seriamente.

— E você assistiu tudo o que acontecia em silêncio e com um sorriso orgulhoso na boca.

— Ana, o que eu poderia fazer?

— Impedi-los?

— Definitivamente não. Mesmo atrasados, eles defenderam a cunhada. Eu estou é muito orgulhoso deles.

— Desisto.

Dona Ana jogou as mãos para o alto e disse que ia pra cozinha buscar a minha canja.

Coloquei minha mão na boca para abafar um bocejo alto. O sono já estava pedindo licença para chegar. E percebendo isso, Enrico tentou tomar minha mão na sua para me fazer sentar no sofá ao seu lado, mas o objeto em minha mão o desviou de sua intenção.

— O que é isto?

— Ele deixou pra mim.

— Me deixe ver, Sienna.

Entreguei a Enrico o objeto e ele o observou por um longo tempo.

— É você.

— Sim.

— É um anjo, Sienna.

— Ângelo sempre disse que eu era o seu anjo que lhe trazia paz. Bastava um olhar em minha direção e sua alma se alegrava. Ele me prometeu essa escultura como presente de 15 anos e ela nunca tinha chegado a mim. Até hoje.

Enrico ainda encarava a escultura, atentamente.

Lipe caminhou até se colocar de pé às costas do irmão apoiando suas mãos nos ombros de Rico e, em seguida, dando leves batidas no mesmo.

— Rico?

— Hum.

— O primo chama a moça bonita de anjo.

— Percebi.

— Rico?

— Oi.

— Você é marcha lenta até pra escolher um apelido. Sua sorte é que é bonito. Se fosse feio, tava fodido. Mas tem um consolo. Eu te amo, mesmo sendo lento. E isso é importante e fundamental pra porra.

Enrico jogou a cabeça pra trás e olhou o irmão, que encarava o pai do outro lado da sala e nem percebia o olhar de incredulidade de Rico para ele.

— Sêrio?

— O quê, Rico?

— Que você disse isso?

— Falei a mais pura verdade.

— Pai?

— Nem precisa pedir, Enrico. Faça.

— Obrigado.

Levi já estava nas costas de Lipe o imobilizando por trás. E antes de encher de tapas a orelha de Lipe, Enrico se dirigiu ao irmão mais velho.

— Lê, me lembre de deixar um roxo bem grande na

cara bonita do primo, ok? Só quem chama meu anjo de anjo sou eu.

— Anotado. Prossiga. Preciso me vingar também. Ele fez o Hulk amar meu chinelo. E meu pé foi de encontro a uma poça de mijo essa manhã ao sair da cama. Fique com a orelha direita. A esquerda é minha.

— PORRA! — Só ouvi o grito de Lipe quando conseguiu se soltar e os irmãos correndo atrás para capturá-lo novamente.

Não consegui esperar dona Ana e acabei caindo no sono ao som de gargalhadas e gritos dos irmãos De Angeli.

Amanheci ao lado de Enrico e com um sorriso largo estampado na face. Novos e melhores dias estavam por vir. O anjo no meu sonho não mentiria. Antes de despertar, ele me disse uma palavra de esperança que ficará marcada em minha vida pela eternidade.

— Recomeço.

Capítulo 27

Enrico

Depois de conseguirmos prender Lipe e deixarmos suas orelhas ardendo retornamos para a sala. Meu pai acabava de ajeitar Sienna deitada no sofá da e a cobria com uma manta.

— Vou levá-la para o quarto e trocar sua roupa.

— Não a incomode, meu filho. Ela está confortável com o vestido que Lipe levou pra ela se trocar na clínica.

Mamãe terminava de recolher algumas xícaras de cima da mesa de centro e logo seguia para a cozinha.

— Sua mãe tem razão, meu filho. Deixe-a

descansar. Precisa de ajuda para colocá-la na cama?

— Não, pai. Ela é tão pequena. Teima em dizer que engordou demais. Está entrando no sexto mês de gestação e só engordou seis quilos. E pensar que falta tão pouco para termos a nossa filha nos braços.

Papai apoiou sua mão em meu ombro esquerdo e nós dois velamos por alguns instantes em silêncio, o sono tranquilo de Sienna.

— Enrico, eu preciso voltar para o Brasil logo após a festa de aniversário de meu casamento. Vai conseguir organizar tudo sozinho?

— Sim, senhor. Já temos buffet, músicos, flores, e Carla e Gisele estão a par de cada detalhe para tornar o nosso dia perfeito.

— Você vai se casar, meu filho?

— Se ela disser sim.

— Ela dirá.

— Eu já tenho a bênção do pai dela.

— Você pediu a mão de Sienna a Antônio?

— Sim, senhor.

— Certo. Agora falta a minha parte.

— Será feito da mesma maneira que o seu avô procedeu no noivado da *nonna*?

— Sem dúvidas.

— Que a semana passe rápido.

Papai sorriu ao contemplar em meu rosto o nervosismo e a ansiedade para a chegada do próximo sábado.

— Fique tranquilo, Rico. Leve Sienna para o quarto. Amanhã ela tem um convidado especial no *Delizie*.

— O seu amigo apresentador de um programa culinário?

— O próprio.

— Sienna vai se divertir com isso.

— Essa é a intenção. Desviar os pensamentos dela do que aconteceu com Chiara e lhe proporcionar dias mais leves e sem estresse.

E assim nós conseguimos. A semana passou rápido e o sábado chegou com um dia de sol claro e temperatura agradável. Sienna tinha colocado o alarme para despertar cedo. E no primeiro toque ela o desligou. Tentei me levantar junto com ela, mas fui proibido.

— Não, senhor. O café da manhã é de minha

responsabilidade hoje e preciso terminar os doces para a festa de seus pais.

— Prometo me comportar, anjo.

Um sorriso involuntário e sarcástico surgiu nos lábios de Sienna.

— As mesmas palavras de ontem, Rico. E eu fui parar nua em cima da bancada da cozinha, cercada de recheios e coberturas, que por sinal você fez um excelente bom uso deles.

— Não se pode desperdiçar comida, anjo. É pecado. Papai nos ensinou isso desde meninos.

— E vocês aprenderam direitinho, são muito obedientes. Por isso o recheio de meus pães de mel sumiu da mesa da cozinha, enquanto eu tomava um banho. E quando retornei, a vasilha estava vazia e só tinha rastros de dedos. E por mágica, uma pequena parte dele tinha ido parar nos cabelos de Levi e na bochecha de Gisele. Totalmente explicado, agora.

— Somos bons moços e famintos.

— Sei. Insaciáveis isso sim.

— Definitivamente.

Sienna soltou uma gargalhada e me empurrou de

volta para cama, quando tentei puxá-la novamente para debaixo das cobertas.

— Preciso buscar o bolo da festa e o cabeleireiro.

— Não esqueça que eu encomendei uma taça de merengue de morango e chocolate pra mim. Leve alguns dos meninos pra te ajudar a carregar as encomendas.

— Vou arrastar Levi e Lipe.

— De jeito nenhum. Eles estão ao meu dispor o dia inteiro.

— Você os chantageou, anjo.

— Nada como descobrir o ponto fraco de seus alvos e usá-los com sabedoria.

— Quindim e bem-casado.

— Troca justa. Só pedi boa música e uma boca faminta para provar minhas receitas.

Ouvimos fortes batidas na porta do quarto e um grito que, com certeza, acordou a casa inteira.

— MOÇA BONITA, levanta o traseiro grande da cama. Estou faminto. Já colhi as uvas e trouxe o seu *cappuccino*. Agora aguardo minha recompensa.

Sienna sabia que precisava levantar. Mamãe

confiou a ela os doces para cerca de duzentos convidados. Não eram tantas pessoas, pois meus pais tinham um círculo de amigos bem restritos. Mas como eram famílias italianas, isso já queria dizer que eram bem extensas.

Sienna sentou em cima do meu quadril, inclinou o corpo e me deu um beijo longo e profundo. Levantou rapidamente e correu para o banheiro gritando para Lipe, que logo seus *waffles* com geleia de uva estariam prontos. E eu soltei um suspiro frustrado, pois definitivamente a minha fome de Sienna não seria saciada esta manhã.

Joguei a manta longe e segui para o banheiro social da casa.

Lipe saía da cozinha com um cacho de uvas na mão e quando ergueu o olhar e reparou na minha expressão de frustração, soltou uma sonora gargalhada, que atraiu a todos para o corredor.

— Dá licença, por favor.

— Foi deixado literalmente na mão, hein, segundo irmão mais velho?

Ergui os dois dedos do meio pra Lipe e voltei a caminhar ao som das gargalhadas de meus irmãos. Ao abrir a porta do banheiro, eu ouvi a voz de Levi:

— O chuveiro já está no frio. Divirta-se!

Retrocedi dois passos e encarei Levi, que, com certeza, tinha acabado de sair do banho, pois tinha os cabelos escuros molhados recentemente.

— Gisele?

— Saiu cedo com papai e mamãe para buscar Pablo. Ele tem compromisso hoje ao anoitecer e vai começar a arrumar as mulheres um pouco mais cedo.

Lipe, que estava ao lado de Levi, estremeceu drasticamente, e ergueu as mãos ao céu suplicando a Deus por proteção, bem no exato momento que Sienna entrava pelo corredor, vestida com um short curto e uma bata vermelha de alças finas.

Nossos olhares se cruzaram e sem perceber, minha mão seguiu para o meu membro que imediatamente acordava dentro de minha calça de moleton.

Lipe continuava a murmurar que não merecia que as mãos de polvo quisesse tocar em seu corpo delicioso e Sienna não desviava o olhar de onde minha mão se encontrava.

Vi o instante em que a ponta de sua língua deslizou por seus lábios, umedecendo-os, e um gemido alto escapuliu por meus lábios, e novamente a atenção de meus irmãos era toda minha. E antes que soltassem alguma piadinha em relação ao estado que me encontrava, eu corri

e tranquei a porta do banheiro e me joguei na água fria com roupa e tudo.

Saí do banheiro alguns minutos depois e o movimento na cozinha já era intenso. Troquei rapidamente de roupa no meu quarto e voltei para tomar um café e logo depois já seguia com Pietro e Marcello para a fazenda ao lado buscar o bolo e os doces.

Quando retornamos, a sala já havia se tornado um verdadeiro SPA e a alegria de Pablo enchia o ambiente e contagiava a todos os presentes.

Procurei por Lipe pela casa para me ajudar a retirar o bolo de três andares do carro e papai que tinha o jornal na mão me respondeu que o safado tinha fugido com a desculpa de buscar as bebidas no vinhedo De Angeli. Ele fugia era de Pablo e suas mãos macias, isso sim.

Mas internamente eu o agradei. Me poupou de tomar a estrada novamente. Ainda precisava buscar os ternos na lavanderia da cidade e os vestidos que Carla encomendou na costureira.

Sienna ainda não havia saído da cozinha desde o amanhecer. Tia Helena e Luciana a auxiliavam agora enquanto Raphaella improvisava uma macarronada para o almoço de todos.

Às 14h, meu anjo apareceu na sala com um pano de

prato secando suas mãos e um olhar cansado na face delicada, o que fez Pablo soltar um grito estridente, fazendo-a sobressaltar.

— SOCORRO!

— Que aconteceu?

Com os olhos arregalados, Sienna o questionava sobre o motivo do escândalo.

— Você aconteceu, amor. Tenho pouquíssimas horas para transformá-la de gata borralheira em diva. Já para a banheira gloriosa no quarto dos papais De Angeli, que eu já estou chegando pra fazer minha mágica.

— Mas eu quero assistir a minha entrevista para o senhor Andrei na TV.

Pablo segurou o rosto de Sienna em suas mãos e beijou sua face com carinho.

— Assistirá. E estará linda. Prometo terminar a tempo do início do programa. Agora vá. Após o banho suas unhas serão tratadas e partiremos para o cabelo e maquiagem. Hoje é o dia de dona Ana ser a estrela. Mas no seu dia, eu finalmente terei minha obra-prima.

— Que dia?

— Não questione os delírios de Pablo, bebê. Me

deixe sonhar. Agora corra, que as horas estão voando.

Sienna lançou um beijo em minha direção e acatou as ordens de Pablo.

Cumpri todas as minhas obrigações e, às 18h30, já estava praticamente pronto. Faltava a gravata e o paletó.

Ouvi algumas batidas na porta do quarto e a voz suave de minha mãe solicitando licença para poder entrar.

Logo ela e meu pai já estavam à minha frente. Seu Lorenzo tomou a gravata de minha mão e assumiu a missão de ajeitá-la em mim. E dona Ana pegou o paletó pendurado no cabide e me ajudou a vesti-lo.

— Estou pronto.

— Não está. Falta isso. Lipe pediu para entregar.

— Mas estava guardado comigo.

— Sim. Ele pegou na sua cômoda para limpar. E eu trouxe o par dele.

— É seu, pai, não é justo. O vô deixou para o senhor.

— E eu estou deixando pra você. Exigindo a mesma coisa que me foi exigida do pai de Ana quando pedi a mão dela em casamento.

— Diga, pai.

— Ame Sienna mais que a si mesmo.

— Exigência já cumprida, pai.

— Eu sei. Por isso este anel está chegando a você neste momento e não há alguns anos, quando Fabiana chegou na sua vida.

— Por que não antes, pai?

— Porque seus olhos não refletiam amor e devoção ao olhar para ela. Seu corpo não vibrava somente ao mencionar o nome dela e seus lábios não sorriam involuntariamente ao se perder em pensamentos sobre ela.

— Eu a amo.

— Nós sabemos, meu menino. — Minha mãe disse com os olhos marejados, puxou meu rosto para baixo e beijou minha face demoradamente.

— Vamos, Lorenzo. Meu filho vai noivar e eu tenho que ser forte e resistir às delícias dos doces de Sienna. Daqui um mês eu tenho que levar meu menino ao altar e é um desaforo se eu não conseguir entrar naquele vestido dourado que vi na cidade. Arrume formas de deter minhas mãos de avançar nos docinhos, por favor.

Meu pai ajeitou o seu próprio paletó e olhou para

baixo tentando esconder um sorriso safado de minha mãe, e tenho certeza de que quando ele levantou a cabeça e me encarou, percebeu estampado em minha face um olhar de nojo em sua direção.

— Não me julgue. Ela que pediu e eu não consegui frear os pensamentos de como manter as mãos dela ocupada.

Somente aponte para a porta do quarto e minha mãe passou a mão em meu pai e, sorrindo, o arrastou para fora, dizendo que queria todos os detalhes do que passou pela mente dele. Definitivamente eu não merecia visualizar essa cena.

Procurei meu relógio em cima da cômoda e faltavam dez minutos para o início do programa.

Tranquei o quarto e segui direto para a sala de cinema, onde Lipe já havia sintonizado o canal na tela grande, e meus irmãos, Juju, Gisele e Vince já estavam reunidos e ansiosos para ver a entrevista de Sienna.

O programa já havia começado e nada de meu anjo aparecer. No início do último bloco, o senhor Andrei anunciou que teriam uma convidada especial. Que dessa vez a entrevista tinha sido gravada em seu estabelecimento, mas que em breve ela estaria presente no auditório, pois simplesmente havia ganhado seu coração

com seu carisma e doçura.

Andrei apresentou o *Delizie* para todos, elogiando a estrutura da loja de doces e o quanto ela era aconchegante, e logo eles já estavam na cozinha. E com tranquilidade e desenvoltura, Sienna ensinou a todos a receita de seu *cupcake* preferido. Eles se despediram com a promessa de que ela o visitaria no estúdio com a nossa filha nos braços, em breve.

A porta da sala de cinema foi aberta e o sorriso largo de Pablo mostrava o quanto estava satisfeito com seu trabalho.

Ele estendeu a mão e a de meu anjo tocou delicadamente a dele e Pablo a fez entrar, causando um silêncio imediato no ambiente, sendo quebrado por um som de assobio alto vindo de Felipe.

Voltei o olhar para meu irmão e o vi de joelhos, com a cabeça encostada no encosto do sofá, apontando para Sienna. E pude ler a única palavra que saiu de seus lábios e que não passou imperceptível por nosso pai, que logo lhe deu um tapa na nuca.

— Gostosa.

Dando razão a Felipe, eu caminhei em direção a Sienna e lhe estendi a mão, trazendo-a para o meio da sala e a girando para que todos vissem o quanto ela estava

linda.

— Perfeita, anjo.

Seu rosto ruborizou e um suspiro alto desviou o nosso olhar para a entrada da sala. Pablo estava com as mãos na cintura e batendo o pé incessantemente no chão.

— Só isso? E o cabelo divino, a maquiagem impecável e o vestido luxuoso. Nenhum comentário?

Passei a mão por meus cabelos e tentei achar mais palavras para definir a minha mulher naquele momento, mas nenhuma chegava a minha mente, a não ser a que escapou de Felipe. Ela realmente estava gostosa.

— Eu não sei o que falar.

Pablo deu passos largos e chegou ao meu lado, me afastando um pouco de Sienna.

— Olhe novamente.

Olhei por mais alguns instantes e Sienna já dava leves gargalhadas da expressão de frustração vinda de Pablo, pelo meu silêncio.

— Viu o decote?

— A primeira coisa que eu vi.

— Aposto que não sabe nem as medidas de sua

mulher e que foi Carla que comprou o vestido lacrador pra Sienna. Qual o tamanho do busto, Enrico?

Foi a minha vez de sorrir.

— O tamanho perfeito e exato pra caber na minha mão.

— Desisto. Insensível.

Pablo se voltou para Sienna e admirou uma vez mais seu trabalho.

— Poderosa. Me conte todos os acontecimentos do dia no nosso próximo encontro.

Lançou beijos para o ar e partiu.

— Eu gosto dele, Rico. Mesmo quando fica divagando em seus próprios delírios. Hoje, ele não estava falando coisa com coisa. Comentou sobre um sapato de princesa, uma coroa e que iria chorar com um recém-nascido em breve. Ele estava estranho.

Levi tossiu diversas vezes consecutivas como se estivesse se engasgando, mas eu sabia que era pra desviar a atenção de Sienna dos comentários de Pablo.

E conseguiu, pois logo meu anjo já estava em movimento e lhe oferecia um copo de água que estava na mesa ao lado dos sofás.

— Beba.

Levi deu um pequeno gole e fingiu que recuperava o fôlego.

— Obrigado, Sienna, eu estou bem. E você estava linda no programa. Conseguiu assistir?

— Sim. Fiquei no quarto de seus pais os acompanhando, enquanto Pablo terminava esse coque em meu cabelo. Eu estava nervosa. Acho que tremi muito preparando o doce.

— Não estava, anjo. Foi maravilhosa.

Tia Helena apareceu na porta anunciando que alguns convidados já estavam começando a chegar.

Levi pegou o controle e desligou a TV. Carla e Gisele levantaram e ajeitaram seus longos vestidos e Lipe permanecia em silêncio no mesmo lugar e na mesma posição.

— Lipe?

— Hum.

— Que está fazendo?

— Pensando.

— No quê?

— Que você acordou com a moça bonita em sua cama e vai dormir com a gostosa do *cupcake*.

— E?

— E mais nada, Rico.

— Não vai reclamar que é injusto, nem nada?

— Não.

Lipe levantou e ajeitou seu terno e gravata e deu alguns passos pondo-se em pé à minha frente.

— Eu estou feliz por você, mano. O cara que eu trouxe destroçado do Brasil para a Itália não existe mais. Ele renasceu. E eu sinto um orgulho da porra dele. Ele consegue caminhar com seus próprios pés agora. Mas se tropeçar não estará mais só. Tem a mulher que ama e o ama ao seu lado. É a sensação de dever cumprido.

Lipe deu um tapinha em meu rosto e caminhou para a porta, mas parou e voltou um passo girando o corpo e olhando em minha direção novamente.

— Rico? Se um dia eu precisar...

— Eu, Levi e Carla, estaremos ao seu lado pra te amparar.

— Eu confio em vocês.

— Quanto?

— Com a minha vida.

Lipe recolheu uma lágrima solitária que desceu tão lentamente por seu rosto e partiu para o local da festa.

E eu nunca imaginei que seria tão cedo que os papéis se inverteriam. Era o meu irmão que necessitava de meu apoio agora.

Capítulo 28

Sienna

Era dia de festa na Villa De Angeli. Aniversário de casamento do senhor Lorenzo e dona Ana.

Hoje eles estarão comemorando bodas de coral: 35 anos de casados.

Boda é uma palavra que tem origem no latim "*vota*", que significa "promessa".

E eles estariam perante Deus, familiares e amigos, renovando as promessas trocadas entre o casal.

Passei a semana me dedicando ao preparo de doces e salgados para esta noite. Mesmo com a insistência

de Enrico para que deixasse o buffet contratado, também cuidar dessa parte, pois não queria me ver cansada. Eu nunca diria não a um pedido de dona Ana.

Acordamos cedo e logo já estava na cozinha, contando com a ajuda de Levi, Felipe e Carla.

Pouco tempo depois, a voz de Pablo já era ouvida em toda a casa grande.

A correria foi intensa, tanto na cozinha, com as comidas, como na sala, com Pablo e sua equipe, arrumando as mulheres da casa. O quarto de dona Ana, por ser o maior, foi escolhido para que nos aprontássemos para a festa.

Ao finalizar meu trabalho, encontrei Pablo, que logo me direcionou para relaxar na banheira, o que agradei profundamente, pois já sentia os pés inchados e latejando de dores.

A temperatura da água estava tão agradável que acabei adormecendo, sendo despertada mais tarde por leves tapinhas em meu rosto e ouvindo a voz mansa de Pablo me chamando:

— Vamos, moça linda. É hora de brilhar.

Algum tempo depois já estava pronta e apaixonada pelo vestido que escolheram pra mim.

Não imaginava que a festa seria tão luxuosa. O buffet escolhido e até mesmo os doces e salgados preparados por mim eram algo tão simples que destoava por completo da exuberância das vestes de todos os De Angeli.

Após assistir o programa de senhor Andrei na TV, eu encontrei com Enrico, seus irmãos, Gisele, Juju e Vince e logo estávamos seguindo para onde a festa se realizaria. De longe já podíamos ouvir vozes, música alta e muitos risos. O local escolhido foi o galpão da *Villa*. O mesmo lugar que quando cheguei à Itália, reencontrei Enrico. Em tão pouco tempo juntos, já tínhamos muitas histórias para contar.

O carro estacionou em frente ao galpão e minhas pernas simplesmente pareciam pesar toneladas, ao olhar ao redor. Eu não conseguia dar um passo sequer à frente e acabei chamando a atenção de todos que me acompanhavam.

Sorrindo, Enrico me estendeu a mão. Estava tão lindo em um terno todo em preto assim como o meu vestido. O que nos diferenciava eram os fios de prata que desciam desde o busto até o fim do vestido que arrastava por onde eu andava. Pablo tinha razão, eu estava brilhando e agora sem entender porque éramos os únicos vestidos desta forma, sendo que todos estavam trajando roupas simples.

— O que está acontecendo, Rico?

— Me acompanhe.

— Por que somos os únicos diferentes?

— Porque é um dia especial.

— Sim. Para os seus pais.

Lipe que já tinha entrado e, no mínimo, sentiu a nossa demora, voltou e trocou um olhar cúmplice com Enrico.

— Mudança nos planos, mano?

— Definitivamente, Lipe.

— Certo. Estão todos presentes. Podemos começar. E, moça bonita, seja bem-vinda.

Quando ia questionar Felipe, ele me lançou uma piscadela e entrou no galpão.

Enrico novamente me estendeu a mão. Com um pouco de receio eu a toquei e ele me puxou para seus braços e falou baixinho em meu ouvido:

— Nosso dia especial, anjo.

As vozes altas e os risos cessaram e deram lugar a uma melodia doce e suave. A voz de Levi invadiu o

ambiente chegando diretamente ao meu coração, fazendo-o bater tão acelerado, abalando minhas estruturas e me levando às lágrimas.

Meu amor

Você chegou pra me completar

E mudar a minha história pra sempre

Foi com você

Que eu descobri o verdadeiro amor

Agradeço a Deus, que sonhou assim

Fez você pra mim

Henrico me guiava entre os convidados, os quais não conseguia enxergar completamente devido às lágrimas que insistiam em cair.

No fim da canção nos encontramos em frente ao palco onde agora não só a banda e Levi estavam, mas também Felipe, Carla, Lorenzo e Ana.

Uma grande tela atrás deles começou a rodar imagens que logo passei a reconhecer.

Eram fotos de minha infância, intercaladas a de Enrico.

Um verdadeiro contraste de duas vidas. A minha tão solitária, salvo os momentos que estava no meio de Gio, Vince e Ângelo ou de meus padrinhos. E a de Enrico cercada de amor, carinho, atenção, amigos e família.

As fotos seguiam desde o nascimento até nossos dias atuais, onde a vida teve seu recomeço.

Nossos destinos já tinham se cruzado. Nossas vidas estavam entrelaçadas. E nosso futuro escrito e aprovado por Deus. Só nos restava viver nosso amor intensamente.

As últimas fotos foram as que Nelly tirou no dia que retornou ao Brasil.

As imagens deram lugar a um vídeo de uma paisagem que pra mim e Enrico era mais do que importante: a praia da Ponta em Rio Doce.

O som de batidas leves no microfone seguido por um cumprimento de dona Ana desviou minha atenção da grande tela.

— Boa noite a todos. Amigos e familiares, obrigada pela presença nesta noite especial. O dia é de alegria. Dia em que há 35 anos eu subi no altar para me

unir ao único homem que amei. Mas hoje quem receberá um presente de valor inigualável é a minha família. O coração de uma mãe sabe que ao dar à luz ao seu tão amado filho, não o terá pequeno e frágil para sempre. Ele crescerá, se tornará forte e um dia deixará o aconchego de sua casa. E você precisará entender que ele pode voar. Você tem que acreditar que ele não precisa mais de sua ajuda para caminhar.

Dona Ana baixou o microfone, fechou os olhos e respirou fundo, voltando a falar, agora olhando diretamente para mim e Enrico, que segurava fortemente a minha mão.

— É preciso aproveitar os pequenos detalhes, viver a vida intensamente e amar sem medidas, pois tudo passa. E passa tão rápido. Quando menos se espera, o seu filho irá descobrir que fora de seu colo há um novo mundo para ser descoberto. Terá a certeza de que existe muitos outros tipos de aventuras que não foram contadas pelos lábios de seus pais nas histórias de contos de fadas. Os dias passam voando.

Vendo a emoção da esposa, seu Lorenzo chegou ao seu lado e a abraçou. E as palavras agora fluíam com mais intensidade pelos lábios de dona Ana.

— A chupeta, os seios da mãe ou a mamadeira ficarão para trás. Ele caminhará sozinho. E a sensação de

ausência em seus braços. Ah, essa nunca passará. Seu bebê está crescendo. Sentirá saudades dos rabiscos espalhados pelas paredes da casa. E descobrirá que essa fase também passou. Houve uma troca. A canetinha e o giz de cera deram lugar a lapiseira e a caneta na escola. Seu bebê está crescendo. E só lhe restará a memória gravada em sua alma ou registrada em fotografias desses pequenos detalhes.

O vídeo das águas claras da praia atrás de dona Ana e seu Lorenzo foi alterado. Agora os irmãos De Angeli caminhavam sobre a areia fina. Os quatro sorriam abraçados. A sensação de leveza ao vê-los tão felizes e unidos fez sair por minha boca um suspiro alto, seguido de novas lágrimas. A câmera agora focalizava mais à frente, onde Ana e Lorenzo os esperavam. O primeiro a ir ao encontro deles foi Levi. E ao se aproximar, via ao pé dos pais, um coração desenhado na areia. Colocava a mão no bolso de sua bermuda e depositava algo dentro desse coração. A imagem congelava no exato momento em que eu descobriria qual era o objeto. A minha atenção era tão grande no vídeo, que não tinha percebido que o palco estava mais vazio. Levi agora estava ao meu lado e pedia licença ao irmão para me retirar de seus braços. Tomava minha mão na sua e a colocava com a palma virada para cima e a imagem da tela se ligava ao momento real que estava vivendo. Ele me entregava a letra *A* em madeira, assim como no vídeo ele colocava o mesmo objeto dentro

do coração. E a sequência se seguia. Era a vez de Carla, que me entregava a letra **M** e, por fim, vinha Lipe, dando um espaço entre as letras e colocando um **R**. Ele beijou a minha face e próximo ao meu ouvido sussurrou palavras que fizeram o coração perder algumas batidas:

— Bem-vinda a família, moça bonita.

Os três se afastaram sorrindo e de mãos dadas.

Dona Ana voltou a falar ao microfone, e eu somente a ouvia, pois meus olhos não conseguiam desviar da tela grande e das três letras depositadas na palma de minha mão.

— Os sonhos de seu filho não são os seus. E assim como você quando mais jovem, ele também tomará decisões erradas. Mas você irá respeitá-las. É direito dele. Mas quando chegar o certo na vida dele, a escolha perfeita, só você saberá o quanto orou e chorou por ele, com seus joelhos dobrados a cada amanhecer e anoitecer, no silêncio de seu quarto. E poderá agora glorificar a Deus que seu filho, enfim, será feliz. Ele continua a crescer. Ele amará outra mulher um dia. Será um amor diferente do que sente por você. E muitos até pensarão que sentirá ciúmes. Pode até ser que seja verdade para muitas. Mas hoje eu posso afirmar que não. Não há ciúmes. Há paz, tranquilidade e a certeza de que a mulher que ele escolheu o ama. Um amor incondicional. Um amor que venceu todos

os obstáculos para chegar até aqui. Neste momento, eu passarei a palavra para Lorenzo. Mas não sem antes dizer algo a vocês dois: amem e aproveitem os pequenos detalhes, pois chega a hora que o seu bebê cresce e vai viver a sua própria história. Escreverá dia após dia após dia novos capítulos. E chegará o instante tão aguardado que ele lhe devolverá o calor que tanto sente falta em seus braços. Mas terá novo nome, novo cheiro, um novo rosto. Verá neste novo pequeno ser um pedacinho de sua parte mais especial. Então, lembrem-se. Aproveitem os pequenos detalhes, intensamente. Pois tudo passa. E logo perceberá que o seu bebê cresceu e agora terá o seu próprio bebê além de novos sonhos com sua própria família para viver.

Dona Ana entregou o microfone a Lorenzo e desceu os três degraus do palco e logo estava à minha frente.

— Obrigada, Sienna. Eu nunca me cansarei de lhe agradecer por resgatar a alma de meu filho da escuridão. Sejam felizes.

Beijou a minha testa levemente e saiu caminhando de encontro a Levi, Carla e Lipe.

A voz grave de seu Lorenzo preencheu o ambiente:

— Terminem de soltar o vídeo, por favor. E, Sienna, essa é a melhor parte.

O vídeo voltou a rodar e, com um ângulo maior, eu pude observar o local onde estavam. Eram as pedras na praia onde Bella foi feita, onde fui amada pela primeira vez e agora via o homem que habita meu coração fazendo o mesmo percurso que seus irmãos. Colocava-se de joelhos e depositava um objeto que refletia um brilho intenso dentro do coração desenhado na areia. Rico erguia seu corpo e seguia para junto de sua família, e à frente de seus irmãos, me fazia perder o fôlego com suas palavras.

— Eu já te pedi em amor uma vez. E você aceitou. Agora eu vim em busca da resposta para minha felicidade. Aceita ser minha? Ser minha mulher, minha amiga, meu lar e meu alicerce? Aceita viver cada dia de agora em diante, ao meu lado? Aceita ser minha esposa e dona absoluta de minha alma? Basta uma palavra, anjo. E serei eternamente teu.

Foi no instante que senti algo gelado tocar a minha pele. E as palavras em madeira se completavam, e agora, tinham um significado. Uma forma. Um sentido. Enrico estava à minha frente de joelhos e na palma de minha mão reluzia um anel de pedra azul, da cor de seus olhos, entre as letras, formando a palavra AMOR.

E embargada pelas lágrimas, a palavra saiu baixa, mas foi na proporção certa para colocar um sorriso largo nos lábios de Enrico e sentir o anel deslizar com perfeição em meu dedo na mão direita.

— Sim.

Rico levantou e deu um beijo forte e demorado na minha mão. Tomou-me nos braços e sua boca tomou a minha com paixão e, por fim, quando nos separamos, ele com sua testa grudada a minha, disse baixinho:

— Obrigado por ter me escolhido, anjo.

Não houve tempo de resposta a Enrico, pois os gritos, risos e cumprimentos não pararam por um longo tempo.

Quando todos já haviam retornado a seus lugares, seu Lorenzo voltou ao microfone.

— Eu sou homem à moda antiga, Sienna. E exige que meu filho pedisse sua mão a seu pai. E com o consentimento e aprovação dele, eu te dou as boas-vindas a família De Angeli. Sejam felizes. E estão todos convidados para daqui a um mês para comemorarmos a união de Enrico e Sienna no vinhedo De Angeli. Será um dia de festa e de muita alegria, assim como esta noite. Que a música continue. Comam e bebam à vontade porque o meu menino vai casar.

— E você está feliz e orgulhoso pra porra, pai.

Seu Lorenzo ficou em silêncio diante das palavras de Felipe, mas logo soltou uma gargalhada.

— Às vezes, ele diz a coisa certa. Vamos comemorar.

Lorenzo desceu do palco e passou o braço nas costas de Felipe e bagunçou todo seu cabelo o fazendo sorrir largamente.

Meu pai e meus irmãos se aproximaram e nos felicitaram. Logo estávamos sentados na mesa que foi reservada para as duas famílias.

Todos estavam comendo ou entretidos em suas conversas e meus olhos foram ao encontro de minha irmã que tinha à sua frente a comida e bebida intactos e os olhos fixos no anel que Ângelo lhe deu há uma semana.

Coloquei a minha mão sobre a dela e para não chamar a atenção dos demais, me aproximei e falei baixo ao seu ouvido:

— Ele voltará.

— Eu tenho minhas dúvidas.

— E serão felizes.

— Eu vou embora, Sienna.

— Qual o motivo?

— Se o meu amor não retornar, eu irei até ele. Minha felicidade está onde Ângelo estiver.

— Eu te apoiarei, sempre.

— Esperarei até a chegada de minha sobrinha.

— Eu agradeço por isso.

— Quer se alegrar comigo agora, Chiara?

— Com certeza.

— Então, vamos dançar.

Arrastei a cadeira e lhe dei a mão e seguimos para a frente do palco, onde Nico tocava uma música animada que trouxe várias pessoas para nos acompanhar, incluindo Rico e seus irmãos.

Olhando ao redor, a vida de muitos já estava entrando nos eixos. Pietro e Juju já planejavam uma vida juntos, Erica e Marcello já tinham casamento marcado logo após o nascimento de seus gêmeos, Raphaella tinha recebido a triste notícia da morte de seu pai. E mesmo sendo um homem inescrupuloso e cruel, ela sentiu a sua perda e foi consolada por Guillermo. A história de Riccardo e Laizy ainda era uma incógnita para todos. Ninguém entendia o porquê de após tantos anos juntos e até mesmo um noivado recente, de um instante a outro eles tinham rompido. Era triste olhar de um lado e do outro do galpão, onde estavam sentados, e contemplar a infelicidade de ambos. Ao nosso lado, Vince tinha

convidado a doutora Daniella para uma dança. Acho que o primeiro contato e o brilho no olhar de ambos dizia que esse seria o primeiro de muitos encontros. Os destinos estavam sendo selados e a vida seguindo o rumo que Deus determinou para cada um. Era isso que sentia ao olhar para meus amigos.

Os casamentos De Angeli definitivamente não parariam no meu. Carla e Levi formariam suas famílias em breve também, mas que não se atrevessem a ir embora. Que encontrassem o amor, mas retornassem para casa. Isso eu não abria mão.

A canção acabou e uma nova e suave melodia tomou o ambiente e, dessa vez, eu tive minha primeira dança com o meu noivo. Encostei a cabeça em seu peito e me deixei ser guiada por ele, sentindo as batidas fortes e cadenciadas de seu coração.

Não tive muito tempo para sentir o calor do corpo de Enrico. Um toque no meu longo vestido me fez abrir os olhos e de imediato um sorriso iluminou o meu rosto.

— Meu pequeno tesouro.

Dudu retribuiu meu sorriso e me estendeu o braço para tomá-lo em meu colo. Enrico foi mais rápido e o tomou em seus braços.

— A barriga da tia Sienna já está grandinha, Dudu.

Então, eu vou aproximar vocês dois para um abraço bem carinhoso, ok?

Dudu balançou a cabeça afirmando com entusiasmo.

— A tia não pode pegar muito peso agora. E você já é um homem grande e forte, não é?

Novamente Dudu afirmou e tocou o rosto de Enrico, e logo o abraçou, demonstrando que sentiu imensa saudade dele.

Ganhei o meu abraço de Eduardo, que logo balançou as pernas e apontando para baixo diversas vezes, foi colocado no chão por Enrico.

Foi diretamente para minha barriga, a acariciou e distribuiu vários beijos no meu ventre e riu baixinho quando sentiu Bella mexer.

Seu olhar vagou pelo salão e avistou o que tanto procurava.

Em um disparo ele seguiu em direção a Felipe, que já estava preparado para tomá-lo nos braços. Em seguida, o ergueu e, gargalhando, o rodopiou pelo galpão.

Dona Ana e seu Lorenzo foram conhecer o pequeno que em pouco tempo já tinha ganhado seus corações.

A festa ainda seguiria por muitas horas. Ainda tinha comida e bebida em abundância e disposição para festejar era o que não faltava aos convidados.

Pedi ao garçom que trouxesse o *cupcake* de chocolate branco para Dudu. Sentei na cadeira em nossa mesa e ele ocupou meu colo.

Entreguei para Lipe, que estava ao nosso lado, a sobremesa e o talher e deixei que ele o alimentasse e todos observavam o quanto Dudu se deliciava com o doce, chegando a fechar os olhinhos saboreando lentamente cada pedaço.

Lipe raspava o último pedaço de doce para levar à boca de Eduardo, quando ouvimos uma voz que me fez estremecer e sentir arrepios percorrerem todo o meu corpo.

— Boa noite a todos. Boa noite, Sienna.

Eu a cumprimentei, tendo o nome dela preso na minha garganta. E sentindo minha aflição, sentado ao meu outro lado, Enrico deu um leve aperto na minha perna.

— Boa noite.

— Eu vim resgatar um lindo menino que não esperou a mãe nem tirar o uniforme de trabalho e aproveitou a visita do tio Guillermo e fugiu de casa,

deixando a mãe sozinha e sem proteção.

A mão de Paola tocou e acariciou os cabelos do filho, que ria baixinho das palavras dela.

— Mas eu te entendo, campeão. Você estava morrendo de saudades da tia Sienna e de um tio que eu ainda não conheço. Eu só vim à sua procura para trazer um cachecol para te aquecer.

As mãos dela se colocaram à frente do filho. E era como assistir a cena de um filme em câmera lenta. O talher com o último pedaço de *cupcake* não chegou à boca de Dudu. Ela ficou estática, presa no ar. A mão de Lipe não se mexia. Eu só podia ouvir o som de sua respiração alterada.

Paola deu a primeira volta com o cachecol no pescoço de Dudu e o pesado talher caiu com um barulho alto na mesa, fazendo com que todos os olhares se voltassem para Lipe.

Sua mão foi com um único e forte impulso para o braço de Paola, fazendo-a dar um pequeno salto devido ao susto.

Lipe girou seu braço e encontrou o que perdeu há alguns anos.

— Lola. — A voz dele saiu lenta, pausada e

carregada de pesar. O riso fácil pediu licença para partir e dar lugar a dor.

Paola tremia ao meu lado.

— Moça bonita, você a encontrou?

Respirei fundo e assenti sentindo a ardência em meus olhos, devido ao pranto que insistia em chegar. Mas eu tinha que ser forte naquele instante por ele. Seu coração com certeza estava uma bagunça e era em mim e em sua família que ele buscaria refúgio.

Lipe não soltava o braço de Paola e a cena chamou a atenção de muitos na festa, inclusive a família Ferrari.

Guillermo correu para onde estávamos e chegou próximo a Felipe.

— Solte ela, cara.

— Eu não posso. Ela vai fugir novamente.

— Lipe, olhe pra ela. Você não a conhece.

Lipe ergueu a cabeça e encontrou o olhar aflito de Paola. O rosto dela já estava manchado por lágrimas e o gemido alto que escapou por sua boca, ao reconhecer à sua frente o seu passado, era doloroso.

— Por que, Lola? Antes de fugir novamente só me responda por quê.

Guillermo encarava Lipe e Paola, totalmente perdido com o que estava se passando entre eles.

— Gui.

— Que está acontecendo, Lola?

— Gui, a tatuagem.

Guillermo voltou seu olhar diretamente para o pulso de Paola que Lipe ainda segurava apertado.

— Oh, merda!

— Me leve embora, Gui, por favor.

— Lipe, solte ela, amigo. Não é hora para isso. É o noivado de seu irmão. Lola não fugirá. Ela não pode. Ela precisa estar aqui.

Lipe não tinha reação. Rico e Levi tiveram que tomar a frente da situação e forçá-lo a liberar Paola.

Lola tocava a marca vermelha no pulso, tentando conter o pranto. Pegou o filho de meu colo e amparada por Guillermo e Pietro, mais uma vez ela abandonou Felipe.

Lipe se soltou dos braços dos irmãos e levantou da cadeira, totalmente sem rumo. Estendi minha mão a ele e logo senti o toque de sua mão gelada, mostrando o sinal claro de seu nervosismo.

Afastei a cadeira e também levantei indo a seu encontro, envolvendo-o em meus braços. E junto a mim, não existia mais o homem forte que cuidou e carregou a dor e o fardo do irmão por um longo ano.

Dentro de meu abraço, eu tinha o menino de dezesseis anos que foi abandonado pelo seu primeiro amor.

O primeiro gemido de dor veio seguido de muitas lágrimas. O corpo grande não suportou os tremores e logo estávamos nós dois ao chão.

Não aguentando o sofrimento do filho, dona Ana caiu de joelhos ao seu lado, puxando-o para seu colo.

— As lágrimas pra Deus são palavras. E só ele é quem pode interpretá-las. Chore, meu menino. E fale com Ele.

A festa para os De Angeli teve o seu fim ali e a história de Felipe estava apenas começando.

Capítulo 29

Enrico

Foram dias de trabalho intenso. Mais de um mês em que todos nós nos dedicamos a dois eventos importantes: meu casamento com Sienna e o chá de bebê de Bella.

Fizemos de tudo para resgatar o sorriso constante no rosto de Felipe. Mas isso só ocorria agora, ocasionalmente. E a suspeita dele naquele dia do noivado, tornou-se realidade.

Paola não partiu da Itália, mas em compensação aumentou sua carga horária de trabalho e nos momentos livres fugia para a fazenda dos Ferrari. E a ligação forte

dessa moça com toda a família de dona Luciana e seu Fabrizio era algo que Lipe e todos nós não entendíamos.

A única forma encontrada por Lipe de conseguir manter a calma e não enlouquecer em busca de respostas, foi se dedicar ao trabalho manual.

Solicitou madeira de extrema qualidade e já amanhecia os dias preparando lembranças para o casamento e o chá de bebê.

Restando apenas um dia para minha união com Sienna, tiramos a tarde de sexta-feira para dar os últimos retoques nas placas com alguns dizeres que Lipe tinha feito para a entrada dos padrinhos, dama e pajem.

— Nate acabou de ligar, chega amanhã cedo com Dan e a pequena luz, Rico.

— É uma pena pimentinha não poder vir.

— O médico preferiu não abusar da sorte. A gravidez de trigêmeos de Nelly já é avançada. Um voo de longas horas não era aconselhável, mano. Mas como o moço bonito é superprotetor, exigiu que o restante da família fosse de mudança quase que completa pra sua casa. Só aceitou vir pra Itália após assegurar que moranguinho estivesse em segurança em casa e com a palavra do doutor Rodrigo de visitá-la ao menos três vezes ao dia. Não imaginaria outra atitude da Daniel. Sua família é seu

coração.

— Eu sei e entendo, Lipe. O sonho de Sienna era casar na praia da Ponta em nossa cidade. Mas não a colocaria grávida de quase sete meses em um avião, nunca. E como estava fora de cogitação esperar o nascimento de Bella para nos casarmos, o vinhedo De Angeli foi escolhido como seu substituto.

— Não podia ter feito escolha melhor. Foi onde papai e mamãe tiveram seu casamento abençoado há 35 anos.

— Verdade. E quanto a Eduardo, conseguiu confirmar a presença dele amanhã como pajem de Sienna?

— Fique tranquilo, ele estará presente.

— Lipe?

Felipe estava concentrado em um cabide que preparava com a data da cerimônia, meu nome e de Sienna.

— Hum...

— É mais de um mês suportando seu silêncio em relação ao seu passado. Isso durará até quando?

— Até quando for necessário.

— Não te entendo, Lipe.

— Preciso dizer que nem eu me entendo?

— Não, isso eu já sabia.

Lipe deu uma gargalhada e voltou ao trabalho com o cabide.

Colocando tudo que tínhamos preparado em caixas para ser transportado para o vinhedo pela equipe que ia preparar o ambiente para a cerimônia, ao levantar meu olhar pude contemplar Sienna caminhando em nossa direção, tentando equilibrar uma bandeja em uma mão e devorando com prazer algum tipo de doce com a outra.

Coloquei a última placa dentro da caixa e deixei para Lipe lacrar e fui em socorro de meu anjo.

Peguei a bandeja de sua mão e ela me agradeceu com um beijo açucarado e melado na boca.

— Obrigada, amor. Preciso sentar. Cozinhei a manhã inteira e comi exageradamente. Giulio me expulsou da beira dos doces que preparei e mandou trancar a cozinha. Colocou Levi de guarda.

Lipe parou o que fazia e encarou Sienna.

— O cretino deu um sorriso safado e juntou uma mão na outra como se estivesse agradecendo por algo?

— Sim, e ainda me lançou uma piscadela.

— Isso é plágio. Ele me copiou. O safado vai provar meus doces. Rico, cadê papai?

— Para que você precisa do pai?

— Para expulsar o covarde da minha cozinha. Esse *stronzo* chega agora e quer se lambuzar de chocolate? Não. Que comece pelas rosquinhas sem graça. Os donuts com cobertura tem donos. Nós dois. Você, porque é o futuro marido e eu não tenho como contestar isso, e eu porque eu sou foda e não precisa necessariamente de mais explicação.

Sienna riu baixinho e arrastou a bandeja que tinha colocado na mesa para a frente de Felipe.

Tinha três copos duplos de *cappuccino* gelado e uma pilha de donuts com cobertura de diversos tipos.

— Coma e não se desespere. Só deixei alguns doces na cozinha. Levi não terá tanta diversão pela frente. Giulio teve a mesma reação que ele. E uma hora dessas estão discutindo quem vai ficar com o único pedaço de brownie que sobrou na bandeja em cima da mesa. E antes que abra a boca para reclamar, levante o pano e veja.

Lipe lavou as mãos na bica de água fresca ao lado, secou-a na toalha de mão que mamãe havia deixado pela manhã e seguiu direto para a bandeja, levantou o tecido e encontrou outra pilha de doces. Dessa vez, vários pedaços

de brownies.

— Me ama. Confesse, moça bonita.

— Oh, não. Eu amo o homem gostoso ao seu lado. Chega aqui que vou te contar um segredo.

Felipe deu a volta na mesa e se aproximou de Sienna, que o fez se encurvar e falou ao seu ouvido em um tom não tão baixo, que me fez estar ciente de tudo que saía por seus lábios.

— Eu vou me casar amanhã com ele. Esse moço lindo faz meu coração bater acelerado, me faz suspirar. Me deu um presente único, que logo deixará de brilhar aqui dentro.

Sienna pegou a mão de Lipe e colocou em seu ventre.

— E vai trazer sua luz aqui para fora. Ela vai brilhar, Lipe. Iluminar as nossas vidas.

Felipe se ajoelhou e beijou a barriga arredondada de Sienna.

— Eu espero ansioso por sua chegada, carinho. Eu sei que seus pais vão lhe ensinar a ser uma mulher virtuosa. Mas o tio vai lhe ensinar o que aprendeu com os irmãos dele e com seus avós. A amar, Bella. Amar a sua família sem medidas. A estar junto na alegria e na tristeza.

A ser um só.

Lipe acariciou o local que estava em ondulações na barriga de Sienna. E, sorrindo, me procurou com o olhar.

— Ah, e ela me ama. Tenho o print da confissão desse amor. Não é qualquer uma que levanta as três da manhã para ir em seu socorro, levando um rolo de papel higiênico pra você, no banheiro.

Sienna gargalhou e levantou, puxando a bandeja e tomando alguns goles de *cappuccino*.

— Foi pra isso que levantou essa madrugada, anjo?

— Foi. Meu celular começou a vibrar sem parar e era ele desesperado, com medo de ter que encarar um banho frio pela madrugada para se limpar. Levantei segurando o riso para não te acordar e levei papel higiênico pra ele. Mas eu avisei para não abusar de docinho de leite ninho, que ia dar dor de barriga. Dito e feito.

— Eu senti sua ausência na cama e fui à sua procura. Mas quando cheguei na cozinha te vi inclinada na geladeira procurando por algo. Mas Hulk veio no meu encalço e começou a morder meu pé, e o levei de volta pra sala. Coloquei ração, ele comeu um pouco e logo o cobri

por causa do frio e voltei pra te buscar, mas já estava no quarto.

— Fui em busca do último pedaço de pudim, mas não o encontrei.

Lipe que já estava com a boca cheia de donuts, murmurou um CULPADO, enquanto erguia a mão que estava vazia. Engoliu a comida e apontou para o que tinha colocado nas sacolas escuras no canto da mesa.

Bastante curiosa, Sienna não perdeu tempo e foi logo abrir. E o que encontrou fizeram as lágrimas fluir em uma torrente, acompanhadas por soluços que sacudiam seu pequeno corpo com extrema intensidade.

Puxei meu anjo para junto de meu corpo e encostei minha testa por um instante no ombro de Sienna e passei minhas mãos por seus braços de cima a baixo, tentando acalmá-la. Depois deposei leves beijos em seu rosto bonito. E logo senti que sua respiração acalmava e seus batimentos cardíacos tornavam-se mais cadenciados.

— Está mais calma, anjo?

— Sim. Onde encontrou isso?

— Tia Helena guardou por todos esses anos e entregou para que minha mãe bordasse o nome de Isabella junto ao seu, bordado por sua mãe. É lindo e já está pronto

para o uso. Sinta o perfume.

Sienna levou o pequeno macacão vermelho até seu rosto e inalou profundamente, direcionando um sorriso largo para mim e para Lipe, que agora já estava em pé ao nosso lado.

— Uvas.

— Sim, anjo. A nossa menina já tem o seu próprio cheiro para suas roupas de bebê. Foi escolhido por Carla na nossa última viagem ao Brasil e chegou ontem no *Piacere*.

— E olha esse cabide, Rico. É tão lindo.

Lipe havia trabalhado na madeira por uma semana inteira. Fez uma estrela e encheu de pedras brilhantes no alto e abaixo as palavras NOSSO CARINHO compunham o conjunto. Estava rico em detalhes. Era um trabalho perfeito, feito com muito amor.

— Fiz para você tirar fotos amanhã, moça bonita. Luciana já está vindo buscar para colocar na casa dos Ferrari enquanto vocês se arrumam. O grande que tem a data do casamento e seu nome e o de Rico, é para seu vestido e o pequeno para a nossa Bella. O sapato dela e o seu vão chegar juntos.

Sienna enxugou as poucas lágrimas que ainda

eskorriam e voltou a sorrir.

— Obrigada. E eu vim avisar da mudança de planos. Seu pai saiu para levar os doces ao vinhedo e me entregou isso.

Sienna tirou do bolso três molhos pequenos de chave. Entregou um para mim e para Lipe e ficou com um.

— Nossa casa está pronta, é lá que me arrumarei e nossas coisas já foram transferidas. Está tudo arrumado e pronto para iniciarmos nossas vidas em nosso novo lar. E Lipe, eu pedi para decorar o quarto ao lado do seu. Está pronto. É só você ir buscá-los. Dudu será feliz ali.

Lipe beijou a testa de Sienna e voltou para a placa das cadeiras dos noivos. Mas antes falou algo que nos trouxe esperança de um futuro melhor para o caçula De Angeli.

— Quem sabe um dia, moça bonita. Quem sabe um dia, eu tenha um reencontro com a felicidade.

Dei alguns passos e toquei o ombro de Lipe.

— Terá, mano.

Lipe assentiu e voltou ao trabalho e eu e Sienna fomos para o nosso novo recanto apreciá-lo.

A noite logo chegou e a ansiedade pelo novo dia

tornava-se maior. A pedido do pai, Sienna ia passar sua última noite de solteira com ele e seus irmãos. E mesmo não apreciando essa decisão, eu não podia me opor.

Nossos celulares foram confiscados até o casamento. As notícias que tinha dela era por meio de Carla, Lipe e Levi.

Seria nossa última noite na casa grande da Villa De Angeli. Passamos à beira da lareira, resgatando nossos jogos de tabuleiro de dentro do baú e nos divertindo como fazíamos na infância. Gisele, Gio e Vince se juntaram a nós, enquanto nossos pais seguiam assistindo TV.

Consegui com muito custo, pegar no sono após a meia-noite. Optamos por um casamento durante o dia, para que a festa durasse até o anoitecer.

Acordei no susto, vendo que estava coberto, meu livro na mesa de cabeceira e meu relógio ao seu lado. Vi que já era tarde e estava atrasado. Já era quase nove horas da manhã. Me espreguiceei e ouvi alguns toques na porta e autorizei a entrada.

A porta foi aberta e senti logo o cheiro do café, antes de perceber a chegada de meus irmãos. Carla carregava uma bandeja repleta de guloseimas e Lipe carregava uma outra, com xícara e talheres para quatro pessoas.

Peguei o travesseiro que ainda tinha o cheiro de Sienna, coloquei nas minhas costas e consegui sentar na cama, dando assim espaço a todos para se juntarem a mim.

Carla tocou minha mão e começou a fazer círculos, acariciando-a. Dei-lhe o tempo que necessitava, pois sabia que precisava falar. Logo ela virou cabeça e me olhou com carinho.

— Foi a última noite que cuidei de você. Te cobri, retirei seu livro e marquei a última página que tinha lido. Deve estar se perguntando se sentirei falta disso. Não preciso pensar para te responder, Rico. Eu não sentirei. Pois ontem mesmo eu pedi para seu anjo continuar o meu trabalho. E ela assentiu. E eu me tranquilizei. Mas o seu ainda continua. Não me deixe jogar o celular no chão e nem deitar em cima dos fones de ouvido. Quero acordar e sorrir, olhando pra mesa ao meu lado, e vendo meus objetos seguros, sabendo que me visitou ao anoitecer e cuidou de mim.

Apertei sua mão carinhosamente e lhe respondi:

— Até o dia que nosso pai te entregar no altar para aquele doutorzinho abusado eu cuidarei de você.

— Obrigada.

Puxei minha irmã para um abraço apertado e Levi começou a servir o nosso café.

Lipe, ao meu lado, coçava a barba rente ao seu rosto e me olhava intrigado.

— Por que ninguém fez isso por mim? Não foram poucos os chicletes que grudaram no meu sedoso cabelo. Custava tirar da minha boca quando eu pegasse no sono? Sacanagem, viu? Onde está o amor em família?

A resposta veio de Levi.

— No bem-estar de nossos ouvidos. Ninguém aguenta seus roncos, irmão mais novo.

Lipe apontou para Levi, sorriu e piscou.

— Nem vou pedir meu direito de resposta. Justificável, irmão mais velho.

— Eu sei. Vamos tomar café agora. Dan, Nate e Luísa devem chegar em, no máximo, dez minutos, e temos que recepcioná-los.

Peguei um pouco de café e Carla me serviu um pedaço de bolo e não desviou o olhar de mim, como se estivesse esperando uma reação de minha parte e realmente ela logo veio.

— Nana.

— Acertou em cheio, Rico.

— Chegou quando?

— Ontem à noite. E dormiu no vinhedo para ajudar a direcionar o buffet de Raphaella, de acordo com as orientações de mamãe. E vai ficar para o chá de bebê da Bella.

— Os quartos já estão prontos para receber todos, pequena?

— O meu ficou para Nate e Luísa, o de Lipe para Daniel e o do Lê para a Nana. E o seu será para que vocês se preparem para o casamento. A noite já estaremos na casa nova e mamãe voltará a ser a anfitriã da casa grande da Villa De Angeli.

— Certo. Eu e Sienna passaremos o fim de semana na casa da fazenda, no vinhedo. E na segunda estaremos de volta. Alguém já pegou nossas roupas?

Levi tinha um pedaço de bolo de banana na boca e gesticulou para que o esperasse terminar a mastigação, mas Lipe foi mais rápido e respondeu de boca cheia mesmo, apontando para Levi.

— O irmão mais velho.

Levi revirou os olhos para a falta de educação de Lipe, que nem ligou e voltou a comer com vontade.

Ouvimos leves toques na porta e a voz mansa e suave chamando pelo meu nome, trouxe um sorriso não só

nos meus lábios, mas no de todos os meus irmãos.

— Tio Rico, eu cheguei. Quero te abraçar. Pequena luz sentiu saudades.

A porta foi aberta devagar e a princesa de olhos azuis e cabelos ruivos correu em nossa direção e se jogou no colo do primeiro que viu pela frente.

— Tio Lipe.

— Olá, minha menina linda.

Luísa contornou o rosto de Felipe com a ponta dos dedos e, por fim, sorriu carinhosamente e o abraçou.

— Vai passar, tio. Tá doendo igual o dodói da pequena luz quando caiu do patinete de Princesas. Olha.

Luísa apontou o dedinho para seu joelho.

— Viu? Papai passou remédio e não ficou nem marquinha. Sarou tudo. Foi o amor e o carinho dele que levou o dodói embora. Vai ser assim com você, tio. Em breve, as lágrimas darão lugar a alegria. Tenha fé.

Luísa beijou sua face e saiu de seu colo, abraçando a todos nós e o quarto logo ficou pequeno com a chegada de Dan e Nate, que se jogaram no tapete do quarto e começaram a contar as novidades do Brasil.

Terminamos nosso café, quando Juju trouxe uma

nova bandeja para servir nossos convidados.

Às 10h30 da manhã, eu segui para um banho quente e demorado. Quando saí do banheiro, minhas coisas já estavam dispostas no cabide e na cama.

Vesti minha boxer, meia e a calça. Na hora que ia pegar a blusa no cabide, a porta foi aberta e papai com Lipe e Levi adentraram no quarto.

— Eu te ajudo.

Lipe pegou a camisa e me ajudou a vestir. Fechei botão por botão e segui para a gravata, que Levi me auxiliou a colocá-la.

— Você sempre foi melhor que eu nisso.

— Eu sei. Sou seu irmão mais velho. Tinha que te ensinar alguma coisa nessa vida, não é?

— Você me ensinou muito mais. Mas o que me fez chegar até aqui foi um de seus maiores ensinamentos. O de não desistir nunca, Levi.

— Fico feliz por isso.

Levi deu leves tapas em minha face e foi a vez de meu pai se aproximar e retirar um par de abotoaduras de ouro de uma caixa e colocá-las em mim.

— Meu pai mandou fazer uma idêntica para mim,

há 35 anos. E vou repetir para você a frase que ele usou para mim ao fechar as abotoaduras em minha camisa. Tudo que é firmado em Deus é inabalável. E assim será sua união. Seja feliz, meu menino.

Coloquei o sapato, o cinto e o terno, ajeitei o cabelo e recebi fortes abraços de meu pai e irmãos. Eu estava pronto, mas ainda tinha algo para fazer antes de seguir para o vinhedo.

Os carros já estavam a postos e todos já estavam reunidos para seguirmos juntos. Mas pedi a Lipe que os liberasse, pois iria no meu próprio carro com ele e Levi.

Logo uma pequena carreata tomava a estrada em direção a fazenda De Angeli.

Caminhei a passos largos com meus irmãos ao meu lado, preocupados e não entendendo o que estava prestes a fazer.

— Ela recebeu algo antigo para usar?

— O véu e a presilha da *nonna*, mano. A moça bonita chorou ao recebê-los e teve que retocar a maquiagem.

— Meu anjo deve estar divina. Ela recebeu algo novo?

— Carla e Gisele compraram a lingerie que ela

está usando.

— Obrigado, Lê. Com certeza, eu a apreciarei. E algo azul?

— Recebeu de seu pai em uma bandeja prateada rodeada de flores e já deve estar em seus pés: um sapato azul feito sob medida para a moça bonita.

— E algo emprestado, Lipe?

— O colar e os brincos de nossa mãe, do seu casamento. A moça bonita está pronta.

— Não está. Preciso fazer algo ainda.

Apressei o passo e logo cheguei à casa nova, causando gritos e uma comoção geral das mulheres presentes e até de Pablo que já estava saindo de meu quarto.

Carla fechou a porta e me proibiu de passar e ver Sienna.

— Eu não quero vê-la ainda, pequena. Só preciso tocá-la. Me deixe passar.

Levi se colocou ao meu lado e tocou meu ombro, chamando minha atenção.

— O vô te contou o que fez antes de se unir a *nonna*, não é?

— Sim.

— Ok. Abra a porta, Carla, e peça a Sienna para se colocar ao lado da parede e estender sua mão para Enrico do lado de fora.

— Ele não pode vê-la antes do casamento, Levi.

— E não verá. Ele só precisa senti-la. E Lipe? Peça a Pablo para esperar. Sienna precisará dele.

Lipe assentiu, saiu em direção a sala e logo retornou.

A porta do quarto, que tinha sido fechada por Carla, logo se abriu e a mão delicada de Sienna veio ao meu encontro.

A tomei nas minhas e a beijei suavemente, deixando seu doce cheiro invadir minha alma.

— Anjo, feche seus olhos. Nós vamos falar com Deus.

Capítulo 30

Sienna

— *Nós vamos falar com Deus.*

Depois de quase um dia distante de Enrico, somente de ouvir sua voz era como sentir a alma aquecer, era ter a sensação de plenitude. De estar completo.

Fechei meus olhos e abri meu coração para as palavras de Rico.

— Falar com Deus é abrir a alma a Ele. E alguns meses eu supliquei por uma segunda chance para amar, para ser feliz. Minha oração foi ouvida. E hoje só me resta agradecer.

Enrico apertou suavemente minha mão e deixou a emoção que ambos sentíamos fluir através de suas palavras.

— Hoje eu só quero lhe agradecer, meu Deus. Agradecer por ter passado pelo erro e ter aprendido com ele. Hoje eu fiz a escolha certa e, como meu pai disse agora há pouco, tudo que é firmado em Deus é inabalável. E assim é o nosso amor. Destinado e abençoado por Ti. Agradecer por nunca ter estado só. Pois a cada pequeno tropeço, era só erguer o olhar e encontrar mãos estendidas para me ajudar a levantar. Mas em especial eu venho agradecer pela espera. Foram longos dez anos separados após um breve encontro. Mas reencontrar a minha metade me trouxe não só o amor, mas uma família. A nossa Bella está perto de chegar. Foi necessário passar por diversos tipos de dores para estarmos aqui neste momento. A dor do desprezo e solidão foi sentida por Sienna para, enfim, encontrar seu verdadeiro lar. A dor de ser traído, enganado foi necessário para descobrir que o que vivia era falso. Eu vivi essa mentira. Mas preciso agradecer, pois o choro cessou e deu lugar a alegria. O perdão foi concedido e neste dia nós vamos juntos receber a bênção do Senhor. Um novo lar se inicia. Onde só iremos compartilhar o amor. Obrigado por nos permitir recomeçar. Amém.

Senti as lágrimas nos olhos e pisquei, tentando em vão contê-las. Mas antes de Enrico seguir para o local da

cerimônia eu precisava dizer uma só palavra.

— Renascer, Rico.

— Renascer, anjo. Nascer de novo. Foi necessárias mudanças em nossos corações. Transformações...

As palavras de Enrico cessaram ao sentirmos três toques em nossas mãos. Levi, Lipe e Carlinha se juntaram a nós.

— Não importa o que passou porque foi deixado para trás. Há uma nova vida para viver e descobrir juntos o que Deus reservou para vocês. E se tiver pedras no caminho, nós estaremos ao lado para ajudá-los a desviar de todas. Sempre juntos.

Os quatro repetiram o que tinha acabado de sair pelos lábios de Levi.

— Sempre juntos.

Esse era o sentimento que envolvia os irmãos De Angeli. Amor inabalável.

Rico apertou fortemente a minha mão dizendo que estaria à minha espera no altar, pronto para me receber e me fazer finalmente uma De Angeli. Totalmente sua.

Lipe fez questão de abrir um pouco a porta e olhar

alguns instantes para mim. Deu um sorriso safado e sussurrou para Enrico do lado de fora que eu estava linda e que se ele quisesse desistir do casório, ele topava na hora ser o substituto.

Tomou como sempre um tapa na orelha e foi arrastado para fora do corredor.

Pablo e sua equipe voltaram para o meu quarto e retomaram seu trabalho. Retocaram minha maquiagem e ajeitaram o vestido em meu corpo.

Ao meio-dia, meu pai já estava na sala à minha espera.

Não era aquele rosto que imaginei por quase toda a minha vida encontrar de braço estendido para me levar ao altar, mas nada poderia ser mais perfeito do que tê-lo à minha espera, pois a alegria, a emoção, os verdadeiros sentimentos que um pai devia ter ao entregar sua filha para outro homem no dia de seu casamento eu só podia ver refletido nos olhos dele: de Antônio. O homem que me deu a vida.

— *La mia ragazza. Così bella.*

— Obrigada, pai. Olhe para você de terno e gravata. Belíssimo!

Papai se aproximou e acariciou minha face.

— *Ti amo, papà.*

— Não mais do que eu, minha menina. Meu presente inesperado e muito amado. Vamos, antes que eu caia no pranto e te leve de volta pra casa para dormirmos nós quatro na mesma cama, como fizemos ontem à noite.

— Daqui um mês isso será difícil, pai. Minha barriga está ficando enorme.

— Está no tamanho exato de sua alegria.

Papai estendeu a mão e a tomei na minha e seguimos para o seu carro. Carla sempre ao meu lado e de olho no relógio para não nos atrasarmos demais.

Meia hora depois estacionávamos em frente à casa na fazenda De Angeli. Raphaella estava à nossa espera, como responsável do buffet, nossa cerimonislista e também dama de honra.

Abriu a porta do carro e pediu que Carla a acompanhasse e que eu esperasse no máximo cinco minutos para sair e seguir o caminho repleto de pétalas de rosas brancas que me guiaria diretamente a Enrico.

Papai não tirou os olhos do relógio e logo me estendeu a mão.

— Está na hora.

— Eu vou me casar, pai.

— Sim, minha menina. Agora. E com o homem que ama. O pai de sua filha. As orações de Teresa foram atendidas. Venha, coloque seu braço junto ao meu e me deixe levá-la rumo a sua felicidade.

Meu pai e eu caminhamos juntos e logo encontramos diversas mesas e cadeiras espalhadas pelo campo verde da fazenda, cercada ao redor por parreiras carregadas de uva.

Eu ainda não podia ver Enrico. A porta do pequeno templo estava fechada e nossos padrinhos estavam a postos e preparados para entrar à minha frente.

Raphaella passou correndo ao meu lado com algumas placas nas mãos e entregou para Levi, Carla, Lipe, meu amado Dudu e a linda Luísa.

Todos giraram em minha direção e mostraram o que cada uma delas dizia. Mas a de Lipe me fez soltar uma gargalhada. Ele nunca perderia a chance de irritar Enrico.

A porta foi aberta e a suave melodia chegou aos meus ouvidos. Uma voz conhecida entoava a canção, me fazendo reviver doces momentos. Enrico trouxe meu amigo do Brasil. Bruno sorria ao longe, acompanhado de sua esposa e irmão.

E como sempre fez comigo quando menina, me protegendo e estando ao meu lado no caminho de ida e volta da escola, hoje não seria diferente. De certa forma, ele me acompanharia nos poucos passos até Enrico. Com sua voz e o toque e dedilhar de cada um dos instrumentos.

Aos poucos cada um dos casais de padrinhos foram entrando.

Levi e Gisele. E pude ver escondida no canto da porta a reação de Enrico ao ler a placa de Levi. Seus olhos iluminaram como os meus.

Lá vem o amor da sua vida.

Levi se colocou ao seu lado e Gisele ficou à esquerda, à minha espera.

Juju e Pietro entraram e fizeram o mesmo trajeto.

Foi a vez de Carla e meu irmão Giulio. E pude ver o nervosismo tão nítido nas reações de Enrico, ao ler os dizeres na placa que Carla agora erguia. Ele esfregava uma mão na outra evitando que os outros vissem os leves tremores que sentia.

Rico, prepare seu coração.

Raphaella e Guillermo entraram e logo após, Lipe e minha irmã Chiara.

Felipe ergueu a placa acima de seu ombro, deixando-a bem visível.

A moça bonita está linda.

Enrico sorriu e logo o riso deu lugar a seriedade quando Lipe girou a placa.

E gostosa pra caramba.

Enrico virou para Levi e disse que ia dar na cara do irmão mais novo. Lipe gargalhou até o altar, levando todos os convidados a acompanhá-lo.

Passou por Enrico e tomou um tapa na nuca, que me fez rir alto.

A canção mudou e a escolha de Enrico era perfeita

para o momento.

Então enquanto eu viver eu vou te amar

Te terei e te abraçarei

Você está tão linda de branco

E de agora até o meu último suspiro

Este dia eu vou valorizar

Você está tão linda de branco

Dudu veio ao meu encontro, me abraçou, beijou a barriga arredondada e caminhou orgulhoso em direção ao altar com a placa erguida no peito.

Tio Rico, sua garota vem aí.

Foi a minha vez e de meu pai tomarmos nossa posição em frente à porta.

À nossa frente, Luísa girou o corpo e soltou um beijo em minha direção e me mostrou a sua placa, que era

a única de cor diferente. Era branca com os dizeres em vermelho.

O felizes para sempre começa agora.

Do altar, Enrico sorria largamente, e pela primeira vez neste dia, nossos olhares se encontraram.

A cada dois pequenos passos de Luísa, eu e meu pai dávamos um. E mais perto dele eu ficava.

No momento em que chegamos a frente do pastor, Enrico desceu os dois degraus que nos separavam e estendeu a mão ao meu pai, que trocou com ele poucas palavras.

— Sejam ainda mais felizes, meus filhos.

Tomou minhas duas mãos nas suas e aproximou nossos corpos. E cantou o fim da canção junto com a banda, enquanto nos movimentávamos lentamente. Não esperamos o sim para termos nossa primeira dança.

E se o futuro nos reserva uma filha

Eu espero que ela tenha os seus olhos

Que ela encontre o amor que você e eu encontramos

Sim, eu desejo que ela se apaixone e eu a deixarei partir

Vou levá-la até o altar

Ela ficará tão linda de branco

Nos separamos e Rico se ajoelhou e encostou a cabeça em meu ventre por alguns instantes. E ao se erguer e antes de seguirmos para o início da cerimônia eu enxuguei uma lágrima solitária que descia por sua face.

O culto foi breve e era a hora de dizer o tão aguardado sim. E no momento em que a curta e intensa palavra saiu por minha boca não houve sequer tempo do pastor declarar *pode beijar a noiva*.

Com um gemido baixo, Rico me arrastou para dentro de seus braços e deu-me um longo e profundo beijo. E, em seguida, sussurrou ainda com a boca próxima a minha:

— Minha esposa.

Ouví-lo dizer isso tornava a situação mais real. Eu pertencia a ele. Era dele e ele era meu. Meu esposo. Uma sensação de calor invadiu meu peito, alegrando a minha alma.

Os aplausos na congregação iniciaram, logo vieram os cumprimentos e a festa que durou até o anoitecer.

Antes de seguirmos para a casa grande da fazenda que seria toda nossa pelo fim de semana inteiro, nós nos despedimos de Bruno e sua banda e também de Daniel, Nate e Luísa que pegariam o voo logo ao amanhecer de volta para o Brasil.

Tinha preparado três caixas para serem entregues a Nelly. Uma pequena com as delicadas lembranças de vidro em formato de rosas e tulipas, assim como foi feito no casamento dos pais de Enrico. E as sandálias rasteiras e chinelos com nossos nomes e a data do casamento gravados. Outra com todos os tipos de doces servidos na festa. E uma especial que eu mesma preparei: três pares de sapatos vermelhos idênticos para os seus bebês.

Entreguei tudo a Daniel e não esqueci de pedir que agradecesse a Nelly pela surpresa de ver os homens De Angeli e Ferrari dançando somente para mim na festa de casamento.

Brindamos e cortamos o bolo e com o auxílio de dona Ana conseguimos sair discretamente da festa.

Mas ao chegarmos a porta da casa, ouvimos passos vindos em nossa direção e encontramos a pequena luz, um

pouco ofegante devido à corrida e Nate cansado logo atrás dela.

Luísa pediu para me abaixar e falou baixinho ao meu ouvido:

— Tia, você precisa ajudar o tio Rico. A escolha não é só dele. Vocês são um só. É entre o abrir e o fechar de olhos. Decidam com o coração. Pequena luz sentirá saudades, mas sabe que logo verá vocês três. — Se afastou após depositar um beijo em minha face e tomou a mão do pai dizendo que queria outro doce, pois ele tinha roubado o último do pratinho.

Enrico me ajudou a levantar e disse que só entraria comigo no colo quando chegássemos a nossa casa. Tomou minha mão e abriu a porta da casa e encontramos a lareira acesa, taças, champanhe, vinho, suco de uva, petiscos e o topo do bolo de casamento como havia pedido.

Enrico me guiava em direção ao quarto, mas eu o fiz parar. Olhei em direção ao tapete grosso e macio em frente ao fogo da lareira.

Sorrindo, me aproximei e deitei meu rosto em seu ombro, inalando seu aroma, sentindo seu corpo junto ao meu.

— Me ame, Rico.

— Por toda a minha vida, anjo.

E ali eu fui amada e assim por diante por todos os dias nesses quase dois meses. E nos encontrávamos novamente em mais uma festa de família: o chá de bebê da Bella.

Dessa vez decidimos somente convidar a família e amigos mais chegados.

O enxoval de Bella estava pronto e completo nas quatro casas que ela em breve passaria seus dias. Ela tinha seu quarto montado na nossa, na casa da árvore, na casa grande da *Villa* e também na de meu pai. Onde ela estivesse, nada lhe faltaria.

Preparamos com carinho as lembranças deste pequeno encontro. Fizemos sachês em formato de bolinhas de tecido e finalizamos com laços de fita. E também porta-joias de madeira com um céu estrelado, de *biscuit*, na tampa.

A festa foi breve, pois no outro dia pela manhã, seu Lorenzo e tio Victor teriam uma exposição de seus novos vinhos no vinhedo De Angeli. E a família teria que se deslocar para o local logo cedo, para recepcionar os convidados.

O dia amanheceu chuvoso e escuro. Não tinha vontade alguma de sair da cama. Sentia meu corpo pesado

e uma leve pontada em meu ventre.

— Bom dia, meu anjo. Eu já estou pronto e Nana enviou nosso café da manhã. Disse que reparou no seu cansaço a beira do lago ontem à tarde durante o chá de bebê. Pediu para que descansasse, pois está beirando os nove meses de gestação, e que a limpeza da casa ficará por conta dela e de Jujú por hoje.

— Eu agradeço.

Tentei me levantar, mas outra pontada na barriga seguida por uma tontura leve me acometeu.

Respirei fundo e levantei sorrindo, mesmo em meio a dor, tentando de tudo para Enrico não reparar no que tinha me acontecido, mas falhei.

— Sienna, você está pálida, não está bem. Eu vou cancelar o compromisso com papai e ficar em casa.

Tentei falar mansamente, mas falhei novamente, pois acabou saindo forte e alto.

— NÃO. Não é nada de mais. É só cansaço. Faltam duas semanas ainda para o nascimento de Isabella. Vá tranquilo. Se algo acontecer eu ligarei pra você, papai, Giulio e Chiara. Vou ficar bem, acompanhada de Nana e Jujú.

Enrico relutou por alguns instantes até ouvirmos a

buzina insistente do lado de fora da casa.

— É Levi. Vá. Eu envio notícias a cada dez minutos para te tranquilizar.

— Não. Eu só vou levar meus irmãos, pois depois de várias taças do vinho da *nonna* ontem, nenhum deles tem condições de dirigir hoje.

— Lipe saiu cedo, Rico. Dirigindo seu próprio carro. Enviou mensagem pra mim no celular. Acabei de ver quando acordei.

— Irresponsável. Vou levar Pietro comigo para trazer o carro dele na volta.

— Cuidado na estrada, a chuva começou a cair forte e a estrada estava com muitos buracos no dia de nosso casamento.

— Nada acontecerá, anjo. Vou e volto depressa. Me espere deitada na cama. Vou trazer queijo e suco de uva.

Beijou rapidamente meus lábios e partiu.

Não consegui obedecê-lo. Terminei de arrumar a minha mala e a de Bella para o hospital e só faltava a caixa de lembranças que se encontrava na biblioteca da casa grande. Tínhamos terminado tudo ontem pela manhã. Chaveiros em formato de chupeta e de *cupcakes* feitos de

biscuit e porta-retratos de madeira com o nome de Isabella gravado em rosa e lilás.

Tomei um banho, coloquei um vestido confortável de mangas compridas, passei a escova no cabelo e o preendi em uma trança que caía por cima de meu ombro. Calcei uma sapatilha e como a chuva havia dado um minuto de trégua, eu saí em direção à casa grande sem nem me lembrar de informar a Juju e Nana sobre meu paradeiro.

E foi só colocar os pés na varanda para a chuva voltar a cair torrencialmente.

Usei a chave que ainda tinha para abrir a porta e, pela primeira vez, encontrei o silêncio naqueles ambientes que passei os últimos meses de minha vida.

As pontadas aumentavam a cada minuto passado. O suor começava a escorrer por meu rosto, mesmo o dia estando frio e chuvoso.

Segui para a biblioteca e encontrei as três caixas grandes com as lembranças.

Consegui pegar a primeira e levar para a sala. Quando voltava para buscar a outra, a campainha tocou.

Era o moço do correio buscando por Enrico. Assinei a entrega e recebi a caixa de tamanho médio,

depositando-a na mesa de centro.

Dei dois passos e senti a dor cortando meu ventre, o tremor percorrendo o corpo e o suor aumentando.

Respirei levemente algumas vezes com intervalos curtos e consegui chegar até a biblioteca, onde tentei pegar outra caixa, mas lembrei das palavras de Giulio quando me pediu que se sentisse algo diferente, que não esperasse por nada ou ninguém, mas que o procurasse imediatamente.

Havia deixado o celular em casa e não sabia o número de ninguém decorado, a não ser o de Enrico. Usei o telefone fixo, mas só recebia mensagem de que estava fora da área de cobertura.

Precisava chegar em casa e pedir socorro, mas mal cheguei a sala, a dor voltou mais forte, fazendo com que o silêncio da casa fosse quebrado pelo som de meus gritos. Sentia as lágrimas quentes rolando e não era justo passar por isso sozinha. Não era certo ver a minha criança chegar sem ninguém ao nosso lado.

A campainha tocou novamente, mas eu não conseguia sequer dar um passo.

Mas eu precisava. Não foi necessário palavras e Deus enviou auxílio somente por meu pranto.

Com esforço, ergui meu corpo que estava

encurvado e consegui caminhar até a porta, quando a dor retornou em enorme proporção. Foi o tempo de girar a chave e vê-lo entrar me tomando nos braços e suportando o grito agudo e estridente que saía de minha boca.

— Eu te peguei, Sissi.

— Me leve para ele, Ângelo.

— Eu não posso.

— *Dio mio*, que dor.

Apertei o braço de Ângelo com força até chegar o alívio com o passar da contração.

— Eu quero meu marido.

— Ele está com Felipe, Sissi.

— O que aconteceu?

— Nada que você possa resolver.

— Me coloque no chão, Ângelo.

Meus pés nem chegaram a tocar o piso e a contração voltou em maior intensidade.

— Eu vou te levar pra clínica.

— Não me deixe só.

— Não deixarei. É só o tempo de voltar e buscar seu marido. Consegue ficar um minuto sozinha para que eu possa buscar o carro?

— Vá. Me deixe ali.

Ângelo me colocou com carinho no sofá e saiu às pressas, mas a dor era grande e sentada parecia ser ainda pior.

Consegui me levantar e chegar a varanda e logo vi os faróis do carro de Ângelo que estacionava na frente da casa grande, e ele abrindo a porta e saindo, chegando à minha frente rapidamente com passos largos.

— Custava me esperar?

Segurando um gemido de dor, eu reuni as minhas forças em meio a outra contração e com um único e forte impulso acertei minha mão em seu rosto.

— Você não tinha o direito de roubar meu sono e nem meus sonhos. Não tinha o direito de fugir, de se isolar e me fazer esperar por dez anos, seu idiota, para poder dizer que eu te perdoei.

— Eu voltei, Sissi. Eu precisei me perdoar primeiro, me curar, voltar a me amar para poder amar alguém.

Me agarrei ao braço de Ângelo e deixei o grito sair

até a dor forte passar.

— Diga a ela que a ama. Hoje ainda. E faça minha irmã feliz.

Meu amigo sorriu e me tomou nos braços, levando-me até o carro.

— Eu já disse. E meu anel voltou para o dedo dela. Então, acho bom você ganhar logo a minha sobrinha de coração e voltar a boa forma rapidinho, pois tem um casamento para ir como madrinha dentro de seis meses.

Ângelo me colocou no banco da frente, passou o cinto de segurança por mim, fechou a porta e sentou no banco do motorista.

E antes de colocar a chave na ignição, ele fixou o olhar em mim.

— Por que está séria? As dores continuam?

— Eu estou fora de forma? Pesada demais?

Ângelo soltou uma gargalhada, ligou o carro e o colocou em movimento.

— É sério que você só ouviu isso de tudo que eu disse?

— Não. Parabéns pelo casamento e eu aceito ser a madrinha. Ah, e as dores continuam, acelere então. E

responda as minhas perguntas.

A resposta de Ângelo veio misturada ao seu riso.

— Você está linda, Sissi. E posso dizer que ainda mais bonita. Parecendo uma italiana de verdade. Cheia de curvas. Eu só falei para desviar sua atenção da dor. Nada mais.

— Conseguiu seu propósito. Mas somente por insinuar que estava acima do peso, vai me acompanhar nas caminhadas durante esses seis meses até seu casamento. Só assim vai perder essa barriga grande de lasanha e empadão de tia Helena.

— Eu não tenho barrigão.

— Viu? Chumbo trocado não dói, amigo. Dirija, que minha filha quer nascer e a dor é uma cretina que não quer ir embora.

Ângelo me deixou aos cuidados de Nando que estava de plantão na clínica e saiu dizendo que logo retornaria com Rico, meu pai e irmãos.

Mas não conseguiu honrar com suas palavras. Enrico, Antônio, Giulio e Chiara chegaram e seus olhares aflitos fizeram com que a dor que sentia no corpo não fosse a única. Meu coração agora doía também. Ângelo não tinha voltado. Ou melhor, tinha. Mas para um andar

acima do meu: para o centro cirúrgico.

Capítulo 31

Enrico

Entrei no carro logo quando Levi pulou para o banco do carona. Carla e Gisele já tinham seguido cedo com meus pais para o vinhedo.

— Onde está Lipe?

— Foi dirigindo.

— Idiota.

— Essa é a primeira coisa que vou dizer pra ele quando o encontrar. Vou passar no *Piacere* e pegar Pietro para trazer o carro do infeliz na volta.

No meio do caminho, a chuva havia aumentado,

dificultando a permanência do carro na estrada.

Reduzi a velocidade e consegui chegar a fazenda em segurança.

Ao abrir a porta da casa, encontramos Felipe pulando de uma perna só de um lado para o outro e Giulio com uma pinça na mão tentando alcançá-lo.

— Se chegar perto, vai tomar porrada, doutor.

— Eu preciso tirar os cacos, imbecil. Limpar o local e dar pontos no corte.

— Não. Vai doer.

— Ninguém mandou querer voltar a infância e se jogar do alto no balanço da árvore. Caiu direto no copo de café que você mesmo deixou no chão do quintal, imbecil.

— Foi massa. Nunca fui tão alto.

Lipe tinha um sorriso orgulhoso estampado na cara. Depois Levi limpou a garganta e atraiu a atenção dos dois.

— Ainda tentando bater meu recorde?

Lipe fez cara de dor quando não aguentou se manter em um pé só e encostou o que estava ferido no chão. E eu fui em seu socorro para ampará-lo.

— Eu consegui, irmão mais velho. Meu sangue está

de prova no local. Mas, porra, como dói. Pior do que quando mamãe não esperava os nossos dentes caírem sozinhos e puxava com a linha da máquina de costura.

— Terá revanche. Mas antes vamos ouvir seus gritos, enquanto Giulio trata de seu pé e rir da burrice que fez em colocar o copo de vidro no chão para ficar como marca no local onde a maior distância foi atingida no pouso do balanço. Porque não usou uma das toalhas de prato de mamãe, como fazíamos antigamente.

— Tentei três vezes, mas Hulk roubou o pano nas três e fugiu para trás da casa.

— Para que trouxe Hulk para a fazenda?

— Porque você fez ele se apaixonar por minha cama, irmão mais velho. O safado aprendeu a escalar no edredom e fez do meu travesseiro sua nova caixa de areia. Valeu por me fazer dar de cara com o xixi do cachorro. O jeito é mantê-lo distante do meu quarto. E como era dia de limpeza e a porta ficaria aberta optei pela prevenção e o trouxe comigo.

— Rico?

— Hum...

— Me lembre de pedir a Sienna para separar alguns bolinhos de carne para o Hulk. Ele merece. Foi um

bom garoto.

Lipe mal teve tempo de dar uma resposta, nós já o tínhamos imobilizado. E Giulio iniciava seu trabalho ouvindo constantemente o tanto que meu irmão mais novo não gostava dele e soltando para cima de mim e de Levi algumas palavras de baixo calão que tinha aprendido em italiano.

Nesse meio tempo, eu tinha visto a breve presença de Ângelo na sala. Deu um aceno com a cabeça e logo saiu em direção à saída dos fundos da casa.

Mais calmo, deixamos Lipe sozinho para Giulio finalizar o curativo.

A chuva constante tinha deixado toda a fazenda sem sinal telefônico e com isso sem notícia alguma de Sienna.

Cheguei a cozinha e mamãe e tia Helena tinham diversas panelas enormes no fogão. Pelo visto iriam alimentar todos os novos compradores dos vinhos De Angeli.

— O que temos para o almoço de hoje?

— Macarrão ao molho de almôndegas, filho. Quer provar?

— Delicioso, mas não. Obrigado, mãe. Vou almoçar com Sienna. Onde encontro queijo fresco e suco

de uva?

— No balcão. Me espere lavar as mãos que vou colocar tudo em uma cesta. Seu pai voltou do vinhedo com uvas recém-colhidas, vou colocar junto também. E como ela está?

— Quando levantou hoje pela manhã, tentou disfarçar, mas algo a estava incomodando. Era como se estivesse com dores. Mas fizemos uma ultrassonografia ontem e Isabella deve nascer duas semanas a frente ainda.

Ouvimos um barulho vindo da porta, como se um molho de chaves tivesse caído do chão.

E realmente era. Chiara se inclinou e pegou o objeto na mão e o entregou a minha mãe.

— Dona Ana, essa é a chave do carro de Giulio. Entregue a Carla. Nós estamos voltando no carro de papai.

— Mas o almoço nem foi servido, minha querida.

— A comida pode esperar, dona Ana. Mas a sua neta não.

Novamente a chave caiu no chão quando minha mãe levou as duas mãos à boca em espanto.

— Vá menina. Vou pedir a Lorenzo para dispensar todos mais cedo e logo chegarei a clínica. Que os anjos

estejam com Sienna no parto e minha neta nasça com saúde.

— Amém. Vamos, Enrico.

Só senti a mão de Chiara a me arrastar pela casa. Minha voz tinha sumido, meu corpo tremia levemente e definitivamente eu não tinha condições de dirigir, depois de ouvir suas palavras.

Chegamos na sala e encontramos meus irmãos, e a família de Sienna.

Peguei a chave de meu bolso e joguei para Felipe.

Engoli o nó que tinha na garganta e consegui fazer a voz retornar. Mesmo saindo baixa, Lipe pôde sentir minha aflição.

— Consegue dirigir?

— Veio com seu carro?

— Sim.

— Então, tá tranquilo. Não preciso de meu pé para guiá-lo.

— Me leve direto para casa.

— O que aconteceu?

— Bella está nascendo.

— E você deixou a moça bonita sozinha? Depois ainda me acusam de ser imbecil. Vamos, marcha lenta. Hoje é dia de conhecer o meu carinho.

Poucos metros antes de chegar a Villa De Angeli, tivemos que parar devido à pequena aglomeração que se fazia próximo a cerca da fazenda vizinha.

O carro de Antônio seguia a nossa frente e antes mesmo dele estacionar, Chiara já abria a porta do carona e saltava, correndo em direção ao carro que tinha ido de encontro a uma enorme árvore.

E ao nos aproximarmos mais, eu pude entender seu desespero. Era o carro de Ângelo e seu corpo tinha sido lançado na estrada. O sangue jorrava por sua perna e a fratura no local era exposta.

Tentei me aproximar para socorrê-lo, mas Antônio me segurava, impedindo que desse um passo sequer.

— É meu primo, Antônio. Me deixe passar e ajudar.

— Você não pode fazer nada, meu filho. Deixe que Chiara e Giulio apliquem os primeiros socorros nele.

Senti as forças do corpo esvaindo e caí de joelho no chão de terra batida, tendo meus pensamentos agora no

desespero que minha tia ficaria ao receber a notícia do acidente do filho.

Giulio entregou um pano limpo das mãos de Chiara, que o colocou sobre a região do sangramento pressionando-o levemente. Continuou até a chegada da equipe de atendimento médico, que já havia sido requisitada por um dos trabalhadores da fazenda que tinha testemunhado o acidente. E ela seguiu com Ângelo na ambulância.

Fomos informados que ele tentou desviar de um animal que tinha invadido a pista, mas não conseguiu. Do outro lado da estrada podíamos vê-lo morto.

Lipe se aproximou mancando do carro e constatou que Ângelo estava sem cinto de segurança, o que realmente nos surpreendeu, pois era algo que tia Helena e tio Victor faziam questão de lembrar-nos constantemente.

Voltamos para os carros e seguimos direto para a clínica ao recebermos uma ligação de Nando informando que Sienna já estava internada em trabalho de parto.

Ao chegarmos à clínica, Chiara já estava sentada na recepção, de cabeça baixa, as mãos no cabelo comprido e balançando o corpo pra frente e pra trás.

Vendo o seu estado de tamanho nervosismo, seu pai correu em sua direção e a abraçou.

— Ângelo?

— Na ala superior. Laizy estava de plantão e já está a frente de seu caso. Reduziu a fratura para diminuir a perda sanguínea.

Acho que Chiara deve ter reparado que nem eu ou Felipe estávamos entendendo nada do que ela e o pai conversavam e resolveu explicar um pouco.

— Reduzir a fratura para diminuir a perda sanguínea significa realinhar os ossos para que o processo de cura comece.

— Ele está bem?

— Não. Teve alguns sinais de estar entrando em estado de choque. Confusão, tontura, pulsação rápida e fraca, pressão sanguínea baixa e respiração fraca.

A porta que separava a recepção da clínica da mulher e do pequeno hospital foi aberta e Laizy saiu retirando as luvas da mão.

— Ele precisará de uma transfusão de sangue. Requisitei um exame para a determinação de seu tipo sanguíneo, para que receba sangue de um doador compatível. E logo iniciaremos sua cirurgia.

Ouvimos um grito agudo e estridente vindo provavelmente do consultório de Giulio.

— Sienna.

Antes mesmo que eu desse o primeiro passo para ir ao seu encontro, Giulio já tinha corrido na minha frente.

Ao chegar a porta do consultório que estava entreaberta vi que Giulio estava escondido observando o que acontecia. Sienna estava grudada na gola do jaleco de Nando e tinha um olhar nada agradável em sua direção.

— Não ouse encostar um dedo em mim.

— Mas eu preciso saber como está a dilatação, Sienna.

— Não.

Giulio ria baixinho e não tinha qualquer intenção de entrar de imediato no consultório.

— Não vai fazer nada?

— Tô adorando isso. Daria tudo pra ver ela atingir ele com um soco na cara.

Giulio me olhou e riu.

— Ela tem uma direita potente. Eu ensinei ela a se defender quando dormiu lá em casa.

— Você já se ligou que ela já sabia se defender sozinha, né? Que o diga o chute que tomou dela e te deixou

no chão por uns bons minutos.

— Precisava lembrar disso? Você é chato, cunhado.

— A verdade dói.

— Como um chute nas partes baixas.

— Tipo isso.

Antônio e Chiara chegaram e nós sabíamos que mesmo que não quiséssemos contar o que acontecia a Ângelo naquele instante, Sienna saberia que algo estava errado. Bastava um olhar em nossa direção.

Abri a porta e entrei, seguido pelos três. Nando respirou aliviado, mas sua tranquilidade durou pouco tempo.

Chiara esqueceu de trocar a blusa e as pequenas manchas de sangue chamaram não só a sua atenção, como a de meu anjo.

— Falem. O que aconteceu? E onde está Ângelo? Ele disse que buscaria Enrico e vocês, mas que voltaria também.

A porta foi novamente aberta, dessa vez por Laizy.

— Tipo sanguíneo: O negativo. E só temos uma bolsa de sangue armazenada. Preciso de mais, com

urgência.

Como já estava ao lado de Sienna, ela buscou minha mão e a apertou com força. O monitor ao lado fazia pequenos movimentos. Lágrimas escorriam pelos lados de seu rosto e logo ela soltou um suspiro de alívio.

— É uma contração, Enrico.

— Minha filha vai mesmo nascer, Antônio?

— Oh, ela vai. E eu serei avô ainda hoje.

Mas tudo acontecia ao mesmo tempo. Isabella querendo nascer. Ângelo precisando lutar para viver.

Ao meu lado, Sienna já estava consciente de tudo o que acontecia, devido aos diálogos entre Chiara e sua prima.

— Rico?

— Oi, anjo. Não chore. A dor está muito insuportável?

— Eu aguento.

Passei a mão em seu rosto, enxugando as poucas lágrimas que terminavam de cair.

— Vá, Enrico.

— Eu não vou te deixar sozinha.

— Você precisa.

— A nossa menina vai nascer, Sienna. E eu vou estar ao seu lado. Vou ouvir ela puxando o ar pela primeira vez para seu pequeno pulmão, escutar o som suave de sua respiração. Eu não vou perder isso.

— Você não vai, se escolher com o coração. Bella está bem. Eu também estou. E nós vamos esperar o seu retorno.

— Eu não sei se consigo, Sienna.

— É seu tipo sanguíneo, Rico.

Chiara soltou um gemido baixo ao nosso lado.

— Você sabe que é o certo. Mais ninguém aqui, pode ir em socorro de Ângelo. Você é doador, Enrico. Seus exames estão em dia. Tem histórico aqui na clínica. Fez exames recentes para nosso casamento.

— Meu pai e tia Helena são O negativo também, anjo.

— Eles estão longe, Rico. Você é a única salvação de Ângelo.

As palavras de Sienna pareciam vir como flechas certeiras em meu peito. Ela tinha total razão.

Chiara rodou a cama que Sienna estava deitada e segurou sua outra mão.

— Não o force, Sienna. Ele não é obrigado.

— Ele não é. Mas sabe que é o certo.

Outra contração e Sienna agora tinha a minha mão e a de Chiara apertadas. Soltou o ar que prendia quando a dor passou e voltou a falar, mas, dessa vez, se dirigindo somente a mim.

— Entre o abrir e fechar de olhos, Rico. Se eu estivesse correndo qualquer tipo de risco, você acha que meu pai e irmãos estariam tranquilos? Não. Para ver os olhos de Isabella abertos, nós não precisamos ver os de Ângelo se fecharem para sempre. Vá. E doe um pouco de si para ele.

Fechei os olhos e senti uma mão apertando meu ombro.

— A moça bonita está certa.

— Diga isso pra minha mente, irmão mais novo.

— Não é essa a voz que você tem que escutar, Rico.

— Eu farei isso por ela, Felipe.

Lipe me fez olhar diretamente em seus olhos.

— Não. Isso é por você. Porque é um homem honrado, de bom coração, que enxergou que Ângelo foi outra vítima nesta história toda. Que soube perdoar uma falha que ele cometeu anos atrás e que atingiu a sua esposa. Você é um homem de princípios, segundo irmão mais velho, íntegro. Não espere mais. Alguma vez eu já disse que tenho medo daquela pequena menina ruiva?

— Já.

— Vou ser repetitivo então. Eu tenho um medo da porra dela. Mas a pequena luz está certa, como sempre. Use seu coração, mano.

Assenti e me virei para Sienna.

— Me espere, anjo. Lipe vai ficar contigo.

— Eu sei. Posso descontar nele se a dor vier rasgando?

— À vontade.

— Obrigada.

Toquei a barriga de Sienna e a acariciei, sabendo que seria uma das últimas vezes que a veria tão linda e redonda, mas na certeza de que o novo ser que ainda a habitava, logo estaria em meus braços. E assim como o corpo de meu anjo a protegeu por esses longos meses, em pouco tempo também seria estendido a mim essa missão. E

agora, por toda a vida.

Acompanhei Chiara e Laizy e todos os procedimentos necessários para a coleta de sangue foi feita. Doei duas bolsas de sangue para Ângelo.

Com o coração mais leve e sabendo ter feito o correto, eu pude retornar para o quarto onde Sienna já estava sendo preparada para uma cesárea. Mesmo sentindo dores, ela não teve dilatação para um parto normal.

Giulio permitiu que tanto eu como Lipe estivéssemos presentes durante a cirurgia.

Uma enfermeira e seu pai o auxiliavam. Meu irmão registrou todos os momentos entre fotos e pequenas filmagens.

E em pouco tempo ouvimos o som que tanto aguardávamos: forte, alto. Era como se a trilha sonora de sua vida estivesse concentrada naquela melodia. Era uma canção de vida. Minha filha tinha nascido. E seus gritos tomaram conta daquele ambiente se misturando às lágrimas quentes e ao riso de alegria que envolviam cada um dos que ali presenciavam o nascimento de Bella.

Chiara recebeu Isabella das mãos de Giulio e a entregou a Sienna, que logo se acalmou nos braços da mãe.

— Ela é linda, Rico.

— Obrigado, anjo. Confesso que sempre quis uma menina. Queria uma miniatura de você para amá-la ainda mais. E olhe pra ela. Os cabelos escuros, os olhos tão azuis como o seu. Ela é perfeita.

Lipe guardou a câmera e se aproximou.

— Bem-vinda, meu carinho. O tio estava ansioso para te conhecer. E eu sabia que nunca me decepcionaria. Não puxou em nada a feiúra do pai. Aleluia por isso. Tão linda como a mãe e tem o nariz do tio. Genética perfeita.

— Idiota!

— Me ama, Rico. E parabéns, mano. Você agora é papai e o resultado de seu amor é lindo.

Chiara retornou e disse que precisava cuidar de Bella e Giulio de Sienna.

— Vão com ela. Eu vou ficar bem.

Não adiantava questionar com Sienna. Eu sabia que ela não queria que nada de sua vida se repetisse na de Bella. E a começar por agora. Ela não teve o colo de mãe para recebê-la e muito menos de um pai quando nasceu. Mas para seu novo ser, tudo deveria e seria diferente. Suas boas-vindas, seria estar cercada do mais puro e incondicional amor. E assim foi feito.

Lipe me acompanhou para o quarto que tinha sido

separado para Sienna e Isabella.

Na porta já notávamos a diferença. Tinha uma boneca de tecido pendurada que carregava uma plaquinha com o nome de minha menina.

Entramos sem bater e encontramos diversos olhares apreensivos nos encarando.

Mamãe levantou de onde estava e andou até estar parada à minha frente, para logo se jogar em meus braços e chorar de alegria ao ouvir a única palavra que pude mencionar.

— Nasceu.

— Oh, Deus, obrigada. Lorenzo?

Papai se aproximou e minha mãe tocou seu peito com carinho.

— Nós somos avós, meu amor.

— E esse é só o começo dessa nova geração de De Angeli.

— Amém.

Uma hora e meia depois, e não aguentando mais de ansiedade, a porta foi aberta e uma maca empurrada por Giulio trazia Sienna para dentro do quarto.

Ela foi colocada na cama por ele e uma enfermeira e logo um pequeno berço foi colocado ao seu lado.

Foi a vez de Chiara e Antônio se juntarem a nós, trazendo a minha herança nos braços.

— Segure-a, Enrico. Ela é tão tranquila.

Com um pouco de medo, eu segurei aquele pequeno embrulho vermelho em meu colo.

Suas mãozinhas balançavam como se buscasse algo para tocar, para se sentir segura. E encontrou no dedo indicador da mãe.

E antes de entregá-la a Sienna para que pudesse alimentá-la, eu me permiti chorar pela primeira vez naquele dia.

Agradei em silêncio a Deus pela dádiva da vida e, em seguida, apresentei a mais nova integrante para as duas famílias ali representadas.

— Seja bem-vinda Isabella Albertini De Angeli.

Os dias corriam tão rápido que só fomos perceber que um mês do nascimento de Bella havia se passado, quando ao amanhecer recebemos uma ligação de Nelly nos pedindo para ficar atentos que uma encomenda dela seria entregue hoje, e nos parabenizando pelo primeiro mês de vida de nossa filha.

Isso também me fez recordar da caixa que foi entregue na casa de meus pais quando Sienna entrava em trabalho de parto.

Segui para meu escritório e encontrei o embrulho ao lado da estante de livros.

Rasguei o pacote e abri a caixa que estava muito bem lacrada.

Dentro dela eu encontrei nosso álbum de casamento e a filmagem.

Peguei os dois e segui para sala onde a TV estava ligada em um desenho animado, no qual eu não sabia quem tinha a atenção mais presa nele. Meus irmãos ou Bella no meio deles, deitada em seu bebê conforto.

Um sorriso involuntário surgiu em meus lábios vendo essa cena, e Sienna que vinha da cozinha enxugando as mãos em um pano, ao visualizar os quatro sentados no chão da sala, não teve como conter o riso também.

— Ela está sendo mimada.

— Tinha dúvidas, anjo?

— Nenhuma. O que é isso em suas mãos?

— Álbum e filmagem de nosso casamento.

— Vamos assistir na casa de seus pais depois do

jantar. Pode ser? Ana disse que a comida é por conta dela. Eu já estou terminando o bolo pra comemorar o primeiro mês de Bella.

— Certo. Não esqueça de avisar seu pai e seus irmãos.

— Eles estarão lá. O que eles estão assistindo?

— Não faço a mínima ideia. Vamos conferir.

Passei a mão por sua cintura e após lhe roubar um beijo, nos aproximamos dos quatro.

O dia estava frio e Bella tinha uma luva em cada mãozinha. Seus olhos vagavam entre o barulho que vinha da TV e o tecido rosa em suas mãos.

— O que está passando?

— Maratona de Shrek — Lipe respondeu com a boca explodindo de tanta pipoca que tentava mastigar.

Sem tirar os olhos da TV, Carla passou o refrigerante pra ajudá-lo a engolir e poder falar comigo.

— Silêncio. Vou ganhar a aposta agora.

— Que aposta, Lipe?

— A música que cantaram no seu casamento é do casamento do Shrek também.

— E como você sabe disso?

Sentado no chão, Lipe tinha o corpo encostado no sofá, deitou a cabeça e conseguindo nos enxergar, deu um sorriso que seguia de orelha a orelha e uma piscadela em nossa direção.

— Laboratório pra ser o melhor tio. Eu sou foda. Ouçam.

A música iniciou na TV e, ao meu lado, Sienna confirmava que meu irmão mais novo estava realmente correto.

Lipe soltou uma gargalhada e Levi entregou a ele um envelope lacrado, que no mesmo instante entregou a Sienna.

— Já sabe o que fazer, moça bonita.

— Bella já tem mais dinheiro na poupança do que eu.

— Por isso, um viva a lerdexa dos meus irmãos.

Lipe estendeu a mão e Sienna bateu a sua na dele e para não acordar Bella, somente murmuraram um *viva*, fazendo com que Carla revirasse os olhos por saber que mais cedo ou mais tarde, cairiam novamente em uma das artimanhas de nosso irmão mais novo.

Sentamos no sofá de dois lugares ao lado deles. Puxei Sienna para se aconchegar a meu corpo, mas não houve tempo sequer de aquecê-la naquele dia frio e chuvoso.

A campainha da casa começou a tocar insistentemente, colocando todos nós em alerta.

Me levantei e segui rapidamente até a porta.

Ao abrí-la encontrei dois pares de olhos assustados, vermelhos e inchados, com lágrimas ainda sendo derramadas. A água pingava de suas roupas encharcadas de chuva e o fôlego lhes faltava.

— Entrem.

— Não, senhor. Eu... Nós...

Seu corpo tremia e a voz parecia cada vez mais baixa, sumindo aos poucos.

Abri a porta por completo e minha família pôde ver o que acontecia do lado de fora.

Lipe levantou em um pulo e correu preocupado, jogando-se de joelhos e tomando o pequeno nos braços, o apertando forte, como se tivesse medo que, ao piscar, ele não estaria mais junto dele.

— Olá, amigo. Você está bem?

Eduardo balançou a cabeça de um lado ao outro e voltou a chorar.

Lipe o afastou e o fez erguer o olhar.

— Ok, que tal uma partida de vídeogame com o tio? Se a resposta for sim, vai ter que me dar um sorriso mostrando os dentinhos faltando.

Dudu deu um sorriso largo e enxugou o rosto abraçando novamente o meu irmão.

— Ok, amigão. Mas antes a tia Sienna vai te levar na cozinha, preparar um chocolate quente e te levar no meu quarto pra trocar a roupa.

Sienna pediu a Carla para ficar de olho em Bella que ainda dormia e andou em direção a Dudu estendendo a mão para o pequeno, dando-lhe um beijo no rosto e partindo direto para cozinha enquanto Lipe ainda dizia que no seu quarto tinha uma muda de roupas limpas pra ele na primeira gaveta de sua cômoda.

Fez sinal para mim dizendo que dali em diante ele assumia, mas antes de sentar novamente no sofá pude ouvir o que brevemente eles conversaram antes de partirem juntos:

— Eu preciso de você.

— Me disse a mesma coisa há oito anos e fugiu

sem explicação.

— Agora é diferente.

— Por quê?

— Eu não estou mais sozinha.

— Me dê uma razão para te deixar entrar em minha vida novamente, Lola?

Paola girou o pulso e o mostrou a Felipe, que fechou os olhos, respirou fundo, tomou a mão dela na sua e saiu sem mais explicações.

Ao anoitecer já estávamos reunidos na casa grande da *Villa*.

A sala de cinema dessa vez foi pequena para tantos espectadores.

Momentos que eu somente ouvi descrever no dia de meu casamento, agora tornavam-se reais em minha mente: Lipe e Levi colocando no porta-malas do carro, as inúmeras cestas de madeiras que preparamos para acomodar as flores em cima de cada mesa na festa de casamento. Sienna saindo da casa do pai já com os cabelos cheios de rolos e Pablo mexendo no celular ao seu lado. Tia Helena e mamãe tentando conter o choro ao colocarem a presilha e as joias em Sienna. Seu pai ajoelhado calçando seus pés e sua mão o erguendo e o

tomando em um forte abraço. Sua chegada à fazenda e Carla a ajudando a ajeitar seu belo vestido branco. A dança do noivo e padrinhos que em momentos de distração de Sienna, nós fugiamos para ensaiar com Nelly em sua passagem pela Itália. O buquê sendo lançado e tendo um destino traçado ao cair nas mãos de minha irmã, que saiu correndo para os braços de seu agora noivo. Levi assumindo o violão e cantando para que Sienna dançasse com sua Luísa e Eduardo. E até mesmo a nossa fuga da festa tendo mamãe como nossa cúmplice. Momentos realmente inesquecíveis, que marcariam para sempre nossas vidas.

Algumas batidas na porta e com um pedido de licença, Juju entrava se dirigindo diretamente a Sienna:

— Chegou hoje na casa dos Ferrari. É do Brasil. Pra vocês dois. — Entregou o embrulho e logo se despediu.

Antes mesmo que Sienna pensasse em abrir o presente, Bella que estava no colo do tio começou a resmungar e Lipe fez uma cara nada agradável pra ela.

— É sério, carinho? Não dava pra esperar chegar no colo do tio idoso ou seja do meu irmão mais velho?

— Só não vai tomar na orelha porque está com a princesa nos braços.

— É mentira?

Levi encarou Gisele ao seu lado que tremia levemente devido ao riso que tentava conter. Ela gesticulou para ele afirmando que, mais uma vez, Lipe tinha razão.

— Viu? Mulher sábia. Agarre ela bonito antes que um chegue e a tome de você. Mas voltando a ela... — Lipe apontava para Bella, que tinha uma de suas mãozinhas na boca, mostrando pra mãe dela, que já era hora dela se alimentar. — Por que uma coisinha tão linda, que é a cara do tio Lipe, consegue fazer algo tão desagradável e com mau cheiro?

Levi e Carla ergueram o olhar e me encontraram do outro lado da sala e já rindo muito nós demos a resposta mais óbvia e correta possível para nosso irmão:

— PUXOU O TIO LIPE.

Depois de ter erguido o dedo do meio para nós três, Lipe entregou Isabella a Sienna, que já chegou dando um pequeno sorriso para a mãe, fazendo aparecer as covinhas em sua bochecha fofa e rosada. Ela parecia já saber que seria limpa, ficaria cheirosa e que dormiria tranquila nos braços da mãe enquanto se alimentava.

Peguei o presente que meu anjo tinha deixado no sofá e a acompanhei até o quarto que meus pais fizeram

para a neta.

No trocador, Sienna começava a higiene de nossa filha, enquanto eu rasgava o embrulho e encontrava o que Nelly tinha nos enviado.

Com o presente na mão, eu encontrei no fundo do pacote, uma nota que tinha meu nome. E Sienna pediu para que a lesse enquanto amamentava Isabella.

— Rico, como eu queria ter participado de seu dia perfeito. Poder te ajudar a ajeitar o terno ao chegar na igreja ou segurar sua mão para amenizar um pouco o nervosismo. Mas era inviável. E mesmo Daniel indo para representar a família, eu me sentia em dívida com vocês. Faltava algo meu. Minha presença, meu presente. Sendo assim, eu me fiz lembrar de meu próprio casamento e de todos os momentos que foram capturados em retratos naquele dia. E ao lado da cabeceira de minha cama, eu encontrei a resposta para o que queria presentear vocês. Treinei meu esposo por uma semana seguida e ele conseguiu. Teve êxito em sua missão. Que nesta moldura você possa enxergar o mesmo que meus olhos viram e meu coração sentiu ao contemplá-la.

Faltavam algumas palavras para terminar a leitura da nota, mas minha atenção agora era voltada para a imagem a minha frente.

Era uma montagem onde Dan tinha capturado dois momentos. Meu sorriso ao contemplar Sienna em seu vestido branco pela primeira vez e o dela ao me encontrar à sua espera no altar.

Retomei o bilhete e dei alguns passos, me ajoelhando ao lado da poltrona onde Sienna tinha Bella cochilando em seus braços.

Meu anjo pegou uma de minhas mãos e uniu a de nossa menina, cobrindo as duas com a sua.

Ficamos velando seu sono leve por alguns minutos, encantados com suas reações que mudavam a cada instante. Ora rindo, ora fazendo bico que sempre antecedia seu choro, até sua respiração acalmar e adormecer profundamente.

Deixei o retrato no chão no instante que senti o celular vibrar em meu bolso.

Era uma imagem que chegava em um dos aplicativos no aparelho.

Algo que tinha acontecido há tão pouco tempo.

Olhei para a porta e vi meus três irmãos abraçados e Lipe sorrindo terminando de colocar seu celular no bolso.

Finalizei a leitura da nota de Nelly. E ela tinha

razão em sua definição, mas somente até aquele momento.

Esse novo retrato onde eu, minha esposa e filha tínhamos nossas mãos entrelaçadas dava um novo sentido as suas palavras.

Esse era o verdadeiro olhar do amor.

Epílogo

Enrico

Com a decisão tomada de última hora, sobre o local de comemoração do primeiro aniversário de Bella, os preparativos de nossa viagem para o Brasil foram corridos e extremamente cansativos.

Ninguém imaginava que uma pequena criança precisava de tantas coisas para passar uma semana em outro país.

— Moça bonita, cadê o cartão de crédito de Rico?

— Na carteira dele, do lado esquerdo. Por quê?

— O excesso de bagagem do meu carinho é por conta dele, evidentemente. Uma mala só de fraldas, caramba. Por que não comprar tudo no Brasil?

Sienna levou as mãos à cintura, sua testa espontaneamente ficou franzida, enquanto olhava meu irmão mais novo um tanto irritada.

— Porque o tio dela que desconhece o sentido da palavra *limite*. Acabou com o estoque de fraldas descartáveis dos supermercados e farmácias da região, comprando todas. Então, para voltar a ter espaço no meu, no dele e no guarda-roupa de seus irmãos, é necessário levar daqui mesmo. Ou seja, o gasto extra na viagem é do tio exagerado.

Lipe, que me ajudava a fechar a última mala de Isabella, me encarou e sorriu envergonhado.

— Eu avisei, disse que era exagero, mano.

— Culpado. Merda.

Bella que tinha aprendido a andar nas últimas semanas, dava passos rápidos enquanto entrava no quarto, dando uma gostosa gargalhada, e indo direto para os meus braços, tentando fugir de Levi que engatinhava atrás dela, imitando os latidos de Hulk.

Sienna terminava de ajeitar em outra mala, a roupa que Antônio comprou para a neta usar na festa, ergueu o olhar quando Bella pediu o seu *papá* e sorriu com carinho para nossa filha.

Atravessou o pequeno espaço e estendeu os braços, e Isabella lançou-se no colo da mãe e se aconchegou a seu corpo, dando um pequeno bocejo.

Antes de sair do quarto, meu anjo aproximou-se de Lipe, ficou na ponta dos pés e deu um beijo em sua face.

— Levi esqueceu a carteira no chão da sala ontem à noite. Deixei em cima da mesa na biblioteca. A senha do cartão é a data de nascimento de Bella. Divirta-se.

— Pizza?

— Peça entrega bem rápida. Saímos em três horas.

— Posso pagar o excesso de bagagem também?

— Deve. A geladeira foi assaltada hoje pela manhã. E a cobertura de meus bolos de pote sumiram. E como um passe de mágica foi parar no pescoço dele.

Levi passou a mão no pescoço e tirou um pedaço de doce e levou direto a boca, dando um sorriso sem-vergonha para minha mulher, que tinha parado segurando a porta do quarto aberta.

— Ficando mais pobre por uma causa muito justa, irmão mais velho. Sentindo um orgulho do caramba de você.

Lipe dava leves tapas nas costas de Levi.

— Foi uma experiência doce e prazerosa, irmão mais novo.

— Quer uma dica?

— Diga.

— Pote vermelho, gaveta de baixo. Recheio de nozes. Depois me conte o que achou dos pedacinhos.

Lipe lançou uma piscadela pra mim e Sienna de olhos arregalados deu um grito, fazendo Bella saltar em seu colo.

— ENRICO!

— Coisas boas tem que ser compartilhadas, anjo.

— Já disse que vocês não prestam?

Nós três respondemos juntos, rindo:

— Já.

Isabella levantou a cabeça do colo da mãe, começou a bater as mãozinhas uma na outra e se juntou aos risos.

Sienna fixou os olhos em nossa filha.

— *Dio mio*, você é igual a eles.

Mais uma vez respondemos juntos.

— É uma De Angeli.

Sienna deu alguns passos e entregou Bella a Levi que levantou minha filha do colo e fez cara de nojo pra ela.

— Sêrio, Sienna?

— Um De Angeli sempre cuida do outro. Se virem.

Levi pediu pra tirar no pedra, papel e tesoura e Lipe perdeu bonito.

— Merda!

Sienna gargalhou já saindo da porta.

— Literalmente.

Dona Luciana abriu uma exceção, pois ainda era cedo, e preparou duas pizzas no *Piacere*, que logo chegaram quentes e deliciosas para o nosso almoço improvisado.

Liguei para Pietro e confirmei que as duas vans do *bed and breakfast* já estavam prontas e à nossa espera para nos levar ao aeroporto.

Pedi que passasse primeiro na casa grande da *Villa* e depois na casa de Antônio para que todos já embarcassem e não nos atrasássemos, e deixando a nossa residência por último, pois tinha que mostrar algo a Sienna

antes de viajarmos.

Meu anjo estava colocando o sapato em Bella quando pedi que me acompanhasse.

Carla assumiu seu lugar e saímos em direção ao lago da Villa.

Chegando próximo a árvore eu coloquei minha mão sobre seus olhos.

— Eu queria ter feito isso em cima da cicatriz que ficou em minhas costas no dia que Fabiana morreu. Eu estava desolado, arrasado e só queria que a dor em meu peito acabasse. E não pensei que estaria machucando a minha própria família ao ferir o meu corpo. Eu joguei meu carro no muro da casa de meus pais, sem pensar nas consequências. A dor causada na minha pele não se assemelhava em nada a dor na alma que era muito superior. Mas você me pediu e eu assenti. Mas quis deixar marcado, então, em outro lugar.

Tirei minha mão de seus olhos e ouvi o som pesado de sua respiração e um pequeno soluço saindo por seus lábios, quando começou a ler o que tinha gravado na árvore abaixo dos nomes de seus pais.

— *I touch the sky when my knees hit the ground.*
Enrico e Sienna.

Meu anjo virou e tocou meu rosto contornando-o com delicadeza e carinho e selou meus lábios com os seus em um beijo intenso e apaixonado.

— É a nossa canção, Rico?

— Sim, anjo. Ela esteve presente em diversos momentos de nossas vidas. Trazendo renovação. E nos dando a certeza de que não importa a espera e quanto tempo venha a demorar, mas se estiver nos planos de Deus, vai acontecer.

— E aconteceu.

— Estamos juntos, anjo.

— Para sempre.

Ouvimos a buzina incessante na estrada logo acima. Sienna tocou mais uma vez a gravação e secou as lágrimas do rosto. Em seguida, tomou minha mão na sua e caminhamos para junto de nossas famílias, que já nos esperavam ansiosos para iniciar nossas pequenas férias.

Saímos da Itália para o Brasil. E três dias depois de nossa chegada, nos reuníamos com amigos íntimos para celebrar um ano de vida de nossa filha.

Sienna e as mulheres da família trabalharam incansavelmente para organizar a pequena festa de *princesas* para Bella: desde as comidas, o convite

artesanal e até as lembranças que mamãe fez questão que tivesse os mesmos dizeres da minha de um aninho.

— Estamos muito felizes. Papai, mamãe e eu. Hoje faz um ano que a cegonha me *trazeu*.

Sienna se apaixonou e colocou na de Bella também.

Escolhemos o local que estivemos juntos pela primeira vez. Aproveitaríamos também para apresentar a praia para nossa menina.

O dia estava abafado, quente. E dava sinal que muito em breve a chuva cairia para amenizar o calor que fazia.

Aproveitamos para sair duas horas antes da festa iniciar e visitar o nosso local especial. O lugar que nos amamos pela primeira vez.

Tivemos a companhia de meus irmãos, Giulio e Gisele, que aproveitaram a calmaria das águas, pra levar Bella para um banho de mar.

Encostei meu corpo na grande pedra e puxei Sienna para se aconchegar a meu peito.

Minha esposa estava ainda mais linda, um ano após seu parto. E fez questão de usar o mesmo biquíni preto com detalhes marrons que usou na noite de réveillon que

passamos juntos na praia da Ponta.

Passei a mão em sua cintura e a puxei para um longo beijo apaixonado, sentindo seu corpo responder ao meu toque com leves tremores, arrepios e ouvindo seus gemidos de prazer, enquanto minhas mãos deslizavam por seu corpo.

Na medida que afastava um pouco seu corpo do meu, eu pude admirá-la e sentir meu coração disparar como no dia que descobri que a amava mais do que a mim mesmo.

Tão linda e toda minha.

Uma brisa suave soprou algumas mechas de seu longo e escuro cabelo contra suas bochechas.

E sentindo o cheiro doce de pêssegos que chegava até a mim, eu sorri e agradei a Deus em silêncio por ter mudado minha sorte e ter me dado uma nova chance na vida e no amor.

— Eu amo você, anjo.

Sienna ergueu o olhar em minha direção e tocou meu rosto levemente.

— Eu amo você, Rico. Além do que as palavras podem expressar. Além da vida. Além do amor.

— Pela eternidade.

Nos juntamos a Bella na beira do mar, brincamos um pouco com nossa menina e logo voltamos para casa para nos arrumar para a festa.

Ao entardecer, o local já estava cheio de pessoas especiais. O ambiente estava alegre e festivo.

E como todos já estavam presentes, meu pai fez um pequeno culto para agradecer a Deus pela vida de sua neta. Em seguida, tomei a palavra e agradei a presença de todos e dei início a festa.

Tínhamos organizado tudo embaixo de duas grandes tendas e, em uma pequena ao lado, Levi entoava diversas canções infantis atraindo a atenção das crianças presentes.

Cantamos parabéns e Isabella vibrava a cada instante, aproveitando tudo de sua festa de aniversário.

Carla, Chiara e minha mãe distribuíam os pedaços de bolo, enquanto Sienna separava balões que me entregava para distribuir para todos os pequenos.

Bella correu em minha direção e Lipe seguia em seu calçado com medo de sua sobrinha tropeçar e se machucar. Ela estendeu seus braços gordinhos e me pediu colo. E quando a ergui, logo senti que a roupa que usava

estava molhada e vi que a blusa de meu irmão à minha frente estava encharcada.

Comecei a rir e não conseguia parar.

Levantei a mão e Bella bateu a sua na minha e deu um pequeno sorriso.

— Boa menina.

Lipe a olhou intensamente.

— Ele era o alvo, carinho. Não o tio. Onde está o amor?

Isabella apertou fortemente seus braços ao redor de meu pescoço e deitou sua cabeça em meu ombro.

— E o tio? Você ama?

Lipe a olhava ansioso por sua resposta.

Bella levantou a cabeça e balançou para cima e para baixo.

— Ama muito ou pouco?

— *Muito pôco.*

— Ama pouco ou muito?

— *Pôco muito.*

— E o seu papai?

— *Béia ama papai tudin.*

— Ok, carinho. Vamos ver agora. Tio Lipe comprou a Peppa e a Galinha Pintadinha. Está ali no colo da vovó Ana.

Os olhinhos da minha menina brilharam e, sem hesitar, ela se jogou nos braços de meu irmão, dizendo que a Bella também amava o tio Lipe todinho.

Felipe gargalhou, pegou três balões com Sienna e colocou nas mãos da sobrinha que não aguentando esperar, apontava para o chão.

Lipe a desceu e ela acelerou os passinhos até onde estavam os avós e meu irmão mais novo saiu atrás dela, parando no meio do caminho, quando o filho de Daniel corria atrás de minha filha.

Lipe fez sinal com a mão e o menino conseguiu frear antes de bater nas pernas de seu padrinho. Meu irmão mais novo girou o corpo pequeno dele e deu um tapa leve em sua orelha e apontou na direção de seus pais que se contorciam de tanto rir da situação.

Lipe fez sinal para Daniel que estava de olho em Matheus e que o garoto tinha que manter quilômetros de distância de sua sobrinha. E quando o filho chegou ao seu

lado, Dan bagunçou o cabelo do menino e lhe deu os parabéns pelo feito.

E foi minha vez de dizer que estava de olho no menino e lembrar a Nelly do taco de beisebol no guarda-roupa, o que a fez gargalhar ainda mais.

Ao longe eu vi Gisele entregar uma caixa a Carla e minha irmã, sorrindo largo, passou a caminhar em minha direção.

Ao chegar me estendeu a caixa que estava embalada em papel amarelo grosso.

— Abra.

— É ele, pequena?

— Sim. E, dessa vez, não é edição única. Separe o meu, mano. E quero com a mais linda das dedicatórias.

Aproximou-se, deu um beijo em mim e em Sienna e saiu dizendo que nos amava muito.

Peguei meu anjo pela mão e seguimos até uma mesa mais reservada.

Sentei na cadeira e a coloquei em meu colo e a caixa em cima da mesa.

— Agora sim. Pode abrir.

Sienna, que não fazia noção do que a aguardava, rasgou o papel sem delicadeza alguma o que me levou a sorrir enquanto tinha a cabeça debruçada em seu pescoço e sentia seu cheiro doce de pêssegos.

Retirou um dos conteúdos da caixa e senti o exato momento em que seu corpo estremecia e sua respiração acelerava.

Alguns instantes depois, ela conseguiu dizer o que sentia.

— Não poderia ser mais lindo, Rico. O título, a capa... Ele é todo perfeito. E é a sua história. A nossa.

— Obrigado, meu anjo. Eu terminei há um mês. Gostei do resultado. Mas ficou um sentimento estranho, sabe? Como se ainda tivéssemos muita coisa para contar.

Sienna chegou até a abrir a boca para me responder, mas a chuva fina passou a cair em cima das tendas e a fez sorrir espontaneamente.

Ângelo que estava sentado ao lado de Chiara teve a mesma reação.

Meu primo levantou e estendeu a mão em direção à minha mulher, que antes de sair correndo, beijou meus lábios, sussurrando o quanto me amava e agradecendo por fazê-la inteira.

Sienna e Ângelo corriam nas areias da praia, sentindo a chuva cair por seus corpos. O som de suas risadas nos levaram a querer participar daquele momento também. Então, eu, meus irmãos e nossos amigos nos juntamos a eles.

Sienna correu e se jogou no meu colo, colocando suas pernas em minha cintura e jogando a cabeça pra trás, sentindo a chuva lavar seu rosto bonito.

Rodopiei com ela em meus braços, sentindo a alegria explodir em meu peito ao som de seu riso.

Papai tentava segurar Bella, que já estava limpa e vestida com a roupa extra que Sienna havia colocado na bolsa, para caso houvesse algum imprevisto pudesse trocá-la. Ela batia os pezinhos no chão e gritava por mim e pela mãe sem cessar.

Desci minha esposa do colo, que logo se ajoelhou na areia para receber a nossa filha, que correu até onde estávamos após eu acenar para meu pai para que a liberasse.

E embaixo daquela chuva eu descobri que teria que escrever a continuação de minha própria história.

Meu anjo pegou minha mão e a guiou até seu ventre, colocando a sua por cima. E emocionada falou da nova vida que levava dentro de si.

— É só o começo, Rico. Ainda temos muito para contar.

— Um filho, anjo?

— Mais um resultado de nosso amor.

— Sou o primeiro a saber?

— Depois de Nate que fez o exame. Sim.

Busquei por meu amigo entre as pessoas e o encontrei com a sua pequena luz que aproveitava seu banho de chuva.

Percebendo que Sienna já havia me dado a notícia, Nate me parabenizou. E logo após eu gritei para que todos compartilhassem de minha felicidade:

— EU VOU SER PAI NOVAMENTE!

E em meio aos gritos e felicitações, eu abracei minha família e em poucas palavras, resumi a nossa trajetória.

— Não existem erros nos planos de Deus. Ninguém passa por nossas vidas por engano. Tudo tem um propósito. No nosso caso foi renascer, meu anjo. Renascer para amar.

Aconcheguei, minha esposa e filha em meus braços e nos juntamos a nossos amigos e familiares vivendo com

intensidade o presente, mas ansiosos pelos próximos capítulos a serem escritos na história da família De Angeli.

Biografia

LENNY SILVA



Essa capixaba é uma leitora compulsiva e completamente apaixonada por livros, que encontrou na escrita uma forma de extravasar suas emoções e dar vida aos seus sonhos. Casada, vive com o marido e os dois filhos no Espírito Santo.

Seu primeiro romance, *Alicerce do Amor*, foi postado no Wattpad e atingiu a marca de 280 mil leituras e foi publicado em 2015 pela Editora Planeta Literário.

Em dezembro de 2014, participou da antologia *Encantos de Natal*, com o conto “Uma Noite de Luz”, na companhia de outras nove autoras.

Em junho de 2015, participou da antologia *Deixe eu Dizer: Eu te Amo!*, com o conto “À Espera do Amor” (*Spin-off* de *Alicerce do Amor*), na companhia de outras oito autoras.

Em outubro de 2015, participou da antologia *Halloween: Mistério e sedução numa noite sombria*, publicado pela Editora Planeta Literário, com o conto “Marcas de Sangue”, na companhia de outras nove autoras.

Renascer para Amar, o seu segundo romance, que inicia a *Série Irmãos De Angeli*, será publicado pela Editora Planeta Literário.

Contato

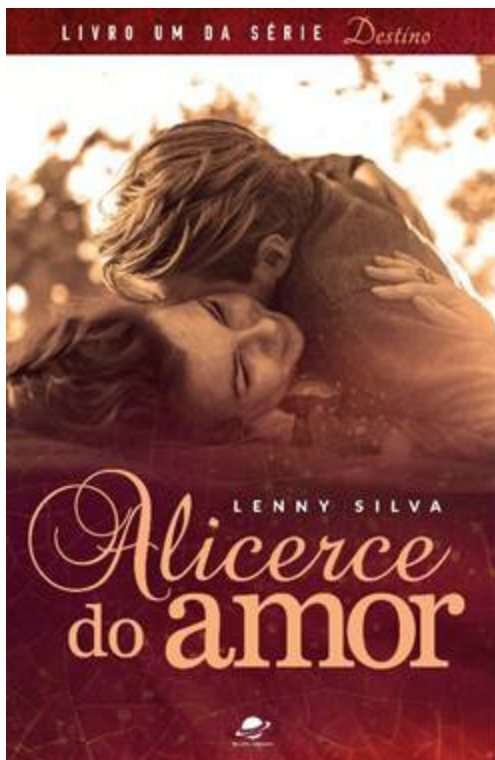
Editora Planeta Literário

<http://www.editoraplanetaliterario.com.br/>

Lenny Silva

[Facebook](#) | [FanPage](#) | [Grupo no Facebook](#) | [E-mail](#)

Outras obras



ALICERCE DO AMOR

Já à venda no formato impresso e digital:

Impresso — [Site da editora Planeta Literário](#)

Digital — [Amazon.com](#) | [Amazon.com.br](#)

Duas vidas marcadas por tragédias.

Emanuelly e Daniel tiveram seus destinos traçados no mesmo dia. E sem sequer imaginar a existência um do outro.

Ela viu seu mundo perfeito ser destruído. Ele sentiu a dor, não só em seu corpo, porém também em sua alma. Os dois estão marcados por feridas distintas, mas que ao mesmo tempo se conectam.

Dois corações quebrados e que juntos irão construir novos alicerces em suas vidas. Eles se completam e precisam um do outro. Precisam perder para se encontrarem, ver tudo ruir ao seu redor, para juntos se erguerem.

Dor, traição, perdas, encontros, perdão e paixão... fará você viajar na história de Nelly e Dan.

Até encontrar o amor, que lhes dará sentido, eles escreverão uma nova história. Firme, forte e profunda, que se tornará o *Alicerce do Amor*.



CONECT@DOS NO AMOR

Já à venda no formato digital: [Amazon.com.br](https://www.amazon.com.br)

Um conto sobre amigos, um pacto de adolescentes. Uma vibração. Um toque. Uma mensagem em um aplicativo. Conheça a história de Babi e Theo. Um amor de uma vida inteira. Totalmente conect@dos.



À ESPERA DO AMOR

Spin-off de Alicerce do Amor

Já à venda no formato digital: [Amazon.com.br](https://www.amazon.com.br)

Eles trilharam caminhos difíceis. Conheceram-se e amaram-se intensamente, mas o destino os separou. Porém, assim que se reencontraram seus corações se deram conta de que estavam à espera do amor.

Confira outras obras da autora: [AQUI](#).

Table of Contents

[Agradecimientos](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Epílogo](#)

[Biografía](#)

[Contato](#)

[Outras obras](#)

